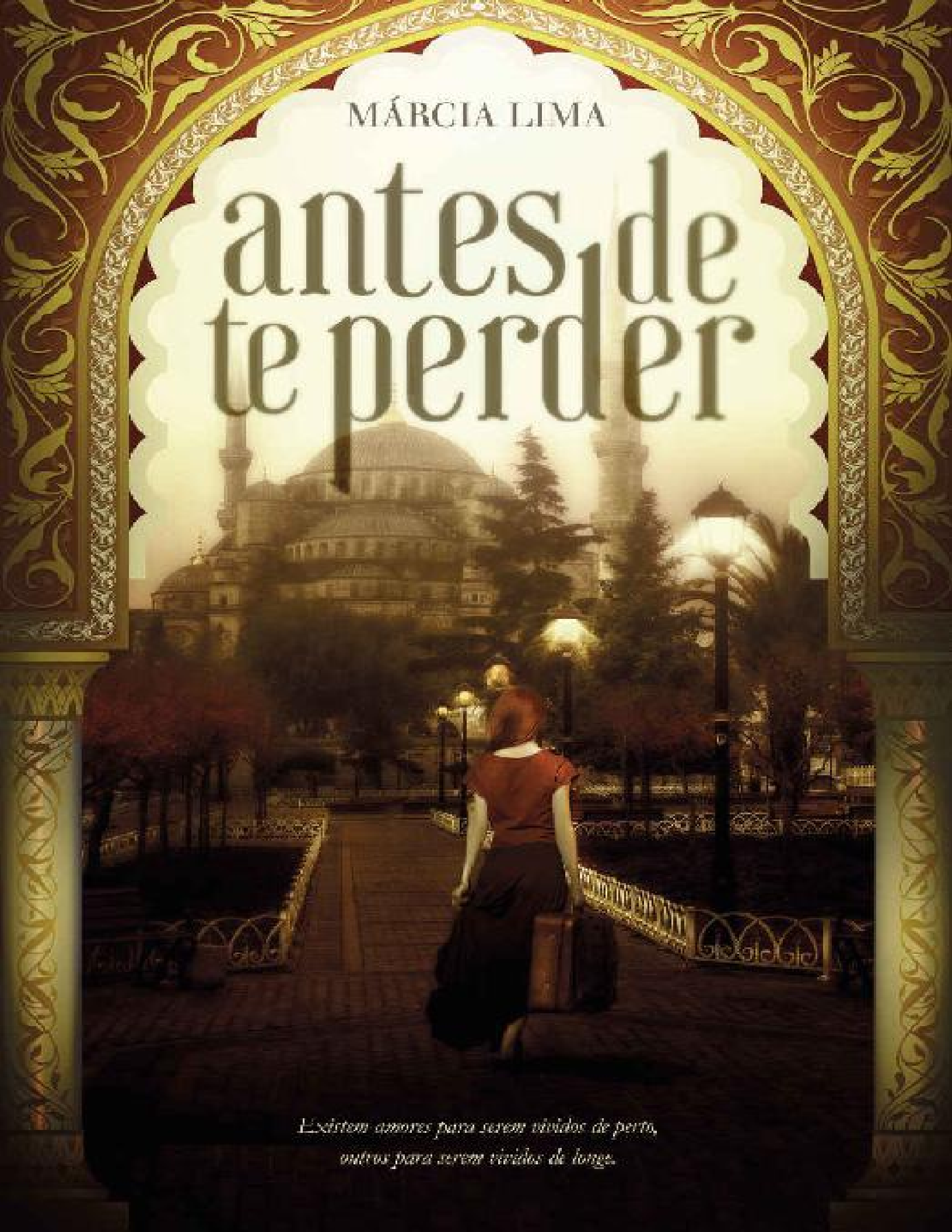
MÁRCIA LIMA

antes de te perder



Existem amores para serem vividos de perto,
outros para serem vividos de longe.

Encontre mais livros como este no e-Livros

e-Livros.xyz

e-Livros.site

e-Livros.website

antes de te perder

Márcia Lima

Copyright © 2015 Márcia Lima

Capa: Márcia Lima

Revisão: Deborah A.A. Ratton

Diagramação Digital: Evy Maciel

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Para os meus filhos, que enchem de luz cada passo que dou.

A vida sem vocês seria como um campo lindo e arado, mas sem vida alguma. Vocês são minhas rosas de Halfeti, cultivadas com todo carinho que há em meu coração.



Este livro vem transbordando sentimentos...

Muitos deles ficaram guardados dentro de mim, assim como devem existir dentro de vocês.

Somos todas um pouco “Gabriela”. Lutadoras anônimas que se reinventam ao longo do tempo, em busca de uma vida que realmente valha a pena ser vivida.

Obrigada a cada mulher que dividiu comigo seus sonhos e anseios e me permitiu construir essa história de amor e força de vontade.

Obrigada especial à minha amiga Gabriela Reguero, que emprestou à minha personagem seu nome e um pouco da sua garra e da sua confiança de que o amor sempre vale à pena.

Gabi, espero que sua vida sempre caminhe de encontro aos seus sonhos e que seu destino seja tão iluminado e cheio de vida como o da nossa Gabriela.

Gostaria de agradecer também o melhor time de leitoras betas e amigas que alguém poderia ter... Bel, Ana, Andreza e Evy... Graças a vocês esse livro se tornou o que é e me encheu de orgulho. Obrigada.

Por último, gostaria de agradecer aos meus filhotes, que apesar de tão pequenos já me ensinaram tanto e me transformaram nessa mulher que sou.



CAPÍTULO 01
CAPÍTULO 02
CAPÍTULO 03
CAPÍTULO 04
CAPÍTULO 05
CAPÍTULO 06
CAPÍTULO 07
CAPÍTULO 08
CAPÍTULO 09
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
EPÍLOGO



“O que se inflama rapidamente extingue-se logo”
(provérbio turco)

Aqui estou eu novamente.

Parada em frente ao mesmo espelho, tentando de novo me enfiar dentro de um vestido vermelho. Não é o mesmo vestido, obviamente, mas encontro nele um problema idêntico ao do anterior — ele não me serve, mesmo que desta vez o motivo seja nobre.

Fecho os olhos e deixo minha mente vagar... longe... alguns meses atrás, quando pensei que tinha tudo sob controle. Ledo engano, doce ilusão!

Gabriela, Gabriela... Mais de três décadas vividas e você ainda não aprendeu nada! — Sorrio sem muito humor, pensamentos vagando como fantasmas em minha mente,

alimentando-se de meus medos.

Na última vez que me esforcei para enfiar meu manequim 44 dentro de um vestido 40, minha vida era bem mais simples, mas muito menos feliz, isso é incontestável.

Não tenho uma foto sequer, um único bilhete assinado, ou qualquer coisa com a qual possa provar aos outros que tudo que vivi realmente aconteceu; e não apenas nas páginas do livro que descansa sobre meus lençóis.

Na capa, um belo homem de terno escuro ata uma das abotoaduras. Ao fundo, o Mar de Mármara, tão azul quanto eu me lembro dele.

Meus olhos correm pela imagem, penso em como ela é injusta. O homem que inspirou essas páginas é infinitamente mais elegante que o modelo escolhido para emoldurá-las.

Seguro o cabide com o vestido azul-marinho em frente ao corpo. Não é minha primeira escolha, mas certamente me deixará confortável o suficiente para encarar uma sessão de autógrafos e fotos. Não sou a mesma Gabriela de antes.

Não pense que sou uma escritora de sucesso ou que tenho uma legião de fãs espalhados pelo mundo. Apesar de meu quinhão de sucesso, e para ser sincera, estou bem mais longe disso do que via em minhas fantasias adolescentes, mas a esperança é a última que morre, certo?

Embora muitas coisas tenham mudado, ainda existem aqui dentro resquícios da garota que um dia deixou a pequena cidade do interior para se aventurar na capital econômica do Brasil. Ainda sou a menina sardenta que sonhava em ser jornalista investigativa e viver as mais malucas experiências — *bem, talvez, nisso eu não tenha falhado tanto!* —, mas o fato é que a garota ficou mais velha e os sonhos foram ficando pequenos. Acho que já não me encaixo dentro deles, mesmo com os bons quilos que perdi.

A verdade é que, até pouco tempo atrás, nem eu mesma sabia de que tamanho eram os meus sonhos.

Nasci em uma família como outra qualquer. Pais amorosos, irmãos cúmplices nas traquinagens infantis, dois cachorros que sempre me recebiam no portão, além de um gato gordo e rabugento, que se aninhava em um vão na estante da sala e dormia mais que qualquer outro ser vivente.

Eu me casei aos vinte e um anos, com um colega de escola, bem ao estilo romance *new adult*. Leonel era o nome dele.Tivemos tudo o que manda o figurino. Vestido branco, flores do campo, tapete vermelho. Meu pai me levou de braços dados até o altar e me entregou ao homem que, eu pensava, seria meu para sempre.

Aliás, essa coisa toda de “para sempre” não tem funcionado muito bem em minha vida,

não!

Quando terminei a faculdade, decidimos que era hora de realmente criarmos uma família, e eu tentei engravidar de todas as maneiras possíveis, por longos cinco anos.

Fiquei de ponta cabeça. Almofada debaixo do bumbum. Tomei chá de inhame, fiz promessa, novena, rezei, pedi, implorei, mas nada parecia funcionar. Procurei um médico especialista em reprodução humana e, depois de uma bateria de exames, ele chegou à conclusão de que não havia nada errado conosco, embora também não houvesse garantias de que algum dia, por vias normais, pudéssemos gerar um bebê.

"As pessoas às vezes são incompatíveis, Gabriela!" — ele me disse. "A genética e a reprodução não são ciências exatas."

Poupamos dinheiro do qual nem podíamos prescindir e pagamos por uma inseminação artificial. Esperei ansiosa por vários dias, até descobrir que não estava grávida.

Gastamos um pouco mais, afinal, quem pode pôr preço em nossos sonhos, não é? Pagamos por uma fertilização *in vitro*, mas, dois dias antes da data marcada pelo médico para a realização do exame, minha menstruação desceu. Então desisti.

Estava física e emocionalmente esgotada. Talvez ser mãe não fosse realmente para mim. Talvez fosse até melhor, afinal sem filhos eu poderia correr atrás daquela bolsa em Berlim com que sempre havia sonhado. Podia praticar *bungee jump*. Podia saltar de paraquedas e visitar os templos do Camboja. Nunca teria que me preocupar com o preço do leite ou das escolas. Minha casa estaria sempre organizada e limpa, e eu poderia gastar o dinheiro com meu próprio bem-estar.

Era uma vida de sonho, não era? Bem, talvez fosse para mim, mas certamente não era para Leonel.

Meu relacionamento seguiu perfeito, como um seriado de televisão — ou pelo menos era o que eu achava —, até que, pouco a pouco, tudo foi descendo ladeira abaixo. Não havia freio de mão que pudesse segurar. Leonel começou a chegar cada dia mais tarde do trabalho. Sua paciência e vontade de explorar o mundo ao meu lado foram diminuindo a olhos vistos. As viagens de negócio aumentando. Então, certo dia, ele esqueceu o computador ligado enquanto estava no banho, e um alerta de e-mail chamou minha atenção.

Nunca fui do tipo que fica bisbilhotando as coisas do marido, mas meu sexto sentido feminino apitou como um transatlântico.

Tudo estava lá. Uma série de e-mails apaixonados, recheados de juras de amor e sentimento. Notei que em um deles havia um anexo, um exame que eu conhecia bem. Um beta

HCG. E, para minha desgraça, o resultado era positivo. Os últimos e-mails falavam de um futuro em comum e de como ele queria logo se livrar de mim para poder viver finalmente o grande sonho de ter uma família.

Era isso, ela havia dado a ele o que eu jamais pude dar.

Segurei as lágrimas e engoli a tristeza como a uma bala dura, daquelas redondas, que ficam paradas no esôfago exigindo-nos mais habilidade do que se pode imaginar para que não morramos engasgados.

Depois que Leonel dormiu, finalmente pude chorar. Sentei na varanda da nossa casa, admirando a bela cerca branca do jardim, e chorei todas as dores que nem pensei que estivessem ali.

Nós nos divorciamos dois meses depois dessa fatídica noite. Eu o odiei por um tempo bem razoável, até perceber que tudo isso era um veneno que eu mesma bebia todos os dias. Eu o amava. Queria que ele fosse feliz e, se não era ao meu lado que a felicidade dele estava, eu deveria deixá-lo ir.

Não, não sou essa pessoa altruísta que você pode estar imaginando agora, bem longe disso. Eu fiquei deprimida. Fiz terapia. Comprei coisas de que nem precisava. Enfiei-me em potes e potes de sorvete de *cookie* e, ainda assim, não havia uma única noite em que não ligasse o notebook para sofrer sozinha mais um pouco, vendo a felicidade de Leonel.

Dramática?

Bem mais do que gostaria, mas não consigo negar minha veia hispânica, que pulsa tão forte como o coração de um atleta.

O fato é que o tempo passou e eu entendi que não havia mais lugar para mim naquela cidadezinha. Meu gramado não era mais verde que o do vizinho e isso me tornava uma pessoa amarga e mal-amada.

Foi exatamente nessa época de decisões importantes e novos rumos que o destino finalmente sorriu para mim.

Em uma tarde qualquer de inverno, liguei a TV em *Cartas para Julieta* e comecei a divagar nas teclas do notebook, sobre a vida e sobre como nós, mulheres, somos cobradas pela sociedade. Falei de amores, e desamores, e de como a vida é, na maioria das vezes, injusta.

Quando terminei de escrever, enviei a uma colega de faculdade. Costumávamos sempre trocar opiniões sobre textos aleatórios, como forma de exercício. Por acaso do destino, acabei selecionando, sem querer, o e-mail profissional dela, mas não fazia ideia de que os outros redatores também tinham acesso ao endereço eletrônico, e com isso, de puro devaneio de uma

garota separada e acima do peso, meu texto se transformou em uma coluna.

Depois de algum tempo, fui contratada por uma revista feminina de renome nacional e passei a escrever a coluna semanalmente. Assim nasceram as Confissões da Srta. G.

Mudei-me para São Paulo, oito meses depois do divórcio. Tinha uma mala quase vazia e um coração cheio de esperança. Finalmente, iria realizar meus sonhos e ser feliz.

Tudo caminhou bem, até que ganhei um prêmio e fui homenageada em uma festa importante do jornalismo. Foi nessa festa, por outro acaso do destino, que o fio da minha vida se enrolou ao de um turco que eu jamais conseguiria esquecer.

— Gabriela, já está pronta? — a voz de Mariana, minha agente, ecoa através da porta de madeira. — Entendo que queira se atrasar, isso é bem típico dos artistas, mas, com o trânsito de São Paulo em plena noite de sexta, vamos acabar perdendo sua própria festa.

— Só mais cinco minutos, Mari! É tudo de que preciso — minto.

Preciso de muito mais que cinco minutos. Preciso de mais que cinco anos. *Talvez cinco vidas!*

É difícil ter que sorrir e fingir que tudo aquilo não é real; que as histórias que enchem as páginas desse romance não foram vividas realmente por mim. É estranho quando alguém diz "ele é o meu sonho de consumo" e que mal pode crer que eu criei um homem tão perfeito.

Ibrahim Khan não é perfeito, nem tampouco um sonho de consumo. É muito mais que isso. É um mar em fúria, um turbilhão de sensações e emoções. É, como ele mesmo gostava de dizer, o último homem que eu iria amar e de quem eu jamais iria esquecer.

"Todos nós nascemos com o destino pendurado no pescoço, Gabriela; às vezes, fingimos que nos afastamos dele, mas ele nunca se afasta de nós."

Aliso o tecido escuro sobre minha pele branca, apreciando o caimento e o contraste. Meus cabelos avermelhados estão presos em um coque baixo, levemente desarrumado, mas que ainda me confere um ar de "escritora boa moça".

Respiro fundo, admirando o reflexo da mulher que me tornei.

— É isso, Gabriela! Você quis tornar tudo isso público, agora aguente!

Pego minha bolsa e desço até o *lobby* do hotel. Mariana já está a minha espera.

— Ora, ora, Srta. G, não é que azul-marinho fica muito melhor que vermelho em você? — brinca.

Respiro fundo e sorrio, mesmo que meu coração ainda esteja pesado. Preciso seguir em frente. Minha chance passou.

Sabe aquela história de "dar valor quando se perde"? Da próxima vez que alguém disser

isso a você, sugiro que ouça.

A chuva cai tão forte lá fora, que mal consigo ver a cidade pela janela do táxi. Tudo parece exatamente como deixei. São Paulo é encantadora mesmo debaixo de toda essa água. Ela é a minha Nova Iorque e, talvez, eu seja um pouco da sua Carrie Bradshaw.

Não! A Carrie era bem mais esperta que eu!

— Ok, mocinha, chegamos! Agora faça o favor de desamarrar essa tromba ou as pessoas vão confundir você com o Zé do Caixão, em vez de enxergar a musa nova-iorquina — minha agente reclama.

Desço do táxi amparada por um imenso guarda-chuva.

— Srta. Mollinos, minha mãe é sua maior fã! — O garoto que segura o acessório sorri como se eu fosse uma estrela de Hollywood. — Poderia autografar um livro para ela?

— Claro que sim! Com muito prazer! — respondo sorrindo, sincera. — Espero você lá dentro.

Essa é a parte boa do meu trabalho. Receber o carinho das pessoas, saber que, de alguma forma, elas se identificam comigo e conseguem deixar seus percalços para trás.

Definitivamente, ser escritora é o melhor trabalho do mundo!

A livraria fica em um prédio comercial elegante, em um dos bairros mais caros de São Paulo. O lugar está lotado, mas não apenas por minha causa. Há uma exposição de arte moderna. Um artista alemão que anda causando furor por onde passa está dando o ar da graça em solo brasileiro.

Sigo pelo corredor, até a livraria. Há um espaço reservado para mim no mezanino e uma pequena fila se forma desde a escada, até o andar inferior.

— Viu só? Todos querem conhecer a famosa Srta. G — anima-se Mariana.

— Obrigada por tudo, Mari! — Abraço-a com carinho. —Se não fosse por você, eu certamente não estaria aqui.

— Não seja boba, Gabi! Você está aqui porque merece estar. Você é muito boa no que faz. É muito talentosa e tem esse carisma nato. Agora vamos, não queremos deixar seus fãs esperando.

Subo as escadas debaixo de uma chuva de palmas. Não há como não ficar verdadeiramente feliz.

De todas as decisões erradas que tomei nos últimos tempos, contar essa história é a que mais me deixa feliz. Temo que, de alguma forma, Ibrahim acabe descobrindo que virou personagem de livro. Não sei qual será sua reação e, por isso mesmo, deixei de lado toda a

parte indecente da vida secreta daquele homem. Para o bem dele e para o meu, claro.

Agradeço com acenos de cabeça e cumprimentos, tomando meu lugar detrás da mesa.

Um belo arranjo de flores brancas foi colocado ao lado do pôster do livro. São belas e delicadas, mas nada têm a ver com ele. Ibrahim não é um homem de flores brancas e delicadas, mas esse é mais um dos segredos que ficarão comigo, em minha memória, para sempre.

Mariana conduz o primeiro leitor até minha mesa, uma senhora na casa dos cinquenta anos, que abraça meu livro como se ele fosse alguém precioso.

— Srta. G, preciso dizer que sou completamente apaixonada por sua escrita. Você sempre me traduziu nas palavras e, agora, com essa belezinha aqui, estou mais que encantada! Não consegui largar o livro até a última linha e confesso que já o reli mais de quatro vezes.

— Ah... Fico muito satisfeita em saber! Esse é o melhor retorno que alguém pode ter de um trabalho. Obrigada pelo carinho e por ter vindo hoje mesmo com essa chuva torrencial!

— Eu viria mesmo debaixo de uma nevasca! — brinca.

Assino o livro. Tiro algumas fotos e ganho alguns abraços.

A fila vai seguindo com tranquilidade. Conforme a performance do artista alemão chega ao fim, mais pessoas param para observar o burburinho na livraria e, com isso, Mariana sorri de orelha a orelha — *nosso evento é um sucesso.*

As sandálias finas começam a me castigar. Tanto tempo sentada, e em minhas condições, não me admira que meus pés pareçam dois pãezinhos bem-assados e fofos.

Para minha sorte, restam menos de dez pessoas na fila e sei que logo poderei vestir meu pijama, além das meias de unicórnio, e ficar de pernas para cima pelo resto do fim de semana.

Mariana conduz o próximo leitor e, assim que o livro é colocado a minha frente, sinto todo o corpo formigar. Uma mão conhecida, ornada com um belo anel de platina, em formato de rosa, repousa sobre o livro.

"Eu sou como a rosa negra de Halfeti, Gabriela. Excêntrico e raro, mas estou em igual extinção. Não há muito de mim para deixar ao mundo e é por isso que quero que você conte minha história" — lembro-me do que ele disse na primeira vez que encarei aquele anel.

Engulo em seco o bolo de sentimentos que se forma em minha garganta. Não quero levantar os olhos, ao mesmo tempo que desejo ardentemente contemplar o rosto dele mais uma vez.

Nunca pensei que o veria de novo, mas estava errada.

Levanto os olhos para contemplar a imensidão azul de seu olhar.

Ibrahim Khan está aqui, parado em frente a mim. O terno azul-escuro costumeiro

confere-lhe um ar de seriedade, seu olhar cravado no meu como duas adagas afiadas.

— Boa noite, Srta. G —cumprimenta com aquele sotaque profundo que causa uma avalanche de sentimentos em mim. — Poderia autografar o livro para mim?



“Pelo amor de uma rosa, o jardineiro é servo de mil espinhos.”
(provérbio turco)

Eu sempre soube que Ibrahim Khan me faria sofrer. Assim que meus olhos encontram os seus pela primeira vez, soube também que nosso encontro era inevitável.

Nunca fui uma mulher religiosa, nem me apego a previsões astrais ou qualquer coisa desse tipo. Acho que sempre fui realista demais, e o pouco de fé que tinha fui perdendo quando percebi que Deus não ouvia todas as minhas preces. Depois de tudo que vivi, no entanto, posso dizer que estava redondamente enganada. A verdade que poucos querem ouvir é que Deus não é empregado de ninguém. Ele nos dá o que precisamos e não o que queremos!

“A vida não é uma fábrica de realização de sonhos” — li isso em um livro uma vez e

nunca acreditei tanto em algo, quanto nessa frase.

Diferente de mim, e apesar de tudo, Ibrahim é um homem religioso. Dentro de sua filosofia de vida, acredita-se fielmente no destino, então, depois dele, passei a acreditar também. Ninguém foge do próprio destino, e ele era o meu.

Vou contar a você um pouco dessa história, porque seria muito difícil explicar o que sinto ao vê-lo novamente se não o fizer.

Como já disse anteriormente, tudo começou quando ganhei uma homenagem, em uma festa do jornalismo.

Até então, não havia tido real noção do quanto minha coluna era lida e do quanto eu realmente influenciava a vida das pessoas.

Naquela noite quente de dezembro, tentei, por mais de meia hora, subir o maldito zíper do vestido vermelho de liquidação de grife que eu havia comprado. Ele era a coisa mais incrivelmente sexy e bonita que eu já havia comprado para mim mesma.

Depois de apertar minha boa e velha cinta modeladora no último nível, consegui me enfiar dentro dele, mesmo que mal pudesse respirar.

Estava me sentindo meio *femme fatale* até mais ou menos o meio do discurso do diretor da revista na qual eu trabalhava. Ele me entregou o prêmio e eu tentei descer as escadas acarpetadas com classe e *sex appeal*. Foi nesse momento que um pouco da boa e velha Gabriela, estabanada como um filhote de girafa recém-nascido, aflorou.

Para não cair de cara no chão, eu abri mais do que deveria minhas pernocas roliças e, então, o pobre e fino tecido não resistiu, partindo-se junto com a minha dignidade.

Senti todo o sangue do corpo se concentrar nas bochechas e o rosto inteiro arder, pois o pior estava por vir, quando a escada terminasse e eu tivesse que virar de costas para o público. Até conseguia sentir o ventinho gelado do ar-condicionado bem em minha bunda.

Claro que “desgraça pouca era bobagem” para mim, afinal, ao invés de uma bela e provocante lingerie, que combinasse com a classe do vestido, eu estava com uma cinta bege, velha e remendada.

E foi aí que o velhinho barbudo do destino entrou em ação. Assim que pisei no último degrau, senti minhas costas serem cobertas por algo e as mãos firmes de um moreno alto e elegante me ampararem.

Por Deus, confesso que jamais em minha vida havia me sentido tão protegida e cuidada, como debaixo do toque dele. Não queria ficar encarando — dada nossa diferença de altura, era bem difícil fazer isso de forma natural —, mas ele era de longe o homem mais incrivelmente

sexy e elegante que eu já tinha visto na vida. Ou na televisão.

Caminhamos pelo salão até a saída. Não havia uma maneira digna de permanecer ali com o vestido todo rasgado nas costas, e o moreno bonitão sabia bem disso.

— Venha, Srta. Mollinos, vou lhe dar uma carona. — Indicou um sedan preto, luxuoso e brilhante, parado bem em frente à saída.

— De jeito nenhum! — a voz da razão falou em minha mente —, eu nem sei quem é você! Agradeço a ajuda, mas posso muito bem pegar um táxi. Obrigada.

Uma garota sozinha, vivendo em uma das maiores cidades da América Latina, precisa ter cautela, mesmo ante um deus grego. Os noticiários da TV estão cheios de casos de "Golpe Boa Noite Cinderela" por aí! E se ele quiser me roubar um rim?

Eu podia estar sem dignidade, mas ainda tinha dois rins e mais alguns órgãos internos que valiam uma pequena fortuna no mercado negro.

O moreno bonitão esboçou um sorriso que me fez reprimir um suspiro.

— Sou Ibrahim Khan, Srta. Mollinos. Tenho uma proposta de trabalho para lhe fazer, mas não hoje. Por ora, a senhorita precisa descansar e aproveitar o prêmio. Quero apenas lhe oferecer uma carona até sua casa e, se aceitar almoçar comigo, amanhã falaremos de negócios.

Ui! Um soco cheio de classe no meio do meu estômago!

— Vamos? — Abriu a porta e indicou o banco de trás.

Respirei fundo e entrei. Meu sexto sentido estava tranquilo e eu geralmente me dava bem em confiar nele.

Ibrahim sentou-se ao meu lado, mantendo um espaço confortável entre nós. Não me tocou um momento sequer. Nenhuma palavra deixou sua boca, depois que indiquei o endereço e ele deu as ordens ao motorista.

Assim que o carro parou, abriu a porta e desceu, estendendo o braço para que eu me apoiasse e saísse do carro.

Elegante, gentil e extremamente reservado, mas, ainda assim, havia uma fagulha ardendo na imensidão azul de seu olhar.

Ele me fazia pensar naqueles filmes em que Lúcifer é um belo anjo de terno preto. Encantador e desafiador em tamanha intensidade, que somos incapazes de resistir.

Assim que minhas mãos tentaram tirar o blazer dos ombros, Ibrahim as deteve.

— Encontre-me amanhã para um almoço. De negócios — frisou. — E então você me devolve o casaco. Não se preocupe.

Concordei com um aceno de cabeça, sem saber ao certo se deveria estender a mão ou

apenas virar as costas e seguir meu caminho.

— Meu motorista estará à sua espera aqui, ao meio-dia — continuou e eu anuí mais uma vez.

Ele não estendeu a mão. Meneou a cabeça e esperou que eu ultrapassasse as portas de vidro da entrada, para então retornar ao carro.

Por uns momentos, permaneci ali, parada feito uma estátua de sal, esperando acordar em minha cama, descabelada e sonolenta, já que tudo aquilo parecia bem mais com um sonho estranho do que com a vida real.

Enquanto caminhava pelo corredor até meu apartamento, o perfume daquele homem desprendia-se do tecido do blazer suavemente, criando uma onda libidinosa em torno de mim. Todo ele cheirava a luxúria, apesar da postura extremamente séria e reservada.

Para ser sincera, creio que o mais sexy nele era justamente a seriedade. Um daqueles homens cujo brilho dos olhos denuncia: é um furacão na cama, apesar de parecer absolutamente impassível fora dela.

Eu não era nenhuma puritana, mas estava bem longe de ser uma mulher desprendida no sexo. Leonel era um homem básico. Roupas básicas, carro básico, comidas básicas e, obviamente, sexo básico.

Não que eu possa dizer que minha vida sexual era ruim. Ela era básica — e não necessariamente boa.

Deixei o blazer sobre a poltrona e fiquei encarando-o. Na etiqueta as inscrições eram de uma língua estranha. Não era uma grife internacional conhecida.

De onde saiu aquele maldito deus grego? — minha cabeça girava em torno das lembranças recentes.

Tirei a roupa e tomei um banho rápido, seria impossível dormir com aquele perfume espalhado em minha pele.

Deitei na cama e fechei os olhos.

Eu quero encontrá-lo novamente? Quero ouvir a tal proposta? Estou interessada nisso?

Meu lado racional gritava em alto e bom som que isso não terminaria bem, mas o grande e idiota lado emocional era incapaz de evitar a excitação que a possibilidade de estar novamente com ele suscitava.

Eu sei, não sou a pessoa mais coerente do Universo! Mas diga, se acontecesse com você, realmente dispensaria o homem sem nem ao menos dar uma segunda olhada nele?

Acordei na manhã seguinte, pouco antes das onze da manhã; uma dorzinha de cabeça

chata e insistente pairava em meus miolos e a certeza de que eu iria ao tal encontro, também.

Cada vez que pensava nisso, sentia meu coração dar um salto dentro do peito e as mãos formigarem.

Se fosse ruim, eu pelo menos não teria arrependimentos passados, já que essa era uma de minhas metas de vida e, se fosse bom, eu teria uma bela proposta, quem sabe fora do Brasil.

Ibrahim Kahn...

Quem sabe Ibrahim Khan não era o diretor de alguma revista internacional famosa ou algo do tipo? Eu não poderia jogar tudo para o alto, simplesmente porque o cara era quente!

Quente como o inferno em chamas, diga-se de passagem!

Mandei um comprimido goela abaixo, junto com um gole de café e alguns biscoitos salgados. Revirei o armário inteiro em busca de algo que fosse digno do dono do blazer e, quando finalmente decidi o que usar, parecia que uma bomba tinha estourado dentro do quarto.

Ignorei a desordem — o que não era fácil para mim, já que minha mania de organização beirava o TOC — e conferi minha imagem no espelho de corpo inteiro; saia lápis cinza e camisa branca, que me atribuíam um ar profissional e sofisticado, já que o pobre homem tinha sido obrigado a ver minhas calçolas velhas já no primeiro encontro; e, para arrematar tudo, um pequeno toque de cor em meus *scarpins* amarelos.

Eu não era uma expert em moda, mas sabia me vestir. Afinal de contas, a Gabriela do interior tinha sido deixada para trás.

Penteei os cabelos e os prendi em um coque desarrumado, combinava mais com o visual do que simplesmente soltos. Fiz uma maquiagem básica, depois peguei minha bolsa e o blazer.

A cada passo, meu coração batia mais forte...

Vai ver ele nem aparecerá, Gabriela, não seja tão idiota e impressionável! — repetia para mim mesma, embora não fosse fácil me convencer.

Assim que alcancei a rua, avistei o sedan preto. Ibrahim estava parado do lado de fora do carro, postura elegante, em seu terno azul-marinho. Óculos escuros cobriam seus olhos e o deixavam ainda mais misterioso. Tinha a Barba feita, mostrando a masculinidade inquietante da linha do maxilar, e as mãos juntas frente ao corpo.

Foi então que uma parte pequena de meu coração murchou como uma pobre planta ao sol do meio-dia. O reflexo de algo brilhante me fez ver a aliança na mão esquerda dele. Grossa e irritantemente dourada, adornava o dedo longo e bonito.

O que eu pensava? Era bem óbvio que um homem como ele tinha alguém! Uma supermodelo da Victoria Secrets, provavelmente.

Respirei fundo, pegando minha confiança e um pouco do queixo, que já estavam sentindo o calor do asfalto, e segui até ele.

— Boa tarde, Srta. Mollinos. Espero que tenha tido uma boa noite de sono e fico feliz que tenha aceitado minha proposta.

Mais uma vez, ele não estendeu a mão para mim.

— Boa tarde, Sr. Kahn — respondi tão polida quanto conseguia, passando logo o blazer para as mãos dele —, estou curiosa para saber em que posso ajudá-lo, já que o senhor não me parece o tipo que lê colunas femininas em revistas.

Dei logo uma cartada na cara do sujeito, porque, se ele pensava que eu iria me derreter e concordar com o que quer que fosse só por causa de sua beleza, elegância, *sex appeal* e o diabo a quatro, estava completamente certo! Mas não me renderia sem lutar!

O homem abriu a porta e esperou que eu me acomodasse, para então tomar seu lugar ao meu lado, deixando a peça de roupa no banco da frente.

— Há muitas coisas sobre mim que a senhorita desconhece — entrou no jogo novamente —, mas isso é uma questão de tempo. Estou disposto a me despir, Srta. Mollinos...

Engasguei com minha própria saliva; a menção à nudez me fez ter mais pensamentos pervertidos sobre ele do que eu gostaria. Ibrahim parecia discretamente divertido com minha falta de jeito.

Obviamente, usava uma figura de linguagem. Eu sabia disso, ou pelo menos a parte racional em mim sabia.

O carro seguiu em direção aos Jardins. Não era um lugar que eu costumava frequentar, mas combinava perfeitamente com Ibrahim Kahn e com tudo que emanava dele.

O motorista estacionou em frente ao restaurante Fasano. Desci do carro, amparada pela mão forte de Ibrahim. A elegância dele chegava a ser irritante, agora que eu sabia que era casado.

Calma, Gabriela! O homem só está sendo educado! Não deu em cima de você em momento algum!

Eu não estava acostumada com tanta polidez e gentileza. Tudo que conhecia era nosso jeito brasileiro e caloroso de ser.

— Sr. Khan, sua mesa está preparada e a sua espera. — A recepcionista sorriu, profissional, e nos acompanhou até os fundos do salão, a um lugar intimista e reservado.

Nós nos sentamos e o cardápio nos foi entregue.

Corri os olhos pelos pratos sem me importar muito com os valores quase pornográficos

inscritos no menu — não era eu quem iria pagar mesmo!

Escolhi uma massa com caranguejo do Alasca — será que os caranguejos de lá eram diferentes dos daqui? — e Ibrahim pediu cordeiro, com um acompanhamento de lentilhas e mais alguma coisa que eu não entendi muito bem.

— Toma vinho, Srta. Mollinos? — perguntou, baixando um pouco a carta para me encarar com aqueles olhos profundamente azuis e expressivos.

— Geralmente, sim — concordei —, mas não quando falo de trabalho.

Não queria ser grossa, mas as cicatrizes da traição ainda estavam em mim. Eu sabia bem o quanto machucava e não queria causar esse tipo de dor a quem quer que fosse. Ibrahim era um homem encantador e envolvente; se eu não tomasse as devidas precauções, acabaria na cama dele.

Seus olhos permaneceram me estudando como se eu fosse um rato de laboratório, mas nenhuma palavra deixou sua boca.

— Água sem gás para mim, por favor — respondi ao garçom.

Nossos pratos chegaram pouco tempo depois do vinho. Assim que os vi, tive um pequeno vislumbre de onde vinha Ibrahim Khan; *Ele é árabe, ou algo do tipo.*

De repente, sua beleza masculina, o sotaque e a discrição começaram a fazer sentido. Os aromas do prato combinavam perfeitamente com ele. Tudo naquele cordeiro perfumado cheirava a Ibrahim Khan.

Baixei a cabeça para meu próprio prato, pois certamente estava “dando bandeira”. Nunca fui boa em disfarçar emoções, não seria o momento de tentar.

Depois de duas garfadas, descobri por que o tal do caranguejo do Alasca custava uma pequena fortuna. Sua carne era suave e tenra, com um sabor tão complexo e cheio de magia, que quase me senti em um pequeno restaurante à beira de um lago, em Anchorage.

— Gostou da massa? — quebrou o silêncio quase constrangedor entre nós.

— Muito. Está excelente — respondi com um sorriso leve —, mas tenho certeza de que não foi para me apresentar uma bela massa que me trouxe aqui — cutuquei.

A boca bem-desenhada dele espelhou meu sorriso.

— Direto ao ponto! Exatamente como prefiro. — Levou a taça à boca antes de continuar. — Quero propor um acordo a você, Gabriela... Posso chamá-la de Gabriela?

Meu nome naquela boca soava como algo escuro e sexy. Meu coração palpitava mais forte diante da possibilidade de uma proposta indecorosa, embora a probabilidade fosse bem pequena.

— É claro, Sr. Khan. Pode me chamar como preferir.

— Quero contratar seus serviços de jornalismo e escrita. Quero que escreva minha biografia. Nenhum homem é eterno, Gabriela, e, como não tenho filhos, quero ao menos perpetuar minha história nas páginas de um livro. Quero isso agora, enquanto estou lúcido e me lembro de todos os perfumes e sabores. Não quero estar senil e confuso quando decidir contar a alguém a história que transformou um garoto pobre de Halfeti em Ibrahim Khan.

Wow! Por essa eu não esperava.

— O que me diz, Gabriela? Está disposta a fazer isso?

— É uma proposta curiosa, sem dúvidas — foi tudo o que consegui dizer.

— Acredite... Eu a deixarei ainda mais curiosa quando começar a falar sobre o passado — instigou.

— Como isso irá funcionar, Sr. Khan? Imagino que o senhor não more no Brasil, ou eu já teria ouvido falar no senhor.

— Tenho uma residência no Brasil. Aqui mesmo, em São Paulo, mas não diria que é minha casa. Tenho negócios aqui, como em Londres, Milão, Ibiza e tantas outras cidades pelo mundo. Viajo frequentemente, cuidando dos meus negócios, mas moro em Istambul.

O homem ia falando como se fosse algo como morar em Itapecerica e trabalhar em São Paulo.

— É claro que você precisaria viajar comigo em algumas ocasiões.

Seus olhos se estreitaram nos meus, as pupilas escuras hipnotizando-me. Precisei respirar fundo e engolir a saliva, ou acabaria babando no prato de espaguete.

— Dois meses, Gabriela... Mas nesse tempo exijo que esteja a meu dispor.

Senhor! Mais uma palavra e eu terei uma síncope.

— É claro que arcarei com todos os custos de viagem e hospedagem. E este compensativo financeiro. — Anotou algo em um guardanapo de papel, o qual empurrou até mim.

Era muito mais do que eu ganhava por ano de serviço. Dinheiro que nunca vi na vida, mas a custa de quê? Ser amante de um milionário? Atender aos caprichos de um homem excêntrico?

Ok! Eu andava lendo romances demais!

— Não quero que pense nisso como uma proposta indecorosa, Gabriela... — arrancou-me dos meus pensamentos —, embora de certa forma o seja. Não espero, em troca, nada além do seu trabalho e discrição. Você verá coisas que a maioria das pessoas julga imoral, embora

permeiem seus pensamentos.

Eu estava curiosa. Minha veia jornalística pulsava tão forte que eu queria gritar. Sabia que estava me metendo em um vespeiro, mas era um pouco do que eu havia sonhado toda a vida.

Dinheiro. Imoralidade. Segredos. Viagens pelo mundo. Era quase um sonho. Quase, porque conviver com Ibrahim Khan por dois meses inteiros beirava ao pesadelo.

— Sou um homem justo, Gabriela. Sou leal e honro meus compromissos. Você será tão respeitada quanto deseje ser e, obviamente, não pretendo ser seu dono, nem exigirei mais do que nosso contrato reze. O fato é que meu tempo é curto, além de precioso, e minhas histórias, longas. Preciso de alguém que possa estar ao meu lado quando eu estiver disponível para falar, do contrário esse projeto se arrastaria por anos a fio e não sou um homem paciente.

— Um contrato? —perguntei curiosa.

— Exato. De confidencialidade e prestação de serviços. Tudo dentro da lei. Para sua proteção e minha também.

— Vamos combinar o seguinte, Sr. Khan. O senhor me apresenta o contrato e, depois de ler, eu lhe darei uma resposta.

— Combinado! — Sorriu de canto, com uma malícia inerente que só me deixava mais curiosa.



“É mais fácil fazer um camelo saltar uma vala
do que fazer um tolo escutar a razão.”
(provérbio turco)

Passei o que restou da tarde pensando na besteira que estava prestes a fazer. Sabia que era loucura. Tinha consciência de que um contrato não era capaz de me proteger, ainda mais em um país estrangeiro, mas Ibrahim Khan tinha, definitivamente, o dom do convencimento.

Por alguma razão idiota, eu confiava nele!

Ele era provocador, mas sempre se mantinha em seu lugar. Em nenhum momento durante nossos encontros, percebi algum olhar luxurioso ou mal-intencionado. Lascivo talvez, mas comedido o suficiente para me deixar segura.

Na pior das hipóteses, pegaria um avião de volta para casa e teria uma história

engraçada para contar em uma roda de amigas, assim que eu as tivesse.

Eu não tinha nada a perder. Poderia continuar escrevendo para a revista, já que um computador com internet era tudo de que precisava. Não tinha, em minha casa, sequer uma samambaia que pudesse sentir minha falta. E ainda voltaria com dinheiro suficiente para fazer, em Berlim, aquela especialização que estava adormecida em meus sonhos.

Deitei no sofá e fiquei zapeando pelos canais de televisão. Ibrahim tinha dito que mandaria o motorista entregar o contrato em meu apartamento assim que estivesse pronto, mas não me deu um prazo.

Liguei para o advogado da revista e perguntei se poderia me fazer o favor de analisar um documento. Combinamos um jantar, para que eu pudesse explicar a ele exatamente do que se tratava. O homem era especialista em encontrar pegadinhas em contratos de publicidade e isso era bastante útil, já que eu entendia bem pouco de leis.

Depois de alguns minutos, as horas insuficientes de sono da noite anterior cobraram seu preço. Dormi no sofá mesmo, com um pacote de rosquinhas integrais de granola no colo.

Despertei com o interfone esgoelando em minha cabeça e levantei, tão rápido que espalhei farelo por todo o meu tapete bege.

— *Sou Mário, senhorita. O motorista do Sr. Khan. Estou com o contrato* — a voz ecoou pelo aparelho.

Meu prédio era pequeno e não tínhamos portaria, então destravei o portão e passei o número do apartamento a ele.

Depois de pegar a pasta em minhas mãos, preparei uma xícara de café e me sentei para tentar entender, mas não foi tão fácil como eu esperava; o documento estava em inglês.

Eu não tinha problemas em falar e ouvir a língua, mas não conhecia tantos termos técnicos quanto os descritos nas doze folhas de papel em minhas mãos. Entendi pouco, mas, para minha sorte, Rafael, o advogado com quem eu me encontraria mais tarde, entenderia tudo e me explicaria. Ele era formado por uma universidade americana, o que tornava tudo mais fácil.

Tomei uma ducha, lavei os cabelos com calma, sequei escovando para que ficassem alinhados e depois escolhi uma roupa. Jeans escuros e uma blusinha rosa-clara de renda, que acentuava o avermelhado dos cabelos. Fiz uma maquiagem básica e calcei saltos altos. Pouco menos de meia hora depois, eu estava na frente do restaurante na Vila Mariana, onde havíamos combinado de nos encontrar.

Rafael levantou o braço para que eu o encontrasse e segui até a mesa em que ele estava.

— Estou curioso desde nossa conversa mais cedo, Gabi! — confessou. — Não sabia que estava procurando emprego.

— Na verdade, não estou! Digamos que essa proposta — passei a pasta escura com monograma dourado para as mãos dele — caiu de paraquedas no meu colo!

O advogado deu um gole no uísque e começou a folhear o documento em silêncio, enquanto eu tentava fingir que não estava ansiosa.

— Interessante! — foi tudo o que deixou sua boca durante a leitura.

— E esse "interessante" é bom ou ruim? — brinquei, levando meu copo de caipirinha de morango à boca.

— Essa é uma resposta que não tenho — fechou a pasta e levantou os olhos para mim —, mas tenho certeza de que você, sim! — provocou e eu engoli em seco.

— Como assim?

— Esse homem... Ibrahim Kahn... Parece-me um tanto excêntrico, mas definitivamente tem um bom advogado. O contrato é claro, não existem cláusulas de duplo sentido ou que a possam prejudicar, desde que você mantenha a confidencialidade exigida por ele, que é bem alta, por sinal. Ele é algum tipo de mafioso, Gabi? Você o conhece?

Não! Eu não conhecia!

— Por quê?

— Curiosidade apenas.

— Acha que devo me preocupar? — perguntei baixinho, aproximando-me um pouco mais.

— Escrever a biografia de um criminoso não a torna conivente, desde que você saiba até que ponto deve ir. Eu, como amigo e advogado, não aconselharia, mas vejo no fundo dos seus olhos a faísca da curiosidade e, sendo você jornalista, não duvido que vá arriscar!

Abri um sorrisinho amarelo, ele tinha razão. O mosquitinho da curiosidade havia me

picado.

— Tenha cuidado para não se envolver mais do que seu trabalho exija, é o que recomendo. Fale pouco, ouça muito e tente não impor sua presença mais do que o necessário. É o que tenho para lhe dizer, Gabi. Você é uma mulher inteligente, vai saber a hora de voltar atrás.

Terminamos nosso jantar e voltei para casa um pouco mais ébria do que deveria. Toda essa história de Ibrahim Kahn e contrato estavam me deixando metade ansiosa e metade paranoica.

Para minha sorte, a bebida favoreceu o relaxamento e dormi rápido. Sonhei com ele. O maldito moreno dos olhos azuis. Em meu sonho, ele era um gangster. Desses que a gente vê em filmes antigos.

Minha campainha tocou e, por um momento, realmente acreditei que o sonho era real. Abri a porta usando apenas camisola e, do outro lado, estava ele. Terno risca de giz, chapéu na cabeça e aquela sombra de sorriso malicioso como o inferno pairando em seus lábios bem-desenhados.

Não tive tempo para pensar. Mãos rodearam minha cintura e ergueram-me o suficiente para que eu enlaçasse minhas pernas em torno dele. Ibrahim fechou a porta com um empurrão e caminhou, comigo nos braços, até o balcão da cozinha.

Não disse nada e eu também não, mas a tensão sexual entre nós era tamanha que minhas mãos encontraram logo o cós da calça dele, soltando o cinto e baixando o zíper, enquanto Ibrahim erguia minha camisola fina acima dos quadris.

A cueca era de seda. Tão suave que não deixou dúvida alguma de quão excitado e pronto ele estava. Eu estava também. Queria senti-lo como nunca quisera a alguém. Abri um pouco as pernas, enquanto ele se livrava da minha calcinha e então a boca dele encontrou a minha em um beijo torrencial. Os lábios eram firmes e urgentes; o rosto, liso e macio pela barba recém-feita.

— Gabriela...

O som do meu nome naqueles lábios fazia com que tudo em mim se agitasse. Era como uma melodia hipnotizante e deliciosamente proibida.

Quando ele abriu a boca novamente, um estranho e estridente som tomou conta de tudo. E, assim, Ibrahim Kahn foi salvo de mim pelo despertador do meu celular.

Maldita hora em que resolvi programar o despertador com a intenção de caminhar pela manhã!

Fazia tanto tempo que eu não tinha uma boa noite de sexo — ou mesmo uma noite de sexo ruim — que não havia mal algum em prescindir dos exercícios para ao menos sonhar com uma! Afinal de contas eu estava acima do peso há um bom tempo; mais um dia não faria diferença.

Demorei alguns minutos deitada na cama. A sensação do corpo dele no meu ainda estava presente. O perfume. O toque.

Gabriela, Gabriela, você precisa transar com urgência! Meu Deus, mulher! O cara é casado! CA-SA-DO! Você sabe muito bem o quanto sofreu com aquele embuste do Leonel! Não vá agora mudar de lado! Você sabe muito bem o que significa ser a número dois, não sabe?

Decidi manter minha vida sedentária por mais um dia, já que meu corpo ainda tentava se recuperar do sonho e das doses extras de tequila da noite anterior.

Vesti um short jeans e uma camiseta amarela que dizia “Faça amor, não faça guerra”. Calcei chinelos de dedo e decidi que um belo pastel de feira seria uma boa pedida para o café da manhã!

O que foi? Eu disse que ia manter minha vida nada saudável por mais um tempo!

A feira ficava a duas quadras da minha casa, era um trajeto tranquilo e gostoso de percorrer a pé. Aproveitei o tempo bom e caminhei sem pressa.

Comprei uma dúzia de laranjas, um maço de brócolis, além de algumas maçãs e salsinha fresca para colocar em minhas omeletes matutinas. Pedi um pastel de bauru e uma Coca-Cola bem gelada.

Se ninguém lhe contou ainda, Coca-Cola gelada é um excelente remédio para ressaca. Acredite em mim!

Voltei feliz da vida, com minha sacola retornável cheia de comida de verdade, além de outra menor, de plástico, ostentando um pastel engordurado e deliciosamente nada saudável. Caminhava bebericando o refrigerante e pensando na vida.

Assim que avistei a rua do prédio, meu coração deu um salto tão grande que quase tropecei na raiz de uma árvore velha — Ibrahim Kahn estava lá! Com toda a sua classe e magnitude. Terno escuro como sempre, camisa azul-clara e gravata listrada; mãos cruzadas

sobre o peito, postado em frente ao sedan escuro.

Parei por um instante, incapaz de continuar. Eu estava desarrumada e suada da caminhada. Provavelmente ainda cheirava à ressaca e, definitivamente, não estava orgulhosa de como me parecia.

Minha mente oscilava entre ir em frente e voltar, já que ele ainda não tinha me visto, a vontade de esconder a sacolinha do pastel dentro da bolsa retornável gritando desesperadamente.

Sua covardona! — pensei. *Afinal de contas o que ele tem com a sua vida? Ele quer uma escritora, não quer? Isso não lhe dá o direito de escolher as preferências alimentares ou de vestimentas da prestadora do serviço! Seja mais firme, Gabriela! Ele que aguente o fato de que você come pastel de feira, sim! E gosta!*

Respirei fundo e estufei o peito, caminhando com a mesma calma de antes; quem era Ibrahim Kahn para me tirar o direito de ser eu mesma?

Assim que me viu, ele descruzou os braços e caminhou em minha direção. Conforme ia se aproximando, tive a ideia exata do quanto era alto. Era a primeira vez que eu não usava saltos na presença dele. Minha testa ficava na altura do peito de Ibrahim.

— Bom dia, Srta. Mollinos! — a mesma polidez em sua voz.

— Bom dia! — Sorri cortês, sem muitos dentes enfeitando minha boca. Eu ainda achava estranho não cumprimentar alguém com a mão, mas, depois do sonho, quanto menos contato tivéssemos, melhor.

— Desculpe a indelicadeza de vir sem avisar, mas, como sabe, não tenho seu número e imaginei que, sendo fim de semana, não a encontraria no trabalho.

— Sem problemas.

— Posso convidá-la para um café? Sei que estou sendo um pouco invasivo, mas minha estadia no Brasil está com os dias contados. Preciso de uma resposta, Srta. Mollinos.

Engoli em seco o bolo de sentimentos que se formou em minha boca. Um gosto amargo descendo garganta abaixo. Eu estava travando uma guerra mental enquanto tentava manter o semblante limpo e impassível.

— Se me der dez minutos, deixo as compras em casa e desço rapidinho!

— Quanto tempo precisar. Não se preocupe.

Entrei em meu apartamento como um foguete. Deixei as compras sobre a mesa e revirei o armário em busca de algo menos vexatório do que aquilo que estava usando — eu precisava fazer compras! Com urgência!

Vesti a calça da noite anterior e uma blusa de seda azul-marinho, sem mangas. Ajeitei os cabelos e calcei sandálias de salto plataforma menos formais, já que eram pouco mais de dez da manhã de um domingo de sol.

Ibrahim abriu a porta e eu me acomodei no banco, a mesma distância de sempre mantida entre nós, a pasta escura repousando sobre meu colo.

— O que achou do contrato, senhorita? Concorda com meus termos? — questionou virando-se para mim. — Espero que tenha tido tempo de discutir tudo com um advogado de sua confiança. Não tenho intenção alguma de colocá-la em situação desfavorável, entenda que apenas preciso me resguardar, já que meus negócios exigem confidencialidade total e, aceitando minha proposta, em algum momento você tomará ciência deles.

— Você é algum tipo de fora da lei? — quando dei por mim, as palavras já haviam deixado minha boca. Claro que me arrependi, mas não as podia juntar e engolir novamente. “Há três coisas na vida que nunca voltam atrás: a flecha lançada, a palavra pronunciada e a oportunidade perdida” — já dizia o ditado.

Para minha surpresa, Ibrahim pareceu divertir-se. Um som discreto de risada deixou sua boca levemente curvada. Ele ficava ainda mais bonito quando sorria.

— Desculpe! — Envergonhei-me do vexame.

— Não precisa se desculpar — recompôs-se —, é natural que tenha curiosidades, mas peço que tenha também paciência. Algumas coisas são difíceis de explicar e prefiro que descubra devagar. O que posso assegurar é que não trabalho com nada ilegal. Não sou procurado por nenhum crime, nem tampouco tenho passagem pela polícia. Sei que é difícil

confiar em um completo estranho, mas meu povo preza muito pela palavra, Srta. Mollinos. A palavra de um homem é seu bem mais precioso.

Desviei os olhos, porque, quando ele fixava o olhar em mim, eu me sentia completamente nua. Não conseguia fingir que não existia interesse nenhum nele ou no que dizia. Era impossível ser indiferente a Ibrahim Kahn.

Descemos em uma confeitaria chique em Higienópolis. Eu não conhecia o lugar, mas me senti entrando em uma daquelas confeitarias de filmes antigos.

Meu acompanhante puxou a cadeira para mim e nos acomodamos um de frente para o outro.

— Aconselho que experimente a torta de tâmaras. — Baixou um pouco o cardápio para me observar. — Amina sempre elogia.

Amina! Quem diabos era Amina? A esposa, provavelmente!

Eu não queria comer torta alguma que fosse recomendação da talzinha!

— Obrigada! Vou ficar apenas com o café — limitei-me a dizer.

Pouco tempo depois, nosso pedido chegou e o garçom nos deixou.

— Então, Gabriela, pensou em minha proposta?

Bem mais do que deveria! — pensei, mas segurei as palavras em minha boca. Eu queria parecer profissional. Queria manter nossa relação exatamente nesse nível, e ele não era bobo.

Por mais que alguns sinais de alerta tocassem dentro de mim, decidi me encher de cinco segundos de coragem insana e responder.

— Sim.

— Sim? — Encarou-me curioso.

— Eu aceito sua proposta, Sr. Kahn. Conversei com meu advogado e me tranquilizei em relação às questões legais, mas ele me recomendou cautela quanto a “ingressar no seu mundo” — fui o mais taxativa que pude.

Minha mão estava sobre a toalha branca da mesa e, pela primeira vez, ele me tocou. Um suave repousar de sua mão sobre a minha.

— Quanto a isso, dou-lhe minha palavra. Você só irá até onde quiser e desejar. Nem um passo a mais. Todos os seus desejos e vontades serão respeitados. Sempre.

Um segundo de contato que acabou tão rápido, fazendo-me questionar se realmente tinha acontecido.

Ibrahim tirou uma caneta imponente do bolso interno do paletó e entregou a mim. Nossos olhares se cruzaram e se fixaram para além do tempo em que eu conseguia fingir indiferença. Uma onda repentina de luxúria quase palpável entre nós.

— Imagino que seus documentos estejam em condições legais para deixar o país. Quanto a vistos ou qualquer documento extraordinário de que possa precisar, meu escritório assumirá os cuidados.

Concordei com um aceno de cabeça; meu passaporte estava lá, no fundo da gaveta, largado junto com os sonhos antigos e completamente em branco, apesar de válido.

Eu nunca havia deixado as fronteiras da América do Sul e o mais longe que tinha ido era até a Argentina.

— Meu motorista estará à sua espera na quarta-feira, às sete horas da noite. Tenho certeza de que será um prazer trabalhar com a senhorita — previu, as últimas palavras ditas com aquele mesmo olhar inquietante que mexia tanto comigo.

Sorri sem jeito, não sabia o que fazer.

Fizemos o caminho de volta em silêncio. Evitei o máximo que pude encará-lo, pois o toque dele ainda queimava em minha pele, por mais bobo e despretensioso que tivesse sido.

Quando Ibrahim me deu a mão para que eu descesse do carro, aproveitei para fazer a “pergunta de um milhão de dólares”.

— Sr. Kahn? — chamei sua atenção. — Para onde vamos?

— Vamos para minha casa. Em Istambul.

Senti meu coração murchar um pouco, como uma bexiga velha e já quase sem ar — se íamos para a casa dele, certamente eu conheceria a Sra. Kahn.

Eu sei, não fui enganada. O homem era casado e nunca escondeu isso de mim, mas eu não estava completamente preparada para conhecer a tal esposa.



“Beije a mão que você não pode morder”
(provérbio turco)

Segunda e terça passaram em um piscar de olhos, já que me mantive o tempo inteiro ocupada; eu precisava me organizar para ficar um bom tempo fora de casa. Resolvi minha ausência na revista e, para minha sorte, meu chefe apoiou a ideia. Ele até pediu alguns artigos sobre a cidade, sugerindo algo acerca da vida das garotas solteiras, ou melhor, sobre como uma poderia sobreviver por lá.

Paguei todas as contas e coloquei em débito automático. Cancelei assinaturas de internet, TV a cabo e limpei a geladeira.

Na quarta pela manhã, fui ao shopping. Aproveitei que tinha um dinheirinho em conta e fiz um guarda-roupa decente para viajar. Optei por algumas saias longas e calças pantalonas,

pois, já que a Turquia fazia divisa com tantos países conservadores, eu precisava me garantir. Nada dos velhos shortinhos jeans com os quais eu costumava desfilar pelas ruas de São Paulo em meus dias de folga. Comprei alguns lenços e casacos mais compridos também.Como eu estaria na cidade mesmo, pretendia *turistar* um pouco e conhecer o que pudesse da bela Istambul.

Aproveitei também para fazer um cartão de viagem e trocar alguns euros.

Juntei tudo na mala e tomei um bom banho. Ficaria um tempo sem meu chuveiro, que, apesar de simples, era todo meu.

No final da tarde, uma tempestade inesperada fez a temperatura cair. Vesti uma calça jeans e uma blusinha fina que passava um pouco da cintura. Coloquei um casaco comprido por cima. Estava terminando de desligar os aparelhos eletrônicos, quando o interfone tocou.

Passei pela porta de vidro do prédio sentindo o coração bater forte. Era uma experiência diferente de tudo o que eu já tinha vivido na vida. Poderia ser o grande acerto ou o pior erro, mas eu só saberia tentando.

O motorista pegou um caminho que eu não conhecia, mas não questionei o destino; já que era um salto sem paraquedas no desconhecido, o trajeto era o que menos importava.

Chegamos a um aeroporto particular, nos arredores da cidade, pouco antes das oito da noite. O caminho estava escuro, exceto pelas luzes na pista. Paramos próximo a um hangar. Um jato executivo de aluguel nos esperava.

Avistei Ibrahim conversando com um jovem de uniforme, provavelmente alguém da companhia aérea. Ele estava sozinho, não havia mulher alguma com ele.

O motorista insistiu em carregar minhas malas e eu segui ao seu lado, até onde meu novo empregador estava.

— Boa noite, Srta. Mollinos. Espero que tenha corrido tudo bem com a senhorita nesses dias em que não mantivemos contato.

— Boa noite! Tudo certo, Sr. Kahn, não se preocupe.

Eu já estava começando a me acostumar com a falta de contato físico nos cumprimentos de Ibrahim. Ele tinha o jeito dele de ser gentil e agora que eu sabia de sua origem, era bem mais fácil compreender.

Antes que eu pudesse relaxar, outro sedan escuro parou próximo de onde estávamos e, assim que a porta traseira foi aberta, uma mulher desceu.

Ela era um pouco mais alta que eu. Esguia, mas não magra demais. Cabelos escuros e

longos, trançados de um jeito elegante e discreto. Grandes olhos amendoados, ressaltados por delineador preto. A maquiagem suave evidenciava sua beleza natural, mas não escondia que ela era mais velha que Ibrahim uns bons anos.

As roupas eram de uma seda fina e tão delicada como todo o conjunto; pareciam muito luxuosas e caras, tanto quanto as joias que adornavam suas orelhas e pulsos. Ela não usava o *hijab*, mas carregava um lenço no antebraço.

— Amina! — Ibrahim a cumprimentou sorrindo e beijou-lhe a mão. —Desculpe tê-la deixado para trás, eu precisava resolver alguns últimos contratempos.

A mulher sorriu de volta. O carinho entre os dois era inegável, mas era o único sentimento ali.

— Não se preocupe, Ibrahim. Eu posso muito bem fazer uma pequena viagem de carro sozinha. — Sorriu brincando com ele.

Pronto! Eu estava oficialmente sem graça. Sentia-me a intrusa no meio de um casal e isso já era péssimo o suficiente, se o homem em questão não despertasse sentimento algum em mim — o que não era o caso.

— Gabriela, esta é Amina — ele nos apresentou, trazendo-a até onde eu estava.

— É um prazer finalmente conhecer a Srta. G — ela disse com um sotaque um pouco mais pesado que o dele, mas com a mesma polidez.

Sorri e recebi um abraço. Foi rápido e sem muita aproximação, mas era bem mais do que eu esperava dela.

Subimos a escada e nos acomodamos em nossos lugares. Tentei ficar em silêncio o máximo possível; não queria deixar escapar alguma mosca da boca de Gabriela linguaruda. Aproveitei o céu limpo depois da chuva para apreciar, lá de cima, a cidade.

Nunca tinha estado em um avião particular. Não sabia como nosso voo funcionaria em relação a serviço de bordo e estava bem chateada por não ter ao menos forrado o estômago com alguma besteira. Nem mesmo uma barrinha de cereais eu tinha na bolsa.

Pouco depois que o piloto deu o aviso de desafivelar os cintos, uma aeromoça passou oferecendo o jantar entre duas opções. Uma massa gratinada ou um filé guarnecido de legumes *sauté*. Decidi aceitar também uma taça de vinho porque, afinal de contas, eu não estava necessariamente trabalhando.

Ibrahim ocupava uma mesa de reuniões um pouco à frente de onde eu estava sentada, dando-me a possibilidade de observá-lo sem ser observada. Seu jantar permanecia intocado ao lado do notebook.

Amina não estava com ele. Para ser sincera, em algum momento ela tinha sumido de meu campo de visão e eu supus que estava na parte de trás do avião, provavelmente me observando, como eu observava o marido dela.

— Não se deixe intimidar por essa cara de poucos amigos! — A mulher se materializou ao meu lado tão rápido que eu engasguei com meu filé. — Ele tem um grande coração.

Não consegui encará-la de imediato, tinha sido pega em flagrante! Eu podia sentir minhas bochechas vermelhas e provavelmente Amina podia ver isso estampado em meu rosto.

— Eu tinha certeza de que ele ia se interessar em conhecer você no momento em que li sua coluna para ele.

Voltei os olhos para ela sem entender, engolindo o que restava de carne em minha boca.

— Sim, Gabriela, fui eu quem apresentou sua coluna a Ibrahim. Ele, obviamente, não é do tipo que lê colunas femininas em revistas de fofoca. — Sorriu com a mesma delicadeza que parecia fazer parte dela. — Imaginei que você seria a pessoa certa para lhe prestar esse serviço. Ibrahim perderia a paciência em um estalar de dedos se contratasse algum escritor metódico. De metódico já basta ele! — Riu um pouco mais alto.

— Ele realmente parece bem metódico! — concordei, o sorriso fraco, tentando não parecer interessada demais.

Amina tocou meu braço com a mão. Um gesto discreto e gentil, mas fazia com que me sentisse um pouco desconfortável. Eu ainda não tinha certeza se queria ser amiga dela!

— Ibrahim é um bom homem. Justo e leal. — Os olhos dela estavam nele com ternura. — Eu não suportaria vê-lo magoado. Ele sempre foi muito bom para mim e para Salih.

Não parecia uma ameaça. Para ser sincera, ela não parecia incomodada com minha presença sob nenhum ângulo.

Amina era o retrato da segurança e da calma, mas havia algo de triste em seu olhar. Eu não sabia quem era Salih, mas sabia que os dois não tinham tido filhos. Talvez a tristeza dela fosse parecida com a minha. Aquela tristeza que vem e vai quando a gente pensa em como tudo poderia ter sido diferente se o destino tivesse tomado outro rumo.

— Quero que saiba que você é muito bem-vinda em minha casa —continuou, arrancando-me dos meus pensamentos. — Espero que se sinta acolhida como eu gostaria de me sentir na casa de uma amiga.

— Obrigada! — Sorri sincera dessa vez.

Eu queria ter raiva dela. Na verdade, não queria não, mas talvez devesse! O fato é que Amina era uma pessoa difícil de odiar. E, se sentia algum tipo de ciúmes de mim, sabia esconder muito bem!

No fim das contas, acabei descobrindo que ela era minha fã. Que tinha lido todas as minhas colunas e que as guardava em uma pasta, devidamente catalogadas.

Depois de comermos a sobremesa conversando, ela pediu licença e se retirou novamente para os fundos do avião. Só então eu percebi como seu semblante estava abatido. Não parecia apenas cansaço de um dia movimentado, parecia mais. De repente, sua fragilidade física foi ficando mais clara para mim. A preocupação de Ibrahim em deixá-la sozinha só confirmava isso.

Fiquei em minha poltrona, sorvendo pequenos goles do vinho branco levemente gelado e pensando na vida, em como ela gosta de pregar peças nos pobres seres humanos. A mulher tinha tudo que alguém poderia querer. Um marido bonito e bem-sucedido, além de preocupado e carinhoso. Dinheiro e bom gosto não lhe faltavam, mas talvez faltasse o essencial. Eu não sabia se tinha razão, mas, se tivesse, era um motivo a mais para que não conseguisse odiar Amina.

— Achei que não bebesse durante o trabalho — a voz polida de Ibrahim aproximou-se de mim.

— Não achei que estava trabalhando. Peço desculpas, Sr. Kahn — era uma frase levemente ácida e com pequenos traços de deboche, mas eu não sabia se ele iria entender, já que tentei não transparecer.

Ibrahim sentou-se ao meu lado.

— Beba quando achar que deve beber, Gabriela. Você é uma mulher adulta e, como já deixei claro, não pretendo ser seu dono. Nem mesmo durante seu trabalho.

Baixei um pouco os olhos, porque as poltronas do avião eram bem menores do que o banco do sedan, o que fazia com que ele estivesse muito, muito perto de mim.

— Eu sou da opinião de que nenhuma pessoa no mundo deve se privar de realizar um desejo — Sua voz ia ficando mais grossa e rouca, à medida que as palavras iam saindo. Ou era isso, ou o vinho tinha subido bem mais do que eu gostaria.

Permaneci em silêncio, pois não havia maneira alguma de responder a algo do tipo sem parecer ter segundas intenções com ele, e tudo o que eu conseguia pensar era na pobre esposa dormindo a alguns metros de nós.

— O que achou de Amina? — perguntou direto, sem rodeios. — Imagino que estava curiosa para conhecer minha esposa.

Dei um gole no vinho antes de continuar, eu precisava pensar bem nas palavras. Ibrahim Kahn era como um felino. Estava sempre com o próximo passo cuidadosamente calculado e, se a esposa não tinha percebido meu interesse nele, o marido certamente tinha ciência do quanto sua presença me afetava.

— Ela é uma mulher encantadora — limitei-me a dizer, um sorriso gentil emoldurando meu rosto.

— Amina é minha segunda esposa — continuou. — Eu me casei bem jovem, Gabriela. Com pouco mais de vinte anos.

Wow! Segunda esposa? Como assim? E onde diabos está a primeira? Oh, meu Deus! Será que ele tem algum tipo de harém ou coisa assim? Será que é isso o que o maldito turco pretende comigo?

Pisquei algumas vezes, afastando os pensamentos idiotas que se formaram em minha mente. Precisava encontrar uma maneira de manter o foco. Não podia simplesmente surtar diante de qualquer revelação que ele fizesse. Afinal de contas, ele tinha me contratado para escrever a história dele, certo? E, se tinha se dado a esse trabalho, provavelmente teria coisas interessantes para me contar!

Peguei o gravador portátil dentro da bolsa; já que ele ia começar a falar, eu precisava

gravar para poder escrever tudo depois, com a maior riqueza de detalhes que pudesse.

— Prefiro que não grave — cobriu minha mão com a dele —, não desejo uma transcrição do que vivi. Desejo sua interpretação. Você é uma excelente escritora. Quero que ouça minha história e a descreva com sua sensibilidade.

A mão dele permaneceu na minha por mais alguns instantes. Eu tinha plena consciência de que ele só queria me impedir de usar o aparelho, mas sentir aquele toque mais uma vez acendeu coisas demais dentro de mim.

A mão era grande e quente, mas o toque era suave, apesar de firme. A cada pequeno gesto dele, uma onda daquele perfume inebriante invadia minhas narinas, fazendo-me afundar em uma nuvem de luxúria terrivelmente desconfortável.

Ibrahim ajeitou-se na poltrona, olhos perdidos em algum lugar do passado.

— Conheci Samira da maneira mais inusitada possível — continuou, já sem me tocar. — Eu era o prometido da prima dela e, como os pais de Sumaia estavam fora da Turquia, seu tio, meu sogro, assumiu a responsabilidade de cuidar do nosso encontro. Imagino que nossa cultura seja um tanto excêntrica para você, Gabriela.

— Um pouco curiosa, mas não excêntrica.

— Meu casamento com Sumaia era um arranjo de negócios. O pai dela me devia mais dinheiro do que poderia pagar e decidiu me oferecer o bem mais precioso que possuía.

Minha cara de espanto provavelmente me denunciou, já que Ibrahim sorriu um pouco mais do que de costume, coçando o rosto recém-barbeado para disfarçar.

— As pessoas se vendem por muito menos — justificou. — O dinheiro é um aliado importante, Gabriela, mas, voltando ao passado; ele chegou ao meu escritório com a foto de uma jovem de olhos cor de mel. Era uma bela moça. Tinha quinze anos. Um pouco mais jovem do que eu desejava, mas, ainda assim, era uma moça. Filha de um comerciante respeitado, e eu estava mesmo pensando em me casar. Decidi aceitar. Então, no dia em que havíamos marcado para que eu, finalmente, fosse apresentado a minha jovem noiva, ele precisou se ausentar. Um compromisso inadiável de trabalho que só mais tarde consegui compreender que não passou de

armação.

— Armação? — perguntei curiosa.

— Sim! — respondeu com um sorriso saudoso. — Da Samira, minha primeira esposa. O que tinha de bela, tinha de ardilosa.

Eu estava curiosa para saber o final da história, mas também estava satisfeita por ele ter decidido trazer Amina, e não a tal Samira com ele. Eu nem a conhecia, mas já não gostava do tipo.

— Para não desmarcar nosso compromisso, o tio da moça ficou encarregado de cuidar do encontro. Embora fosse um casamento arranjado, eu fazia questão de que ela me aceitasse. Não desejava tomar como esposa uma mulher que não me quisesse. — Virou-se um pouco em minha direção, olhos focados nos meus. — Todas as mulheres que tive em minha vida, Gabriela... —meu nome dito mais lentamente que as outras palavras, arrastando-se na boca bem-desenhada, trazendo o hálito de vinho até minhas narinas, embriagando-me dele —, deitaram-se em minha cama por plena certeza e vontade. Eu jamais forçaria o menor contato que fosse. Isso para mim é uma questão de honra e de orgulho.

Engoli em seco, meu estômago se enchendo de algo que eu nunca havia sentido.

—Pois bem... —seguiu como se nada tivesse acontecido —, eu fui convidado para passar a noite e, assim, ter mais tempo com minha noiva. Sumaia era uma menina calada. Tímida. Contida. Muito bonita, mas pouco interessante.

—A verdade é que desde o jantar minha atenção estava em outra mulher naquela sala. Samira tinha os olhos mais vívidos e envolventes que eu tive o prazer de conhecer. Tinha plena consciência do quanto era bonita e do quanto podia se fazer desejar. Eu, por outro lado, nunca fui um homem ingênuo, tampouco fui envolvido sem querer na teia de sedução dela. Quando Samira entrou em meu quarto, no meio da madrugada, eu sabia exatamente o que ela esperava e tinha plena convicção de que era o que eu queria também. Você deve imaginar o que acontece em minha cultura quando um homem possui uma jovem que não lhe pertence, não é,

Gabriela?

A cada palavra dele, eu sentia mais ódio da tal de Samira. Ficava pensando se a razão da tristeza de Amina não era esse demônio em forma de gente!

—Você se casou com ela — as palavras praticamente vomitadas aos pés de Ibrahim.

—Dez dias depois do ocorrido. Apesar do escândalo — admitiu sorrindo.

—E por que não estão juntos? Sim, porque seus sentimentos por ela são óbvios — era burrice minha e percebi logo que terminei a frase. Ela saiu mais carregada de sentimentos do que eu pretendia, mas essa era eu, um trem desgovernado todas as vezes que algo me incomodava.

Ibrahim respirou fundo. Não disse nada por alguns instantes e eu comecei a me sentir ainda pior.

— Samira está no alto de uma colina, de onde pode ver o mar todos os dias. Para sempre.

As palavras dele estavam pesadas, cheias de tristeza e saudade. Não tive tempo de perguntar a razão, embora fosse um pouco óbvio.

Ibrahim levantou-se tão rápido que, em um piscar de olhos, já estava na cabine do piloto.

Entendi que havíamos terminado por ora. E entendi também que esse era um assunto delicado para ele. Não é fácil perder alguém que amamos e deve ser ainda mais difícil para alguém que não costuma mostrar os sentimentos.

Por uma fração de segundos, eu vi um vislumbre do verdadeiro Ibrahim Kahn. O homem generoso e de coração grande de que Amina tinha falado. Entendi também porque ela se preocupava tanto que algo o magoasse; ele já havia sofrido demais.



“Confia em Deus, mas amarre seu camelo.”
(provérbio turco)

Acabei adormecendo e só acordei quando a comissária me pediu que afivelasse o cinto de segurança.

O dia estava radiantemente claro em Istambul e, pelo horário local, passávamos da hora do almoço.

Acomodamo-nos em um carro de luxo. Amina e eu ficamos no banco de trás e Ibrahim ocupou o lugar ao lado do motorista.

— Gostaria de almoçar na cidade, ou prefere ir direto para casa, Amina? — Ibrahim perguntou assim que saímos do aeroporto.

— Se não se importarem, prefiro ir para casa. Quero ver Salih. Estou com saudades e um pouco indisposta também. Você deveria sair com Gabriela mais tarde, Ibrahim. Deixe-a se recuperar da viagem e mostre um pouco da nossa bela cidade a ela. Lembre-se de que Deus não se agrada do mau anfitrião! — brincou e Ibrahim esboçou um sorriso, mas não disse nada.

Enquanto ele falava e falava, provavelmente em turco, ao telefone celular, eu me deslumbrava com a cidade.

Não sabia quem era a tal Salih, mas estava curiosa em descobrir.

O caminho que tomamos margeava o Estreito de Bósforo e era simplesmente arrebatador. Meus olhos oscilavam entre o mar azul-esverdeado das águas do Estreito e as belas construções antigas à sua margem.

Pensei em tudo que havia aprendido nas aulas de história e em como ela tinha negligenciado a magnitude da antiga Constantinopla. Não era à toa que a queda da cidade tinha marcado o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna. Istambul era a fusão perfeita entre o antigo e o novo.

— É lindo, não é? — Amina perguntou em certo ponto da viagem.

— Absolutamente lindo.

— Quando éramos pequenos, morávamos próximo ao mar. Papai era um comerciante de pescados e por isso precisava ficar perto dos pescadores. Samira amava o mar como se ele fosse um noivo devotado — completou.

Eu não conseguia entender de onde vinha tanto sentimento de Amina pela tal Samira, já que ambas dividiam o amor do mesmo homem, mas talvez fosse um fator cultural e alheio a mim.Minha única certeza era de que, quanto mais eu ia descobrindo o passado que envolvia a família Kahn, mais percebia que não me encaixava ali.

Relaxa, Gabriela! Você não precisa concordar, já que não tem nada a ver com isso! — forcei minha mente a pensar.

Ibrahim Kahn morava em um belo palacete antigo, o que, de fato, não me espantava em nada.

Os portões se abriram tão logo o carro parou em frente e seguimos por um jardim muito bem-cuidado.

A construção de dois andares, em pedra acinzentada e clássica, era adornada por desenhos turcos intrincados, como os que vemos nas fotos das mesquitas.

Ibrahim desceu do carro e o motorista abriu a porta. Nós duas descemos e seguimos até os degraus que nos levaram a um pórtico. Padrões florais delicados em azul e dourado decoravam o teto.

A porta de entrada estava aberta e uma mulher que aparentava um pouco mais do que a minha idade sorriu para Amina.

— Esta é Miriam — Amina me apresentou e a mulher cumprimentou-me com um aceno de cabeça. — Ela é meu braço direito e cuida de quase tudo aqui em casa. Se precisar de algo, não hesite em lhe pedir. Miriam não fala português, mas compreende um pouco de inglês e se esforça bastante. Você vai ver.

Agradeci com um aceno também.

Ibrahim seguia a nossa frente, alheio ao que falávamos, completamente absorto na conversa ao telefone. Eu estava absolutamente encantada com o que via lá dentro. Era como se tivesse sido transportada para dentro de *As Mil e Uma Noites*.

Os padrões florais continuavam, ainda mais delicados e em vários tons de azul, desde o cobalto até o turquesa, margeados por detalhes dourados.

A tapeçaria era tão primorosa que dava pena pisá-la com as solas sujas dos sapatos. Havia um espelho d'água bem no centro da grande sala e, acima dele, podíamos ver o céu límpido e azul.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Amina deu um grito de empolgação e correu em direção a alguém que vinha pelo corredor.

— Salih!

Foi então que eu descobri que Salih não era uma mulher, e sim um homem. Muito, muito bonito e encantador, diga-se de passagem.

Ele era, provavelmente, alguns anos mais jovem que eu. Tinha traços semelhantes aos de Amina, embora não fossem realmente parecidos. Barba por fazer e cabelos castanhos, ondulados e desfiados, na altura do pescoço, além de um belo corpo masculino, alto e esguio.

O tal Salih era realmente um homem bonito, mas o que mais chamava atenção em sua figura eram os olhos. Tinha cílios extremamente longos e escuros, em contraste com o olhos castanho-claros. O formato, levemente puxado, deixava o olhar incrivelmente sexy, e o sorriso

de canto que o acompanhava me fazia crer que ele sabia disso.

Amina o abraçou com carinho e cuidado; ele retribuiu na mesma proporção. Eu podia não entender como aquela família funcionava, mas não podia dizer que não havia amor entre eles.

— Este é Salih, Gabriela, meu irmão mais novo.

— É um prazer tê-la em nossa casa, senhorita! — disse ele, galante, beijando minha mão.

— Não se deixe enganar pelos galanteios desse conquistador, querida! Ele não vale o céu azul que o cobre!

Salih sorriu e eu sorri junto.

— Embora Gabriela esteja aqui para me prestar um serviço, como pode perceber, não é o seu tipo de negócio — Ibrahim aproximou-se, guardando o telefone no bolso do paletó —, portanto respeite-a como sempre respeitou minha casa.

Sua voz era taxativa, cheia de autoridade, mas a frase terminou com um esboço de sorriso trocado entre os dois.

Salih meneou a cabeça em concordância e permaneceu em silêncio.

— Vou me retirar, mas deixo-a sob os cuidados de Amina. Sinta-se à vontade em minha casa, Gabriela. Aproveite para descansar um pouco; mais tarde vou mostrar-lhe um pouco da cidade.

Senti meu coração bater mais forte com a simples menção de sair com ele, mas tentei manter o rosto o mais sereno possível.

— Obrigada, Sr. Kahn. Não se preocupe comigo, tenho certeza de que faremos um bom trabalho.

— Venha, Gabriela — Amina me chamou, assim que Ibrahim desapareceu em um dos grandes corredores —, mandei preparar a ala oeste para você. É a que tem a melhor vista. Samira amava ver o mar pela janela da biblioteca. Tenho certeza de que você também irá amar o lugar.

Samira! Samira! Samira!

Segui com Amina até o andar superior. A ala oeste ficava nos fundos da propriedade e compreendia em um corredor com várias portas.

— Ninguém a incomodará aqui! Todo o espaço é seu. Venha, vou mostrar-lhe tudo.

A primeira porta que me foi aberta era de uma sala com cortinas claras e as paredes cobertas por estantes de livros. Livros grandes e pequenos, em mais línguas do que eu sabia que existiam e de todas as cores possíveis.

Parei, embasbacada com a visão do paraíso.

Próximo à janela, uma mesa de madeira toda trabalhada e uma bela poltrona de couro bege ocupavam o espaço.

— Sei que precisará de um lugar para trabalhar e nada melhor do que esse cenário. — Puxou as cortinas claras, mostrando-me a vista do Mediterrâneo incrivelmente azul. Aproximei-me um pouco mais, olhos vidrados na beleza do que viam. — Espero que goste. É um lugar muito especial para mim e para Ibrahim.

— É lindo, Amina. Obrigada. Nem tenho palavras!

— Se quer um conselho, venha aqui ao pôr do sol. Ficará realmente sem palavras.

Fiquei tão abobada com o lugar que não conseguia parar de sorrir. Sentia-me como a Bela ao encontrar a biblioteca da Fera.

— Venha, vamos conhecer os outros cômodos da sua ala particular.

"Ala particular" — para quem estava feliz da vida em ter um apartamento de menos de sessenta metros quadrados, era algo completamente surreal.

— Este aqui é o seu banheiro. — Abriu a porta do próximo cômodo.

O lugar era todo coberto por algum tipo de mármore claro, rajado de vermelho-escuro. Era tão elegante e cheio de cultura como os outros ambientes.

Próximo à janela, que também tinha vista para o mar, uma banheira quadrada do mesmo material me fazia pensar nas imagens de banhos turcos que eu encontrava na internet.

Um pequeno jardim de inverno enfeitava um dos cantos, e uma pia com bancada e armários, o outro, do lado oposto.

— O chuveiro e o conjunto sanitário ficam aqui. — Seguiu até uma parede que

separava o vaso sanitário e o chuveiro do restante do banheiro.

Imaginei que ficavam separados para preservar a intimidade de quem, porventura, precisasse de ajuda para se vestir.

Tentei parecer menos encantada do que estava com a casa, afinal ficaria ali somente por dois meses e, depois disso, nada daquilo faria parte da minha vida, exceto pelas recordações.

— Venha conhecer seu quarto — Amina chamou.

A última porta do corredor se abria para um ambiente que facilmente era maior que meu apartamento todo.

As paredes eram pintadas em um tom de bege-claro, mas o teto era todo trabalhado em vermelho e dourado. Os mesmos padrões florais intrincados e delicados desciam pela parede da lareira, criando uma tela de parede inteira que era de encher os olhos.

Duas poltronas clássicas, de tecido macio e claro, estavam dispostas em frente à lareira. Entre elas, uma pequena mesa de apoio com o serviço de chá.

A tapeçaria cobria boa parte do chão de madeira escura e trazia ainda mais cor e calor para o amplo ambiente.

Amina abriu as cortinas, revelando a vista do quarto. Era como se alguém tivesse mandado pintar um cartão postal em frente à janela. Uma mesquita antiga aparecia entre as montanhas, com seu minarete tocando as nuvens do céu. Ao fundo de tudo, era possível ver o mar, que parecia ainda mais azul, misturado ao restante da paisagem.

— Meu Deus! — exclamei por impulso e Amina sorriu.

— É impossível não pensar em Deus quando se vê a magnitude da criação Dele, não é mesmo?

Concordei com um aceno de cabeça. Ela tinha toda razão. Istambul era uma prova irrefutável da existência de algum ser superior. Nenhum ser humano seria capaz de criar algo tão belo e tão perfeito.

— Aproveite para descansar um pouco e fique à vontade. Mandei preparar um chá relaxante para você e sugiro que tome um banho demorado de imersão. Sob a bancada do banheiro, há alguns frascos com óleos e espumas para banho.

— Obrigada, Amina! Obrigada mesmo. Você é uma excelente anfitriã! — agradeci e ela sorriu mais uma vez.

— Se precisar de algo, não hesite em pedir, Gabriela. Eu estou a sua disposição. É muito bom ter outra mulher em casa depois de tanto tempo.

A porta se fechou e eu fiquei sozinha no quarto. Tirei o casaco e os sapatos, depois dei mais uma boa olhada ao meu redor; era de longe o lugar mais bonito em que eu tinha entrado na vida.

Sentei na cama e me joguei para trás. Ela era enorme, mas baixa, com um belo dossel de tecido vermelho-vivo e muitas almofadas em diversos tons. Eu poderia ficar naquela ala a minha vida toda, sem sombra de dúvidas!

Gabriela, Gabriela... Mantenha os dois olhos bem abertos! Pense na história de João e Maria que se encrencaram por causa de doces!

Eu mal conhecia as pessoas daquela casa. Estava em um país distante, com costumes diferentes, e não tinha ninguém em quem, de fato, confiar. Precisava ter cuidado; sempre acreditei que, quando a esmola é demais, o santo desconfia.

A vida não costumava sorrir assim, com os dentes arreganhados e de graça, para mim! Eu era a Gabriela, a garota gordinha que tinha sido sempre a última a ser escolhida e a primeira a ser trocada!

Também não fazia sentido ser mal-educada com pessoas que tinham me tratado bem desde o início. Principalmente Amina.

Decidi que, por ora, eu manteria um olho no peixe e outro no gato, mas aproveitaria a oportunidade de viver meu conto de *As Mil e uma Noites* em paz.

Eu estava cansada demais para um banho de banheira. Tinha medo de acabar cochilando e morrendo afogada lá dentro, já que, se gritasse, provavelmente ninguém escutaria, dado o tamanho daquela casa.

Tomei um bom banho de chuveiro mesmo e vesti minha roupa íntima. Havia um roupão branco, felpudo e macio, pendurado em um gancho no banheiro, então eu o vesti. Voltei para o quarto, fechei a porta e deixei as janelas do chão ao teto abertas, aproveitando a vista do que restava da tarde.

Servi uma xícara de chá e beberiquei, provando os biscoitinhos amanteigados de anis.

Em algum momento dessa contemplação, o sono falou mais alto e acabei dormindo na poltrona mesmo. Acordei com batidas suaves à porta.

— Gabriela? — uma voz masculina chamou do outro lado. — Posso entrar?

Consenti e a porta se abriu para revelar Salih, o irmão bonitão de Amina.

— Ibrahim pediu que eu a lembrasse do jantar. Ele estará em casa em uma hora e pediu que se apronte. Sugiro que leve um casaco, o tempo costuma esfriar bastante com o cair da noite.

Bem-vestido e penteado, Salih usava uma calça social escura e camisa clara, as mangas dobradas até os antebraços.

— Amina já está pronta? — perguntei.

— Minha irmã está indisposta. Não irá acompanhá-los, mas não se preocupe. Miriam fará companhia a ela.

— Podemos deixar o jantar para outro dia. Um dia em que Amina se sinta melhor — propus.

— Amina não é dada a passeios, Gabriela. Não se preocupe com isso. Aproveite para conhecer a cidade. Ibrahim costuma ficar ocupado com o trabalho a maior parte do tempo e talvez você não tenha outra oportunidade.

— Ah, não me importaria. Realmente vim para trabalhar, Salih. Não fico à vontade em deixar Amina em casa sentindo-se mal para sair com o marido dela por aí! — respondi sinceramente, mas o homem riu.

— Acredite, moça, Amina não se importa. E não é porque você está aqui a trabalho que não pode se divertir! — ponderou com um ar jocoso. — A vida fica bem mais simples quando nos divertimos!

Seu sorriso era sexy e debochado; levava a crer que ele, definitivamente, aproveitava o que podia da vida.

— Agora preciso ir. Tenho muito trabalho a fazer e o dever me chama!

Meneou a cabeça e seguiu até a porta.

— Ah e, se quer um conselho... nunca deixe o Sr. Kahn esperando! — advertiu brincando. — Ele odeia atrasos!

Levantei da poltrona e abri a mala, vasculhando tudo o que tinha trazido. No fim das

contas, escolhi um vestido ajustado, verde-musgo, com meias-mangas e um leve decote nas costas. Calcei sapatos de saltos altos pretos e casaco da mesma cor. Fiz uma boa maquiagem e organizei todos os meus documentos na pequena bolsa de mão — de maneira alguma me separaria do passaporte! Eu via noticiários de TV e vamos lá, não é? Uma mulher prevenida vale por duas!

Quando me olhei no espelho, algumas daquelas malditas borboletas que insistiam em voar dentro do meu estômago, todas as vezes que eu estava para ver Ibrahim, deram o ar da graça. Eu estaria sozinha com ele e naquele cenário incrivelmente sedutor.

Respirei fundo e desci as escadas, forçando minha cabeça estúpida a não perder o controle sobre o resto do corpo.

Amina estava sentada em uma poltrona, olhos perdidos em algum lugar, um livro aberto sobre o colo.

— Olá, Gabriela! Conseguiu descansar?

— Sim! Obrigada. O chá também estava delicioso. Obrigada por se preocupar.

— Como eu disse, é um prazer tê-la por aqui.

Quanto mais gentil ela era comigo, pior eu me sentia.

— Amina, tem certeza de que não quer jantar conosco? Seria ótimo!

— Tenho certeza, sim. Prefiro ficar e descansar mais um pouco. Não sou uma pessoa da noite, Gabriela. Prefiro o aconchego da minha cama. Além disso, amanhã quero pedir a Salih que nos acompanhe até o mercado de especiarias. Tenho certeza de que você irá amar a visita.

Meu Deus do Céu, que pessoa péssima eu sou! A pobre coitada pensando em uma maneira de me agradar e eu aqui, toda serelepe porque irei jantar sozinha com o marido dela! Definitivamente, o inferno é bom demais para mim.

Eu não era uma pessoa ruim. Estava me esforçando bastante para não me envolver com Ibrahim Kahn, tinha a consciência de não fazer aos outros o que não queria que me fizessem, mas confesso que, quando o vi descer as escadas, meu coração parou por um instante.

Ele estava lá, dobrando as mangas da camisa de maneira displicente. Sem seu habitual terno, mas ainda elegante na calça social preta e de camisa cinza-chumbo. Seus olhos pareciam

ainda mais azuis e brilhantes, e sua postura, mais leve.

— Vamos? — chamou e eu concordei com a cabeça, porque, se abrisse a boca, acabaria babando no chão de mármore polido.

— Divirtam-se! — Amina desejou e Ibrahim beijou-lhe a mão.

Eu esperava pelo mesmo sedan de luxo que havia nos trazido, mas não foi o que encontrei.

Ibrahim acionou o alarme de um esportivo prateado e abriu a porta para que eu me acomodasse.

— Esse não é um jantar de negócios, Gabriela — disse assim que ocupou seu lugar atrás do volante. — Acho que precisamos nos conhecer um pouco melhor. Acredito que será proveitoso para o seu trabalho.

Concordei com a cabeça mais uma vez. Um misto de sentimentos tomava forma dentro de mim, e aquele desejo inocultável que eu sentia por ele se fazia cada vez mais presente.



“Todo falcão morre com os olhos na presa”

(provérbio turco)

Pegamos a costeira mais uma vez. Ibrahim dirigiu até um restaurante que ficava à margem do Bósforo. Entregou a chave ao manobrista e seguimos para dentro.

Todas as conversas eram ditas em turco, desde a indicação da mesa até a apresentação do cardápio. Não era um restaurante para turistas e isso era fácil de perceber apenas olhando em volta.

Depois de um pouco de conversa, Ibrahim entregou o cardápio ao garçom, que nos deixou. Fiquei encarando meu acompanhante sem entender por que diabos eu não tinha recebido cardápio algum. Ele esboçou um pequeno sorriso, velado por um coçar de barba.

—Sei que pode parecer estranho para uma moça ocidental, mas aqui, Gabriela, os homens ainda comandam as relações... — Fez uma pausa, encarando-me com aqueles profundos e penetrantes olhos azuis como mediterrâneo, e eu fui sentindo o calor subir do estômago e tingir todo o meu rosto de vermelho. Ele gostava de jogar com as palavras, deixar-me perturbada. —Ainda que sejam relações de trabalho — completou como se não fosse nada de mais.

Abri a boca para opinar, mas fui interrompida pelo garçom, de volta, com nossas bebidas. Para minha surpresa, eram duas *long necks* de cerveja. O jovem abriu as garrafas e serviu a bebida em dois copos supergelados.

Ibrahim esperou que ele saísse e ergueu o copo em um brinde. Eu não quis ser desagradável, então fiz o mesmo.

—Eu a trouxe aqui porque quero que experimente uma comida típica, Gabriela. Não queria uma experiência fictícia, em um desses restaurantes internacionais que fingem servir comida turca. Antes de se desagradar comigo, espere para provar o que escolhi para você.

Minha cara de desaprovação foi sumindo mais rápido do que eu planejava; a curiosidade por conhecer um pouco mais sobre esse Ibrahim livre e leve era maior que a raiva por ser comandada.

—Sou um ótimo observador... —continuou devagar, as palavras saindo baixas de sua boca. Um gole de cerveja com o lábio demorando-se na borda do copo. — Sempre me certificarei de que você aprove todas as minhas escolhas.

Pelo andar da conversa, o rubor não deixaria mesmo o meu rosto, e agradeci mentalmente pelo ambiente à luz de lanternas típicas.

Pouco tempo depois, nosso jantar chegou. Não era nem de longe o que eu esperaria de Ibrahim Kahn, mas parecia incrivelmente apetitoso.

—*Ískender kebab* — disse ele assim que o garçom nos deixou, e eu o olhei, curiosa. — É um tipo de *kafta*, feito com carneiro e especiarias.

—Interessante. —Sorri tentando soar mais sexy e menos sem jeito do que realmente estava.

Ibrahim cortou um pedaço do pão com as mãos, depois o recheou com um pedaço de

carne e mergulhou a trouxinha em um molho branco que julguei ser de iogurte ou algo parecido. Então aproximou a mão de minha boca, convidando-me a provar a iguaria.

— Em minha terra, comemos com a mão. Entendemos que o alimento é uma dádiva divina e que, por isso, não precisa de instrumentos para ser levado à boca.

Meu coração parecia querer saltar para fora do peito tão rápido que tive medo de que Ibrahim percebesse. Meus lábios tocaram a pele dele e, por mais que fosse algo inocente, eu podia jurar que seu olhar refletia tanto desejo quanto eu sentia.

Indecente. Tudo o que eu sentia quando estava com ele era indecente. Pecaminoso. Luxuriante. Era como se Ibrahim despertasse todos os meus desejos mais profundos de uma só vez.

—Nossas mãos e nossas bocas, Gabriela, são instrumentos divinos, desde que sejam usados para o deleite. Nosso e de quem desejamos agradar.

Meus olhos estavam nos dele. Não tinha como desviar. Não tinha como fugir. Ibrahim Kahn era como um daqueles hipnotizadores de serpentes — e eu estava bem para uma serpente ultimamente, diga-se de passagem.

A comida era incrível. Uma combinação perfeita de sabores e texturas; o molho conferia a acidez necessária.

—Hum... Delicioso! — admiti sorrindo.

Eu ainda tinha uma vaga lembrança de que tudo naquela mesa estava errado. Conseguia pensar, lá no fundo da consciência, que deveria manter nossa relação menos estreita, pois, ainda que não fosse um jantar de negócios, ele era um homem casado. Mas a verdade é que era muito... muito difícil mesmo manter tudo isso em primeiro plano com Ibrahim me encarando daquele jeito.

Nas vezes que nos encontramos no Brasil, Ibrahim manteve o máximo de decoro possível, embora aquela chama de indecência fosse inata em seu olhar, mas naquela noite ele parecia outro homem. E não apenas pela maneira de se vestir ou por colocar um pedaço de comida em minha boca — ainda que isso tivesse sido feito com uma sensualidade quase escandalosa —; outros amigos meus já tinham dado comida em minha boca e eu não tinha ficado ridiculamente excitada com isso.

—Ibrahim! — uma voz melodiosa chamou bem perto de nós.

Nosso pequeno flerte foi cortado imediatamente por um metro e setenta de um corpo escultural.

Ibrahim não a tocou, mantendo o mesmo decoro de quando me cumprimentava, mas o olhar entre eles era cheio de segredos e fagulhas de desejo.

—Isabel... —disse pausadamente —, é sempre um prazer encontrá-la.

Sim, eu sabia que ele era um conquistador. Cada movimento de Ibrahim Kahn cheirava a conquista, mas eu nunca tinha presenciado o momento em que cortejava outra mulher. Era desconfortável! Extremamente.

Quando se dirigia a Amina ou mesmo a tocava, suas palavras e gestos eram carregados de ternura e de um amor puro, cheio de recato; não era nem de longe o mesmo sentimento que ele expressava ante a tal morena escultural que estava parada diante de nós.

—Não vai me apresentar sua amiga? — pediu ela com um sorriso amistoso e os olhos voltados para mim.

Isabel não tinha traços orientais. Sua pele era morena e os cabelos, cacheados e volumosos, chegavam ao meio das costas. As curvas eram generosas e muito bem-distribuídas em sua altura invejável.

O vestido *nude*, coberto de renda preta, justo e elegante, abraçava o corpo dela mostrando e velando os lugares certos. Olhos em um tom castanho-claro com nuances esverdeadas de fazer inveja, ressaltados por uma bela maquiagem e uma boca bem-desenhada de comercial de batom. Não era à toa que a atenção de todos os homens que eu podia perceber estavam voltadas para a mulher.

—Esta é Isabel —a mão dele tocando suavemente o ombro da mulher —, uma grande amiga, além de braço direito.

Eu nunca fui uma ciumenta passional. Nunca, até que Ibrahim tocou a tal Isabel.

—Essa é Gabriela — a mão escorregou pelas costas da mulher, até cortar o contato e voltar à borda da mesa —, vai trabalhar comigo por algumas semanas.

Os olhos da morena oscilaram entre mim e Ibrahim, como se algo estivesse errado. E ele esboçou um daqueles sorrisos, dissimulado por um coçar de barba.

— Não esse tipo de trabalho, Isabel! — advertiu, ainda tentando não sorrir.

Que porra de trabalho era esse? O maldito turco era algum tipo de cafetão? Eu havia

sido pega pela máfia do tráfico de mulheres ou algo do tipo?

Maldita hora em que deixei minha amiguinha aqui de baixo decidir o desfecho de algo em minha vida!

— Sente-se conosco, minha querida! — Ibrahim convidou, fazendo-me querer pular nas águas frias do Estreito.

— Seria uma honra... — a morena sorriu para mim com mais entendimento do que eu gostaria —, mas como sabe preciso trabalhar. Passei por aqui para conversar com um cliente, mas pelo que vejo levei um bolo! —disse em tom divertido. — Vejo você mais tarde?

— Certamente que sim.

Isabel meneou a cabeça para Ibrahim e para mim, retirando-se em seguida. Seu caminhar seguro e sexy fez com que eu me sentisse o patinho feio antes de descobrir que era cisne, mas com uma diferença, eu realmente não era um cisne!

Nem preciso dizer que o que restou do nosso jantar desceu mais ácido que duas dúzias de limão espremido, não é?

Tudo o que eu queria era correr daquele lugar direto para o primeiro aeroporto que encontrasse, já que a realidade de que Ibrahim Kahn não era e nunca seria meu desferia socos em meu rosto e estômago a cada segundo.

— Vamos? — perguntei assim que Ibrahim enfiou o último pedaço de pão na boca.

Ele não respondeu de imediato, ficou ali, encarando-me com aqueles dois olhos irritantemente azuis, enquanto mastigava.

— Tem algum compromisso? — provocou —, ou posso acabar de engolir minha cerveja com calma?

Bufei mais alto do que gostaria, o que pareceu diverti-lo.

— Algo a incomoda, Gabriela? — insistiu.

— Absolutamente! — Cruzei os braços sobre o peito compondo a postura mais reservada possível. — Estou cansada.

— Entendo — foi tudo o que ele disse.

Depois de mais alguns minutos, o garçom trouxe nossa conta e eu me levantei o mais rápido que pude. Não queria que ninguém puxasse a maldita cadeira para mim. Não estava com o menor humor para galanteios e qualquer atitude cavalheiresca dele iniciaria uma reação em cadeia de fúria mortal.

Voltamos para o palacete em silêncio. Nem mesmo a beleza da noite foi capaz de melhorar minha cara feia.

Desci do carro e caminhei até a entrada, a passos tão largos, que por pouco não errei o degrau me esparramando no piso brilhante. Ibrahim não se apressou em me acompanhar. Veio caminhando em seu próprio ritmo e fechou a porta atrás de si.

— Obrigada pelo jantar. Estava delicioso — agradeci polidamente. — Agora, se me der licença, estou realmente cansada e com uma dor de cabeça irritante. Preciso me deitar.

Ele concordou com a cabeça, sem dizer nada. Não era um homem de muitas palavras, mas estava especialmente calado naquela noite.

— Vou pedir a Miriam que leve um comprimido ao seu quarto — avisou e eu assenti.

Subi as escadas e corri para o quarto o mais rápido que meus pés permitiram.

Malditos sapatos de salto novos! Eu devia ter trazido os antigos e gastos!

Tirei o vestido, enfiando-me dentro da velha camiseta dos *Stones* e da calça de flanela xadrez. Eu não era muito dada a pijamas. Gostava de dormir confortável e nada era mais confortável do que roupa velha.

Tirei a maquiagem frente ao espelho do quarto mesmo e soltei os cabelos. Abri a janela e deixei que a brisa fresca da noite invadisse o ambiente.

A lua brilhava, cheia e clara, no céu. O cartão postal da minha varanda era igualmente bonito à noite.

Batidas suaves à porta me arrancaram da contemplação e eu corri até lá, ansiosa por pegar meu comprimido.

Para minha surpresa e desespero, não era Miriam do outro lado, e sim Ibrahim Kahn.

Eu não deveria me importar que ele me visse com a minha — nada sexy — roupa de dormir, mas o calor que subiu até minhas bochechas confirmava que eu me importava, sim.

Aqueles olhos correram por mim vagarosamente, aumentando meu sofrimento. Sem que eu o convidasse, Ibrahim Kahn passou por mim e entrou no quarto.

Fiquei parada, com a mão na porta, sem saber se deveria fechá-la ou mantê-la aberta.

— Feche a porta, por favor. Não gosto que os criados ouçam minhas conversas.

Nessa hora, agradeci o pijama tosco que havia decidido usar, porque, juro por Deus, aquele maldito turco prepotente e mulherengo mexia comigo mesmo eu estando raiva!

— Algo a desagradou em nosso jantar hoje, Gabriela? — perguntou.

— E por que desagradaria? — provoquei mantendo distância.

Passos lentos o levaram até a janela e ele apoiou os braços no parapeito da varanda. Não disse nada por um longo tempo.

— Isabel é uma grande amiga... — começou —, de uma outra vida, Gabriela. Quando a

conheci, era ainda uma menina e é por isso que confio tanto nela para me ajudar com os negócios.

Não perguntei que tipo de negócios, nem nada sobre a tal Isabel. Por mais curiosa que estivesse, Ibrahim não me devia explicação alguma e, se estava me contando de livre e espontânea vontade, eu tinha mais era que escutar calada.

— Onde se ganha o pão, não se come a carne, moça... Já ouviu isso? — questionou e eu assenti.

— Então acho que estamos conversados... — Passou por mim com a mesma empáfia de sempre, braços cruzados para trás. Antes de sair, deixou uma cartela de comprimidos sobre o aparador. — Caso ainda se sinta mal.

Eu fiquei ali, sem saber o que pensar depois da visita inesperada. Ibrahim tinha levado meu sono com ele.

Algum tempo depois, escutei o barulho de um motor e, assim que olhei pela janela, vi o carro dele passando pelos portões.



Deixei a ala oeste me sentindo ridiculamente leve.

Obviamente eu não devia nenhum tipo de satisfação àquela brasileira. Não se tratava disso, mas sim de mim mesmo. Ela era minha hóspede e eu sabia ser um bom anfitrião.

Caminhei pelo corredor até o quarto de Amina.

— Entre, Ibrahim — ela disse assim que bati à porta.

Amina e eu não dividíamos o mesmo quarto, apesar de sermos legalmente casados. Era um costume que eu, particularmente, achava bastante providencial. Ela tinha a própria ala e podia sentir-se à vontade com suas coisas, podendo eu fazer o mesmo.

Para ser sincero, nunca achei necessário dividir a cama com quem quer que fosse, por mais do que algumas horas de sexo. Sempre apreciei minha liberdade e dormir sozinho fazia parte do pequeno conjunto de coisas das quais eu não abria mão.

— Falou com ela? — perguntou assim que fechei a porta.

Ocupei a poltrona de couro próximo à janela.

— Perguntei se algo a desagradava e ela confirmou que não — expliquei.

Amina sorriu e se aproximou.

— Quem o ouve, pode ter a falsa ideia de que se trata de um homem sem experiência com o sexo feminino! — zombou. — Eu percebi o interesse dela em você desde o primeiro minuto, Ibrahim. A pobre moça mal consegue disfarçar! Você deveria parar de torturá-la; sei muito bem que a recíproca é verdadeira!

— Definitivamente, a inteligência persegue as mulheres da família Murat — brinquei —, e apenas elas! Embora você esteja levemente equivocada desta vez.

Amina riu alto.

— Não fale assim de Salih! Eu sei o quanto o aprecia.

Fiquei encarando os olhos escuros dela. Amina sempre foi uma mulher bonita. Sempre elegante, cheia de classe; os anos e a doença não tinham roubado isso dela.

Corri os dedos pelo rosto dela, acariciando devagar. Eu andava mais ausente do que gostaria nos últimos meses, precisava ficar mais atento a Amina.

— Eu me preocupo com ele, Ibrahim — confessou, fugindo um pouco do meu olhar, talvez tentando esconder de mim a verdade que eu já sabia. — Sei que é inconsequente.

— Salih é jovem, Amina, não se preocupe. Ele tem um coração justo e honesto e, ademais, só está gozando um pouco mais do que deveria dos prazeres do mundo.

— Bem mais do que deveria. — Sorriu, segurando minha mão entre as dela.

— Salih será meu herdeiro. Tudo o que construí e tudo que tenho feito com a herança do pai de vocês irá para ele. Dinheiro não será problema.

Amina ficou em silêncio, olhos perdidos na noite escura lá fora.

Respirei fundo, deixando que ela tivesse o tempo dela.

— Você deveria ter seus próprios filhos. Deveria seguir em frente e se preocupar menos com uma pobre moribunda como eu! — Sorriu. Ao que parecia era para ter soado engraçado, mas, no fundo, não tinha graça alguma. — Essa promessa estúpida que você fez a Samira...

Levantei-me e a envolvi entre os braços. Amina era bem mais baixa que eu, o rosto aconchegado em meu peito, próximo ao coração.

— Sou um homem de palavra, Amina, mas não é por causa de nenhuma delas que estou aqui, ao seu lado, depois de tanto tempo. — Beijei-lhe o topo da cabeça. — Você e Salih são tudo que tenho de mais precioso, são minha família. Estou muito satisfeito com o que temos aqui. Você é a melhor companheira que eu poderia ter encontrado e tenho muito orgulho de

chamá-la de minha esposa.

Um sorriso discreto e cheio de sentimentos tomou conta do rosto bonito dela.

— Quero que este sorriso habite sempre seu rosto. Este! O verdadeiro sorriso que torna Amina Murat uma mulher tão especial.

— Galanteador, como sempre! — Desvencilhou-se dos meus braços. — Tenho certeza de que Gabriela não resistiu ao seu charme como, aliás, nunca vi mulher alguma resistir!

Então segui em direção à porta.

— Obrigado pelo conselho — agradeci. — De fato, sinto-me mais tranquilo, agora que deixei claro à moça o papel que Isabel desempenha em minha vida.

— Você só precisa parar um pouco e entender que papel Gabriela desempenha em sua vida, Ibrahim.



“O falar é de prata e o ouvir é de ouro”
(provérbio turco)

Fui acordada pela claridade da manhã, que entrava pela janela.

Depois da visita de Ibrahim, nem lembrava que tinha deixado tudo aberto.

Não vi a que horas o carro retornou, mas sei que não foi uma saída rápida. Eu tinha demorado pelo menos duas horas para dormir e, nesse tempo, ninguém tinha passado pelo portão.

— Senhorita? — uma voz feminina e uma batida suave à porta terminaram de me trazer de volta do mundo dos sonhos; que, aliás, não foram dos melhores.

— Sim! — respondi, forçando meu corpo a sair da cama.

— Vim apenas avisar que o café está servido e perguntar se precisa de alguma ajuda para se aprontar.

— Obrigada, mas não precisa se incomodar. Já vou descer.

Vesti um jeans escuro e uma blusa sem mangas, de seda, de um tom champanhe bem claro. Calcei sapatilhas baixas e deixei os cabelos soltos.

Desci as escadas sem saber exatamente para onde ir, já que ninguém tinha me mostrado o andar de baixo no dia anterior. Para minha sorte, encontrei Salih vindo pelo corredor.

— Bom dia, Gabriela! — saudou, cortês.

Salih tinha um sotaque suave em seu belo inglês britânico, o que me fazia crer que ele provavelmente tinha morado fora da Turquia, em algum momento da vida.

— Bom dia! — Sorri discretamente.

— Teve uma boa noite de sono? Está recuperada dos efeitos do fuso horário? Amina espera companhia para o mercado hoje! — Aquele sorriso naturalmente sensual curvando a boca bem-desenhada e brilhando nos olhos dele.

Não era algo forçado, como se ele quisesse me seduzir ou algo assim. Na verdade ele parecia bem à vontade e sincero, como se já nos conhecêssemos. Eu também me sentia à vontade com ele, bem diferente de como me sentia perto de Ibrahim. Salih Murat era um homem bonito, mas eu não conseguia ver nele muito mais do que o irmão caçula de alguém.

— Tive, sim, obrigada! — menti.

Para ser sincera eu estava mais cansada que no dia anterior. Tinha dormido mal e sonhado com Ibrahim. Nada de sonho agradável ou cheio de sexo.

Em meus sonhos, estávamos no carro. Ibrahim era algum tipo de gangster e nosso carro estava sendo alvejado por tiros. Acordei em sobressalto e tive ainda mais dificuldade para dormir novamente.

— Venha, vou levá-la até o jardim. Amina pediu que Miriam servisse nosso café lá. Ela quer aproveitar o dia bonito que temos hoje.

— Foi uma excelente ideia! — concordei.

Seguimos pelo corredor e passamos por uma bela sala de jantar. A mesa comportaria facilmente mais de dez pessoas, e o lustre de cristal que pendia do teto desenhado, sobre ela, era espetacular.

A cozinha da casa se parecia mais com uma cozinha industrial. Fiquei pensando nas possíveis razões para um cômodo tão grande e bem equipado se ali comiam apenas três pessoas! Definitivamente, aquela família estava muito além da minha compreensão em todos

os sentidos.

Salih abriu as portas francesas e esperou que eu passasse por elas.

Assim que atravessei para o jardim, parei, embasbacada com a vista.

O gramado era impecável, como um tapete verde e macio a minha frente. Pedras formavam um caminho até onde uma mesa bonita estava montada. Amina estava sentada em uma das cadeiras.

Arbustos e plantas de várias tonalidades de verde criavam desenhos simétricos, primorosos e delicados, apesar de formais.

As poucas flores que pude perceber eram jasmins do imperador, plantadas como uma espécie de cerca viva, separando a mesa da garagem, nos fundos do terreno. O perfume delas se espalhava por todo o espaço.

Tratei de caminhar logo até onde minha anfitriã estava, ou ela acabaria me achando deslumbrada demais.

Salih puxou a cadeira e eu me acomodei nela.

— Bom dia, Gabriela! Espero que tenha tido uma bela noite de sono, apesar de tudo — Amina disse tocando minha mão. O "apesar de tudo" deixava claro que Ibrahim havia contado algo a ela sobre nosso encontro com a tal de Isabel.

— Bom dia! Estou ótima, Amina, obrigada.

Sorri e encerrei o assunto o mais rápido que consegui. Eu não discutiria com ela sobre a crise ridícula de ciúmes que tive na noite anterior.

Miriam serviu café em nossas xícaras e eu peguei um dos pãezinhos com açúcar que estavam em um belo cesto. Tudo parecia delicioso.

Relaxei na cadeira e tomei um gole do café quente, admirando a vista. Logo a nossa frente, em uma parte do terreno que não era visível da casa, havia um canteiro com rosas. Eram as flores mais exóticas que eu já tinha tido o prazer de ver. Rosas grandes e viçosas, em um tom de vinho tão escuro que mais pareciam veludo negro.

— São lindas, não são? — Amina perguntou assim que percebeu para onde meu olhar tinha me levado.

— De tirar o fôlego! — concordei.

— Ibrahim cuida delas com tanto apreço, que imagino que esse seja o melhor dos adubos.

Ibrahim? — pensei, mas não ousei dizer nada, embora provavelmente o espanto estivesse estampado em meu rosto.

Amina riu, deixando evidente que eu tinha razão.

— São rosas de Halfeti, a aldeia em que ele nasceu. Talvez por isso tenha tanto valor para ele.

Eu me lembrei de quando Ibrahim e eu conversamos sobre o trabalho.

"Não quero estar senil e confuso quando decidir contar a alguém a história que transformou um garoto pobre de Halfeti em Ibrahim Khan" — foram as palavras dele.

As rosas eram parecidas demais com o dono delas. Exóticas e cheias de empáfia; atraentes e misteriosas de um jeito que não se podia deixar de admirar.

Enfiei o pãozinho todo na boca para tentar diminuir o efeito daquele maldito turco sobre mim, mas, para minha total desgraça, no momento exato em que eu tentava, em vão, mastigar o pão de boca fechada, o dito cujo apareceu, passando pelas portas francesas.

Caminhou até nós usando um dos costumeiros ternos escuros e camisa listrada, de um tom discreto de azul, que deixava aqueles olhos ainda mais bonitos. Cabelos penteados para trás e uma barba cheia, bem-aparada, completavam o figurino.

Ele beijou o topo da cabeça de Amina e cumprimentou Salih com um menear de cabeça. Então sentou-se em uma das cadeiras da mesa redonda.

— Bom dia, Gabriela. Espero que sua dor de cabeça tenha melhorado.

Miriam serviu-lhe café e ele levou a xícara à boca.

Eu queria dizer algo, então engoli o pedaço de pão sem mastigar o suficiente, com o máximo de classe que consegui.

— Eu estou ótima, obrigada por se preocupar —limitei-me a dizer.

Queria parecer educada, embora seu olhar me afrontasse.

— Fico satisfeito que tenha apreciado nosso desjejum — provocou, sem tirar os olhos dos meus —, além das minhas rosas, é claro.

— São deliciosos.

— Se quiser, posso contar mais a você sobre as flores. Depois do café, obviamente. Eu jamais a privaria dos pãezinhos de nata de Miriam.

Engoli meu café em seco. O maldito turco estava ficando a cada dia mais debochado e prepotente! Queria me desestruturar, isso estava claro. Ele sabia que eu não era imune ao seu charme e tinha decidido me sacanear.

Sorri tão dissimulada como pude. Ibrahim Kahn tinha o dom de extrair o pior de mim. Ele conseguia me fazer agir antes de pensar.

— Você acordou cedo, Ibrahim. Deveria ter aproveitado para descansar — Amina disse,

carinhosa, enquanto completava a xícara do marido. — Saiu tão tarde ontem para trabalhar e retornou há poucas horas. Você tem se desgastado demais.

— Ausentei-me do trabalho por muitos dias, Amina. Obrigado por se preocupar, mas preciso colocar tudo em ordem.

Trabalhar? Então foi essa a razão da saída furtiva de ontem à noite!

Eu sempre o vi como um grande executivo de alguma multinacional por aí. Ou CEO de uma companhia, como os mocinhos dos livros que eu costumava ler, mas pelo jeito estava enganada.

Que diabos de trabalho é esse que o deixa longe de casa por toda a madrugada?

Ibrahim não fazia o tipo "empresário da noite", mas isso não era problema meu! Desde que me pagasse o combinado, eu simplesmente desempenharia meu papel e voltaria para minha casinha de cinquenta e poucos metros quadrados!

Ah, tá! Seria assim, se eu não fosse Gabriela Mollinos, a curiosa!

Engoli meu pãozinho com gosto de curiosidade, mas esperei pacientemente até que ele se dirigisse a mim.

—Venha, Gabriela —chamou, levantando-se da cadeira. —Vou contar a você um pouco mais sobre minhas rosas. Elas deverão fazer parte do seu manuscrito, obviamente.

—Ótimo! Cuide de Gabriela enquanto eu me preparo para ir ao mercado. Quero mostrar um pouco das belezas de lá para ela —Amina disse animada.

Levantei-me e caminhei ao lado dele até o canteiro. De perto, as flores eram ainda mais impressionantes.

Ibrahim correu os dedos delicadamente por uma delas, acariciando as pétalas e fazendo minhas bochechas corarem.

Era estranho e curioso como havia uma conexão sexual entre nós, ainda que mal tivéssemos nos tocado. Eu podia sentir o toque dele como se as pétalas da flor fossem minha própria pele.

—Elas são extraordinárias, não são? — questionou e eu assenti, ainda um pouco afetada pela intensidade daquele carinho pelas flores. — Eram as preferidas da minha mãe.

—São maravilhosas —concordei.

—Meu pai cultivava flores em Halfeti —explicou —, aprendi com ele a amar a terra e tudo o que ela pode produzir de belo.

Por mais que Ibrahim Kahn me surpreendesse, tal revelação estava longe, muito longe de meus devaneios. Tinha mãos finas e suaves, apesar de masculinas e seguras, não como as de

alguém que algum dia tinha trabalhado no campo.

Eu conhecia bem as mãos de um trabalhador do campo, já que meu pai tinha sido um na juventude. A lida com a terra deixa marcas no corpo de quem trabalha. Sol demais. Cuidados de menos. Nada daquilo tinha a ver com Ibrahim Kahn.

—Tínhamos uma pequena propriedade nos campos de cultivo de Halfeti. Como eu já disse, Gabriela, não nasci rico. Tudo que tenho hoje foi conquistado com, digamos... o suor do meu trabalho.

Um riso reprimido em seu semblante sisudo me fez crer que esse "suor" não era tão suado assim.

—Seus pais ainda moram nessa aldeia? — perguntei, estava curiosa em saber. Ele não parecia o tipo que abandona os pais em um asilo ou coisa do tipo.

— Vivi poucos anos ao lado da minha mãe — disse saudoso. — Eu a perdi muito jovem. Embora guarde boas lembranças, elas se confundem entre a verdade e os sonhos de criança.

Tinha os olhos distantes, perdidos, provavelmente em algum lugar da tal aldeia de agricultores. Os dedos ainda acariciavam a flor.

—Meu pai não sei onde está e, sinceramente, faço pouca questão de descobrir. Ele me vendeu quando eu tinha pouco mais de dez anos. Nunca mais o vi.

Eu queria ter o dom de manter o rosto tão impassível quanto ele conseguia, mas essa não era eu. Minhas emoções afloravam facilmente de dentro de mim e se espalhavam por meu semblante sem que eu pudesse controlar.

—Chocada? — perguntou com um misto de tristeza e riso. —Pois posso afirmar que isso é mais comum do que você imagina. Até mesmo lá em seu país, acredite!

Eu não estava chocada em saber que um pai é capaz de vender o próprio filho. Quando estava terminando a faculdade, fiz um trabalho investigativo sobre prostituição infantil e, sim, infelizmente isso era bastante comum e não apenas no Brasil.

É difícil, para alguém que cresceu em uma família amorosa e estruturada, pensar que um genitor é capaz de dar o próprio filho em troca de dinheiro, mas isso acontece e nem sempre é por uma causa ruim. Algumas famílias pobres se veem tão sem horizontes que acham por bem vender os filhos para serem adotados por estrangeiros ricos. Preferem isso a mantê-los no colo, vendo-os sucumbir de fome ali mesmo.

—O mundo é um lugar injusto, Gabriela. Dificilmente algum de nós recebe algo sem dar o dobro em troca.

Respirei fundo; ele não estava errado.

—Mas, voltando às rosas... Elas são naturalmente dessa cor. Não há qualquer tipo de manipulação genética ou coisa do tipo. Não há feitiços ou bruxaria também — disse em tom jocoso, embora não estivesse sorrindo. — Mas, se você pegar uma muda delas e plantar em outro lugar, as flores nascerão absolutamente vermelhas. Como aquelas que você já conhece.

—Por quê?

—O pH da água e as condições do solo criam uma hiperpigmentação, e o excesso de um componente chamado antocianina, comum nas rosas, reage de maneira diferente aos tipos de pH. O tom negro que vemos nessas pétalas nada mais é do que uma mistura do vermelho natural com o violeta desse componente.

—Puxa!

— Eu mando trazer terra e água de Halfeti, caso você esteja se questionando — explicou com um meio sorriso. —Vê aquela roseira vermelha ali? — Apontou para uma planta, fora do espaço em que estavam as outras. —Eu a retirei daqui, plantei ali e as flores começaram a clarear com o tempo. Tentei de tudo, mas parece que essa é realmente uma particularidade da minha terra natal.

Eu ainda tinha dificuldades em imaginar Ibrahim, de terno, debruçado sobre o chão, plantando o que quer que fosse. Ainda que fossem lindas e exuberantes rosas negras.

—Surpresa? — questionou, voltando os olhos azuis para mim.

—Um pouco! — confessei.

Ibrahim arrancou a flor que estava acariciando e a colocou em minha mão, mantendo o contato com minha pele por mais tempo do que era necessário.

—Espero que se livre dos estereótipos e pré-julgamentos, Srta. Mollinos... Ou ainda irá se surpreender muito por aqui.

Era um aviso dissimulado.

Talvez ele tivesse percebido minha curiosidade em saber o que havia feito a noite toda fora. Talvez tivesse visto minha silhueta próximo à janela, quando arrancou com o carro, mas nada disso importava. O fato é que, a cada minuto que eu passava no mundo de Ibrahim Kahn, eu o entendia menos.

— Então, Gabriela, vamos? — Salih perguntou chegando até nós.

Encarei Ibrahim para ter certeza de que aprovava minha saída a passeio com a esposa e o cunhado dele, já que a real razão para eu estar ali era o trabalho.

— Façam um bom passeio — respondeu encarando meus olhos, mas logo voltou-se para

Salih. — E você, cuide para que isso aconteça.

Salih concordou com a cabeça e seguiu para dentro da casa. Eu o acompanhei lado a lado.



“O homem que quer se embebedar não conta os copos”
(provérbio árabe)

Entramos em um carro dirigido por Salih. Amina sentou-se ao lado dele e eu fui no banco traseiro.

Seguimos pela cidade, afastando-nos do mar. Istambul era ainda mais bonita sob a luz clara do dia ensolarado que fazia. As ruas, abarrotadas de turistas de várias nacionalidades, eram um espetáculo à parte. Grupos de mulheres de burca preta, em contraste com ocidentais em seus jeans e camisetas ajustados, mostravam muito bem a cara da cidade.

Assim que nos aproximamos de uma grande construção antiga, Amina apontou.

— Aquela é a Mesquita Yeni! O mercado fica ao lado. É linda, não é?

— Maravilhosa! — exclamei impressionada pela beleza do lugar.

— Maravilhoso é o interior! Você verá! Vai ficar encantada com as especiarias e tecidos que temos.

Salih estacionou em uma rua adjacente e descemos do carro os três.

Amina segurou o braço do irmão e eu caminhei ao lado dos dois.

Era bom vê-la tão animada, sorridente, e eu não podia negar que estava animada também. Aquela viagem era o sonho de consumo de muita gente e eu ainda tinha o privilégio de fazê-la com guias particulares.

Subimos as escadarias e chegamos, enfim, ao interior do mercado. Enquanto caminhávamos, Amina ia me explicando coisas sobre a história do lugar e dos produtos que eram comercializados ali.

— Toda a renda que se obtém com o aluguel das lojas é destinada à manutenção da mesquita. Este mercado pertence a ela.

Parei em frente a uma das lojas e não resisti, debruçando-me para apreciar o perfume de um composto floral que eu não conhecia.

— São para o banho — explicou minha guia. — Quando uma mulher quer se perfumar para ter a atenção do marido, usa esse composto. Dizem que é infalível! — Baixou o rosto ruborizado para a calçada.

— Eu não conhecia o aroma. Não eram flores que eu estivesse acostumada a ver. Havia um pouco de jasmim, sem dúvida, mas todo o resto era novidade para mim.

— A maioria dos produtos que temos aqui vêm do Egito — continuou explicando —, por isso este mercado é conhecido como “Mercado Egípcio”, embora esse não seja o nome oficial.

Seguimos com nosso passeio, provando as comidas, cheirando as ervas e especiarias. Apreciamos a delicadeza das joias e adornos, além da beleza das lanternas. O lugar era como um mergulho intenso na cultura turca. Inevitável sentir isso.

Perto da hora do almoço, paramos em frente a uma loja cheia de tecidos bordados, provavelmente à mão. Amina enfiou-se no meio dos tecidos e começou a tocá-los um por um, até que encontrou um lenço vermelho, todo bordado com pequenas flores em dourado. Correu os dedos por ele com cuidado e sorriu para Salih.

Poucos segundos depois, o vendedor apareceu e nosso acompanhante negociou com ele em turco.

Imaginei que, se as mulheres não escolhiam nem mesmo o que iam comer, certamente a

negociação para compra de algo também não era feita por elas.

Depois de muita conversa, o vendedor pegou o lenço e o embalou com um papel colorido, colocando em uma sacola transparente. Salih fez o pagamento, eu e Amina o esperamos na porta da loja.

— Para você, Gabriela! — Ela entregou-me o pacote, tão logo o recebeu das mãos do irmão.

— Uma pequena lembrança do nosso passeio. Assim você pode acompanhar Amina na mesquita — Salih completou.

Abri o pacote e senti a maciez do lenço em minhas mãos. Tão suave e delicado que parecia uma carícia.

Seguimos até a entrada da mesquita e Amina me ajudou a colocar o lenço sobre a cabeça, cobrindo meus cabelos e ombros, que estavam nus. Ela prendeu a peça em meu pescoço com um pequeno broche em formato de lírio.

Tiramos nossos sapatos e os deixamos em um móvel baixo, na entrada, junto com os outros calçados. Seguimos pelo grande salão em silêncio.

Se o exterior do templo impressionava, o interior tirava completamente o fôlego. Cada centímetro de parede era decorado com desenhos intrincados que vinham desde o teto até as paredes, decoradas com ladrilhos em padrões florais. Todo o lugar tinha uma luz âmbar que chamava à interiorização. Mesmo não sendo muçulmana, era inevitável querer rezar.

Amina ajoelhou-se em um canto do espaço, abaixando o corpo sobre as pernas e tocando o tapete com as palmas das mãos. Ficou em silêncio, deixando claro que estava em oração.

Salih e eu nos ajoelhamos como ela, encarando a luz amarelada em uma das paredes com vitral.

— É impossível não sentir a presença de Deus, não é mesmo? — perguntou.

— Sim. Impossível! — concordei.

Ficamos ali até que Amina estendeu a mão para que o irmão a ajudasse a se levantar e então caminhamos de volta para a praça, na frente das duas construções.

— Amei nosso passeio, Gabriela. Obrigada por me acompanhar. Fazia muito tempo que eu não tinha a companhia de outra mulher.

— Imagina! Eu é que preciso agradecer. Estou encantada com tudo o que vi e aprendi. Obrigada por dividir um pouco desse mundo tão bonito comigo.

— Agora preciso deixá-los. Sinto-me um pouco zonza e creio que seja melhor

descansar, mas não quero estragar o passeio de vocês dois. Sei que meu irmão irá cuidar de você com o carinho e a dedicação que merece.

— Podemos ir embora com você, irmã. Tenho certeza de que Gabriela não se importará de almoçar em casa. Posso levá-la para passear mais tarde.

— Sim, claro! Se prefere ir, nós vamos com você! — reforcei.

— Acredite, minha irmã, Gabriela prefere um passeio ao cair da tarde a ficar andando debaixo deste sol. Posso levá-la para conhecer *Ortaköy*.

— Ah, seria maravilhoso! — Amina concordou e demos o assunto por encerrado.

Eu não sabia que diabos era *Ortaköy*, mas, pelo jeito, iria gostar de conhecer.

Quando chegamos a casa para o almoço, Ibrahim não estava. Ninguém comentou sobre sua ausência, então também não perguntei.

Aproveitei para usar a biblioteca e colocar minhas primeiras anotações em ordem, depois de almoçar. Anotei em tópicos, com a devida atenção, tudo que Ibrahim tinha me contado. Depois, segui escrevendo minhas próprias opiniões e, quanto mais relia, mais pensava na quantidade de pontas soltas que havia na história. Por mais que ele tivesse me contado, eu sabia bem pouco.

Eram pouco mais de três da tarde, quando Salih apareceu na biblioteca.

— Então... — começou, sentando-se em uma das poltronas de couro — o que tem achado de tudo por aqui?

— Tenho achado tudo muito interessante — resumi.

— Imagino que seja bem diferente da vida que você leva no Brasil — continuou. — Conheci bem pouco o seu país, para ser sincero. Uma ou outra viagem de negócios, mas nada de mais.

Minha língua coçou para perguntar que tipo de negócios, mas, até ter certeza absoluta de que podia confiar nele, decidi me manter em silêncio.

— Tenho muito apreço por Ibrahim, Gabriela. Ele tem feito muito pela minha família. Quando meus pais faleceram, eu era ainda uma criança. Ibrahim foi como um pai para mim, apesar da pouca diferença de idade entre nós dois. Sempre cuidou de mim e das minhas irmãs. Também cuidou da nossa herança. Se hoje não precisamos nos preocupar com dinheiro, devemos isso a ele.

Salih tinha uma postura sedutora e fazia o tipo bonachão, mas, quando falava de Ibrahim ou da família, seu rosto se tornava muito mais sério e cheio de sentimentos.

— Sei que ele é um cara... digamos... difícil! — disse com aquele sorriso leve de sempre

marcando seu rosto bonito. — Mas, acredite, é muito legal e honesto, apesar de tudo.

“Apesar de tudo!” — que raios de “tudo” é esse?

Sorri de canto para demonstrar minha solidariedade — sempre fui péssima em lidar com confissões de outras pessoas —, mas no fundo eu estava mesmo era ruminando que raios de “tudo” era aquele.

— Bem, vou deixá-la em paz para se arrumar. Vamos passear um pouco! — Sorriu. — Sei que será mais fácil se divertir sem a carranca do Sr. Kahn fungando no seu cangote!

Tudo bem que pensar naquela barba por fazer fungando em meu cangote não era exatamente ruim, mas Salih tinha razão! Eu provavelmente ficaria mais solta com ele do que com Ibrahim.

— Não se preocupe com as roupas! Aonde vamos tudo é bem mais liberal do que no restante da cidade. Além do mais, você estará acompanhada! — explicou.

Tomei um banho e sequei os cabelos com o secador, modelando um pouco as pontas para que ficassem mais onduladas. Escolhi um vestido *nude*. Gostava de como ele realçava minhas curvas e me sentia sensual com ele, apesar de ser mais ajustado do que eu costumava usar. Não era exatamente revelador, porque eu não tinha, nem de longe, um corpo parecido com o de Isabel, mas era elegante e sensual na medida certa para mim.

Calcei sandálias de salto alto da mesma cor e caprichei na maquiagem, delineando os olhos e passando um belo batom vermelho. Aproveitei o lenço que tinha ganhado de Amina para completar o visual. Salih bateu à porta do quarto, enquanto eu finalizava com os brincos.

— Nossa! — exclamou correndo os olhos por mim. — Definitivamente, vermelho é sua cor!

Sorri. Era um belo e genuíno elogio e quem não gosta de ser elogiada, não é mesmo?

— Venha, Srta. G. Vamos dar um passeio! — Passou o braço por meus ombros e descemos as escadas.

Eu não via Ibrahim desde o café da manhã. Ele não estava na sala e, se esteve na casa, não me procurou.

Uma pequena parte de mim estava decepcionada pelo sumiço dele. Para ser sincera, queria que ele me visse arrumada e, principalmente, com outro homem.

Eu sabia! Era bobo e infantil, mas era a verdade! Por mais idiota que fosse, era como dar o troco, entende? Por Isabel.

Entramos em um Audi branco novinho e Salih apertou um comando no volante, ligando o som do carro.

— Vamos entrar no clima — disse, dando a partida.

O tal *Ortaköy* era um bairro. Bem jovem e descolado. Não tinha aquele ar bucólico de *As Mil e Uma Noites* que eu tinha visto na maioria dos lugares em que eu tinha ido, exceto por uma grande mesquita.

Meu acompanhante ia me explicando coisas sobre o bairro e a cidade, conforme o carro ia passando pelas ruas.

Parou em frente ao que parecia a entrada de uma boate de luxo. A placa de entrada dizia "Angelique".

Um manobrista abriu a porta para que pudéssemos sair e Salih entregou-lhe a chave do carro. Estendeu o braço para mim e eu o segurei, enquanto subíamos os degraus até a entrada.

A recepcionista, uma loira alta, de olhos extremamente azuis, parecia absolutamente hipnotizada pelo sorriso de Salih. Eu estava me divertindo com o fato de que, finalmente, não era eu a "boba alegre".

— Vou acompanhá-lo até a mesa reservada, Sr. Murat — disse ela em inglês e seguimos para dentro.

A mesa que haviam reservado para nós ficava em um mezanino. De lá, eu podia ter uma ótima vista de toda a boate. O lugar era incrível. Certamente custava bem mais do que eu costumava ganhar por semana.

As pessoas lá embaixo eram igualmente bonitas e elegantes; mulheres altas e magérrimas, daquele tipo que parece existir somente para que fique bem claro quão distante estamos de atingir aquele padrão de beleza; homens atléticos e esguios exibindo seus ternos bem-cortados e roupas de grife.

Enfim, o lugar todo cheirava a dinheiro e ostentação.

Ocupamos nossos lugares e uma garçonete anotou o pedido de Salih.

— É uma bebida típica da Grécia — explicou. — Chama-se *Ouzo*. Faz parte daquele pacote de experiências estrangeiras, sabe? Aquele que precisamos ter em qualquer viagem! — Sorriu e eu acabei retribuindo.

— Ok, Sr. Murat! — imitei o inglês cheio de sotaque da recepcionista. — Se o senhor está dizendo, vamos lá!

Não demorou muito, a moça retornou com uma bandeja nas mãos. Colocou sobre nossa mesa uma garrafa parecida com as de vinho, com um líquido incolor dentro dela, e outra de água gelada. O prato de petiscos era bonito e colorido, com uma combinação de pequenos peixes frescos e batatas fritas, azeitonas verdes e pretas, além de queijo. Havia também uma

cestinha de pães e uma garrafa de azeite.

Serviu em nossos copos a tal bebida transparente e, por cima dela, uma quantidade pequena de água gelada, fazendo com que a cor do líquido se alterasse de transparente para leitosa.

— Gostou da minha escolha? — Salih perguntou assim que a moça se foi.

— Escolha perfeita! Mas acredite, isso não me espanta, nunca duvidei do seu bom gosto! — Encarei o prato de petiscos a minha frente.

— É quase como sushi! — caçoou ao notar minha estranheza diante dos pequenos peixes crus, ali no prato. — Você coloca sobre um pedaço de pão e rega com azeite. Acredite, é bom!

Ele preparou um pequeno pedaço e colocou em minha boca. No mesmo instante, os sabores se misturaram, liberando um pedaço de tudo que eu pensava ser a Grécia, bem no meio das minhas papilas gustativas.

— Puxa! — foi tudo o que consegui dizer, depois de engolir.

— Gosto muito da Grécia — explicou —, sinto uma conexão, entende?

Concordei com a cabeça, enquanto finalmente provava a bebida.

— *Wow!* Forte!

Salih riu alto.

— É um pouco mais alcoólico do que a maioria das bebidas! — falou entre risos —, mas desce bem suave. Você tem que admitir!

Sim, descia macio demais e esse era o maior dos problemas com a tal bebida.

O show começou pouco depois que fizemos nosso pequeno jantar. Parecia um espetáculo do *Cirque du Soleil* para adultos. Enigmático e supersensual, embora de excelente gosto.

Ficamos ali em nossa mesa um bom tempo, bebericando e falando da vida, até que Salih me chamou para dançar.

Só percebi o quanto tinha bebido quando decidi me levantar. Por alguma razão, o chão do mezanino não parecia mais tão estável quanto antes, mas obviamente eu não daria o braço a torcer; segurei a mão estendida para mim e desci com ele até a pista.

Dançamos e bebemos mais um pouco, até que Salih pediu licença para pegar mais drinques no bar. Concordei com ele e prometi esperar junto a um balcão de apoio, um pouco afastada da pista, para evitar qualquer tipo de aproximação masculina indesejada.

Assim que me afastei da música e apoiei o corpo contra o móvel de madeira, comecei a

sentir a cabeça girar.

Pouca comida, muita bebida, sono de menos e um dia agitado eram a combinação perfeita para o fracasso. Eu tinha ciência disso, mas fazia tanto tempo que não curtia uma boa noite de balada, que acabei me deixando levar.

Estava disposta a pedir ao meu acompanhante que me levasse para casa assim que o visse, mas acabei sendo surpreendida pelo destino mais uma vez; do meio da multidão, caminhando até mim com sua postura altiva costumeira, estava Ibrahim Kahn, em toda a sua esplendorosa arrogância.



“O poço é fundo, a corda é curta”
(provérbio árabe)

Graças ao móvel em que me escorava, não caí para trás assim que ele se materializou diante de mim, vindo sabe Deus de onde! Parou a uma distância curta e seus olhos fizeram uma pequena varredura — se eu estava zonza antes, a presença dele só fazia tudo piorar.

— Creio que tenha se equivocado quanto à razão de sua viagem —disse com seu sotaque polido.

Eu odiava ser interpelada por minhas ações e, embora ele não estivesse errado, não ficaria calada.

— Creio que a contratação dos meus serviços não abranja as vinte e quatro horas do dia,

porque, imagino, nenhuma convenção trabalhista permitiria isso — provoquei.

Eu podia estar bêbada, mas não era propriedade dele e ninguém me obrigaria a baixar a cabeça.

— Caso não se recorde, em seu contrato existe uma cláusula segundo a qual você deve estar a minha disposição; obviamente que não por vinte e quatro horas, mas não me lembro de termos trabalhado em momento algum hoje. Estou enganado? — perguntou, mas não esperou resposta. — Paguei uma quantia bastante justa, Gabriela — seguiu sem me dar tempo para retrucar — e acredite, se dei a impressão de que isso eram férias remuneradas, peço desculpas porque está longe de ser.

Abri minha boca para reclamar, mas não consegui.

— Cunhado! Que surpresa! — Salih interrompeu minha segunda tentativa de explicar o inexplicável.

Ibrahim voltou a atenção para o rapaz. Seus belos olhos azuis faiscavam de fúria.

— Salih Murat, irresponsável, como sempre! — reclamou.

— Não seja rabugento, homem! — Salih não parecia realmente se importar com o julgamento. — Estávamos apenas nos divertindo! Vou levá-la para casa, se isso o incomoda tanto!

— Gabriela já está de saída — disse simplesmente e indicou o local para que eu fosse na frente.

— Eu estou? — questionei sentindo minha raiva arder.

— Sim, Srta. Mollinos. A senhorita está. E eu mesmo irei acompanhá-la para ter certeza de que não terá problemas em chegar a um local seguro.

Confesso que caminhar sob meus saltos não parecia tão fácil como quando cheguei ao lugar, mas respirei fundo e fiz o melhor que pude para manter a postura e a dignidade.

Ibrahim seguiu atrás de mim. Era impossível ignorar sua presença, e isso, aliado ao fato de eu não estar em minha melhor forma, só fazia com que eu sentisse mais raiva.

Acionou o alarme do carro e abriu a porta, indicando com a mão que eu deveria entrar.

A cada movimento, minha cabeça e meu estômago giravam mais rapidamente. Eu estava em silêncio, concentrada em mim mesma, tentando manter toda a bebida dentro de mim. Não queria passar por humilhação maior, mas, ao passo que ele falava e falava sobre o quanto Salih e eu tínhamos sido displicentes e irresponsáveis, o mal-estar aumentava.

Eu não sabia se o que me enjoava mais era a bebida ou a lição de moral descabida. Quem aquele desgraçado filho da puta pensava que era?

Seguimos pela estrada cheia de curvas. O perfume dele se espalhava por todo interior do veículo e, por mais delicioso que fosse, naquele momento a sensação não era das melhores. Tentei em vão abrir o vidro, mas não consegui.

— Está me ouvindo, Gabriela? — esbravejou segurando meu ombro, forçando-me a encará-lo.

Deveria ter ignorado, mas não consegui. Ibrahim Kahn tinha conseguido acordar meus demônios.

— É claro que estou ouvindo! Eu estou bêbada, Sr. Kahn, não surda! Agora, se puder fazer a gentileza de tirar as mãos de mim, agradeço. Não sou sua propriedade!

Ficou em silêncio. Pego de surpresa por minha reação. Ele era seguro demais para lidar com o fato de que nem toda mulher no mundo queria ser tocada por ele.

Fiquei em silêncio também, minha posição não era das mais favoráveis. Eu estava nervosa e, se continuasse falando, em algum momento deixaria a educação de lado.

Ibrahim fez uma curva e essa curva levou com ela o pouco de dignidade que ainda existia em mim. Vomitei bem no colo dele. Minha cabeça tombada em direção a sua virilha do jeito mais estúpido possível.

Quando minha crise passou, queria mesmo era cavar um buraco desde o assoalho do carro até a estrada e me jogar lá dentro do Mar Mediterrâneo, tamanha era a vergonha.

Levantei a cabeça tentando fugir do olhar dele, mas não foi difícil, Ibrahim simplesmente não me encarava. Olhos voltados para a estrada. As duas mãos firmes no volante, enquanto pedaços do meu jantar escorregavam por seu blazer até sujarem o banco de couro do carro.

Não! Não existia maneira alguma de me recuperar de tamanha humilhação! Tudo o que eu deveria fazer era comprar uma passagem de volta para o Brasil e esquecer que tudo isso havia acontecido!

Maldita bebida grega!

Baixei os olhos para o chão. Mãos cruzadas no colo. Silêncio absoluto dentro do carro.

Não perguntei para onde estávamos indo, mas também não reconheci o caminho.

Paramos em frente a um prédio elegante. A fachada era toda coberta por um tipo de cerâmica preta brilhante. Havia um tapete cobrindo os degraus da entrada e ele era igualmente escuro.

O letreiro no alto tinha a forma de um infinito, todo em dourado. Não havia nome algum ou qualquer informação de que tipo de lugar se tratava.

Um homem grandalhão, de terno escuro, abriu a porta para Ibrahim, que desceu e parou em frente à minha porta, esperando que eu o acompanhasse.

O segurança na porta encarou o terno sujo sem dizer uma palavra, e entramos.

A porta de entrada dava em um grande salão, que estava vazio. O piso era escuro e polido; no centro havia um grande candelabro de cristal negro. Tudo que consegui fixar do local foi o brilho dourado da luz refletida pelos cristais.

Seguimos por uma entrada e acabamos em um hall de elevador. Aquele mesmo silêncio sepulcral imperando entre nós.

Mantive os olhos no chão de mármore polido.

Assim que a porta se abriu, Ibrahim caminhou para fora sem me esperar. Cogitei voltar, mas acabei seguindo pelo mesmo caminho que ele.

Parou em frente a uma suntuosa entrada, fechada por portas duplas, e as abriu com um empurrão. Permaneceu segurando-as até me ver do lado de dentro e, depois de alguns segundos, deixou que se fechassem atrás de mim.

Era um escritório. Imenso e absolutamente elegante. Tudo ali gritava “Ibrahim Kahn”.

A parede de vidro atrás da mesa dava para a majestosa *Hagia Sofia*, com o mar lá atrás, fazendo uma bela composição banhada pela lua.

Ibrahim seguiu pelo escritório, até uma entrada, na parede oposta à janela de vidro.

— Venha — sua voz era calma, mas o desagrado nela era palpável.

Obedeci porque parecia plausível e também porque estava curiosa sobre o lugar em que estávamos.

Era um cômodo grande, como um loft. Teto alto e outra imensa parede de vidro — *o homem parecia gostar de janelas!*

Havia uma cama, uma mesa pequena com um notebook e alguns papéis. Frente à cama, um balcão com duas banquetas de couro separava a pequena cozinha, equipada com o essencial.

Confesso que deveria ter me sentido mais desconfortável do que, de fato, me senti. Afinal de contas, tudo já tinha, literalmente, azedado mesmo!

Ibrahim tirou o blazer e eu fiquei ali, parada como uma imbecil, esperando o próximo passo dele, embasbacada com sua beleza e desenvoltura.

Ele seguiu me ignorando, tirou as abotoaduras e abriu a camisa. Seus olhos impassíveis nos meus. A camisa caiu ao chão e ele a deixou lá.

Sua pele era de um tom bronzeado suave e absolutamente perfeito, em contraste com a

barba e o cabelo claro. Seu peito era forte e musculoso, suavemente marcado, como se tivesse sido esculpido pelas mãos de um artista.

Pude vislumbrar uma tatuagem em seu ombro esquerdo, algo como o bico de um pássaro ou coisa assim, que provavelmente descia pelas costas, já que as garras do animal se perdiam por dentro da calça dele, na lateral oposta ao bico.

Ibrahim levantou uma sobrancelha para mim, percebendo meu espanto, mas não disse nada. Sentou-se em uma poltrona, tirou os sapatos, as meias e, então, levantou-se, abrindo a calça. Desviei o olhar mais por instinto do que por vontade e, obviamente, ele percebeu.

Seus olhos estavam cravados nos meus, como se ele esperasse por minha reação, e tentei me manter firme o suficiente para não parecer abobada.

Seu corpo era absolutamente incrível. Cada pedaço de Ibrahim Kahn me fazia perceber que a perfeição era, sim, possível.

As pernas eram grossas e bem-desenhadas, como o peito. Não musculosas demais, mas fortes e masculinas. A cueca de seda branca não deixava margem alguma para dúvidas sobre quão masculino e viril o homem era.

Senti todo o meu rosto ruborizar, assim que ele começou a andar em minha direção.

Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus! — minha mente desesperada por entender o que ele pretendia.

Ele passou por mim e caminhou até a cozinha. Seus passos largos permitindo um vislumbre da tatuagem, até que pude vê-la em sua magnitude.

Era uma fênix. O pássaro de fogo. Suas cores vivas e intensas se mesclavam ao bronzeado dele, como se a figura estivesse ali desde sempre. As asas abertas e o corpo esguio ocupavam todo o espaço nas costas de Ibrahim, desde a base do pescoço, até que as garras se perdiam no elástico da cueca.

Era de longe a tatuagem mais bonita e bem-feita que eu tinha tido a oportunidade de ver.

Preparou uma xícara de café na cafeteira expressa. Deixou sobre o balcão.

— Beba enquanto tomo uma ducha. Vou providenciar algo para você vestir.

Estiquei a mão e segurei a xícara.

— Acho que deveríamos ir. Você me deixa em um hotel, para evitar constrangimentos em sua casa. Pela manhã posso chamar um táxi e voltar. Sei me cuidar sozinha Sr. Kahn. Faço isso já há algum tempo.

Eu não queria parecer grosseira, mas não estava à vontade naquele lugar, com um homem casado. Era estranho e nada correto.

— Beba seu café — repetiu —, conversamos sobre o que fazer depois que estiver recomposto.

Ibrahim se afastou, sumindo por uma porta e eu ouvi o som do chuveiro sendo ligado. Respirei fundo e pensei em como tinha sido uma péssima ideia sair com Salih.

Eu estava em um país diferente, com uma cultura machista de merda e ainda acompanhada de um homem praticamente desconhecido. Precisava botar a cabeça no lugar e começar a pensar como a mulher que eu era, e não como a adolescente que fui.

Para terminar de foder com a minha autoestima, ainda havia Amina! Como eu explicaria essa maldita noite sem parecer uma destrambelhada?

Cobri meu rosto com as mãos e bufei.

— Sei que está sentindo-se culpada — a voz de Ibrahim me fez levantar a cabeça. — E, acredite, não a eximirei da responsabilidade por sua péssima conduta, mas conheço muito bem Salih e sei o quanto ele pode ser persuasivo. Conheço também os efeitos que aquela maldita bebida que ele tanto gosta causa nos desavisados.

Caminhou até o frigobar e pegou uma garrafinha de água.

Parecia muito mais jovem do que antes. Os cabelos estavam molhados e penteados para trás. Calça de elástico e camiseta branca. A altivez ainda estava lá, apesar do pijama, mas havia certa leveza em seu rosto que não estava lá antes.

Respirei fundo antes de continuar.

— Ibrahim, peço desculpas...

Tentei soar o mais profissional e sincera possível. Eu realmente tinha agido de maneira errada e queria consertar as coisas.

— Não pretendia falhar com você, mas imaginei que, dado o horário, não trabalharíamos mais por hoje. Eu...

Ele me interrompeu, como se não se importasse com minhas explicações.

— Separei uma roupa para você. Não tenho nada feminino por aqui, espero que compreenda, mas pelo menos ficará limpa.

Encarei meu vestido por um segundo. Pequenos respingos da minha vergonha manchavam o tecido e o cheiro não era dos mais agradáveis.

— O banheiro fica ali. — Indicou o local por onde havia desaparecido. — Fique à vontade. Vou pegar um comprimido para a dor de cabeça que você provavelmente está sentindo.

Levantei com cuidado e caminhei até o banheiro.

Antes dele, havia um pequeno closet com roupas de Ibrahim. Camisas claras e ternos escuros. Um par de sapatos e uma mala de mão em couro.

Não havia porta, então tive que deixar qualquer vergonha de lado e aceitar o inevitável. Até porque, ele provavelmente não estava interessado em se aproveitar de uma pobre bêbada — ainda que ela quisesse isso muito! Muito mesmo!

Apoiei-me ao espelho de pés de madeira para tirar as sandálias e esse foi meu erro. Obviamente, o pobre objeto não foi capaz de me conter e eu desabei, com espelho e tudo, ajoelhada no chão — nada elegante, diga-se de passagem.

Poucos segundos depois, senti as mãos de Ibrahim me ajudando a levantar.

Eu estava bêbada, mas ainda estava lúcida e a sensação do corpo dele tão perto do meu me deixava ridiculamente arrepiada. Cada pelo do meu corpo, eriçado por conta de Ibrahim Kahn.

Seus dedos hábeis desceram o zíper em minhas costas e ele começou a baixar as alças. Afastei-me, afinal, ainda que tivesse a desculpa da bebida, não era correto deixá-lo me despir

— Não seja infantil, Gabriela — sua voz impassível —, pretendo somente ajudá-la a entrar debaixo do chuveiro com segurança — debochou. — Além disso, moça, acredite ou não... você não é a primeira mulher que vejo nua.

Engoli em seco e usei toda a capacidade física e mental que me restava para me levantar e me afastar de Ibrahim; precisava recobrar o controle dos meus atos.

— Não se preocupe. Eu posso muito bem tomar um banho sozinha e, caso não saiba, Sr. Kahn, esse não é nem de longe o primeiro porre que tomo na vida. Talvez não seja aceitável para o senhor, mas dentro da minha cultura — imitei-o por puro deboche — é bastante comum.

Ibrahim não respondeu coisa alguma. Ligou o chuveiro e esperou que eu, ainda usando minhas lingeries, entrasse debaixo do feixe de água.

Ajeitei os cabelos com as mãos, sentindo a água fria em minhas costas. Abri um pouco os olhos para encontrá-lo me observando. Braços cruzados sobre o peito, olhar difícil de decifrar.

— Tudo bem! Posso seguir sozinha daqui — reforcei.

— Vou garantir que não tenha mais do que sete anos de azar — zombou encarando o espelho quebrado no chão.

Depois de um tempo, desliguei a ducha e peguei uma toalha, enrolando-me nela.

— Eu estou bem! — insisti. — Tive uma vertigem apenas, mas não pretendo mais me estabacar no seu piso — devolvi o deboche. — Se puder me dar licença...

Ele saiu.

Tirei a lingerie molhada e terminei de me secar.

Ibrahim tinha separado uma cueca boxer e uma camiseta, ambas ainda com as etiquetas de novas. Serviram o suficiente para que eu não precisasse ficar nua nem vomitada, até nosso trajeto de volta para casa, e eu estava rezando para que não encontrássemos ninguém pelo caminho, porque seria bem difícil explicar a cena.

— Fiz um sanduíche — anunciou assim que me viu de volta no *loft.* — Coma algo antes de tomar o comprimido ou pode acabar vomitando novamente. Fique à vontade para usar a cama.

— Não podemos ficar aqui! — Um risinho nervoso e descontrolado tomando conta de mim. — Quer dizer, eu e você... Amina... Eu... Eu...

No fundo, minha preocupação era com o que aconteceria caso eu ficasse mais tempo perto de Ibrahim Kahn, e não podia dizer que não queria.

Ibrahim correu os olhos por mim. Aquela mesma expressão que beirava o descaso, embora algo por trás daquele olhar azul intenso me fizesse crer que ele era menos imune a mim do que pretendia — ou era o que eu desejava.

— Vejo que as roupas serviram — ignorou meu questionamento. — Agora, se me der licença, preciso trabalhar.

Ele seguiu caminhando, mas, quando passou por mim, segurei seu braço, fazendo-o parar.

Seus olhos voltaram-se para minhas mãos em sua pele no mesmo instante. Uma expressão de surpresa assumiu seu semblante. Sobrancelha levemente erguida, quando voltou os olhos para os meus.

— O que Amina vai pensar? Quer dizer, tudo bem que nossa relação é profissional, mas é uma situação bem complicada de explicar, não acha?

Sua atenção se fixou em meus dedos e mais uma vez voltou aos meus olhos, fazendo-me soltar seu braço no mesmo instante.

— Não se preocupe com Amina. Acredite, sei cuidar do meu casamento — provocou. — Amina sabe exatamente o tipo de homem que sou, e isso sempre nos bastou.

Poooof! Outro soco moral na cara de Gabriela Mollinos!

— Agora, se me der licença — repetiu —, tenho trabalho a fazer.

O maldito turco passou pela porta, deixando-me sozinha ali. Vergonha coçando em mim como picada de inseto.

Comi o sanduíche, realmente sentia que precisava de algo que me ajudasse a forrar o estômago, mas me recusei a deitar na cama, afinal eu tinha meu orgulho, ainda que ele estivesse ferido de morte.

Sentei na poltrona de couro e fechei os olhos —podia ser a louca da traição, mas em hipótese alguma acharia normal ou aceitável meu marido dormindo com outra mulher no escritório! Ainda mais se esse marido fosse Ibrahim Kahn!

Sério! Ou essa Amina era a pessoa mais segura do universo, ou tinha algo de podre no reino da Turquia!





"Quem cai no rio não teme a chuva."
(provérbio Omaniano)

Era absolutamente ridículo, mas eu precisava sair de perto de Gabriela o mais rápido

que pudesse.

Sempre fui péssimo em controlar minhas vontades, mas não era nenhum moleque e, obviamente, podia lidar com uma onda súbita de desejo. Aquela garota petulante não me tiraria do eixo! Ah, não!

Eu quase podia ouvir Amina me recriminando por ter sido indelicado com a pobre moça, mas conhecia bem meus limites e tinha decidido não brincar com eles há muito tempo.

Quem diria que, depois de tudo, aquela moça triste e cabisbaixa acabaria se tornando minha melhor amiga! Não fazia ideia de como viveria se algo acontecesse com ela. Os últimos exames estavam me preocupando e ao médico também. Nós já tínhamos perdido Samira e agora Amina piorava a olhos vistos.

Caminhei pelo escritório, até perto da janela, a grande catedral deixando clara minha insignificância.

"Você não é o dono do mundo Ibrahim! Precisa se lembrar disso de vez em quando!" — as palavras de uma Isabel risonha se materializaram em minha mente por alguns segundos.

Gabriela tinha o estranho dom de me colocar em meu devido lugar, mesmo que não fosse intencional.

"Por que diabos aquela maldita brasileira havia preferido sair com Salih do que ficar me esperando?"

Se era uma noite de esbornia o que ela queria, eu poderia lhe dar isso. E certamente eu era bem melhor em aproveitar os prazeres da vida que aquele moleque irresponsável.

Falando no Diabo... meu telefone celular vibrou no bolso da calça. Era o desgraçado fura-olho.

Encostei a porta do escritório para poder atender melhor à ligação. Mantive nossa conversa em turco, apenas para garantir.

— Espero que não esteja com raiva de mim — começou ele. Eu o conhecia bem demais para perceber uma ponta de ressalva por trás do deboche.

— E por que eu deveria ter raiva de você? — devolvi a provocação.

— Por nada, é claro! — brincou, na verdade também me conhecia melhor do que eu gostaria. — Isabel tentou falar com você. Ela disse que você não atendeu às ligações dela. Não queria incomodá-lo...

— Ela não queria me incomodar, então pediu que você me incomodasse —interrompi, e Salih riu.

— Não fiz nada de mais com a moça, Ibrahim. Juro que nem a toquei. Não faria isso,

você sabe.

Eu sabia. Sempre confiei em Salih, seu bom caráter era inegável. Apesar da vida fácil, que em parte era minha culpa, ele era um bom homem. Justo e honesto, como deveria ser.

— Vou entrar em contato com ela, não se preocupe — limitei-me a dizer. Não queria falar de Gabriela com ele nem com ninguém mais.

Desliguei o telefone e conferi as ligações. Realmente, Isabel tinha tentado falar comigo várias vezes. Estava tão distraído com Gabriela que não fui capaz sequer de verificar o telefone.

— Sou eu, Isabel, pode falar — eu disse assim que ela atendeu.

— Nada sério demais... — começou ela —, mas prefiro que você venha até Viena. Aquele velho babão do Conselho estará aqui amanhã e você sabe o quanto ele odeia ser recepcionado por mim. Machista idiota! — esbravejou.

Eu o conhecia.

Era de fato um homem intragável. Eu não gostava de tê-lo por perto, mas ele era bastante influente na Áustria e poderia acabar complicando meus negócios.

— Não se preocupe, minha querida, estarei em Viena ao amanhecer. Assim teremos tempo suficiente para resolver tudo que for necessário antes do evento e... Isabel... Providencie roupas e tudo mais que Gabriela possa precisar em nossa estadia. Vou levá-la comigo.

— Tudo mesmo? Pacote completo? — perguntou e eu a imaginei ocultando um riso.

Eu podia perceber o divertimento contido em sua voz.

— Tudo que ela possa precisar para me acompanhar onde eu precise estar.

— Sim senhor, chefe! — troçou. — Não se preocupe com nada.

Agradeci e desliguei o telefone. Eu sabia que poderia contar com ela. Eu sempre podia. Isabel era como uma parte de mim. O último elo que me mantinha ligado ao passado. Ela não era nem de longe tão boa conselheira quanto Amina; infelizmente, a vida dura que levamos acabou por endurecê-la muito mais do que deveria, mas, ainda assim, era a única pessoa viva que sabia tudo de mim. Sem artifícios ou rodeios.

— Boa noite. Eu gostaria de uma aeronave — informei à secretária da empresa de táxi aéreo que eu costumava utilizar. — O destino é Viena. Estarei pronto em uma hora.

Caminhei de volta ao *loft* e me vesti.

Terno azul-marinho, camisa branca e sapatos pretos. Ajeitei o lenço listrado em azul-claro em meu bolso e penteei os cabelos.

Azul era uma cor importante para mim. Fazia-me lembrar da mulher mais especial com

quem já estive. Minha mãe. Meus olhos azuis, que tantos comentários causam, herdei dela. Minha mãe não era turca.

Quando terminei de me vestir, parei em frente à poltrona de couro em que Gabriela dormia. Servi uma dose de uísque em um copo e me encostei ao aparador, observando-a.

Por que essa garota mexe tanto comigo?

Sempre estive cercado pelas mais belas mulheres que o dinheiro poderia comprar. Sempre tive sexo fácil. Todos os meus desejos satisfeitos, sempre. Nenhum arrependimento na vida de Ibrahim Kahn. Era o que eu havia decidido quando me tornei esse novo homem; naquela noite, depois de enterrar Alexia e o passado todo com ela.

Gabriela era uma mulher bonita. Era bonita de um jeito genuíno e diferente. Não era perfeita e era justamente isso que a fazia tão especial. Eu não gostava da perfeição, ela sempre ressaltou meus defeitos. Aquela mulher fazia o contrário. Ela me aproximava dos meus erros e defeitos. Era visceral e sincera. Não era uma boneca de plástico moldada para o meu prazer, mas uma mulher real, como nunca tive.

Encarei-a por mais alguns minutos.

Não havia nada de elegante na maneira como dormia, mas ainda assim ela me instigava como nunca alguém havia feito. Eu queria tocar aquela pele macia. Queria sentir o calor de sua língua na minha. Queria apertar seu quadril arredondado contra o meu, enquanto me afundava nela. Eu queria foder com Gabriela como um imbecil apaixonado.

Envolvido?

Não. Excitado, talvez. Um pouco mais desejoso do que gostaria, mas não envolvido. Ibrahim Kahn não tinha envolvimentos amorosos em sua vida, e Gabriela não ficaria nela tempo suficiente para modificar as coisas.

Corri os dedos por uma mecha longa e ondulada de cabelo castanho-avermelhado, sentindo a textura em minha pele. Esperei que acordasse com o toque sutil, mas provavelmente a bebida e o analgésico combinados acabaram por deixar seu sono mais pesado que o normal.

— Gabriela? — chamei sem sucesso. — Gabriela? — aumentei o tom de voz, ainda sem sucesso. Aproximei a boca do rosto dela para chamar um pouco mais alto e então a garota despertou, batendo a testa na minha e forçando o corpo para trás em tamanho susto que, por pouco, não caiu de costas, com poltrona e tudo.

Eu queria rir. Depois de muito tempo, eu queria mesmo rir. Alto e forte, mas me contive.

— Pelo amor de Deus, Ibrahim! Quer me matar do coração, homem? — perguntou com

a mão sobre o peito.

Limpei a garganta para afastar o fantasma do riso.

— Acredite, tentei acordá-la de uma maneira mais sutil.

— E como não conseguiu, decidiu que um ataque cardíaco daria conta do recado! — reclamou.

— Levante-se e vista um dos meus casacos. Precisamos partir. Imagino que seus documentos estejam em sua bolsa de mão. Percebi que não se separa deles — completei. — Está com medo de mim, Gabriela? — provoquei.

— Não exatamente, mas seguro morreu de velho! — disse ajeitando os cabelos com os dedos. — Além do mais, pensei que iríamos passar a noite por aqui. Desistiu?

— Tenho um assunto importante para tratar em Viena e, a menos que tenha outro compromisso, espero que me acompanhe.

Eu a estava provocando. Tinha o péssimo habito de ser rude com quem mais importava comigo. Era minha maldita dificuldade de confiar falando mais alto novamente.

— E espera que eu vá para outro país usando cuecas samba-canção e um casaco... — debochou.

— De maneira alguma. Pedi a Isabel que preparasse o necessário para que você esteja confortável no que quer que seja.

— E é claro que ela sabe meus números de roupa, de sapato, além do grau das minhas lentes de contato e o tipo de absorvente que eu prefiro!

Os olhos dela estavam estreitos sobre mim, um tom escuro de verde que quase poderia passar por castanho. Quase, não fosse eu um observador de pessoas nato.

Eu gostava de como ela rebatia minhas provocações. Divertia-me a maneira como ficava mais arredia e sarcástica, conforme eu a apertava. Isso certamente funcionava como preliminares sexuais para mim.

Caminhei até o closet e peguei um dos casacos longos que eu costumava usar por cima dos ternos. Imaginei que ficaria com o comprimento adequado para que ninguém visse que ela estava sem roupas decentes por baixo.

Eu não me preocupava com o que as pessoas diriam ao ver Ibrahim Kahn com uma mulher despida, mas, por alguma razão que ainda não compreendia bem, eu me importava que pensassem mal dela.

— Não se preocupe, Isabel tem bastante experiência em providências desse tipo e, mesmo que não consiga atender às suas expectativas, Viena é uma cidade grande. Sei que eles

provavelmente possuem um shopping center e uma farmácia — respondi, entregando a peça de roupa a ela.

Gabriela bufou como um cavalo xucro e eu quase ri novamente, mas me contive, virando de costas e seguindo para o escritório.

— Quando estiver pronta, Srta. Mollinos, temos um avião a nossa espera no aeroporto.



“Faça o que seu vizinho faz ou feche a porta”
(provérbio tunisiano)

Eu estava cansada, mas não consegui relaxar durante o voo.

Não sabia exatamente o que esperar dessa viagem repentina e o fato de saber que encontraria novamente a tal amiga de Ibrahim me deixava ainda mais tensa. Eu não queria dar pinta de que estava envolvida por ele. Ainda mais depois dos últimos acontecimentos.

Chegamos ao solo austríaco pouco depois do amanhecer.

Eu nunca tinha estado na Europa, tudo que conhecia do velho mundo eram as pesquisas que fazia e os bons e velhos livros de banca sobre condes e lordes que eu lia, mas nem em meus mais loucos sonhos poderia imaginar um cenário tão mágico.

Enquanto o carro seguia pelas ruas arborizadas e bem-sinalizadas de Viena, meus olhos

se perdiam nos castelos e jardins ao longo do caminho. Eu podia jurar que, a qualquer momento, um cavaleiro de armadura brilhante iria aparecer montado em um cavalo branco, bem ao lado do nosso sedan de luxo!

Ibrahim estava ao meu lado, mantendo a distância costumeira entre nós. Sua atenção estava no telefone, esbravejava em alguma língua que lembrava o alemão.

Fiquei pensando como alguém conseguia ficar alheio à beleza bucólica daquela cidade. Como podia não ficar de queixo caído com a magia daquele cenário?

Talvez eu não tivesse mesmo nascido para ser uma pessoa rica; se ser rico significava perder o dom de apreciar as belezas da vida, eu preferia mesmo morrer pobre!

Pouco tempo depois, chegamos a um hotel de luxo. Ibrahim pediu que um dos funcionários me acompanhasse até o quarto, enquanto ele fazia o *check-in.* A recepcionista atendeu prontamente, já que não era nada elegante ter uma mulher em trajes tão peculiares na recepção do hotel.

— Este é o seu quarto, senhorita. Espero que aproveite a estada em nosso hotel. Caso deseje ajuda para desfazer as malas, basta chamar pela recepção, que enviaremos um mordomo.

Encarei algumas sacolas de compras sobre a cama e imaginei que eram as coisas que Isabel tinha se disposto a comprar.

O rapaz continuou explicando como funcionavam alguns aparelhos do quarto e depois me deixou.

Caminhei para dentro do quarto. Tirei o casaco, as sandálias e senti a maciez do carpete felpudo. O quarto todo era claro e elegante, em tons de bege e dourado. Era *clean*, apesar de suntuoso, deixando a beleza real para o cenário lá fora. Minha janela dava para uma bela praça.

Antes que pudesse continuar minha pesquisa de campo no quarto, a campainha soou. Abri a porta para encontrar Ibrahim do outro lado.

— Preciso sair para resolver alguns entraves do trabalho —começou. —Vou deixá-la aqui para que possa descansar. Caso tenha alguma emergência, basta me ligar no número que vou passar. —Anotou o telefone no bloco de notas da penteadeira. — Eu volto mais tarde, para que possamos jantar.

Concordei com a cabeça e ele foi saindo do quarto, mas parou na porta novamente.

—Isabel vai passar por aqui daqui a pouco. Qualquer coisa que precise, pode pedir a ela... —Fez uma pausa, encarando-me com aquelas duas safiras. — Confio integralmente em Isabel, Gabriela. Espero que tenham um bom relacionamento porque não tenho tempo e muito

menos paciência para rixas femininas.

Não respondi, mas tenho certeza de que minha cara me denunciou.

A porta se fechou e fiquei sozinha novamente. Sentei na cama e joguei o corpo para trás —*quem diria que um dia eu estaria em uma suíte de luxo bem no centro de Viena!*

Comecei a rir, pensando na cara de Leonel se soubesse onde eu estava, e com quem!

O serviço de quarto me trouxe café completo. Com direito àquela tampa de prata chique que a gente vê nos filmes de Hollywood.

Comi pãezinhos com *cream cheese* e geleia; bebi uma bela xícara de café com creme. Os biscoitos amanteigados eram como pequenas mordidas de felicidade, derretendo em minha língua e me deixando zonza de satisfação.

Estava terminando meu suco de laranja, quando a campainha tocou novamente.

Levantei e abri a porta para encontrar Isabel do outro lado.

Ela usava um jeans claro e moderno e uma blusa de renda com transparência nos lugares certos. Sandálias de saltos altos e os cabelos presos em um coque elegante.

—Olá, Gabriela! — cumprimentou-me com um sorriso cortês. — Espero que tenha feito uma boa viagem. Ibrahim nem sempre compreende todas as necessidades femininas, mas, acredite, não é por maldade! Penso que tenha sido porque a vida não foi tão generosa com ele — brincou. —Posso entrar?

Concordei com a cabeça, meio sem vontade de responder, mas também não tinha por que ser deselegante com a mulher apenas porque sentia ciúmes — e inveja — dela.

A morena se sentou no banco da penteadeira.

— Sei que começamos do jeito errado — continuou —, mas saiba que quero muito reverter isso. Ibrahim e eu somos amigos de longa data. Não existe nada além de amizade entre nós, embora tenhamos uma história bem intensa. — Sorriu meio sem jeito. — Não tenho ninguém por mim, Gabriela, só Ibrahim. Ele é a única pessoa que vê além dessa casca.

Baixou os olhos para o carpete, fugindo do meu olhar.

Nunca pensei em Isabel como uma mulher vulnerável. A última vez que nos vimos, ela parecia bem segura e cheia de si, mas talvez eu estivesse sendo mesmo preconceituosa.

— Ibrahim é um homem casado, Isabel — recordei tentando soar amistosa, embora o assunto não fosse dos melhores. Queria deixar claro a ela que não pretendia ser amante de ninguém; que não era isso o que esperava para minha vida, nem mesmo em se tratando de Ibrahim Kahn. — Você não precisa explicar nada a mim — continuei. — Se a esposa dele não se queixa do relacionamento que existe entre vocês dois, não cabe a mim dizer nada sobre isso.

Desculpe se passei a impressão errada.

Isabel levantou os olhos até os meus e sorriu.

— Sei que não preciso, mas realmente não quero que você tenha uma impressão errada a meu respeito. Já há gente demais no mundo com essa impressão de mim! — Riu sem humor.

Sorri de volta. Era uma maneira inteligente de resolver uma questão desconfortável para nós duas. Soava como *"Beleza! Eu finjo que não estou vendo nada e você faz o mesmo, pelo bem da nossa convivência!"*.

— Acho ótimo. Sou Gabriela Mollinos. — Estendi a mão como se nunca nos tivéssemos visto.

Talvez fosse mesmo uma coisa boa ter Isabel por perto. Amina era uma pessoa ótima, mas sua vida era extremamente diferente da minha. Isabel, por mais que me custasse admitir, tinha mais a ver comigo do que qualquer um com quem eu havia encontrado desde que tinha pisado na Turquia.

— Isabel Chevalier — cumprimentou-me —, é um prazer finalmente conhecê-la. — Um entendimento sensível brilhava em seus olhos verdes. Talvez ela também estivesse precisando de alguém como eu.

— Agora, se não se importa, sou louca por esses pãezinhos de creme! — Pegou um dos pães e levou à boca. — Oh, meu Deus! Estão ficando cada dia melhores! Juro! Por um desses aqui, eu abriria mão de metade das minhas convicções!

Acabei rindo.

— São realmente deliciosos!

— Deliciosos? Está de brincadeira, não está? Mulher, eu não como um pão de verdade há mais de seis meses! Essa dieta filha da puta pode até dar resultado, mas me mantém em um tipo de limbo alimentício!

Quem diria! Então a estonteante Isabel vive de dieta!

— Queria ter essa força de vontade! — confessei.

— Você é linda, Gabriela! E sua força de vontade é voltada para o que realmente importa para você. Afinal, está aqui, aturando o Sr. Kahn, não está? — Riu e eu acabei acompanhando-a. — Agora deixe-me mostrar o que comprei. Vi que você ainda não abriu os pacotes.

Isabel começou a abrir, uma a uma, as sacolas sobre a cama. Eram mais peças de roupas e sapatos do que eu tinha colocado na mala para Istambul e em uma coisa Ibrahim tinha razão; a mulher era boa em fazer compras!

Eram calças, e saias, e vestidos, e lingerie. Aparentemente, tudo me servia, o que significava que ela também tinha prestado bastante atenção em mim, em nosso último encontro.

— Espero que sirvam — interrompeu-me. — Ibrahim me passou suas medidas. Ele é um excelente observador.

Tentei disfarçar minha cara de espanto, mas provavelmente não consegui, já que Isabel riu alto.

— Não fique encabulada! Ele é realmente bom em observar pessoas. Lê até o que tentamos esconder. Esse é o bônus dele. Por isso é tão bom no que faz.

Eu ainda não sabia exatamente o que o turco fazia, mas estava ficando cada dia mais curiosa.

— Guardei o melhor para o final — continuou ela, pegando uma caixa bonita de dentro de uma sacola chique.

Abriu o pacote e tirou de dentro dele um vestido na altura do joelho. O tecido tinha um leve brilho, como tafetá. Desprovido de mangas e decotado nas costas até o final da coluna, tinha um lindo tom de verde-escuro.

— Nossa! Exclamei.

— Gosta? — Isabel perguntou, ansiosa pela resposta. — Imaginei que ficaria lindo em você! Sempre gostei de verde para ruivas!

— É lindo! Só não sei onde vou usar um vestido tão elegante!

— Vai usar hoje, mais tarde, quando sair com Ibrahim para jantar.

— E preciso de tudo isso para um jantar?

— Não é um simples jantar. É um leilão de joias. Ibrahim precisa participar de alguns eventos de vez em quando e tenho certeza de que pretende levá-la com ele! Ele odeia ir sozinho a esses eventos!

— E quanto à Amina? Ela não o acompanha?

— Gabriela, se quer um conselho... não faça julgamentos acerca de Ibrahim e Amina. Acredite, é bem diferente do que possa estar passando pela sua cabecinha.

— Não entendo...

Tentei desesperadamente arrancar mais alguma informação dela, mas Isabel era inteligente demais.

— Eu gostaria de explicar a você, mas Ibrahim arrancaria minhas orelhas se eu fizesse isso! — Riu e desconversou, pegando um par de sandálias que combinavam com o vestido nas

mãos.

— O que acha de sairmos para dar um passeio? Depois podemos almoçar e fazer as unhas, o cabelo. Conheço um lugar ótimo aqui em Viena!

Desisti de tentar obter informações com minha mais nova guia turística. Ela era mais fiel que um cão de guarda treinado e eu não era tão ardilosa assim.

Dei uma conferida nas unhas e constatei que Isabel estava coberta de razão. Tudo o que eu precisava era de uma boa manicure e talvez uma hidratação capilar decente. Pequenas coisas que vamos postergando e que, quando nos damos conta, ficaram esquecidas.

— Acho ótimo! Faz tempo que não tenho um dia de garota! — brinquei.

Tomei uma ducha, vesti um jeans e uma blusa de alcinhas finas que Isabel tinha escolhido. Serviram, de fato, como uma luva em mim.

Calcei sandálias de salto plataforma, prendi os cabelos em um rabo de cavalo e peguei minha bolsa.

Eu tinha que esperar por Ibrahim até o final da tarde, então podia aproveitar um pouco do passeio.





“*Coma o que você gosta, mas se vista como todo mundo”*

(provérbio Libanês)

Eu sabia que Isabel cuidaria de tudo.

Ela sempre foi boa em resolver problemas e em contornar situações; só não era boa em fazer isso quando se tratava dela mesma. Apesar de fugir do passado, como eu mesmo fazia, minha amiga ainda não o tinha deixado para trás. Ainda se sentia a mesma garota assustada que pediu abrigo na casa de Alexia, despenteada e malvestida, depois de fugir por vários dias do fatídico destino que o pai lhe tinha reservado.

Na primeira vez que a vi, Isabel me fez lembrar um gato acuado. Linda e perigosa, sem se dar conta do estrago que poderia fazer. Para sorte dela, Alexia era muito boa em transformar pessoas no pior que elas poderiam ser.

Isabel tinha um passado pior que o meu. Tinha feridas mais profundas que as minhas e talvez algumas delas nunca se curem, mas hoje sei que aprendeu a encontrar felicidade no que a vida ainda pode lhe dar. Tenho muito orgulho da mulher que ela se tornou, embora algumas pessoas a julguem apenas por uma faceta dela.

Aquele maldito Adolf Berguer era uma das pessoas que via em Isabel apenas um belo par de coxas que deveriam se abrir para o maldito pau nazista dele. Eu odiava aquele vermezinho tanto quanto ele me odiava, mas estávamos fadados a conviver um com o outro. Eu porque precisava das vistas grossas dele; ele porque precisava do meu estabelecimento para deixar o porco chauvinista que morava dentro dele sair.

Depois de tomar todas as providências para que a noite fosse perfeita na Infinitum, voltei para o hotel. Gabriela ainda estava fora, soube pela recepcionista.

Tirei as abotoaduras e afrouxei a gravata. Deitei na cama e fechei os olhos. Tentei dormir um pouco, mas não consegui. Precisava urgente demais de umas receitas para meus comprimidos; estava começando a ficar maluco com aquela maldita insônia.

Será que algum dia você vai conseguir se deitar e ter uma bela noite de sono como as pessoas normais, Ibrahim? — pensei.

Provavelmente não. As pessoas normais não tinham em sua bagagem as coisas que eu tinha. Quando fechava os olhos, os fantasmas se aproximavam mais de mim do que eu desejava. Preferia, então, mantê-los bem abertos.

Depois de relaxar por um tempo, levantei e tomei uma ducha. Aparei a barba e penteei os cabelos como gostava que ficassem. Vesti um terno cinza e uma camisa preta. Escolhi uma gravata e terminei de me vestir. Borrifei um pouco de perfume e peguei o elevador até o andar em que Gabriela estava hospedada.

Toquei a campainha e esperei. Alguns segundos depois, a porta se abriu.

Tentei parecer o mais indiferente possível, mas realmente não estava preparado para vê-

la tão bonita e atraente.

Maldita Isabel que sabe exatamente como me instigar!

O vestido verde realçava a pele clara e o tom dos cabelos, deixando-a ainda mais bonita do que ela era naturalmente.

Suas curvas estavam destacadas pelo corte perfeito do vestido e os olhos pareciam ainda mais esverdeados com a maquiagem. O batom cor de vinho me atraía; eu queria, desesperadamente, a boca dela em meu corpo — em algumas partes, mais precisamente.

Tentei não sorrir, mas, quando ela o fez, acabei cedendo.

— Você está muito bonita, Gabriela.

Seu sorriso se alargou, formando duas covinhas na bochecha.

— Obrigada, Ibrahim. Você também está elegante como sempre.

Era um elogio polido, tanto quanto ela achava que poderia fazer a um homem casado. Eu poderia ter explicado uma e outra coisinha a ela sobre a realidade da minha vida, mas não sabia se Gabriela ficaria nela por tempo suficiente para que fizesse diferença.

Os barcos em meu porto sempre foram transitórios. Nenhum ancorou por tempo suficiente.

Gabriela pegou o casaco que eu tinha lhe emprestado e entregou-me.

— Vamos levá-lo. A noite pode ser bastante fria em Viena.

Contive o impulso de dar-lhe o braço, tinha medo de que ela o recusasse. Eu era péssimo em ser rechaçado, ainda mais por alguém que eu realmente esperava conquistar.

Decidi que o jogo de provocá-la a distância era mais interessante. Talvez ela acabasse sucumbindo, por vontade própria, a mim. Gabriela não era imune a mim, como eu não era a ela. Isso já tinha ficado claro entre nós. Eu tinha percebido a maneira como olhara minha tatuagem e meu corpo. Podia sentir seu olhar queimando em minha pele.

Para minha sorte, ela era pior em esconder o que sentia do que eu.

— É uma bela cidade, não acha? — Puxei conversa, pois ela continuava encarando a cidade lá fora, pelo vidro escuro da janela.

— Linda!

— Gosto do velho continente — confessei. — Penso que sou um velho aristocrata preso neste corpo — brinquei e ela sorriu um pouco, balançando a cabeça.

— Você tem um jeito engraçado de fazer piada!

Eu gostava quando a fazia sorrir. Gostava de saber que era capaz de tal feito, já que Gabriela não fazia o tipo que saía rindo à toa para qualquer idiota; exceto por Salih, mas aquele

maldito *bon vivant* tinha o dom de fazer as mulheres rirem, então não servia de parâmetro.

Chegamos ao prédio da fundação pouco antes das oito da noite. O evento ainda não tinha começado, mas os carros de luxo, sendo estacionados por manobristas ao lado do jardim, deixavam claro que as pessoas já estavam lá.

— Imagino que Isabel tenha dito a você que vamos participar de um leilão beneficente — concluí.

— Para ser sincera, Isabel me falou bem pouco sobre qualquer coisa relacionada a você. É uma fiel escudeira, sem sombra de dúvidas! — brincou e eu acabei esboçando um sorriso.

— Ela me conhece o suficiente para saber que prefiro falar eu mesmo sobre minha vida, mas, para que você não seja pega de surpresa, o leilão que vamos hoje é beneficente, ou pelo menos é o que se espera dele. É importante para os meus negócios que minha imagem esteja vinculada à caridade, Gabriela. Eu não posso ser *"persona non grata"* se é que você me entende.

— Para ser sincera, Sr. Kahn... eu não entendo! Na verdade, não faço ideia de que negócios são os seus e não sei como poderei fazer um bom trabalho se tudo que tenho do senhor são pequenos fragmentos desconexos.

Essa era a Gabriela provocativa de sempre! Eu já estava sentindo falta dela!

— Não se preocupe, Srta. Mollinos... Hoje mesmo vou levá-la a um dos meus negócios. Espero que esteja preparada para o que vai encontrar, porque, como já sabe, não tenho muita paciência para falsos moralismos.

Gabriela calou-se no mesmo instante.

O manobrista abriu a porta e eu desci, estendendo-lhe a mão. Segurei a dela e a coloquei sobre meu antebraço, enquanto caminhávamos para dentro.

— Sinceramente, Sr. Kahn, não fico confortável em acompanhá-lo sem sua esposa ao lado. Não acho correto andar de braços dados com um homem que não é meu.

Eu quase sorri, era realmente engraçado, mas me mantive sério.

— Como já disse a você, Amina sabe exatamente o tipo de homem que sou e usar uma aliança dourada na mão esquerda não me torna deselegante e muito menos insensível ante as outras mulheres do mundo. Caso não saiba, Srta. Mollinos, não é de bom tom uma mulher entrar em um ambiente formal ao lado de um homem, sem ser conduzida por ele. Isso demonstraria que não me importo com a senhorita, o que nem de longe é verdade.

Calei-a mais uma vez.



“Ele queimaria uma cidade para acender seu cigarro”

(provérbio libanês)

Maldito turco dos infernos!

O filho de uma puta tinha resposta para tudo!

Apertei os olhos em um sorriso falso, mas me mantive em silêncio, a mão apoiada no braço dele, afastando meu corpo o suficiente para que ficasse bem claro que ele não podia me dominar.

Mesmo que meu coração estivesse saltando pela boca como o de uma colegial imbecil, eu não daria a ele a impressão de que me dobraria fácil.

Seguimos para dentro do salão. O local estava todo iluminado por imensos candelabros

de cristal. A beleza do lugar era ressaltada pela luz amarelada e brilhante. Desenhos florais e dourados enfeitavam os detalhes das paredes. Eu quase queria chorar.

— Ibrahim! — um homem branquelo e gorducho, com cara de poucos amigos, cumprimentou-o. — Está bem acompanhado, como de costume.

— Tento me cercar das coisas belas da vida, Berguer. Somos como espelho, sempre refletimos aquilo que vemos. Por isso cuido para estar sempre nos lugares certos.

Meu acompanhante manteve o tom cortês, mas algo na rigidez de seu braço me fazia crer que era uma bela fachada. Ibrahim era bom nisso. Bom em representar, com seu ar de desdém, aquilo que lhe desagradava.

Continuei em silêncio, pois era a coisa mais inteligente que eu poderia fazer.

— E quem é esta bela jovem? — o austríaco desconversou. — Eu a verei mais tarde? — perguntou, seu olhar cravado em mim de um jeito desconfortável. De repente, agradeci o fato de estar de braço dado com Ibrahim.

— Esta é Gabriela Mollinos. Ela é jornalista e está realizando um trabalho para mim. É provável que a veja uma ou duas vezes, mas acredite, não do jeito que gostaria.

Senti o sangue gelar quando o homem segurou minha mão e a levou à boca, mas mantive a mesma postura, imitando a polidez de Ibrahim, embora quisesse mandar o desgraçado à merda.

— Se não se importa, vamos ocupar os nossos lugares, Berguer. Imagino que tenha mais cumprimentos a fazer, e não queremos atrapalhar sua noite.

Assim que o tal Berguer ficou para trás, soltei o ar que nem percebi que estava prendendo. Ibrahim percebeu.

— Desculpe-me pelo desprazer de conhecer esse porco. Acredite, eu gostaria de poder dizer exatamente o que penso a respeito dele, mas minha diplomacia não me permite.

Sorri em concordância.

— Não se preocupe, eu nem vou me lembrar desse desprazer amanhã! — brinquei.

— Espero sinceramente que não. — Ibrahim sorriu de volta, um riso discreto e cheio de classe, que fez meu coração dar um salto.

Ele puxou a cadeira para mim e nos sentamos.

Eu tinha conhecido alguns homens que julgara serem cavalheiros em minha vida, mas nenhum deles tinha a desenvoltura e a delicadeza de Ibrahim Kahn. Ele parecia um desses lordes dos livros que eu lia. Seu cavalheirismo era nato. Não parecia aprendido ou forçado. Era como se ele tivesse nascido na realeza, embora eu soubesse que não.

Nossa mesa ficava bem de frente para o palco, onde provavelmente aconteceria o tal leilão. Na parede de trás, uma imagem da guerra da Síria. Eu sabia, por experiência, o quanto uma imagem chocante é capaz de angariar fundos. Fazíamos isso no jornal o tempo todo. Não era algo que eu gostava, mas, feliz ou infelizmente, funcionava.

— Espero que aprecie o jantar, Gabriela — Ibrahim disse assim que o garçom serviu o vinho em nossas taças. — E, como hoje você não está trabalhando, espero também que possa dividir uma taça de vinho comigo.

Aquela sombra de sorriso brilhava mais em seus olhos azuis do que nos lábios bonitos. Era impossível não me deixar levar, ao menos um pouco, por Ibrahim Kahn.

— Será um prazer! — Ergui a taça em um brinde, que ele aceitou. Um pequeno alfinete de culpa e tristeza enfiado em meu coração.

O jantar começou a ser servido, enquanto as peças eram apresentadas no leilão. Joias lindíssimas por pequenas fortunas. Suntuosas e chamativas demais para mim, até que um anel delicado, com um diamante rosado no centro dele, apareceu. A pedra era circulada por pequenas rosas em ouro branco. Se um dia pensasse em um anel de noivado perfeito, certamente seria como aquela peça.

— Gosta do anel? — perguntou ele. Só então eu percebi que estava com o garfo parado a meio caminho entre o prato e minha boca.

— É lindo — confessei sem jeito.

— Vamos dar um lance nele.

Ibrahim pegou a placa e a levantou rápido demais. Não tive tempo de dizer coisa alguma.

— Como assim, vamos dar um lance nele? — brinquei. — Ainda preciso comer e pagar minhas contas, Sr. Kahn.

Ele seguiu aumentando os lances, à medida que o leilão seguia, até que finalmente o comprou; por uma pequena fortuna, diga-se de passagem.

Ibrahim sacou um talão de cheques de dentro do bolso e o preencheu com a quantia. Pouco tempo depois, a modelo que segurava a joia aproximou-se, trazendo-a até nossa mesa, em uma caixinha de veludo claro. Entregou-a e pegou o cheque.

— É apenas um presente, Gabriela — disse enquanto abria a caixa. — Não me venha com contestações! —Sorriu um pouco. —Caso não sirva, podemos providenciar o ajuste.

—É uma bela peça, Sr. Kahn, mas realmente não posso aceitar.

Eu não era nenhuma garotinha inexperiente. Não podia simplesmente aceitar uma joia

como aquela ignorando que era, no mínimo, difícil de explicar.

—Fique com o anel até o fim da noite, então — propôs, segurando minha mão e escorregando a peça por meu dedo anelar. — Ele realça sua beleza.

Encarei a joia em meu dedo, incapaz de discordar do quanto ficava bonita em minha mão. Decidi que não valia a pena comprar uma briga com ele por conta de uma gentileza. Quando chegássemos ao hotel, eu devolveria o anel, e problema resolvido.

—Imagino que não tenha compreendido muito do que foi dito sobre essa peça, uma vez que o leiloeiro disse tudo em alemão, então vou lhe explicar... Essa joia pertenceu a uma duquesa chamada Sophie. Foi-lhe dada pelo pai, quando ela completou 15 anos, idade em que foi dada em casamento ao Duque de Habsburgo. A pedra cor-de-rosa simboliza o amor que o pai esperava que ela encontrasse na vida de casada.

Estiquei a mão e encarei a peça delicada ali. Era tão bonita e especial. Não se parecia com algo que se dá para impressionar, e sim por amor. Era uma bela peça, com uma história ainda mais bela.

— E ela encontrou? — perguntei curiosa.

— Bem, isso é algo que não posso afirmar, Gabriela — Ibrahim divertiu-se —, mas se serve de parâmetro viveram casados até o fim da vida.

Respirei fundo, pensando em como deveria ter sido a vida da dona do anel... Em tudo que poderia ter sido a minha vida se eu ao menos tivesse sido capaz de segurar um marido.

— A eternidade não garante felicidade, Gabriela... — Ibrahim interrompeu meus pensamentos, como se pudesse lê-los. — Existem amores para serem vividos de perto, outros para serem vividos de longe. A inteligência está em saber diferenciá-los — completou.

Perdi-me no olhar de Ibrahim por alguns segundos, esquecendo qualquer coisa que me fizesse sentir culpada. Entreguei meu olhar ao dele, e ele fez o mesmo. Conectados, em silêncio, tentando entender a alma um do outro.

Nunca fiz o tipo romântica incorrigível, sempre fui mais prática do que sonhadora, mas aquele homem, vindo do outro lado do mundo, tinha um poder estranho sobre mim. Era tão visceral e concreto que eu só podia lamentar o fato de tê-lo encontrado no momento errado.

Sim, ele era um homem sedutor e muito bonito, além de rico e cheio de mistério, mas não era isso o que me fazia querer Ibrahim Kahn como nunca tinha desejado alguém. Era ele. Algo em seu olhar e na maneira como encarava a vida. Algo sobre como ele nunca se lamentava e sempre tentava tirar uma lição de tudo. Eram traços de um homem que precisara renascer. Reinventar-se, como a fênix que ele tinha tatuado no corpo.

— Aceita mais vinho, senhor? — perguntou o garçom, levando-nos de volta à realidade.

— Agradeço, mas já estamos de saída. Obrigado.

Ele se levantou e eu fiz o mesmo em seguida. Entramos no sedan e seguimos pelas ruas de Viena mais uma vez, até que o carro estacionou em frente a um prédio parecido com o que tínhamos ido na noite anterior.

A fachada tinha um belo detalhe, que me fazia lembrar os *muxarabis* árabes e, no topo da parede, o mesmo símbolo do infinito.

Um rapaz de smoking e luvas brancas estendeu a mão para mim, ajudando-me a descer do carro.

Disse algo em alemão, que soou como um cumprimento, e Ibrahim respondeu da mesma maneira.

Lá dentro, ao contrário da noite anterior, o lugar estava cheio. Não lotado como uma boate, mas ocupado por pessoas elegantes e bem-vestidas, bebendo e conversando intimamente. A música era suave e sensual; as conversas, baixas o suficiente para serem abafadas por ela.

Os homens vestiam-se de terno e as mulheres, de vestidos bem-cortados e finos. Algumas vestiam-se de preto e usavam um tipo específico de máscara sobre o rosto. Eram brilhantes e se pareciam com aquelas máscaras antigas do carnaval de Veneza.

Eu estava curiosa e um pouco ansiosa. Não queria, de fato, crer no que minha mente pensava.

Isabel apareceu tão logo passamos pelo grande salão. O vestido vermelho a tornava ainda mais radiante do que na primeira vez que a vi. Os cabelos penteados para trás deixavam visível uma bela joia dourada em suas orelhas. Sandálias de saltos tão altos que a faziam quase da altura de Ibrahim.

— Espero que tenham tido um excelente jantar. — Sorriu gentilmente.

— Tivemos, sim. Obrigado — Ibrahim respondeu. — E por aqui, tudo em ordem?

— A mesma que sempre mantemos, Ibrahim.

Ela fez uma pequena reverência e ele a espelhou. Um sorriso de entendimento entre os dois.

— Quer que eu mostre o lugar a Gabriela? — Isabel perguntou. — Assim você pode trabalhar sem ser interrompido.

— Não será necessário. Gabriela irá comigo para o escritório e ficará lá enquanto resolvo os assuntos urgentes. Prefiro assim. Depois que conversarmos um pouco, ela poderá

decidir se quer conhecer o lugar.

Ansiedade e uma pontinha de medo do desconhecido pinicando minha pele. Eu queria conhecer tudo e, obviamente, ficaria mais confortável fazendo isso com Isabel, mas havia uma parte de mim que queria ficar com ele. Eu queria mais dele naquela noite porque já tinha deixado o ponto do arrependimento para trás. Não sabia exatamente o que veria, mas queria descobrir com ele ao meu lado. Parecia muito, muito mais instigante assim.

— Então vou ficar por aqui e, se precisar de mim, basta mandar chamar.

Ibrahim concordou e seguimos até as escadas, que davam em uma antessala e em um escritório como o de Istambul, embora um pouco menor.

A decoração do lugar parecia seguir o mesmo estilo, assim como a entrada. Tudo suntuoso e elegante, embora impessoal. Não havia fotografias ou esculturas que remetessem a quem ocupava o lugar. Tudo liso, reto e limpo, ainda que a atmosfera fosse incrivelmente sexy.

Gabriela, Gabriela... Vinho demais, sono de menos e Ibrahim Kahn... Uma péssima combinação para alguém que tenta manter o controle.

— Sente-se e fique à vontade. Preciso apenas conferir alguns e-mails e então vamos conversar um pouco sobre tudo isso aqui, que, como você pode ver, é de onde tiro a maior parte do meu dinheiro.

Concordei com a cabeça, enquanto ele seguia até a mesa.

Tentei não ficar encarando-o, mas aproveitei que ele estava distraído no computador e o olhei.

Tudo nele gritava sensualidade e luxúria, embora seu comportamento fosse discreto na maior parte do tempo. Pensei em como seria Ibrahim Kahn na cama, cenas do corpo dele mais presentes do que eu gostaria em minha mente. Os músculos da coxa movendo-se em perfeita sincronia. A barba aparada e o perfume dele fazendo-me pensar em como seria ser beijada por ele, tocada por ele.

Eu não tinha dúvida alguma de que aquele homem deveria ser uma máquina na cama. Conhecia a fama dos turcos também. Eu escrevia sobre mulheres, afinal, mas não era isso o que mais me atraía, não. Eram os detalhes.

Ibrahim Kahn tinha uma mão imensa e forte, apesar do toque gentil. Seus braços eram fortes o suficiente para segurar com força e mostrar quem mandava; sua boca me fazia pensar em tudo o que ele podia me fazer sentir.

Deus do Céu! De repente eu me sentia no meio do deserto do Saara de tão quente que estava!

Não seja idiota, Gabriela! Concentre-se em alguma coisa estúpida — pensei —, pôneis. Pôneis fofos e brincalhões. Coloridos, dançando com suas crinas trançadas... Isso! concentre-se nos pôneis.

Alguns segundos depois de — *tentar* — me deixar levar pelos pôneis, alguém bateu à porta de Ibrahim.

— Entre.

Isabel apareceu, acompanhada do tal Berguer.

A-ha! Então quer dizer que o branquelo gorducho gosta de curtir a noite também! E, se eu estou certa sobre o lugar, ele gosta de curtir de um jeito bem peculiar.

Os três conversaram em alemão por alguns minutos e então Ibrahim veio até mim.

— Vou me ausentar por alguns minutos, Gabriela. Espero que fique à vontade e me espere aqui. Volto o mais rápido que puder.

Concordei e eles saíram.

Fiquei ali, sentada. Olhos fechados, tentando não pensar em sexo e nem em Ibrahim Kahn, já que os dois assuntos estavam mais ligados do que eu gostaria em minha cabecinha maldosa.

Passaram vinte minutos e nada... Trinta... Quarenta... Então eu não aguentei mais. Não conseguia dormir, estava ansiosa, a curiosidade praticamente me mastigando de dentro para fora.

Levantei e segui até a entrada para conferir que não havia ninguém

Desci as escadas devagar e segui pelo corredor. Vez ou outra, esbarrava em alguém sozinho ou acompanhado. Alguns olhares furtivos, mas nada com que eu não pudesse lidar.

Onde será que Ibrahim se enfiou?

Uma das portas estava entreaberta e, por mais escuro que estivesse lá dentro, pude vislumbrar um pouco do quarto.

O carpete era cor de vinho e havia uma mulher amarrada à cama. Suas pernas estavam separadas por uma barra de ferro, enquanto um homem brincava com um chicote em seu corpo despido.

Baixei os olhos para o chão e segui bem rápido, antes que algum deles pudesse me notar. Meu coração batendo tão forte que parecia querer sair pela boca.

Então eu estava certa. Aquele era mesmo um clube de sexo ou algo do tipo.

Eu não conhecia nada de sadomasoquismo ou qualquer coisa além de um homem e uma mulher nus em uma cama, mas não era idiota.

Deveria ter corrido o mais rápido possível para a saída e pegado o primeiro avião direto para São Paulo, mas não o fiz.O bichinho verde da curiosidade já tinha me picado e eu não tinha como voltar atrás, afinal era uma jornalista, certo?

Errado!

O que tinha me mordido não era a curiosidade, e sim o desejo. Eu podia saber que era errado, mas não podia controlar a vontade que sentia de saber um pouco mais sobre o mundo secreto de Ibrahim Kahn.



“O destino nunca favorece quem não considera as consequências”
(provérbio árabe)

Enquanto seguia pelo corredor, questionando em silêncio se voltava para o escritório ou seguia com o meu *tour*, topei com uma das moças vestidas de preto; uma daquelas que estavam no andar de baixo quando cheguei.

— Precisa de ajuda?— perguntou-me sorrindo. — Vi que chegou com o Sr. Kahn.

Em cinco segundos, minha mente arquitetou um plano.

— Sim! — Sorri de volta. — O Sr. Kahn me pediu que o encontrasse aqui, mas não consigo vê-lo em parte alguma.

— Nem poderia! — Seu sorriso se alargou. — Os donos ficam nos quartos reservados — explicou. — Vê aquela escada? Se subir por ela, provavelmente irá encontrá-lo.

A moça seguiu adiante e eu caminhei até as tais escadas. Quando coloquei o pé no primeiro degrau, congelei.

E se ele estiver com Isabel? E se estiver com outra mulher? E se estiver com várias mulheres? Afinal, ele é o dono do lugar, não é? Não estaria em quarto reservado para fazer uma reunião!

Respirei fundo, pensando em Ibrahim de cueca. Sua postura altiva quando caminhava. Nunca tinha visto alguém caminhar, despido, de maneira tão segura como ele fazia. A tatuagem movendo-se sobre seus músculos, como se o pássaro fizesse parte dele. Seu olhar cravado em mim como duas adagas azuis, enfiadas até o cabo em minha mente.

Eu não tinha dúvidas de que Ibrahim Kahn era bom de cama. Mesmo sem praticamente me tocar, o homem acendia um fogo em mim que eu nem sabia que existia, imagine se tocasse!

Será que ele é gentil? Será que, na cama, é bruto e mandão, como costuma ser normalmente? Como ficam seus olhos quando ele goza? Será que fica de olhos abertos?

Eu não teria dificuldade alguma em ficar encarando aqueles incríveis olhos azuis enquanto ele me fodesse.

Jesus Cristo! Eu estava enlouquecendo e não tinha mais volta!

Subi as escadas no mais absoluto silêncio. Tirei as sandálias, porque o som dos saltos no chão de mármore escuro produzia ruído, ainda que eu andasse devagar.

Assim que cheguei ao andar de cima, o som alto de gemidos cheios de desejo acelerou meu coração.

Caminhei até a porta de onde vinham os sons e não consegui resistir, mexendo a maçaneta devagar e abrindo somente o suficiente para que pudesse ver o que acontecia lá dentro.

Os spots do teto iluminavam a cama suavemente.

Sobre ela, um homem estava deitado. Uma loira de cabelos compridos e ondulados o cavalgava intensamente, gemendo contra a boca de uma morena que estava ajoelhada sobre o rosto do homem. As pernas bem abertas, enquanto ele a chupava.

Eu não conseguia ver quem era o homem, mas meu coração se apertou com a possibilidade de que fosse Ibrahim. Uma mistura de excitação pelo proibido, pudor e ciúmes me invadindo de uma maneira tão intensa que eu não conseguia deixar de olhar.

Metade de mim rezava para que a morena se levantasse e eu pudesse encarar aqueles malditos olhos azuis com meu olhar inquisidor; a outra metade rezava para que ela não saísse

de lá antes de mim, para que eu conseguisse conservar, pelo menos em minha mente, a imagem do homem respeitador que conheci em São Paulo.

Estava tão absorta na cena que não percebi aproximação alguma, mas, quando senti o leve toque da boca dele em minha orelha, estremeci, sentindo o corpo todo responder de imediato.

— Ficou curiosa em saber que tipo de homem eu sou na cama, Gabriela? — sussurrou tão baixo que quase pensei ser fruto da minha imaginação.

Virei-me para encarar, envergonhada, os olhos presunçosos de Ibrahim Kahn.

As metades de mim, que antes brigavam, agora estavam unidas e aliviadas, embora nenhuma delas soubesse onde enfiar minha cara.

Eu não sabia o que responder e estava torcendo para que, por um golpe de sorte, ele não tivesse encontrado a tal funcionária que me deu o destino — *errado* — do paradeiro dele.

— Johanna me disse que você procurava por mim... — completou jogando a última pá de terra; morta e enterrada em meu próprio constrangimento.

— Você se lembra, Gabriela... — sua voz era calma e controlada —, onde se ganha o pão, não se come a carne... Mas, se quiser, moça... — Sua proximidade me causava vertigem, a boca tão próxima da minha pele que eu podia sentir o calor de sua respiração —, posso mostrar o tipo de amante que sou. Basta me pedir.

Era uma provocação extremamente direta e, em outra circunstância, eu provavelmente a teria devolvido com alguma “gracinha”, mas não com ele. Tinha algo naquele olhar, naquele homem, que me inquietava, tirava do prumo.

Desconversei, afastando-me um pouco e caminhando para longe do maldito quarto dos gemidos.

— Você demorou... — tentei em vão me explicar. — Pensei em pedir um táxi e ir para o hotel, mas não queria sair sem avisá-lo.

Era uma mentira deslavada, mas até que era convincente.

— Entendo... — foi tudo o que ele disse.

Seguimos de volta para o escritório. Ibrahim manteve-se alguns passos atrás de mim, o que era extremamente incômodo, já que eu tinha a sensação — real — de estar sendo observada e analisada.

Depois de pegar alguns documentos e trocar algumas palavras com Isabel, deixamos o clube e voltamos para o hotel.

Só consegui respirar adequadamente quando fechei a porta do quarto. Estava inquieta e

ofegante; perto demais de Ibrahim Kahn para me manter em meu estado normal.

Eu sempre soube o quanto ele mexeria comigo. Desde o primeiro encontro. Desde a primeira vez que vi aqueles belos olhos, eu soube que estava perdida. Achei que o fato de ele ser casado e de manter a compostura perto de mim seria suficiente, mas fui leviana. A atração que eu sentia por ele era forte demais para ser ignorada.

Sentei na cama e repassei os últimos acontecimentos em minha mente.

Burra! Burra! Burra! — era exatamente isso que eu era! Pega em flagrante pela segunda vez. Não tinha essa de "avisar que ia embora de táxi"! Ele não era imbecil e, nem se fosse, acreditaria em uma desculpa tão esfarrapada como essa.

Você estava parada em frente à porta, enquanto um trio desconhecido fazia sexo, Gabriela! — pensei.

Poucas coisas justificam tal situação e menos ainda depois de ele dizer que encontrou a tal Joana ou sei lá como era o nome da garota! Ela obviamente tinha dito a ele que indicou o lugar e, se eu tinha aberto a porta, claro, era porque queria ver o homem fodendo!

Meu Deus do Céu! Tinha alguma coisa errada comigo, só podia ser isso!

Tirei as sandálias e caminhei pelo quarto tentando me acalmar. Estendi a mão e observei o anel que ele tinha colocado em meu dedo —precisava ficar longe dele. Precisava me afastar urgentemente, as coisas não estavam ficando mais fáceis. Eu estava me deixando levar.

Tomei uma ducha, enrolei-me no roupão e liguei a televisão. Decidi que, assim que voltássemos para Istambul, pegaria minhas coisas e voltaria ao Brasil. Poderíamos fazer videoconferências e ele poderia me contar o que quisesse, desde que estivesse a milhares de quilômetros de mim. Eu não conseguia me reconhecer quando estava ao lado dele.

O telefone do quarto tocou, fazendo-me dar um pulo de susto; o sotaque do outro lado da linha fazendo meu coração acelerar mais uma vez.

— Venha até o meu quarto, Gabriela — disse simplesmente.

— Não acho prudente, Sr. Kahn — tentei argumentar apelando para o bom senso dele —, estamos no meio da madrugada. Quer dizer, se não se importar, prefiro trabalhar com o senhor pela manhã, mais descansada e concentrada.

— Sim, você tem razão. Estamos no meio da madrugada e a maioria das pessoas trabalha melhor quando está descansada — concordou —, mas eu não sou uma dessas pessoas, Srta. Mollinos. Eu alcanço o ápice das minhas capacidades movido pela adrenalina. Não estou nem um pouco sonolento e creio que a senhorita, certamente, também não está.

Era uma frase simples, mas continha um recado implícito nas entrelinhas. Ele sabia que

eu não estava com sono porque sabia que eu tinha aberto aquela maldita porta para vê-lo. Ele sabia o quanto eu o desejava. Era um homem esperto.

— Espero você em cinco minutos. Estou na suíte do último andar — foi tudo o que disse antes de desligar o telefone.

Demorei alguns minutos para processar tudo. A sensação dos lábios dele tão próximos ainda aquecia minha pele de um jeito tão intenso que parecia bobo.

Escolhi um vestido floral que Isabel tinha comprado. Tinha alças finas, mas o decote não era pronunciado; e o comprimento, bastante adequado para um compromisso profissional. Calcei sandálias de salto plataforma e prendi os cabelos em um rabo de cavalo.

A cada passo que eu dava, meu coração acelerava um pouquinho. Fui pelo caminho pedindo a todas as forças do Universo que esse *lance* fosse coisa da minha cabeça e que ele realmente quisesse falar somente do livro.

Assim que as portas do elevador se abriram, entendi porque ele não tinha me dado um número de quarto. Todo o andar era o quarto.Uma bela antessala, decorada finamente, estendia-se diante de meus olhos.

Parei em frente às portas francesas, toquei a campainha e esperei.

Não demorou mais que um minuto para que ele abrisse a porta. Ainda usava a calça e a camisa do traje do jantar, porém a gravata tinha sido dispensada e as mangas da camisa estavam dobradas até os antebraços.

— Entre — pediu e eu atendi.

Para minha tranquilidade, não era exatamente um dormitório.

A sala em que estávamos tinha o piso de mármore claro e as paredes decoradas com um papel de parede suntuoso e clássico, em tons de bege e dourado.

A lareira ocupava o centro da parede e, em frente a ela, duas poltronas de veludo azul-claro e uma mesa de centro de vidro decoravam o local.

— Sente-se. — Indicou a poltrona a minha frente. — Quero que esteja confortável, já que a estou privando do sono.

Não era exatamente um pedido de desculpas, mas era uma gentileza ao estilo Sr. Kahn, então eu sorri.

Ele não se sentou de imediato. Caminhou para longe e, depois de alguns segundos, ouvi o som de líquido sendo despejado em algum recipiente. Quando voltou, tinha duas taças de vinho branco nas mãos.

— Não me diga que não bebe em serviço — alertou — porque, acredite, o assunto

merece um pouco de álcool para que seja suavizado e eu não estou aberto a discussões.

Pensei em dizer que o problema era dele se não estava aberto a discussões e que eu era quem decidia o que deveria ou não beber, mas algo em seu olhar me fez recuar. Era um daqueles momentos em que ele realmente queria se abrir. Era um momento raro em que ele tirava a pele de Sr. Kahn e se mostrava apenas como Ibrahim. Decidi aproveitar.

Ibrahim entregou-me uma das taças e propôs um brinde silencioso, tocando-as suavemente.

— O que você viu hoje... — começou sem rodeios — é exatamente do que se trata minha vida. Tudo aquilo, aquele mundo; é em um lugar como aquele que passo minhas noites. É de onde vem o meu dinheiro também, caso não tenha ficado claro. Não estou naquele clube para me divertir, Gabriela, estou lá pelo dinheiro.

Seus olhos estavam cravados nos meus. Pernas cruzadas de um jeito sensual, enquanto segurava a taça de vinho em uma das mãos e girava o anel entre os dedos da outra.

Eu poderia viver mil anos e certamente não encontraria em minha vida um homem como Ibrahim Kahn.

— Sei que é uma mulher inteligente. Imagino que tenha percebido por conta própria tudo que acabei de lhe dizer, mas quis deixar tudo bem claro, antes de prosseguirmos com o nosso acordo. — Deu um gole na taça, lento, extremamente sexy e provocativo. — Quero que fique claro que você pode ir embora quando quiser, se não puder lidar com o mundo que lhe foi apresentado hoje.



“Nem tudo que é redondo é noz,
nem tudo que é comprido é banana”

(provérbio libanês)

Pensei por um segundo.

Não que eu realmente quisesse ir embora, mas era de longe a melhor coisa que eu poderia fazer. Era um mundo perigoso e obscuro demais para mim, mas, por outro lado, se desistisse eu voltaria para minha vidinha de sempre e me remoeria de curiosidade eternamente.

Ibrahim Kahn é como uma droga, experimente e se dará mal! Mesmo ciente de que um envolvimento com ele é uma tremenda furada, é impossível resistir, inevitável ao menos prová-lo. Eu só esperava não acabar viciada.

Formulei uma contrapergunta sagaz o suficiente para não ficar por baixo.

— E exatamente que mundo é esse, Sr. Kahn? — perguntei. — De que tipo de negócio estamos falando? Uma casa de prostituição? É disso que se trata?

Se ele era direto, eu podia ser também, esse era um jogo onde os dois poderiam jogar.

Ele pensou por um tempo longo, aumentando minha curiosidade.

— Não exatamente, embora seja isso também.

— Vago, Sr. Kahn. Muito vago. Se irei mesmo escrever sua história, creio que esta seja uma informação imprescindível.

— O Infinitum é um clube de sexo, Gabriela. Um lugar onde as pessoas podem ser o que quiserem e satisfazer quaisquer desejos que tenham. Eu ofereço um local seguro e discreto para que cada um seja livre.

— As garotas de preto... — continuei — são prostitutas, certo?

— Algumas sim, outras não.

— Devo supor que o senhor é algum tipo de cafetão moderno, então?

Ibrahim riu, um riso divertido e menos contido do que qualquer um que eu tenha visto em seu rosto.

— Você pode supor o que quiser, minha cara, mas estaria longe da verdade. Eu não controlo nada do que acontece lá. Não é da minha conta, exceto se alguma regra for infringida. Eu apenas ofereço o local, o divertimento é por conta de cada um, obviamente em troca de uma compensação financeira. Nenhuma daquelas mulheres está presa onde está. Elas podem ir embora no momento que desejarem e podem se sujeitar ou não a qualquer um que as deseje.

— Isabel é uma prostituta?

Ibrahim inspirou o ar devagar, soltando na mesma velocidade.

— Creio que essa seja uma resposta que não caiba a mim lhe dar. Isabel é uma pessoa justa e honesta, além de extremamente competente em tudo que faz. Seria raso dizer a você apenas que sim, Isabel já foi prostituta, porque na verdade a história dela é bem mais complexa que isso.

Concordei com a cabeça, ele tinha razão.

— Pode perguntar isso a ela se desejar, Isabel não tem problemas em falar do passado.

— Amina sabe?

— Amina sabe de tudo que é realmente importante. Ela conhece o tipo de negócio que tenho, mas nunca entrou em um dos meus clubes. Como você deve imaginar, não é o tipo de lugar que ela costuma frequentar.

Concordei mais uma vez.

— Como isso tudo começou? Quer dizer, como você entrou nessa? Sei que foi por dinheiro, mas como se entra nesse mundo assim?

Eu estava curiosa. Estava instigada e ansiosa em saber mais dele, porque aquele, sim, era o verdadeiro Ibrahim Kahn.

— Como já disse, inclusive causando estranheza, fui vendido por meu genitor a um antigo prostíbulo na cidade de Santorini, na Grécia. Não lembro exatamente quantos anos tinha na época. Muitas das minhas memórias se confundem, talvez por autoproteção, não sei dizer; meus documentos da época foram rasgados e jogados no lixo.

Engoli meia taça de vinho em um único gole; isso realmente não era o que eu esperava ouvir. Meu coração parecia se apertar mais e mais com as palavras dele.

— Passei alguns anos sem existir. Não tinha identidade, nem casa e menos ainda família. Era somente mais um escravo naquele lugar. Limpava os banheiros e arrumava as camas. Preparava chá e varria o chão. Meu pai quitou a própria dívida e desapareceu da minha vida como se eu nunca tivesse existido.

Ibrahim se levantou e caminhou até o bar. Voltou com a garrafa de vinho nas mãos e preencheu nossos copos mais uma vez.

— O nome dela era Alexia Anamoris... — o nome deixou sua boca carregado de sentimentos que eu não sabia interpretar. Era uma bela mulher, embora tivesse idade para ser minha mãe. Ela me tirou daquele lugar...

Seus olhos estavam vidrados no passado. Não encaravam mais os meus. Agradeci, já que, se ele me encarasse, eu não conseguiria permanecer impassível.

— Alexia trouxe-me de volta à Turquia. Levou-me ao médico, tratou do meu corpo e deu um pouco de paz a minha alma, mas isso tudo durou muito pouco tempo. Ao que parece, eu já estava preparado o suficiente para o segundo *round*!

Era uma piada, mas eu não tive vontade de rir.

— Foi nessa época que ganhei esse nome. Ibrahim Kahn nasceu com doze anos, filho de pai e mãe desconhecidos. Tratado como um dos muitos órfãos que perambulam pelas ruas de Istambul. — Fez uma pausa e deu um gole no vinho, voltando os olhos para mim. — Como vê, minha cara, não é um conto de fadas, então a proposta de ir embora ainda continua válida.

Só então me dei conta de que não tinha dito nada a respeito disso.

— Não quero ir, Ibrahim — foi tudo o que consegui dizer, meus olhos ainda fugindo dos dele.

— Então se prepare para a parte difícil! — zombou mais uma vez, mas seu riso não era, nem de longe, alegre. — Alexia foi a primeira mulher que tive na vida, mas eu não a escolhi. Embora meu corpo estivesse pronto, eu era ainda uma criança. Nunca quis nada do que aconteceu entre nós dois.

Engoli em seco o nó que se formou em minha garganta. Nada do que eu tinha vivido ou que pensava ter sofrido chegava aos pés da vida que Ibrahim teve.

— Alexia era uma das mulheres mais poderosas da Turquia, embora vivesse à sombra do próprio passado. Ela me deixou tudo que tenho. Sua fortuna e seu legado. Ensinou-me a arte do sexo, Gabriela, em toda a sua plenitude, mas não me ensinou a amar. Para ser sincero, nem tenho certeza se sou capaz de algo do tipo.

Ele estava errado. Eu o tinha visto com Amina e com Isabel. Seu cuidado e carinho eram nítidos, mas achei melhor não o interromper.

— Como sabe agora, entrei neste mundo como a maioria das pessoas entra... Do modo errado! — Riu, mas ainda sem humor. — Não é a carreira dos sonhos de ninguém.

Nunca julguei alguém por se prostituir, mas, lá no fundo, sempre achei que era uma escolha. Que as pessoas sempre podiam escolher um destino diferente. Nunca me ocorreu que isso pudesse ser, de fato, o único caminho para alguém.

De repente, eu me sentia arrogante, prepotente e muito, muito preconceituosa.

— A fênix em suas costas... — comecei e ele me interrompeu.

— Eu a desenhei depois da morte de Alexia. Queria marcar minha ressurreição. Deixei finalmente de ser de alguém para ser de mim mesmo. Enterrei uma parte do passado com ela, e a outra parte cobri com tinta.

Ele se levantou e desabotoou a camisa devagar. Por mais bonito e atraente que Ibrahim fosse, naquele momento não consegui pensar em nada além de puxá-lo para mim e abraçá-lo tão apertado que pudesse aplacar um pouco do que ele sentia; ou talvez fosse do que eu mesma sentia.

Ele deixou a camisa na mesa de centro e virou-se de costas para mim, exibindo a tatuagem.

Eu me levantei e observei o desenho por um tempo. Por trás da tinta, algumas cicatrizes podiam ser vistas. Levei o dedo até uma delas, sem pensar muito no que estava fazendo.

Eram linhas finas que serpenteavam pela extensão do desenho. Algumas eram fundas, outras mais rasas.

—São chicotadas —Ibrahim explicou —, do tempo que passei em Santorini. Se eu

derrubasse algo, ou servisse de maneira errada, era castigado pelos clientes e pelos donos. Apanhei muitas e muitas vezes. Sangrei e adoeci porque os ferimentos não eram limpos e cuidados da maneira adequada.

Toquei mais algumas marcas, correndo o dedo pela pele dele. Ibrahim permaneceu em silêncio, até que, quando meus dedos chegaram ao seu ombro, ele virou-se de frente para mim.

— São minhas marcas de batalha. — Segurou minha mão, baixando-a por seu peito desnudo, entrelaçando os dedos nos meus. — É certo que todo guerreiro as tem, não é? — Ele não esperava por uma resposta. Seus olhos estavam presos aos meus tão intensamente que não me sentia capaz de desviá-los. — Não sou um demônio, Gabriela... Mas não posso dizer que sou um anjo também. Sou apenas um homem. Fiz e faço coisas das quais me arrependo e, se você ficar, terá de saber lidar com isso. Não posso mudar minha natureza, nem desejo isso.

Eu não sabia o que responder.

Queria dizer que não me importava. Que nada mais importava, desde que ele estivesse daquele jeito, despido de todas as máscaras, entregue a mim, ainda que fosse por alguns poucos minutos.

Fiquei ali, em silêncio absoluto, embora minha mente gritasse que eu deveria correr, e meu coração gritasse que eu deveria ficar.

Se ele havia feito e fazia coisas das quais se arrependia, eu estava prestes a entrar no mesmo barco e entraria nele sorrindo como uma idiota apaixonada.

Ibrahim colocou minha mão sobre o peito. Fechei os olhos e senti seu coração bater apressado, compassado, forte como ele era. Uma mão acariciou meu rosto, encaixando-se em minha mandíbula e parou ali, acolhendo meu rosto. O polegar circulando minha boca com suavidade.

Nunca tive dúvidas de que aquele seria o melhor amante que eu encontraria na vida, mas já não se tratava apenas disso. Se fosse somente uma noite de sexo, eu poderia lidar. Poderia fechar os olhos e simplesmente me deixar ir. Meu corpo o queria o suficiente para que eu conseguisse afastar o fantasma da traição e me entregar a esse desejo, mas não era só isso.

Depois de tudo o que eu tinha escutado dele, seria impossível agir como uma das muitas mulheres que ele havia tido na cama. Eu queria Ibrahim Kahn para mim e esse era o meu maior erro.

— Ibrahim... — comecei sem saber como terminar.

Quando meus olhos se abriram, encontraram os dele, ainda ali, presos ao meu olhar. Ele não parecia culpado, nem parecia disposto a desistir.

— Nós não deveríamos...

Um dedo pressionou-se contra meus lábios e não resisti ao desejo de tocá-lo com a língua. Sua pele era deliciosamente proibida. O perfume invadia minhas narinas e se fundia a minha respiração. Eu respirava Ibrahim Kahn. Estava inebriada, extasiada, completamente perdida.

Ele pegou minha mão e levou até o rosto, cheirando-a e depois beijando suavemente a parte interna, o encontro entre a palma e os dedos. Senti meu coração acelerar tanto que pensei que desmaiaria. Era o toque mais delicioso que eu tinha recebido na vida. O beijo mais erótico de todos.

Sua língua explorava o vão entre meus dedos, enquanto os lábios beijavam minha pele ansiosa por mais. Eu podia sentir a excitação se espalhando entre minhas pernas. Podia sentir meu corpo implorando por ele. Apertei minha mão livre no antebraço dele, sem me dar conta do que fazia. Precisava de um apoio, ou acabaria caindo, literalmente, de desejo por ele.

— A mão é uma grande zona erógena, Gabriela... — sua voz profunda e cheia de desejo. — Infelizmente, é pouco explorada pelas pessoas. Quero que tenha uma ideia, ainda que vaga, do que posso fazer você sentir, mas não quero que se arrependa.

Sua boca deixou minha mão e aproximou-se da minha orelha mais uma vez.

— Sei que está cansada e mais ébria do que deveria e é por isso que quero ouvir você me dizer... Você me quer, Gabriela? — a boca deslizando em meu pescoço, arrepiando-me a pele e aniquilando-me a sanidade. Minhas mãos, na parte baixa do abdômen dele, deslizavam através da pele coberta de pelos macios, até o cós da calça.

Eu queria! Queria mais que qualquer coisa e tinha raiva de mim por isso, mas não consegui negar.

Ibrahim deslizou a língua até o osso da minha clavícula, traçando o contorno, sua mão permanecia em meu rosto.

— Você me quer? — repetiu e eu só consegui assentir como uma imbecil anestesiada.

Sua boca aproximou-se da minha. Os belos olhos azuis, claros como dois Mediterrâneos, foram a última coisa que vi, ansiosa por finalmente provar o sabor daquele homem.

Ibrahim afundou os lábios nos meus, sua língua buscando espaço, enquanto eu respirava mais e mais forte, até que pequenos gemidos começaram a escapar. Levantou-me pelos quadris, apoiando meu corpo sobre uma escrivaninha. Puxou minha saia até a cintura e tirou minha calcinha de uma vez.

As alças do vestido estavam caídas em meus ombros e uma mão buscava espaço dentro de meu decote.

Expôs meu seio, e o chupou, e massageou, levando alguns suspiros e gemidos mais altos com ele. Seu membro pressionava entre minhas pernas, aquecendo e fazendo com que eu me sentisse desesperadamente úmida e pronta para ele.

Separou-se de mim por um segundo e, quando voltou, tinha um preservativo na mão.

Eu não queria pensar sobre o que estava acontecendo. Estava em "modo" automático, só queria sentir.

Abriu a calça e expôs toda a sua masculinidade. Não pude deixar de olhar. Vestiu o preservativo e chegou mais perto, mãos em minhas coxas, mantendo-as suficientemente separadas para que pudesse se encaixar entre elas.

Quando me penetrou, não foi cuidadoso ou gentil, mas eu não esperava que fosse. Queria sentir sua força. Queria que me dominasse, ao menos naquele momento.

Enquanto ele investia contra mim uma e outra vez, eu sentia meu corpo se preparar para o êxtase, rápido como em nenhuma outra vez.

Ibrahim segurava meu rosto com uma das mãos.

— Abra os olhos, Gabriela, olhe para mim — pediu, mas eu não conseguia.

Não queria estragar aquele momento com nenhum tipo de culpa e, se eu o encarasse, era o que iria acontecer.

Fechei os olhos e entreguei meu corpo ao desejo que sentia por ele. Deixei que a luxúria me levasse e fui muito, muito longe.

Quando finalmente recobrei o controle de minhas ações, não sabia o que fazer, nem para onde olhar. Um sentimento estranho dentro de mim. Um misto de sensações.

Como se o encanto tivesse sido quebrado, recobrei a consciência — que tipo de mulher era eu? Eu sabia muito bem o quanto a traição machucava! Que diabos eu estava fazendo com a minha vida e com a de Amina? Eu era mesmo uma descabeçada sem escrúpulo algum!

Aproveitei os cinco segundos de bom senso que me tinham sido dados e corri porta afora, quase tropeçando em Isabel. Não olhei para trás e não voltei ao quarto.

Eu precisava de um pouco de ar fresco. Precisava mesmo era de um bom banho gelado, mas a garoa fina que caía na noite de Viena teria que servir!



“Por que me perguntas quem sou, se ignoras quem és?”

(provérbio muçulmano)

Andei tão rápido pela rua que quase acabei atropelada por um pobre ciclista.

Sentei na beirada de uma fonte e observei meu reflexo ali — quem diabos eu havia me tornado?

Fechei os olhos para reviver uma das piores cenas da minha vida. Quando, finalmente, Leonel e eu tivemos nossa audiência final, ela estava lá. A amante dele. Talvez tenha sido de propósito, ou apenas uma brincadeira de mau gosto do destino, mas seu vestido delicado evidenciava a barriga redonda que eu nunca teria. Nunca irei me esquecer da dor que senti.

Era isso o que eu queria para mim? Infligir a alguém a mesma dor que eu tinha sentido?

Descer ao status de amante apenas por me sentir atraída por um homem?

Ibrahim tinha razão! Ele podia não ser um demônio, mas estava bem longe de ser um anjo. Era um homem e, como com todos, o sangue só podia circular em uma cabeça de cada vez. No caso, a de baixo, obviamente.

Pensei em quantas mulheres ele havia tido na cama. Em todas as vezes que Amina o tinha esperado chegar do trabalho, esperançosa de que teria, enfim, sua atenção, quando ele trazia no corpo o perfume e as carícias de outras mulheres.

Ibrahim certamente estava acostumado a trair. Alguém que levava a vida como ele não podia se prender a valores puritanos.

Talvez por isso a pobre mulher fosse tão triste e doente. Talvez o abandono e o descaso dele fossem a causa de tudo o que ela parecia sentir. Por isso era tão gentil quando estava com ela! Ele tentava compensar tudo o que acontecia no cotidiano!

— Cuidado com o que deseja em frente a uma fonte — ouvi uma voz se aproximando —, uma fada das águas pode ouvir seu lamento e tornar seu desejo realidade.

Virei-me para encontrar Isabel.

— Já faz um tempo que não acredito em desejos concedidos — confessei.

— Pois deveria! — replicou, sentando-se ao meu lado. — Sonhos nos tornam vivos. Quando deixamos de sonhar, morremos. — Seus olhos verdes se perderam nas águas. — Acredite, sei bem como é morrer e continuar vivendo — confessou.

Depois de tudo o que eu tinha escutado de Ibrahim, não achava mais que Isabel era tão afortunada, enfim.

— Gabriela você é uma excelente pessoa, mas tem um grave defeito. Você se culpa demais.

Não era mentira. Eu tinha a tendência de sempre me sentir culpada pelos erros dos outros. Não conseguia controlar. Mesmo antes de Leonel, isso já acontecia, e ele tinha o dom de me fazer ainda mais culpada.

— Eu tinha oito anos quando fui entregue ao meu algoz, pelas mãos do meu pai, em uma bela cerimônia — começou sem que eu perguntasse. — O homem com quem me casei tinha mais de cinquenta anos. Era extremamente rico, mas o que tinha de rico, tinha de mesquinho e mau. Ele tinha prometido a minha mãe que esperaria até que eu tivesse idade suficiente para consumar o casamento e que, até lá, cuidaria de mim como um pai, mas não honrou a palavra.

Isabel inspirou o ar profundamente, como se precisasse de ajuda para suportar o peso

das lembranças. Senti mais uma vez meu coração se apertar.

— Ele sempre me tocou. — Seus olhos miravam a avenida, estava movimentada, apesar da madrugada. — Em minha primeira noite de casada, aquele desgraçado me fez dormir nua com ele na cama, esfregando-se em mim e me deixando enojada.

— Isabel... Você não precisa me contar nada disso! Acredite, eu não julgo você. Não sou assim tão insensível.

Isabel sorriu.

—Eu sei, sua boba! Seu problema não sou eu, é você mesma. Você acha que tem culpa de tudo o que acontece em sua vida, mas vou contar uma coisa... Nem tudo pode ser controlado, Gabriela, algumas coisas estão escritas em nossos destinos.

— Você fala como o Sr. Kahn!

— Talvez ele tenha razão no que diz.

— Ele é casado, Isabel... E o que aconteceu lá em cima não é correto. Sei que é idiota me culpar depois da merda feita, mas isso é algo que não consigo mudar.

— E isso a magoa...

— Muito! — confessei. — Eu já estive do outro lado e é muito, muito desconfortável.

— Quer um conselho? — Sorriu com a inocência que, apesar de tudo o que viveu, ainda existia em seu olhar. — Procure Amina e fale com ela.

Concordei, sentindo a primeira lágrima escorrer.

— Faça isso o mais rápido que puder, Gabriela. E, pelo amor de Deus, garota, deixe de ser tão conformada com a vida!

Isabel se foi e eu fiquei com as palavras dela em minha mente. O corpo ainda cheio de sensações, o coração batendo a mil por hora.

Caminhei um pouco pelas ruas de Viena.

Não queria voltar para o hotel e correr o risco de encontrar Ibrahim. Não naquela noite. Talvez Isabel tivesse razão e eu julgasse mal as pessoas, talvez fosse apenas meu coração tentando encontrar uma razão para não correr de volta para São Paulo, no primeiro voo.

Entrei no quarto com os primeiros raios de sol. Não estava com sono, embora meu corpo sentisse o cansaço de algumas noites sem dormir adequadamente.

Arrumei minhas coisas dentro da bolsa e esperei que o amanhecer se completasse, enquanto pesquisava passagens de avião de Viena para Istambul. Deixei tudo que Isabel tinha comprado, exceto o jeans e a blusa que decidi usar. Deixei também o anel. Na pressa de correr do quarto de Ibrahim, tinha voltado com a joia ainda no dedo.

Para a minha desgraça, o único voo disponível saía depois das quatro da tarde, e isso me obrigaria a encarar Ibrahim antes de falar com Amina, coisa que eu não queria.

Pesquisei então passagens de trem. O melhor que consegui foi um bilhete para Bucareste, para as sete e quarenta da manhã; de lá seguiria no primeiro trem que partisse para Viena. Era ridículo pensar em passar o dia todo dentro de um maldito trem, mas era uma maneira inteligente de ter tempo para pensar e, de quebra, esquivar-me do Sr. Kahn.

Peguei uma caneta e o bloco de anotações, deixando um recado a Ibrahim. Não queria vê-lo, mas também não agiria como uma criança birrenta. Tínhamos um acordo, afinal.

"Obrigada pelo jantar. Espero que compreenda por que fugi. Não se preocupe comigo, volto para Istambul o mais rápido possível."

Assinei o papel e peguei minha bolsa. Passei pela recepção sem dizer nada, afinal o quarto nem estava em meu nome. Provavelmente era algo comum para ele; hospedar mulheres no hotel para que tivesse privacidade.

Chamei um táxi e segui direto para estação de trem. Comprei a passagem e tomei meu lugar no assento.

Assim que o trem partiu, senti meu corpo relaxar. Eu precisava mesmo ficar sozinha por um tempo. Longe dele e da casa dele. Seria um dia cansativo, mas certamente de paz.

Desde que ele tinha entrado em minha vida, eu vivia brigando comigo mesma de algum jeito.



Deixei que ela fosse embora.

Tentei ser sincero, como não costumava ser com ninguém. Esperei que ela compreendesse isso. Que sentisse a sinceridade em minhas palavras.

Nunca me preocupei com o que as pessoas pensariam de mim. O manto de Ibrahim Kahn sempre cobriu meu verdadeiro eu. Sempre me manteve protegido, até que ela duvidou.

— Ibrahim? — Isabel chamou à porta, sem tocar a campainha. — Posso entrar?

Não respondi. Sabia que ela entraria de qualquer maneira.

— Você é um cabeça-dura, sabia? — recriminou enquanto servia uísque em dois copos.

Recostou-se ao parapeito da janela, ao meu lado.

— Você deveria ter dito a ela a verdade sobre Amina.

— Ela deveria ter entendido, depois das muitas vezes que deixei claro que jamais faria algo para magoar a pobre mulher.

— Não seja infantil, homem! A garota não tem ideia! Ela não poderia ter! Quem, além de você, teria uma história confusa como essa?

— Disse a ela, mais de uma vez, que sou um homem de palavra! Ela deveria ter compreendido que nisso se incluíam os meus votos matrimoniais!

Isabel riu. Aquele riso largo que tanto me acalmava.

— Você continua o mesmo cabeça-dura de sempre! Ainda parece ter dezesseis anos!

— E você continua tão bela como era quando tinha essa mesma idade!

— Não posso dizer que foram bons tempos, meu amigo! Mas estou feliz por tê-los vivido ao seu lado.

Estendi a mão e Isabel a cobriu com a dela.

Eram tantas lembranças. Coisas boas e coisas ruins. Tantos sonhos e descobertas. Apesar de tudo que vivemos, termos um ao outro significava termos uma família. E provavelmente era tudo que ambos teríamos de uma família. Um ao outro.

— Procure por ela! Tenho certeza de que, se pegar o carro, irá encontrá-la pelas redondezas! Conte a verdade. Toda a verdade. Não faça o que sempre faz. Não afaste as pessoas.

Inspirei profundamente, sentindo o ar preencher meus pulmões. Dei mais um gole na bebida.

— Não vou atrás dela, Isabel... Você sabe disso.

Um sorriso triste curvou a boca bonita de minha amiga.

— Mas deveria! — brincou.

Depois que Isabel saiu, aproveitei para tomar um banho e uma xícara de café. Não queria procurar Gabriela, embora fosse inevitável avisar a ela que iríamos embora naquela manhã.

Não achei justo apenas telefonar e avisar; ela não era minha funcionária ou coisa assim e eu queria que ela soubesse disso, então desci até seu apartamento. Toquei a campainha, mas ninguém atendeu.

Quando tentei bater na porta, ela se abriu. Entrei no quarto e encontrei tudo organizado

sobre a penteadeira.

Gabriela não estava lá.

Sobre a pilha de roupas que Isabel tinha providenciado, um recado dela, com o anel em cima dele.

Segurei a peça de ouro entre os dedos — era realmente bonito. Delicado e elegante, de um jeito nada presunçoso. Era como Gabriela e por isso eu tinha comprado.

Eu não era um idiota esbanjador! Não costumava presentear com joias caras as mulheres que visitavam minha cama, mas, obviamente, ela não sabia disso. Como não sabia também que eu jamais trairia alguém.

Ela não me conhecia. Não via nada além da carcaça bem-apessoada e cara de Ibrahim Kahn. Mesmo que eu tenha tentado lhe mostrar quem eu realmente era, ela não estava interessada em ver! Era como todas as outras mulheres com quem eu havia estado antes dela — via somente o que queria ver! Ainda que a verdade estivesse debaixo de seu nariz!

Eu não era um traidor furtivo. Não saía pela noite em busca de um corpo bonito onde enfiar meu pau! Isso nunca me tinha sido negado.

Conhecia melhor que ninguém os efeitos nocivos de confiar em alguém e ser traído. Era a prova viva desses efeitos.

Peguei o anel, enfiei no bolso e segui em frente. Provavelmente, quando chegasse em casa, ela não estaria mais em Istambul e, talvez, fosse mesmo melhor assim.

Eu era péssimo em confiar, mas era pior ainda em me despedir. Nunca tinha aprendido.

Não tive a oportunidade de me despedir de ninguém que amei.



“O homem é inimigo do que ele não conhece”
(provérbio árabe)

Cheguei a Istambul no final da tarde.

Estava cansada e com dor nas costas. Nunca tinha passado tanto tempo dentro de um trem, mas era o que eu merecia. Afinal, jatinhos particulares de luxo não faziam parte de minha realidade. Nada daquele sonho turco que eu tinha vivido fazia, incluindo Ibrahim.

Toquei o interfone e esperei que alguém abrisse o portão da casa para mim. Eu precisava pegar minhas coisas, ao menos.

A voz de Amina ecoou pelo aparelho, alguns segundos depois.

— Espero por você no jardim — disse.

Segui pelo caminho sentindo o peso de meus atos. Era péssimo admitir que tinha me interessado pelo marido dela, mas eu tinha que ser sincera. Era o correto a fazer.

Amina estava lá, sentada em uma das cadeiras. Uma mesa de chá bem-posta, para dois, deixando-me ainda mais culpada. Ao menos o carro de Ibrahim não estava em parte alguma e, se eu tivesse um pouco de sorte, ele também não estaria.

Indicou que eu me sentasse com um sorriso afetuoso no rosto, mas a preocupação ainda estava lá, debaixo de toda a sua gentileza.

— Imagino que esteja com fome.

— Eu fiz um lanche no trem — menti, não tinha certeza se conseguiria engolir alguma coisa.

Amina serviu o chá em uma das xícaras e o entregou a mim.

— Então me acompanhe, ao menos. Não gosto de comer sozinha e, como já sabe, os homens dessa casa têm seus próprios horários e afazeres. — Riu.

— Amina... — comecei sentindo um nó na garganta. — Preciso falar com você... Não é algo de que eu me orgulhe, acredite! Mas preciso ser sincera, você não merece o que fiz.

— Você está envolvida com Ibrahim...disse, levando a própria xícara à boca, a mesma serenidade no olhar.

Baixei os olhos para o chão, sem conseguir admitir. A culpa pesava em meus ombros.

— Antes de dizermos qualquer coisa a respeito do meu marido, Gabriela, quero contar a você uma história antiga, e saiba que também não me orgulho dela. — Partiu um pedaço de torta e colocou em um pratinho, dispondo-o a minha frente. — Esta casa pertenceu a uma família tradicional turca. O pai a construiu com o fruto do próprio trabalho. Era um homem de negócios bastante sisudo e compenetrado, mas era cheio de amor pela esposa e pelas duas filhas.

Tomei um gole do chá e experimentei a torta; realmente sentia fome demais.

— A filha mais velha era o orgulho dos pais. Sempre obediente e dócil, enquanto a mais nova era como um furacão. Nunca escondia as emoções, nem fingia ser o que não era. Apesar de tudo, a mais velha tinha uma alma cheia de sonhos. Desejava encontrar o amor, embora o pai a tivesse prometido ao filho de um comerciante, o qual não habitava os sonhos dela.

Houve uma pausa, Amina tomou um gole de chá e reiniciou o relato:

— Um dia, enquanto caminhava pela praia, a filha mais velha conheceu um estrangeiro. O sotaque e a gentileza dele a encantaram. Ele era um pescador. Estava na cidade de passagem, mas arrebatou o coração da moça sem piedade alguma. Era o príncipe encantado

com o qual ela tanto sonhara. O pobre rapaz não desejava ludibriá-la. Tentou conversar com o pai da moça. Explicou os sentimentos que os dois compartilhavam e fez tudo o que estava ao alcance, mas o pai, dono de um dos sobrenomes mais importantes da Turquia, jamais permitiria que a filha em quem ele depositava tantas esperanças o desonrasse daquela maneira...

Enquanto as palavras iam deixando a boca de Amina, seus olhos estavam perdidos no passado. Eu não fazia ideia de como essa história, que mais parecia um conto de fadas, iria terminar, mas tinha certeza de que o final não era, nem de longe, feliz.

— Pois bem... — Amina continuou —, a filha mais velha não aceitou a imposição do pai e entregou-se ao amor, nos braços de seu amado estrangeiro. Entregou o corpo e a alma, na certeza de que receberia o mesmo em troca. Ela nunca se importou em deixar o luxo que tinha, nem a família que não a compreendia mais. Os dois jovens apaixonados combinaram de se encontrar na mesma praia em que tinham se conhecido para, então, fugirem para além do mar e viverem suas vidas juntos, para sempre.

Amina baixou os olhos e puxou o ar para dentro dos pulmões devagar, como se precisasse de mais fôlego.

— As pessoas subestimam a força devastadora do amor. Sempre pensam que vão conseguir tomar as rédeas do próprio coração, mas sempre acabam enganadas. A filha mais velha nunca se vira fugindo de casa no meio da noite, com uma trouxa de roupas nas mãos, mas foi exatamente o que ela fez. E seu coração estava em paz, apesar de saber que não era de todo correto o que fazia. Porém, quando chegou ao local combinado, não encontrou o amado. Esperou por ele até o amanhecer, sem sucesso algum. Enquanto perambulava pela rua, sem saber o que fazer, encontrou o pai.

Seus olhos eram tristes, quando os elevou novamente.

— Ele a levou de volta para casa e ela nunca soube do paradeiro do jovem que tinha lhe jurado amor eterno. Nunca mais teve sonhos, nem desejou encontrar o amor, mas o destino ainda não tinha terminado com ela.

Eu estava totalmente cativa da história que Amina contava, meus olhos vidrados nela agora.

— Algumas semanas depois, descobriu que esperava um filho. Um fruto proibido do erro que havia cometido. Não sabia o que fazer. Queria mais que tudo que aquele pedaço do paraíso que poderia ter vivido nascesse, mas como diria isso ao pai? Quando finalmente a mentira ficou evidente, os pais decidiram que não seria correto impedir que uma criança

inocente nascesse, mas que não poderiam permitir que a moça tivesse um filho sendo solteira. O que seria dela? De sua honra? E da irmã? Como explicariam à sociedade esse terrível erro? Então a mãe fingiu uma gravidez pelos meses que se seguiram e, quando o menino nasceu, foi registrado como filho caçula do casal. A filha mais velha nunca pôde segurar o filho nos braços nem o ouvir chamá-la pelo que ela realmente era. Sua mãe.

O nó de culpa que antes existia em meu coração agora tinha sido substituído por outro. Meu coração estava pesado de sentimentos que eu ainda tentava ordenar em minha mente.

— Você é a filha mais velha... — constatei e Amina assentiu.

Eu queria abraçá-la. Queria dizer que sentia muito por tudo o que ela tinha sofrido, mas ela ainda precisava continuar.

— Anos mais tarde, por força do destino, um rapaz desconhecido apareceu na porta daquela família. Ele era o prometido da sobrinha do dono da casa, mas a filha mais nova tinha planos diferentes para o rapaz. A atração que sentiu pelo moreno de olhos cor de mar foi tão grande que a filha mais nova deitou-se com o prometido da prima, mudando assim o rumo de toda a família. Dez dias depois, um casamento inesperado os uniu. Ninguém sabia ao certo quem era o novo integrante da família, ele não tinha passado. Parecia ter vindo de outro mundo. Ibrahim foi um anjo enviado dos céus para nossas vidas — confessou. — Samira e ele se casaram como manda a religião e, por um tempo, a paz voltou a reinar no casarão. O irmão do pai sentiu-se ultrajado e rogou uma praga em todos daquela família. As palavras têm tanto poder, Gabriela, que, se as pessoas soubessem, as usariam com mais amor — divagou tomando mais um gole de chá.

Eu não podia disfarçar o fascínio, e ela, parecendo perceber, pousou a xícara sobre o pires, dando continuidade ao relato.

— Nossos pais faleceram em um acidente de barco, um mês depois do casamento. A tristeza abateu-se sobre a família mais uma vez. Minha irmã sofria do mesmo mal que eu. Como sabe, minha saúde é bastante fraca, mas, ainda assim, a doença está controlada. Samira não teve a mesma sorte. Faleceu menos de um ano depois de se casar e seu último pedido foi que o marido cuidasse de mim e de Salih; ela sabia que eu ficaria desamparada caso toda a história viesse à tona.

Levou a xícara à boca mais uma vez antes de continuar.

— Ibrahim aceitou casar-se com uma mulher mais velha e sem esperanças. Aceitou cuidar de um cunhado ainda criança e manter o pouco dinheiro que tínhamos a salvo. Ele abriu mão de seguir com a própria vida para cuidar de mim e do meu filho. Nunca cobrou, de

nenhum de nós dois, coisa alguma. Nosso acordo sempre foi muito claro. Seríamos companheiros de vida. Cuidaríamos um do outro, mas não haveria qualquer vínculo entre nós. Ele seria livre para encontrar o amor. Imagino que deva supor que ele nunca me procurou, não é mesmo? Ainda que não tivesse obrigação alguma comigo, em todos esses anos em que dividimos essa aliança, Ibrahim nunca me deu razão alguma para me queixar. Jamais foi desonesto comigo, ou me fez qualquer tipo de mal. Ele é de longe o melhor homem que conheci na vida. Justo e honesto.

Senti a primeira lágrima escorrer e, depois dela, uma comporta acabou sendo aberta em meus olhos.

— Não se culpe pelo que quer que tenha acontecido entre vocês dois! — Acariciou minha mão com carinho. — É perfeitamente compreensível. Eu sempre soube que isso acabaria acontecendo. Soube quando vi como olhava para ele, enquanto ele lhe contava sobre as rosas. Muitas mulheres se aproximaram dele nesses anos em que estamos juntos, Gabriela, mas você foi a única que se interessou de verdade por Ibrahim. A única que pôde vislumbrar o homem maravilhoso que ele é. Eu devia ter lhe contado toda a verdade sobre nosso relacionamento, mas preferi deixar que ele mesmo o fizesse. Sinto muito.

— Amina... Nem sei o que dizer... Acho que fiquei um pouco atordoada. Eu nunca pensei que você... Que Salih... Mas, no fim, faz todo sentido! — confessei e ela sorriu.

— Agora já sabe de tudo. Já sabe por que todos aqui protegem tanto a memória de Samira. Sabe também que Ibrahim nunca me traiu nem você.

Assenti.

— Agora me deixe falar um pouco de Ibrahim Kahn. Afinal de contas, nesses mais de dez anos de casados, eu sempre fui a pessoa mais próxima dele, além de Isabel... Aliás, foi ela mesma quem me alertou sobre sua vinda até aqui.

Escutei atentamente.

— Ele nunca, jamais, em hipótese alguma, fala do passado. Ele não fala do passado nem mesmo para mim. O pouco que sei deduzi sozinha. Ibrahim nunca permite que o toquem. Ele raramente se mostra despido a alguém. Eu mesma nunca o vi sequer sem camisa. Se ele lhe permitiu chegar tão perto, é porque confia em você.

Assenti mais uma vez.

— Então, se você o ama, se nutre por ele o mesmo que ele por você, vá atrás dele. Espere que aquela capa pesada de Sr. Kahn caia por terra e mostre a ele que também pode ser amado. Mas, se não é esse o caso, vá embora. Volte ao Brasil, e eu mesma lhe garanto que

nunca mais terá uma notícia sequer a respeito de nenhum de nós.

Pensei por alguns instantes, olhos parados nas roseiras, observando o vento balançar as flores; pensando em tudo que eu queria e em tudo que eu não queria para mim e para Ibrahim.

Nunca pensei que me envolveria tão rápido com alguém. Nunca pensei que aquele amor que li nos livros era realmente possível. Nunca pensei que seria pega na teia de minhas próprias palavras.

Se alguém me perguntasse, dias antes, o que eu achava do que escrevia em meus livros, eu diria que eram palavras soltas ao vento. Consolo a corações carentes. Ilusão de mulheres que desistiram de procurar pelo príncipe encantado na vida real. No entanto meu príncipe encantado estava lá, em algum lugar da mágica cidade de Istambul, esperando por mim.

Eu, que já tinha desisto do amor, seria a princesa encantada resgatando o herói de seu próprio calabouço.



“Quando o coração fala, a sabedoria se cala para ouvir”

(provérbio árabe)

Quando deixei a mesa, meu coração saltava no peito como se eu fosse enfartar.

Eram tantos sentimentos. Tantas sensações percorrendo minhas veias, pinicando minha pele e aquecendo meu coração, que mal pude tomar um banho e escolher uma roupa.

Eu imaginava onde poderia encontrá-lo, embora não o conhecesse há tanto tempo assim. Ibrahim era um homem recluso. Se estava chateado ou triste, não iria querer ver ninguém. Por isso não tinha voltado para casa.

Os últimos raios de sol se escondiam nas águas do mar, enquanto o táxi seguia pela costeira. A noite começava amena e agradável. Tudo parecia conspirar, mas eu sentia um medo

absoluto, como nunca antes tinha sentido. Medo de que ele não me escutasse. Pelo pouco que eu conhecia dele, sabia da força de seu gênio.

Desci na frente da Infinitum e, assim que cheguei à entrada, um segurança informou que ainda não estavam se organizando para a noite.

— Eu estive aqui, noite passada, com o Sr. Kahn — tentei explicar. — Sou jornalista, trabalho com ele. Quero saber se ele está e se pode me atender. É um assunto realmente importante.

O homem sacou o telefone celular do bolso e fez uma ligação. Não entendi o conteúdo da conversa, ele falava em turco, mas também não demorou a desligar.

— Venha, senhorita, irei acompanhá-la. O Sr. Kahn a espera no escritório.

Caminhei dois metros atrás do segurança. Cada passo, um solavanco em meu coração.

O homem me deixou no elevador e voltou para a entrada. Agradeci o fato de estar sozinha, assim não precisava disfarçar minha ansiedade.

Logo que meus pés deixaram o elevador, eu o vi.

Ibrahim Kahn estava lá, parado em frente à porta. Alinhado como sempre. Impecável em seu conjunto de calça e blazer azul-marinho. Os olhos reluziam como dois Mediterrâneos, o rosto impassível como sempre.

— Queria falar comigo, Srta. Mollinos? — perguntou sério. — Se for alguma dúvida sobre a quebra do nosso contrato, não se preocupe, eu mesmo faço questão de dispensá-la do trabalho. Comprei uma passagem para São Paulo. Imagino que o e-mail de confirmação esteja em sua caixa de mensagens.

Maldito turco arrogante! Ele realmente não tornará as coisas simples para mim!

— Não tem nada a ver com o contrato ou com o trabalho, Ibrahim — confessei me aproximando. — Eu quero falar com você. Uma conversa de homem e mulher.

— Sua saída descomedida do meu quarto, noite passada, deixou claro que não existem outros assuntos entre nós, além do contrato que nos unia.

— Ibrahim... Não seja tão prepotente! Deixe-me entrar e me escute — pedi.

Ele não concordou, mas entrou caminhando devagar, deixando as portas abertas e me dando o pouco da abertura que eu precisava para, ao menos, tentar me explicar.

Passei pelas portas e as fechei. Não queria correr o risco de ser interrompida enquanto tentava me justificar; isso era ridiculamente difícil para mim. Eu era péssima em admitir qualquer tipo de erro e, embora não soubesse da real situação, meu comportamento não tinha sido dos melhores.

Ibrahim caminhou até o bar, ainda no escritório. Serviu uma dose de uísque no copo e parou frente à parede envidraçada.

— Eu não podia imaginar essa situação! — comecei minha defesa, ele ainda de costas para mim, sorvendo a bebida lentamente. Continuei: — Você há de convir comigo que não é nada comum esse tipo de acordo. Quer dizer, você nunca deu a entender que seu casamento com Amina não era real!

— Deixei bem claro, Gabriela, desde o primeiro dia, que a palavra para mim é uma questão de honra — disse encarando a *Hagia Sofia*, iluminada e altiva no meio da noite.

— Sim! Você me disse! Mas, Ibrahim, você precisa ver as coisas pela minha ótica. Eu não vi muitas pessoas honrando a palavra desse jeito. Eu... — as palavras amargavam em minha boca — eu... — não conseguia continuar, sentia as primeiras lágrimas quentes escorrerem de meus olhos.

— Você me mediu com sua própria régua, Gabriela. Tirou conclusões sobre alguém que nem ao menos conhecia, baseada em suas frustrações anteriores. Isso não foi, nem de longe, justo ou inteligente de sua parte, e eu, sinceramente, esperava mais de uma mulher como você.

Suas palavras arranhavam meu ego. Ibrahim era bom com elas. Era bom em magoar. Talvez fosse reflexo de tudo que sofreu, mas o fato é que eu não merecia um julgamento tão intenso. Sim, tinha cometido um erro, mas ele não podia esperar de mim confiança absoluta.

Eu era boa em escrever. Conseguia traduzir meus sentimentos em palavras como ninguém, mas era péssima em fazê-lo cara a cara. Tudo o que vinha a minha mente era o maldito Leonel, com aquele sorriso de deboche me dizendo que não podia perder a vida simplesmente porque eu era seca por dentro.

Ibrahim tinha razão em uma coisa. Não era justo nem inteligente transferir o que eu sentia em relação ao fim de meu casamento para ele. Mas era mais forte do que eu.

Algumas mágoas não podem ser superadas. Pelo menos não no tempo que determinamos. Alguns sofrimentos têm seu próprio tempo.

— Você é um maldito arrogante e cheio de empáfia! — gritei mais alto do que pretendia, deixando meus sentimentos virem à tona. — Nem ao menos consegue descer desse pedestal e escutar o que estou tentando dizer! Acha que essa é uma atitude superior, Sr. Kahn? Acha que me culpar pelo que eu nem podia imaginar é inteligente ou justo?

Cada palavra saía acompanhada de uma lágrima, cada uma delas levando um pouco mais do meu autocontrole. Eu ia falando e fungando, enquanto limpava os olhos com as costas das mãos. Se era isso o que ele queria, ao menos eu ia deixar aquele lugar com a alma lavada.

— Desça desse maldito pedestal, homem! Olhe em volta! Eu sei que tenho meus problemas, mas ao menos admito que eles estão aqui e que precisam ser curados! Pelo amor de Deus, Ibrahim, como posso confiar incondicionalmente em alguém que acabei de conhecer?

— Vê porque não é possível continuarmos com nosso acordo, Gabriela? — perguntou ainda sem me encarar. Eu não conseguia responder. Muito menos me defender. — O fato de você não confiar em mim é extremamente importante. Não posso me abrir com alguém que não acredita em minha índole e em meu caráter.

Meu corpo tremia de raiva, lágrimas descendo sem cessar.

Virou-se devagar. A mesma postura altiva de sempre. Assim que viu o estado em que eu estava, Ibrahim parou, seus pés colados ao piso reluzente. Deixou o copo sobre a mesa e caminhou a passos largos até onde eu estava. Os belos olhos azuis pesados de preocupação.

— Ah, *güzel,* não chore! — pediu, arrancando o lenço do bolso e secando meus olhos. — Não a quis ofender. Jamais desejaria isso.

Quanto mais ele tentava me consolar, mais eu queria chorar. Senti-lo me tocar com tanta gentileza só me fazia pensar ainda mais no passado; em tudo que eu tinha sonhado e em tudo que jamais realizaria.

Ele me segurou forte, atraindo meu rosto para o peito. Seu coração batia tão rápido quanto o meu.

— Por vezes acabo sendo mais idiota do que gostaria, Gabriela. Tem razão, você não poderia jamais imaginar o tipo de acordo que existe entre Amina e eu. Eu deveria ter contado desde o início.

Segurou meu rosto entre as mãos, limpando as últimas lágrimas com os polegares.

— Não contei antes porque sou um covarde — admitiu. — Tive medo de que tudo que pensava ver em seus olhos fosse apenas o reflexo dos meus. Não quis me enganar e acabei enganando você. O injusto fui eu.

Encarei-o por alguns instantes. Aquele era Ibrahim Kahn; o verdadeiro Ibrahim Kahn. A capa pesada a que Amina tinha se referido estava no chão.

— Acho que somos dois cabeças-duras! — brinquei —, o que torna bem difícil o que quer que isso aqui seja. — Apontei o dedo entre nós dois.

Eu odiava me lamentar e sabia que Ibrahim também.

— Creio que tenha razão, Srta. Mollinos. Penso que nossos egos ainda causarão alguns desconfortos por aqui. — Imitou meu gesto. Uma sombra de sorriso brilhava em seus olhos, iluminando seu rosto. — Mas acredito que somos suficientemente capazes de resolver alguns

impasses.

Sorri de leve e ele sorriu também, seus dedos correndo por meu rosto devagar, sentindo minha pele, enquanto eu sentia seu toque.

Fechei os olhos por um segundo, aproveitando a sensação.

— Abra os olhos... — pediu, a voz tão próxima de meu rosto que não resisti. — Os olhos são o espelho da alma, *güzel*, quero ver o que os seus refletem. Sentir o que você sente.

Eu nem sabia mensurar o que sentia. Nunca tinha chegado nem perto do que Ibrahim me fazia sentir. Do que conseguia extrair de mim. Era como se ele tivesse um poder que eu nem imaginava possível.

Aqueles olhos eram de um azul tão límpido e claro que me faziam querer pular em suas águas sem salva-vidas.

— Na última vez que a tive em meus braços, Gabriela, pedi a você que dissesse que me queria — relembrou —, eu precisava de uma afirmação sua. Precisava saber que não estava enganado, que não tinha sido ludibriado por mais alguém. Hoje, não. Não quero sua afirmação, mas desejo que tenha a minha.

Seu olhar capturava o meu completamente. Com uma das mãos acariciava meu rosto e cabelos, enquanto a outra me mantinha cativa segurando a base de minha coluna, mantendo nossos corpos perto o suficiente para que o desejo que eu sentia por ele desde o primeiro instante tomasse conta do pouco de razão que eu ainda tinha.

— Eu quero você, Gabriela Mollinos — as palavras saindo tão suaves e carregadas de erotismo que queimavam minha pele onde quer que tocassem. — Quero desde o primeiro momento em que a vi. Desde nosso fatídico encontro naquela livraria.

Eu não sabia como responder. Não era tão boa com as palavras como ele e não queria tirar o brilho mágico daquele momento, então eu sorri. Um sorriso tímido e levemente incrédulo, mas era o sorriso mais sincero que eu tinha dentro de mim.

Seu polegar acariciou meu lábio inferior, tocando toda a extensão da boca, subindo para o lábio superior. Então me lembrei do que ele tinha dito em nosso último encontro; que a mão era uma zona erógena e pouco explorada, e decidi tentar.

Beijei seu dedo e desci para a palma da mão, traçando um caminho com a ponta da língua, sentindo o gosto da pele dele se dissipar em minha boca. Sorvendo um pouco de Ibrahim Kahn.

Os olhos dele faiscavam de desejo, mas Ibrahim Kahn era um homem acostumado a manter o controle. Era um jogo que ele gostava de jogar.

Oscilei e briguei com o desejo de tocá-lo mais, de abrir os botões de sua camisa e sentir a pele quente e macia. Nesses trinta anos de vida, nunca tinha tomado a iniciativa com um homem. Sempre reprimi meus desejos mais profundos. Sempre concordei. Aprendi que deveria ser assim e, por mais que fosse uma mulher moderna, não conseguia deixar velhos hábitos para trás.

Baixei os olhos um pouco e sorri sem que Ibrahim soubesse a razão. Eu queria tentar. Queria tentar com ele. Queria ser o mais livre que pudesse. Queria mais do que ele me fazia sentir. Eu precisava assim como precisava de ar.

Subi as mãos até o primeiro botão da camisa dele. Ibrahim não usava gravata. Permaneceu imóvel, seu olhar ainda parado no meu, ligeiramente curioso com o passo que eu daria a seguir.

Abri, um a um, os botões, deslizando a mão no caminho de pelos suaves e claros que ele tinha no peito. Sua pele era tão lisa e macia quanto imaginei em meus desejos. O perfume desprendia-se dele e invadia-me.

Conforme me aproximava da parte baixa da barriga, percebi uma ligeira mudança na respiração compassada que a movia. Tão discreta, que passaria despercebida, se eu não estivesse tão conectada a ele como estava.

Puxei o tecido fino da camisa para fora da calça e acariciei toda a extensão do peito de Ibrahim, desde a base do pescoço até o cós da calça, antes de deslizar o blazer pelos ombros e deixá-lo sobre a poltrona de couro. Fiz o mesmo com a camisa, sentindo os músculos dos ombros e braços dele. Ibrahim parecia pacientemente disposto a me deixar ousar. Eu podia sentir sua excitação em me deixar tomar as rédeas da situação.

Eu não era criança. Nem ele também. Quando entrei naquele escritório disposta a resolver nosso impasse, sabia muito bem o que aconteceria a seguir. Eu queria o que aconteceria a seguir. Diferente da última vez que estivemos juntos, eu tinha pleno controle do que desejava.

Meus dedos pararam sobre o cinto. Eu não queria ter pressa. Queria aproveitar o momento, pois não fazia ideia de quanto tempo tudo aquilo duraria. Aquele corpo ali, ao alcance de meu toque. As luzes da cidade ao fundo, brilhando na noite escura de Istambul.

Ibrahim Kahn era um sonho do qual eu não queria acordar. Sempre soube que tínhamos um prazo de validade, mas, naquele momento, eu desejava a eternidade.

Baixei uma alça do vestido e depois a outra, permitindo que escorregasse por meu corpo, ficando apenas de calcinha. Meu coração batia tão forte que pensei que arrebentaria o

peito e pulsaria no chão.

Ibrahim levou as mãos até meu rosto, deslizando por minha mandíbula e pelo pescoço, fazendo-me morder o lábio com seu toque.

As mãos pararam em meus ombros e ele esboçou um sorriso de aprovação.

— Você é linda, Gabriela. Sei que já disse isso, mas você é realmente linda.

Tomou-me nos braços e caminhou até o anexo, colocando-me em pé novamente, próximo à cama.

Segurou meu queixo entre o polegar e o indicador, então aproximou os lábios dos meus. Eu ansiava tanto por sua boca... por seu beijo...Mal podia controlar a excitação.

Os lábios dele tocaram os meus devagar, o nariz acariciando a lateral do meu. Tão delicado e terno; eu mal podia crer que aquele era, de fato, o homem misterioso que tinha me salvado de um vexame em São Paulo.

Sua língua buscou espaço entre meus lábios e eu os abri, permitindo que ele me tomasse como queria.

Aquela boca era, contraditoriamente, suave e intensa. Eu nem poderia explicar, somente sentir. Não se parecia em nada com nosso último beijo. Esse era profundo e pessoal. Não era apenas um beijo carregado de desejo.

Nossas línguas misturavam-se e minha respiração ia ficando cada vez mais pesada. Dentes mordiscavam meus lábios e mãos acariciavam minha pele da cintura até os seios, fazendo-me arfar.

Ibrahim deslizou a boca em minha pele desde o queixo, perdendo-se em meu pescoço e mordendo a carne macia próximo à orelha, para então descer mais e encontrar meu seio.

Segurou-o com a mão, circulando a auréola com a ponta do polegar e enrijecendo ainda mais o bico entumecido, para então capturá-lo entre os lábios, lambendo, mordiscando e fazendo-me zonza de desejo.

Repetiu o gesto no outro seio e então se ajoelhou e beijou abaixo do meu umbigo, erguendo os olhos até os meus.

Segurou cada lado da minha calcinha e a baixou até que deslizasse por minhas pernas, perdendo-se no chão. Quando sua boca se aproximou de meu sexo, instintivamente fechei os olhos mais uma vez.

— Olhe para mim, Gabriela, quero que me veja beijá-la. Quero que veja seu desejo refletido no meu. Quero que sinta a minha satisfação em dar-lhe prazer.

Eu não podia negar. Por mais que a timidez me assombrasse, era impossível negar o que

quer que fosse ao Sr. Kahn.

Beijou minha barriga de um flanco a outro e então girou uma das mãos por minha coxa, conduzindo-a até entre minhas pernas.

Ciente da possibilidade de ser tocada ali, senti minha excitação atingir o ponto máximo. Meu corpo todo pulsava, lascivo, por ele.

Separou minhas pernas um pouco, o suficiente para que conseguisse me beijar entre os grandes lábios.

Gemi involuntariamente a princípio, mas, depois, gemi porque queria mesmo. Queria que ele soubesse o que eu sentia. Queria mostrar a ele o quanto desejava o que estava acontecendo.

Quando meus gemidos se tornaram menos e menos espaçados, Ibrahim segurou minha perna e a elevou para que eu a colocasse sobre seu ombro, apoiando-me nele e permitindo acesso irrestrito ao meu sexo.

A língua devastadoramente experiente provocava-me sensações tão intensas que pensei que não fosse conseguir me manter lúcida.

Minha respiração, mais e mais entrecortada, anunciava que estava perto de gozar na boca dele.

Quando finalmente não pude mais me conter, ele lambeu e sugou minha carne macia e arrancou de mim mais um pouco de um orgasmo que nem pensei ser possível.

Ibrahim se levantou e me beijou. Um beijo mais intenso e carregado de seu próprio desejo, misturado ao meu sabor.

Seus passos levaram-me até a cama e eu me sentei. Antes de terminar de se despir, ele me fez deitar. Ficou em frente a mim e então, sim, livrou-se dos sapatos e da calça.

Vê-lo despir-se era como apreciar um bom vinho. Eu o estava degustando.

A seda clara da cueca contrastava perfeitamente com a pele bronzeada. O colorido da tatuagem completava a beleza da pintura que aquele homem era.

Veio até mim devagar, deitando o corpo grande sobre o meu, tomando minha boca na dele. Eu mal podia esperar pelo que viria a seguir.

Ibrahim encaixou-se entre minhas pernas, acariciando meu corpo com a boca, enquanto, com as mãos, fazia-me suspirar e preparar meu corpo para mais uma sessão intensa dele.

Puxei um pouco sua cueca sinalizando que estava pronta; mostrando que o queria, e ele compreendeu no mesmo instante.

Abriu a gaveta da mesa de cabeceira e pegou um preservativo. A luz que entrava no

quarto, vinda da rua e da sala ao lado, era tudo o que tínhamos, mas a quantidade perfeita para que eu pudesse admirar o quanto ele era perfeito completamente despido.

Sua masculinidade e virilidade eram evidentes de qualquer jeito, mas, sem o terno, eu podia ver quem realmente ele era.

Voltou a encaixar-se entre minhas pernas e eu as abri um pouco mais, dando espaço para que, enfim, pudéssemos nos entregar ao inevitável. Ao desejável...

Fechei os olhos, afundando minhas unhas na carne das costas dele, enquanto sentia o corpo rígido buscar espaço no meu.

— Huuuuuum... — gemi contra seu peito.

— Abra os olhos, Gabriela... — pediu mais uma vez, a voz embargada pelos próprios gemidos. Quero ver o que eles refletem enquanto está comigo.

Enquanto ele me penetrava deliciosamente lento primeiro, depois rápido e fundo, eu sentia os efeitos dele em meu corpo mais uma vez, preparando-me para mais uma explosão absurda e quase inacreditável de prazer genuíno.

— Ibrahim... — balbuciei entre um gemido e outro.

— Isso, *güzel*... Chame meu nome... — Afundou-se em mim mais profundo do que em qualquer outro momento. — Quero fazer você gozar chamando meu nome. Quero marcá-la para sempre. Tornar-me o único.

Pensei em dizer que isso não seria difícil, mas o momento respondia por si só.

Ibrahim só buscou o próprio prazer quando eu não tinha mais forças para encontrar o meu. Meu corpo estava completamente satisfeito e totalmente relaxado.

Virou-me de costas posicionando um travesseiro debaixo de minha barriga, fazendo-me empinar o corpo para ele, e então segurou meus cabelos em feixe, enrolado na mão, fazendo-me arquear um pouco mais.

— Você nem faz ideia de quantas vezes desejei possuí-la assim. De quantas vezes desejei tomar as rédeas de você, Srta. Mollinos — confessou. — Você exerce uma força tão contraditoriamente profunda em meus sentimentos que mal posso explicar. Ao mesmo tempo que a quero proteger e mimar, quero calar suas provocações e fazê-la me obedecer!

Ri um pouco mais alto do que gostaria.

Ibrahim segurou meu rosto, fazendo-me virar um pouco a cabeça e encará-lo, enquanto aumentava os movimentos de vai e vem, arrancando-me suspiros.

— Vê como é contraditório? — perguntou com os olhos focados nos meus. — Você tira o controle das minhas mãos e eu não lido muito bem com a falta dele, *güzel*. Você precisa me

ensinar a confiar. Precisa me mostrar que posso.

Beijei-o com todo o sentimento que tinha. Queria muito fazê-lo confiar em mim. Queria confiar nele também. Nada me faria mais feliz, mas nada seria mais desafiador também.

Quando seu corpo cansado e satisfeito pesou sobre o meu, eu finalmente fechei os olhos e deixei do lado de fora daquele quarto tudo o que atormentava meu coração. Era o momento que eu tanto tinha desejado. O momento pelo qual esperava desde que tinha conhecido Ibrahim Kahn.

Talvez fosse apenas ilusão ou satisfação de um desejo carnal, mas tudo isso eu deixaria para descobrir pela manhã... Naquela noite não... Naquela noite eu só queria sonhar.



Ibrahim

“*Quando fizeres o bem, oculta-o; quando te fizerem o bem, proclama-o.”*

(provérbio muçulmano)

Nem consigo me lembrar da última vez que dormi três horas seguidas, tendo alguém em

minha cama.

Alguns traumas são difíceis de esquecer.

Levantei e me vesti, servindo em seguida uma dose de uísque no copo. Sentei na poltrona de couro, observando Gabriela dormir.

Era confortador ver a calma em seu rosto; saber que ela não tinha os mesmos fantasmas noturnos que eu.

Desde que deixei minha casa em Halfeti, não tive uma noite sequer de sono tranquilo. Primeiro porque tinha medo do que poderia me acontecer se eu não estivesse de guarda; depois porque não conseguia esquecer tudo o que tinha me acontecido nos poucos momentos em que dormia de exaustão.

Nunca fui de lamentar o passado. Aprendi minha lição e evitei muito sofrimento no futuro, mas algumas cicatrizes que ficaram em minha alma não puderam ser escondidas com uma tatuagem qualquer.

Ela parecia tão angelical dormindo, nua, em minha cama. Fazia-me lembrar aquelas pinturas dos grandes mestres renascentistas que eu via nos museus europeus.

Essa era a maior herança que Alexia tinha me deixado — a cultura.

Ela tinha transformado o simples agricultor em um homem do mundo; num cidadão cosmopolita, capaz de se portar perto de quem quer que fosse.

Eu não conseguia odiar Alexia como deveria e também não conseguia desvincular as coisas boas das ruins. Jamais consegui amá-la como ela dizia me amar. O mais perto que cheguei de amar alguém foi com Isabel. Ela foi a mulher com quem mais consegui me abrir e a que chegou mais fundo, embora nossa relação tenha sido sempre de amizade e irmandade.

Como será quando Gabriela acordar?

O cheiro dela ainda estava em minha pele.

Pela primeira vez, eu não quis me banhar, estava tranquilo sentindo o perfume dela misturado ao meu. Não queria apagar da memória o que tínhamos vivido. Era uma situação nova para mim.

Samira foi a minha redenção. O que eu senti por ela não era nem próximo do que sentia por Gabriela. Era calma e segurança. Nunca perdi a razão com Samira, nem mesmo por desejo, embora eu a desejasse muito.

Gabriela me tirava do prumo. Fazia-me perder a capacidade de raciocinar friamente. Ela levava um pouco da minha razão consigo e, pior de tudo, não encontrava sua própria razão. Éramos como um rastilho de pólvora acendendo um ao outro.

“Estas alegrias violentas têm fins violentos. Falecendo no triunfo, como fogo e pólvora. Que num beijo se consomem.”

A bela ruiva deitada em minha cama fazia-me pensar nos romances tórridos e lascivos de Shakespeare. Tudo era sofrido demais. Intenso demais. Dolorido demais. Era como arranhar a própria carne e em seguida assoprar até que a dor desse uma pausa. Eu não era bom em sentir coisas desse tipo. Não sabia lidar com todo esse descontrole. Tinha medo de fracassar.

E se eu a fizer sofrer?

Se não controlasse minha ira. Meu ciúme. Minha raiva. Meu desejo. Se tirasse dela esse brilho próprio e cheio de empáfia. Se não fosse capaz de fazê-la feliz.

Poderei viver sabendo que arranquei suas asas?

Respirei fundo sem ter nenhuma das respostas de que precisava. Ninguém as tinha... Talvez fosse essa a beleza do amor que todos procuravam — um salto em uma piscina escura que ninguém sabia se continha água suficiente. Um lugar em que apenas pulamos e esperamos, ansiosos, que o outro esteja lá.

Virei o que restava da bebida de uma única vez e então fui verificar as chamadas e mensagens que provavelmente estavam em meu celular.

Eu não costumava ficar incomunicável, então tinha certeza de que tinha sido procurado por Isabel ou por algum dos seguranças.

Encarei as ligações e, por fim, tinha uma mensagem de texto.

“Espero que ao menos tenha se acertado com a ruiva! Do contrário, vou chutar esse seu traseiro bonito por me deixar sozinha a noite toda!”

Era de Isabel, obviamente, ninguém mais falava comigo daquele jeito.

— Como estão as coisas no salão? — perguntei assim que ela atendeu ao telefone.

— Tudo sob controle, chefe! — troçou. — Como sempre, aliás. Você me conhece.

Sim, eu conhecia. Não tinha dúvida alguma da capacidade administrativa dela. Isabel era ótima em qualquer coisa a que se dispusesse fazer.

— Passei por seu escritório mais cedo — explicou—, mas vi roupas de mulher no chão e imaginei que você não gostaria de ser interrompido. Espero que sejam de Gabriela, Ibrahim! Ou eu mesma entro aí e arranco a oportunista pelos cabelos. Você sabe muito bem que sou capaz!

Quase sorri. Era uma preocupação genuína e afetuosa, mas ainda era uma intromissão em minha vida particular, então segui sendo o mesmo Kahn de sempre.

— Fique tranquila, minha querida, sei lidar com minhas acompanhantes sexuais. Não se

preocupe — provoquei mesmo sabendo que ela me conhecia o suficiente para perceber, pela minha calma, que realmente se tratava de Gabriela.

Estávamos ainda no meio da madrugada. A casa estava lotada e eu sabia que Gabriela demoraria a acordar. Estava cansada. Não tinha dormido bem nas últimas noites e poucas pessoas conviviam bem com a privação de sono.

Tomei um banho, vesti-me e desci para verificar o andamento de meu negócio.

Caminhei pelo salão e conversei com alguns funcionários. Isabel estava a cargo de um grande comerciante grego que tinha decidido nos visitar naquela noite. Cumprimentei-os de longe, não era necessário me envolver.

Salih estava cuidando da contratação de algumas funcionárias de que precisávamos para absorver o aumento do fluxo. Sexo era, sem dúvida alguma, um dos negócios mais rentáveis da atualidade. O negócio do futuro.

Passei pela cozinha, pouco antes de voltar ao quarto. Assim que entrei, o chef de cozinha veio até mim. Ele estava acostumado a preparar meu desjejum, já que eu ficava no anexo muitas vezes.

— O senhor deseja seu café, Sr. Kahn? — perguntou.

— Café para dois, por favor. Aguardo em meu escritório.

— Pois não, senhor, em alguns minutos.

Subi de volta ao escritório e caminhei até o anexo. Gabriela começava a acordar, já que a claridade da manhã banhava o lugar com sua luz dourada.

— Meu Deus, homem! Você não dorme nunca! — praguejou sorrindo.

— O sono é superestimado, Gabriela — brinquei sem sorrir, tentando manter meu rosto sério, embora ela estivesse adorável, despenteada em minha cama.

— Pois eu amo dormir! Por mim, passava várias horas na cama.

— Posso pensar em pelo menos uma dúzia de coisas mais interessantes para fazer, por horas, em uma cama — provoquei.

Gabriela sorriu, mas o gesto morreu rápido demais. Não estava triste, mas tinha um pequeno traço de preocupação em seu olhar.

Os olhos esverdeados focados nos meus.

Aproximei-me da cama e me sentei. Eu podia imaginar o que se passava na cabeça daquela mulher. Provavelmente não sabia o que viria a seguir.

Sempre fui um homem reservado. As pessoas nunca esperavam coisas boas do intimidante Sr. Kahn.

— Pedi café para você. Imagino que não tenha se alimentado o suficiente ontem.

Ela concordou, ainda me encarando.

— Algo a aflige, Gabriela? — perguntei, aproximando-me um pouco mais.

O lençol cobria-lhe a nudez, como se ela não soubesse ao certo como se comportar perto de mim.

Eu queria que ela soubesse que era bem-vinda ali; que eu estava satisfeito em tê-la ainda comigo, mas não sabia como dizê-lo. Não queria falar de sentimentos. Não sabia ter esse tipo de conversa.

Acariciei seu rosto devagar, rezando para que ela compreendesse o que eu não conseguia formular em palavras.

— Tome café comigo, güzel, e então a levarei para passear. O que me diz? Podemos passar o dia juntos. Cancelo minha agenda para ficar com você.

Os olhos dela ficaram perdidos nos meus mais um segundo, antes que o sorriso brilhasse em seus lábios.

— Não sei se consigo cancelar minha agenda, Sr. Kahn. Estou trabalhando com um figurão bastante teimoso aqui de Istambul. Tenho minhas dúvidas se ele permitiria tamanha audácia da minha parte. — Riu fazendo charme para mim.

Avancei um pouco mais e a tomei entre os braços. Livrei seu corpo do lençol e corri os dedos pela pele macia. Abri espaço em sua boca para a minha. Mordiscava o lábio inferior, enquanto acariciava um seio com a mão em concha.

Gabriela deu um suspiro. Tive a impressão de que reprimia o gemido, enquanto acariciava minha nuca, os dedos brincando com meus cabelos.

Trouxe-a para meu colo e a acomodei ali, sobre minhas pernas. Seu corpo era do tamanho exato para mim. Encaixava-se no meu com perfeição.

— Tenho certeza de que o tal figurão ficará feliz em abrir uma exceção ao Sr. Kahn.

Ela sorriu contra minha boca, enquanto meus dedos se afundavam na carne macia e deliciosamente quente, entre suas pernas.

— Achei que íamos tomar café.

— Estou antecipando a sobremesa neste exato momento.

Acariciei-a com o polegar, enquanto a penetrava delicadamente com os dedos anelar e médio, sentindo sua umidade aumentar.

Eu queria estar dentro dela mais do que queria respirar. Sentia a urgência de meu corpo se apertar a cada movimento, mas preferia brincar com ela antes. Podia sentir que Gabriela

também desejava que eu a penetrasse e esse jogo era ainda mais delicioso que a relação em si.

— Hum... —gemeu, contorcendo-se contra mim.

Esperei pacientemente que gozasse, amava o desejo que sentia de sua boca e de sua pele. Quando finalmente ela estava satisfeita, levei os dedos à boca, sorvendo tudo que podia daquele sabor.

Alguns segundos depois, ouvi baterem à porta do escritório.

— Agora que já provei minha sobremesa, Srta. Mollinos, podemos tomar nosso café da manhã.

Ela desceu do meu colo e enrolou-se no lençol novamente. Eu segui até o escritório.

Pode deixar, que eu mesmo me sirvo. Obrigado — agradeci ao funcionário da cozinha e ele se foi.

Fechei as portas e passei a chave. Não queria que fôssemos incomodados.

Levei a bandeja de café até a cama. Gabriela ainda estava deitada.

— Espero que aprecie o café, *güzel*, você precisa se alimentar bem.

— Eu vou acabar engordando, isso sim! Olha essa bandeja! Não tem nada aí que eu não comeria!

— Então coma — incentivei —, a fome é um desejo primário. Todos nós temos fome, embora nem toda fome seja de comida. — Encarei-a com o desejo. — Como já sabe, não faço o tipo que reprime desejos, nem gosto que quem esteja ao meu lado faça isso.

Ela engoliu em seco, certamente compreendeu o que eu queria dizer.

Servi uma xícara de café e entreguei a ela.

— Nada é mais necessário para começar bem o dia que uma boa xícara de café.

— Concordo plenamente! — sorriu —, não sou ninguém sem meu café.

— Pelo menos concordamos em algo! — pontuei.

Terminamos nosso café e esperei que Gabriela se preparasse para sair, enquanto tratava de alguns negócios com Salih em meu escritório.

Isabel já tinha se encarregado de preparar meu passeio com Gabriela e, se tudo corresse bem, poderíamos prolongar nosso descanso para mais alguns dias. Eu nem lembrava mais da última vez que me ausentei do trabalho por um tempo. Merecia isso, sem dúvidas.

Assim que ela passou pelas portas e o viu, suas bochechas coraram. Por mais que agora soubesse a verdade, certamente estava envergonhada por ter sido pega.

— Olá, Gabriela! Como está? — perguntou ele com a displicência de sempre.

— Bem... — respondeu ainda envergonhada.

— Espero que tenham um bom dia! Vou aproveitar para exercitar minha capacidade administrativa — brincou —, já que o Sr. Kahn deixou tudo sob o meu comando.

— Seu e de Isabel, não se esqueça.

Salih riu, concordando com a cabeça.

— Ah, e, Gabriela... Perdoe-me por aquela noite. Lá no clube — explicou. — Eu deveria ter fechado a porta, mas você sabe, a empolgação falou mais alto.

Gabriela tentou não parecer chocada. Eu podia perceber seu desconforto, mas tenho certeza de que fui o único. Salih lhe deu um beijo na bochecha e saiu.

— Você não sabia que era ele — constatei.

— Não!

Quase ri de seu espanto.

— Vamos deixar aquela fatídica noite no passado, *güzel*. Seguir em frente... Tenho certeza de que você compreende agora que nem sempre deve deixar seus instintos investigativos tomarem as rédeas da situação, não é mesmo?

Ela concordou com a cabeça.

— Perfeito! Seguimos daqui então.

Abri a porta e esperei que ela passasse. Descemos pelo elevador e seguimos até a saída, entrando em meu carro.

Dirigi até o hangar, onde o helicóptero nos esperava.

Assim que Gabriela entendeu o que iria acontecer, hesitou.

Tomei sua mão na minha e levei à boca, beijando-a suavemente.

— Confie em mim. Você irá apreciar o passeio.

Ela respirou fundo e seguiu ao meu lado. Era bom saber que não tinha questionamentos. Fazia-me pensar que talvez estivéssemos no caminho certo do entendimento.

Tomamos nosso lugar na aeronave e o piloto seguiu até o ponto onde o veleiro estava ancorado.

Fazia tempo que eu não velejava. Tempo demais. O mar me ajudava a pensar e me trazia a calmaria que minha alma turbulenta não tinha naturalmente. Estar com Gabriela também.

Decidi que unir as duas coisas seria uma experiência curiosa; talvez a paz gerada nela fosse mais duradoura do que a que eu vinha conseguindo com doses de uísque escocês.



“*Se você deseja ser obedecido, não peça o impossível”*

(provérbio árabe)

Descemos do helicóptero em uma marina.

Em se tratando do Sr. Kahn, pouca coisa me surpreendia, mas, ainda assim, não pude deixar de segurar o queixo com força, quando paramos de frente para o veleiro.

Eu nunca tinha sequer entrado em um barco grande. Tudo que conhecia de meios de transporte flutuantes eram caiaques e pedalinhos, coisas que costumavam ser usadas em parques, e não em mar aberto.

A embarcação era linda e encantadora. A cada hora que eu passava ao lado de Ibrahim, tinha mais certeza de que não podia ser real. Tudo aquilo tinha que ser um sonho. Um sonho

daqueles que, quando acordamos, tentamos em vão retomar, voltando a dormir.

Depois da conversa com Amina, eu tinha decidido viver o momento. Talvez Isabel estivesse certa e eu me culpasse demais. Não queria viver assim, carregando o saco imenso de sujeira que Leonel tinha colocado em minhas costas.

Ibrahim embarcou elegantemente, apesar do terno ajustado a perfeição. Os óculos escuros cobriam seus olhos, conferindo-lhe um charme ainda mais misterioso; seus cabelos balançando com a brisa do mar.

Segurei a mão do marinheiro e embarquei também.

Seguimos pelo convés, enquanto ele ia explicando alguma coisa em turco para Ibrahim. Depois de algum tempo, o homem meneou a cabeça e saiu do barco.

— Não teremos um piloto ou capitão, sei lá? — perguntei curiosa e Ibrahim esboçou um sorriso de lado.

— Posso dar conta disso, Srta. Mollinos, não se preocupe.

— Você irá pilotar essa coisa sozinho? Quer dizer, se acontecer alguma coisa, estaremos sozinhos? — insisti, divertindo-o mais.

— Não é a primeira vez que velejo, Gabriela. Sei o que estou fazendo. Além disso, estaremos à beira da costa por toda a viagem. Caso seja necessário, basta enviar um alerta do meu próprio celular, e seremos resgatados em tempo.

Maldito turco confiante!

Por via das dúvidas, confirmei que tínhamos um bote salva-vidas com espaço suficiente para dois. Eu não queria terminar com a velha do Titanic!

— Venha, Srta. desconfiada, vamos conhecer o veleiro. — Estendeu a mão e esperou que eu a segurasse.

Demos a volta pelo convés.

A brisa soprava agradavelmente quente em meu rosto. As águas eram claras e tranquilas, o sol brilhava o suficiente para que não estivesse quente demais, ou frio demais. Tudo parecia perfeito.

Na parte de trás, perto dos comandos, havia um sofá confortável e cheio de almofadas. Parecia um ótimo lugar para tomar sol e apreciar a vista.

Descendo as escadas, tínhamos um quarto grande, com uma cozinha separada por um balcão de refeições. Tudo era feito de uma madeira natural brilhante e couro claro, quase branco. Impecavelmente limpo e organizado. Parecia o quarto de um hotel de luxo.

Atrás de uma pequena porta, um banheiro de três peças bem maior do que eu poderia

querer dentro de um barco.

A cozinha possuía fogão e forno micro-ondas, além de cafeteira expressa e outros itens facilitadores. A pia era redonda e as louças estavam organizadas sobre a bancada de aço inoxidável.

— Gosta? — perguntou, enquanto eu corria os dedos pelo balcão, apreciando o lugar.

— Simplesmente incrível! — confessei. — Este barco é seu?

— Por quantos dias desejarmos — explicou. — Barcos dão muito trabalho pelo tempo que passamos fazendo uso deles. É um investimento nada inteligente.

Caminhou até a cama e tirou o blazer. Continuou soltando os botões da camisa devagar.

— Prefiro alugar o que melhor me atender, de acordo com a finalidade, e depois devolvê-lo ao dono. Sem grandes frustrações. Assim não acabo enjoando do divertimento.

As palavras iam deixando sua boca e eu ia pensando se ele se referia apenas aos barcos.

Ibrahim Kahn era, definitivamente, um homem solitário. Não era o tipo que cria raízes, planeja o futuro, e isso me dava certo medo.

Por mais que estivesse consciente de tudo, era impossível afirmar que não me envolveria. Não era fácil não me envolver com ele.

— Coisas são supérfluas e descartáveis, Gabriela, pessoas não! — explicou, como se pudesse ler meus pensamentos. — É uma lição difícil de aprender, mas o dinheiro se encarrega dela.

Sorri um pouco.

— Não é só o dinheiro que se encarrega dela, Sr. Kahn. Aprendi essa lição sem o benefício da fortuna e, acredite, é bem pior!

Ibrahim abriu o armário, pegou uma calça caqui e uma camiseta branca.

—Isso a torna mais inteligente que eu — constatou com a sombra de um sorriso zombeteiro no olhar.

— Mandei providenciar roupas para você também, caso deseje se trocar. Imaginei que em sua mala do Brasil não haveria muitas peças adequadas para uma viagem ao litoral.

Concordei com a cabeça, enquanto ele se vestia.

Subimos de volta ao convés e Ibrahim fez o veleiro funcionar. A sensação era maravilhosa, e o medo logo deu lugar ao prazer.

Aconcheguei o corpo no sofá e fiquei admirando Ibrahim guiar o barco pelas águas tranquilas do Mediterrâneo.

Juro que tentei não sorrir. Não queria parecer uma idiota deslumbrada, mas era quase

impossível. Ele, definitivamente, poderia ter saído de um dos meus livros.

—Está com fome? — perguntou depois de um tempo.

Aquiesci, realmente sentia o estômago protestar por comida.

Em uma coisa aquele turco metido tinha razão... Fome era um instinto difícil de ignorar e eu não estava muito disposta a me negar esse prazer.

Descemos até a cozinha e Ibrahim aqueceu a comida que estava na geladeira.

Comemos codorna recheada e arroz de amêndoas, com uma salada de folhas ao molho quente de romã. Meu anfitrião escolheu um delicioso Pinot Noir para acompanhar a comida, sabor que casou perfeitamente com a ave.

Para a garota que costuma jantar macarrão instantâneo na maioria dos dias, até que meu paladar se refinou bem rápido.

Depois de comer, deitamos na proa e ficamos sentindo o sol fraco na pele. Ibrahim apoiou-se em um dos braços e ficou me olhando por trás dos óculos escuros. Fiz o mesmo. Meu coração aquecido como há muito tempo eu não sentia, minha alma em paz.

Não dissemos nada um para o outro. Aquele sentimento estranho pinicava minha pele, como se cada segundo fosse a oportunidade para uma despedida. Para guardá-lo em minha memória.

Tirei os óculos do rosto dele. Seus olhos refletiam a mesma paz que eu sentia.

Ele se aproximou um pouco mais. Acariciou meu rosto com a ponta do nariz, antes de me beijar.

Sua boca era macia na minha. Suave. Calma. Profunda. Não tinha urgência de satisfação ou lascívia, embora o desejo estivesse ali. Eu gostava de como ele conseguia alternar entre o exímio amante e o delicado namoradinho de colégio.

Sempre soube que Ibrahim Kahn seria minha perdição, mas estava enganada em quão rápido isso aconteceria.

Suas mãos ergueram minha saia e baixaram a calcinha bem devagar. Os dedos tocando minha pele eram combustível mais que suficiente para que meu desejo acendesse.

Tirei a camisa dele pelos ombros, tocando e beijando seu peito nu. Eu gostava de cada detalhe daquele homem. Gostava do fato de ele não se depilar. Gostava de como seus pelos claros eram macios e finos ao toque. Gostava de como seu perfume se espalhava em minhas narinas e de como os tons da tatuagem se mesclavam nele até desaparecer. Como se uma parte de sua alma se tornasse visível.

Ibrahim pegou um preservativo no bolso da calça e o vestiu.

Quando senti seu corpo abrindo espaço no meu, não reprimi o gemido. Eu o desejava tanto que mal podia controlar. Todos os minutos do meu dia.

Era engraçado como nosso silêncio era confortador.

Não havia juras de amor, nem frases ditas por dizer. Ibrahim era um homem de poucas palavras e seu silêncio acalmava minha urgência em falar. Tudo parecia dito. Tudo parecia certo.

Quando finalmente atingimos o clímax, ele virou-se de lado e ficou brincando com uma mecha de meus cabelos. Foi assim que um pouco do sonho murchou — a aliança de ouro estava lá, adornando sua mão. Por mais que fosse um acordo, ainda existia. Eu não podia sonhar com nada além de alguns dias na companhia de Ibrahim Kahn. Não podia desejar ser sua esposa, ele já tinha uma.

Não sei se percebeu, mas ele retirou a mão de meus cabelos e sentou, apoiando as costas na janela do veleiro. Mãos cruzadas atrás da cabeça.

Seu olhar estava no oceano a nossa frente.

—Tudo isso é muito novo para mim, *güzel*... — começou como se quisesse se justificar. — Estou tentando ser o mais transparente possível com você, mas nem tudo pode ser resolvido imediatamente.

Eu sabia disso. Sabia que ele nunca tinha me enganado. Que essa nunca tinha sido sua intenção. Sabia também que a vida dele era absolutamente diferente da minha em praticamente todos os quesitos. Não havia muito que eu pudesse dizer.

Por mais que eu compreendesse tudo, não podia deixar de ver uma mancha escura em cima do futuro.

—O que significa *güzel*? — perguntei tentando sorrir.

Queria afastar os fantasmas que nos rondavam, aproveitar o tempo que tínhamos. Ibrahim sorriu também. Correu os dedos por meu rosto.

—Linda... — explicou. — Como você é. Güzel é um apelido carinhoso, quando queremos nos referir a alguém que é importante para nós.

Respirei fundo, fungando mais do que gostaria, afastando a emoção.

Ele segurou meu queixo com a mão, elevando-o e fazendo-me encará-lo.

—Nunca tive dúvidas do quanto você é especial, Gabriela; de que deixaria suas marcas em minha história. Sei que muitas coisas são diferentes do que você idealizou, mas acredite... prefiro ser sincero e merecer seus sentimentos a enganá-la com mentiras baratas para vê-la sofrer depois. Jamais me perdoaria se fizesse alguém que me é caro sofrer.

Entendi que ele não falava apenas de mim. Falava de Amina também. Do que não podia mudar. Ele não podia simplesmente jogar a mulher ao vento, apenas por eu ter aparecido.

Aconcheguei-me em seu peito e fechei os olhos. Ibrahim acariciou meus cabelos e os assuntos desconfortáveis terminaram por aí. Nenhum de nós queria passar o pouco de tempo que restava ali, só os dois, remoendo assuntos tão angustiantes.





"Teus sonhos de noite são o despertar do que tu dormes durante o dia"
(provérbio árabe)

Navegamos tarde adentro e logo avistei a praia de Iztuzu.

Quando pensei em um lugar para levar Gabriela, não tive dúvidas de que aquela praia

seria perfeita. O clima era ameno, o lugar, discreto e intimista como precisávamos que fosse; a beleza natural, sem sombra de dúvidas, o maior atrativo ali.

Um pequeno barco a motor veio até nós no horário combinado e seguimos com nossa pequena bagagem até o bangalô que estava a nossa espera.

A praia era imensa e muito famosa, mas o ponto a que iríamos ficava em uma área de preservação, região de desova de milhares de tartarugas.

Longe dos resorts de luxo e dos muitos turistas, separados por uma imensa laguna do restante dos visitantes, Gabriela e eu poderíamos ter a paz e a privacidade que merecíamos.

Fomos acompanhados até a pequena pousada e instruídos sobre como proceder para não incomodar os animais. Não havia outros hóspedes, apenas nós dois pelos próximos dias.

Gabriela parecia completamente encantada pelo lugar, dando-me a certeza de que a escolha tinha sido acertada.

O bangalô era simples, feito de materiais locais. E ficava sobre a areia. Nada de calçamento ou qualquer coisa que pudesse impactar negativamente ali.

Não tínhamos sinal de internet ou de telefone. Para conseguir uma simples ligação, era necessário atravessar a laguna e uma parte da mata, até onde ficavam os grandes hotéis de luxo de *Turtle Beach*, mas eu estava tranquilo. Tinha meus negócios em boas mãos e minha casa também. Podia me dar o direito de descansar.

Depois das devidas explicações, ficamos sozinhos.

—Gosta daqui? — perguntei a ela, que encarava as ondas perdendo-se na praia.

—É de tirar o fôlego — respondeu encantada. — Para ser sincera, nem sei de onde você tira esses lugares impressionantes! — Sorriu, um brilho pícaro nos olhos. — Você deveria fechar os clubes e abrir agências de viagens.

Ri mais alto do que costumava.

—Fiquei sabendo que esse ramo não é tão rentável quanto o meu, *güzel*. E eu sou um homem de desejos caros.

Gabriela negou com a cabeça sorrindo, fazendo-me sorrir também.

—Venha... —estendi a mão para ela —, tome um banho e relaxe um pouco. Vamos jantar na praia hoje.

Ela entrelaçou os dedos nos meus. Não era algo comum para mim. Não costumava andar de mãos dadas, mas tantas coisas inusitadas aconteciam ultimamente que, talvez, fosse hora de relaxar também e ser apenas eu.

Enquanto Gabriela relaxava na banheira, tomei uma ducha rápida e vesti uma calça de

linho clara, além de uma camisa branca.

Uma funcionária da pousada ficou encarregada de preparar nosso jantar. Nada complexo demais. Uma tábua de frios, pães, queijos, algumas frutas e geleias. Um bom vinho e uma garrafa de champanhe.

Organizou tudo em uma mesa baixa de madeira que ficava em frente à praia, com algumas almofadas para sentar.

Lanternas iluminavam a areia e completavam a beleza da luz do luar.

Gabriela apareceu na varanda do bangalô algum tempo depois. O vestido florido ressaltava a beleza de sua pele clara e o tom avermelhado dos cabelos, presos em uma trança lateral.

Era nosso primeiro encontro, de fato, e merecia que tudo fosse perfeito.

Ela caminhou descalça pela areia, até onde eu estava.

—Quando penso que não pode mais se superar, você me mostra que estou errada, não é, Sr. Kahn?

—A satisfação do cliente é a garantia dos meus empreendimentos, Srta. Mollinos! — brinquei.

Ela me abraçou e eu a puxei para minha boca, beijando-a com vontade, apertando seu corpo no meu. Gostava de como ela tinha que ficar nas pontas dos pés para me alcançar. Sentia-me protetor.

— O jantar está servido. Espero que aprecie a noite que mandei preparar.

—Não tenho dúvidas. — Sorriu.

Abri a garrafa de vinho e servi em duas taças.

— Que o brilho e a magia desta noite nunca se percam em nossos corações —brindei.

Eu tinha a noite perfeita. A garota perfeita. Tinha tudo o que podia querer, e qualquer coisa que não fizesse parte desse pacote poderia facilmente ser esquecida, pelo menos por algum tempo.

—Posso perguntar uma coisa? —disse ela enquanto passava geleia de damasco em um pedaço de queijo *brie*.

—Tudo o que quiser, *güzel*, ainda que eu não tenha a resposta.

—Por que eu? Quer dizer... Longe de mim me menosprezar, mas eu sou uma mulher bastante comum, Ibrahim. Não sou nenhuma supermodelo da Victoria Secrets, nem tenho PHD em nada interessante. Estou satisfeita com a mulher que me tornei. Tenho orgulho dos meus feitos, mas sério... Não entendo sua escolha... Você realmente queria me contratar para

escrever um livro?

Levei a taça à boca. Sorvi o vinho com calma. Queria torturá-la um pouco mais. Sabia que a curiosidade era seu pior defeito e sua maior qualidade.

— Ainda espero que escreva o livro, moça! Não me venha com desculpas esfarrapadas! — brinquei e ela sorriu. — Mas, voltando ao foco da sua pergunta, você me intrigou desde o momento em que a vi. Quando Amina me mostrou sua coluna e eu a li, fiquei curioso em conhecer a mulher tão cheia de personalidade que conseguia exprimir em palavras a alma feminina.

—E matou sua curiosidade?

— Fico mais curioso a cada dia. —Ri sem me preocupar. —Você definitivamente me intriga. Você é linda, mas a beleza é apenas uma pequena faceta sua, Srta. G.

Os olhos curiosos dela faiscavam de sentimentos. Era isso o que eu desejava; de que precisava. Queria que ela compreendesse o quanto era impressionante para mim. Não queria que pensasse no Sr. Kahn rodeado de dinheiro e belas mulheres, abrindo espaço entre bajuladores. Esse não era realmente eu. Era uma casca que eu precisava vestir, mas que eu estava feliz em poder tirar ao lado dela.

—Já fez amor na areia, Gabriela? — perguntei quando ela não estava esperando.

—Não! — confessou sorrindo —, mas soube que se acaba por ter areia em lugares indesejados — disse com um brilho faceiro nos olhos. — Não sei como isso pode ser confortável.

—Vamos dar um jeito nesse pequeno impasse —expliquei. —Desejo tê-la sob a luz do luar e não vejo melhor local do que este aqui.

Levantei e peguei uma esteira que estava enrolada na varanda, além de algumas almofadas, preparando o local. O som da rebentação era a música perfeita para mim.

Estendi a mão e esperei que ela a segurasse.

—E se aparecer alguém? — perguntou desconfiada.

—A esta hora e neste local, *güzel,* se aparecer alguém é porque deseja nos ver. Acho injusto privarmos tamanha audácia.

Balançou a cabeça em negativa, mas seus olhos ardiam de desejo.

Baixei as alças do vestido dela, fazendo-o cair a seus pés. Gabriela abria os botões de minha camisa. Beijei seu corpo todo, do pescoço aos tornozelos, levando a calcinha comigo.

Deixei os preservativos ao lado das almofadas e permiti que ela soltasse o botão, além do zíper da minha calça.

Guiei-a até a esteira e abri o champanhe, despejando em seu corpo e arrepiando-lhe a pele com a temperatura da bebida.

—Hoje você será minha taça. E é certo que não há bebida mais doce do que esta em lugar algum no mundo.

Suguei os mamilos molhados até que o corpo dela começou a contorcer-se de prazer. Então segui adiante, até a barriga e mais abaixo, despejando champanhe em seu sexo e lambendo o quanto podia do líquido gelado, misturado ao sabor de Gabriela.

Ela gemeu mais e mais alto, então descobri que estava errado sobre o som das ondas serem a música perfeita. Aquela era. Seus gemidos de prazer cortando o silêncio da noite.

Não me contive por muito tempo. Ansiava por estar dentro dela mais uma vez.

Tirei a cueca de seda e vesti o preservativo, encaixando meu corpo no dela, sentindo a resistência da carne macia contra a minha.

—Hum... — gemi mais do que pretendia. — Você nem faz ideia do quanto a desejo, Gabriela Mollinos. Não imagina o quanto me satisfaz.

Mordeu o lábio e então eu a beijei mais forte, sem segurar meu desejo, sem me preocupar com nada além de me satisfazer.

Segurei seu quadril, apertando-o contra o meu, mais forte, até que cada centímetro meu estivesse dentro dela.

Mordi com força seu pescoço e o ombro, tomei um seio em minha boca, mordiscando e sugando com vontade, até que a senti gozar.

Ainda não era minha hora. Queria sentir seu prazer mais uma vez.

Virei de costas, deixando-a sobre mim. Flexionei um pouco as pernas, encontrando o ângulo perfeito para penetrá-la mais fundo. E continuei guiando seu quadril com as mãos.

—Deus, Ibrahim! — gemeu e arfou, pouco depois derramando-se em mim mais uma vez.

Virei-a de costas, deitando sobre ela e aumentando o ritmo, mais e mais forte, enquanto ela gemia. Então gozei com tanta força que senti as pernas fraquejarem.

Nunca fui de reprimir meus desejos, mas eles nunca foram tão fortes como quando eu estava com Gabriela.

Ela tinha um poder sobre meu corpo que eu nunca tinha experimentado. Tudo com ela era intenso demais. O desejo, o medo, a dúvida, o sentimento.

Eu ainda não sabia que nome dar ao que estava sentindo, mas tinha certeza de que era algo forte o bastante para deixar marcas indeléveis que tatuagem alguma seria capaz de cobrir.





"Melhor a tirania do gato do que a justiça dos ratos"
(provérbio libanês)

Quando levantei da cama, nosso café já estava servido na varanda.
Era um daqueles hotéis em que o hóspede mal vê os funcionários. Era um ótimo lugar

para lua de mel.

Sentei em uma das poltronas e deixei meu pensamento ir com as ondas do mar. Pensava em quanto minha vida tinha mudado de rumo mais uma vez.

Talvez por isso eu tinha tanto medo de perder o controle. Porque, na verdade, ele nunca esteve comigo. Definitivamente, o responsável por escrever meu destino tinha linhas bem tortas.

A primeira vez que tudo virou de cabeça para baixo, eu era tão pequeno que as lembranças se confundem e eu não sei exatamente o que é fantasia e o que é realidade.

Não me recordo muito do rosto de meu pai.

Também não faço esforço para que isso aconteça. Imagino que ele também não tenha essa intenção. Pode ser até que tenhamos nos encontrado pelas esquinas da vida e nem tenhamos percebido.

Não posso dizer que sinto falta dele. Alguém que abandona uma criança à própria sorte não merece ser lembrado.

Não tive a graça de ter filhos, mas, se tivesse, jamais faria algo do tipo. Nunca abandonaria alguém que confiasse em mim, e isso pode acabar me afastando de Gabriela.

Sei que a situação que vivo com Amina a magoa e, obviamente, não pretendo mantê-la, mas não posso simplesmente virar as costas para alguém que esteve ao meu lado por tanto tempo.

Amina me faz pensar em minha mãe. Sinto muito que o destino a tenha privado de sê-lo para o filho, sei que ela se sairia muito bem na função.

Minha mãe sempre me disse para não desistir de sonhar.

Lembro que, quando era bem pequeno, antes de tê-la arrancada de mim bruscamente como tive, ela se deitava comigo em meio aos canteiros de flores e me fazia imaginar figuras nas nuvens.

"Nunca deixe que lhe roubem os sonhos" —é tudo de que me lembro ouvi-la dizer. Foi assim que sua voz se eternizou dentro de mim.

Mamãe morreu de pneumonia. Uma doença tão boba e, ainda assim, levou meu bem mais precioso.

Sei que meu pai a amava e essa é uma das razões pela qual sigo fugindo desse tipo de sentimento. O amor acabou com ele, transformou-o em um homem frio e vazio, levou-o a entregar-se ao jogo.

Meu pai não era um monstro, como eu não sou, mas, por amor, tornou-se um.

Abandonou o próprio filho porque, no fundo, acho, não pôde lidar com o fato de eu ser tão parecido com ela.

A segunda vez que o destino me deu uma rasteira foi quando conheci Alexia Anamoris.

Quando a vi pela primeira vez, pensei que ela fosse algum tipo de anjo. Imaginei que finalmente minhas orações seriam ouvidas e que eu poderia voltar a ser um pouco do garoto que tinha sido um dia.

Estava errado.

Alexia se apaixonou por mim do jeito errado.

Para ser sincero, acho que ela se apaixonou mais pelo poder de ter um homem sob seu domínio — mesmo que esse homem ainda fosse um menino — do que de fato por mim.

Nunca fui mais que um joguete nas mãos dela e, certamente, sua culpa foi responsável por parte da bondade em deixar-me toda a sua fortuna.

Sou mais grato a ela pelo que me ensinou, pelas lições que me deu, do que pelo dinheiro que deixou. Dinheiro eu poderia ter ganhado. Sempre fui ambicioso.

Confesso que, no dia em que a enterrei, voltei para casa sentindo-me livre, mas nunca pude me esquecer dela.

A terceira vez que o destino brincou comigo foi a pior de todas, pelo menos até o momento. Ele me deu um vislumbre da vida com a qual eu tinha sonhado e arrancou-me dela em um único puxão.

Não pude viver com Samira nada do que sonhei, mas penso que ela já sabia disso. Samira nunca me amou. Apenas se encantou com o proibido. Sabia muito bem quem eu era quando se deitou comigo na casa do pai.

Foi uma boa esposa, mas nunca tive dela sequer um olhar de amor verdadeiro. Morreu antes que eu pudesse fazê-la amar mais do que o Sr. Kahn.

Enterrei-a com o coração partido em mil pedações, porque, junto com ela, sepultei minhas esperanças no futuro. Tinha desistido de sonhar.

E, mesmo depois disso tudo, lá estava eu novamente, esperando que algo fosse diferente dessa vez; que Gabriela não fosse mais uma rasteira do destino porque, se eu caísse com ela, certamente não me levantaria mais.

—Nem aqui você consegue descansar, Sr. Kahn? — sua voz acalentou minhas lembranças.

—Eu descansei, *güzel*. — Bati em minha perna para que ela se sentasse — Bem mais do que costumo descansar normalmente.

Sentou-se em meu colo e eu lhe dei um beijo de bom-dia. O mar estava calmo, como se refletisse nossa própria tranquilidade.

—Vou pegar café! Acordei faminta!

Sorri de canto, enquanto ela se espreguiçava, ainda de roupão.

—Hum... Adorei esse pãozinho recheado! — confessou, dando a segunda mordida em um pãozinho típico, recheado de espinafre e queijo branco.

Levantei e fui até a mesa. Servi um copo de chá turco e quebrei um *simit* ao meio, cobrindo sua superfície com queijo mole e mel.

—Experimente isso. — Esperei que ela abrisse a boca. —Sei que gosta de café, mas deveria provar algo mais típico.

Gabriela concordou. Depois de experimentar a comida, sorriu.

—Delicioso! Obrigada.

— Há tantas coisas que quero apresentar a você em minha terra, Gabriela. Tantos detalhes. Acho que vamos precisar de alguns anos por aqui!

Minhas palavras tinham tom de brincadeira e eu a fiz sorrir, mas, no fundo, ainda que ela não tenha compreendido, era tudo verdade*;* queria que ela ficasse por muito mais tempo. Ainda não sabia quanto e isso era o que mais me preocupava.



“Peça o conselho de cem homens;
ignore o conselho de outros cem;
depois volte a sua decisão original”
(provérbio libanês)

No final da tarde, Ibrahim e eu saímos para caminhar um pouco.

Eu queria ver o pôr do sol. Era minha hora preferida do dia. A hora em que eu sentia mais paz.

A brisa suave balançava meus cabelos e a saia do vestido. Respingos de água morna e areia marcavam nossas pernas.

Uma garrafa de vinho tinto e duas taças ocupavam as mãos dele.

—Nem me lembro da última vez que estive tão relaxada! —confessei e Ibrahim esboçou um sorriso. — Acho que não tiro férias desde a faculdade.

—Então você precisa fazer isso mais vezes, *güzel*, seu rosto fica ainda mais bonito quando está em paz.

—Digo o mesmo a você, Sr. Kahn! — brinquei. — Eu diria que o senhor parece uns cinco anos mais jovem, para dizer o mínimo!

Ibrahim levou minha mão à boca e a beijou.

Caminhamos até o fim do braço de areia que desembocava no mar. Sentamos lado a lado e vimos o sol afundar no oceano. Ibrahim abriu a garrafa e serviu o vinho em nossas taças.

Encostei a cabeça no ombro dele, que me abraçou, beijando-me a têmpora. Ficamos assim por um tempo, aproveitando a bebida e a companhia um do outro.

— Quando Leonel me deixou, pensei que nunca mais seria feliz —confessei, senti vontade de falar um pouco de mim.

— Sinto muito que tenha entregado seu coração ao homem errado, Gabriela — disse, ainda encarando o mar, os dedos acariciando meus ombros.

—Não foi fácil — continuei — ter que voltar a ocupar meu quartinho de solteira na casa dos meus pais. Enfrentar o divórcio. O deboche dele. Nem tenho certeza se consegui superar. —Respirei fundo. — Algumas vezes ainda dói.

— Feridas antigas não desaparecem... Elas permanecem lá exatamente para mostrar que superamos.

—Acho que essas são as minhas marcas de batalha! —usei uma frase dele com humor. —Afinal todo guerreiro as tem!

— Você tem toda razão, Srta. G — devolveu a brincadeira —, e eu adoraria saber mais sobre você.

—Não há muito o que dizer. Sou a filha do meio de um contador e de uma dona de casa. Cresci em uma cidade pequena. Tive uma infância cheia de tranquilidade e amor.

As lembranças me faziam sentir saudades de casa, mas continuei:

—Minha mãe nunca levantou a voz para nenhum de nós três. Todas as vezes que nos repreendia, era carinhosa e gentil; isso fazia com que não quiséssemos desagradá-la. Já meu pai sempre foi um homem íntegro e honesto. Não conseguiu na vida muito mais do que uma casa própria e continua trabalhando. Meu irmão caçula formou-se em direito e abriu um escritório em sociedade com um amigo, no Mato Grosso. Infelizmente, eu o vejo bem menos do que gostaria.

Suspirei com saudades, fazendo uma rápida pausa. Logo reiniciei o relato.

—Minha irmã casou-se com um dentista da cidade e teve quatro filhos. Três meninos e uma menina. Meu sobrinho mais velho se chama Felipe e já é um rapazinho. Os gêmeos, Gabriel e Rafael, são como dois furacões, e a pequena Sofia é a princesinha da família.

Estava mergulhada em minhas recordações, tanto que não percebi quando Ibrahim virou-se para me ouvir falar.

Seu rosto era curioso, como se minha vida normal realmente o interessasse. Sorri sem jeito e ele me encorajou a continuar.

—Eu, às vezes, queria ter tido a sorte que ela teve... — Suspirei novamente. — Carolina nunca precisou se esforçar para ficar grávida. Na verdade, acho que nem ela mesma esperava ter tantos filhos.

Sorri, mas meu sorriso morreu rápido demais e o nó em minha garganta me fez respirar fundo para não chorar.

—Eu queria só um — revelei meu maior segredo — e não pude ter.

Não sabia por que tinha confessado tudo aquilo a Ibrahim, mas precisava falar.

Talvez fosse o momento ou o vinho, mas abrir meu coração a alguém que não conhecia nada de mim era confortador.

—Confesso que também desejei muito ter um filho... — ele disse de repente —, mas temo que meu tempo tenha passado. O destino provavelmente não escreveu para a minha vida o mesmo que escreveu para sua irmã.

Sorri e ele espelhou meu gesto.

— Fui tentando ser feliz com o que tinha, Ibrahim. Fui construindo esta Gabriela, dos cacos que sobraram da antiga garota sonhadora. Tentei não endurecer meu coração, mas às vezes é difícil confiar. Certos assuntos são complicados para mim.

— Compreendo você. De coração aberto, eu compreendo. Tenho minhas complicações também, *güzel*.

— Você sabe que será bem difícil, não sabe? —perguntei referindo-me ao que estava acontecendo entre nós.

Ibrahim deu um gole no vinho. Seu rosto tentava parecer sério, mas o sorriso estava instalado nele.

— Eu gosto de desafios.

— Você é um masoquista nato, Sr. Kahn! — brinquei, batendo no braço dele devagar.

—Nunca ouviu dizer que o que vem fácil, vai fácil, Srta. Mollinos?

—Aaaaaah, essa é a frase da minha vida! — Ri mais alto.

Decidimos voltar quando o vinho acabou.

Nosso bangalô tinha todo o entorno iluminado por várias tochas e nosso jantar era mantido quente em um *rechaud*.

Carneiro assado e desfiado, com um delicioso molho de ervas. Coalhada seca, pão sírio e batatas coradas. As bebidas em um balde de gelo.

— Você sempre quis ser jornalista? — Ibrahim perguntou enquanto comíamos.

— Desde menina. Nunca pensei em outra profissão. — Sorri relembrando minha infância. — Enquanto todas as garotas queriam ser modelos e cantoras, eu queria ser jornalista investigativa.

Ibrahim sorriu, seu rosto bonito emoldurado pela praia ao fundo.

—Fui a oradora da classe, na faculdade. Falei sobre o futuro. Sobre tudo o que esperava dele. Gastei duas semanas preparando meu discurso e, no fim das contas, nada do que disse nele aconteceu. Não fiz nada do que faria. — Dei de ombros.

—Às vezes, as melhores escolhas são as que não tomamos.

—Ao Sr. Kahn e suas frases de duplo efeito! —Ergui minha garrafa de cerveja em um brinde solitário.

—Eu realmente acredito nisso — ele disse, levando a própria garrafa à boca. — É uma verdade absoluta em minha vida.

— Eu acredito também! Mas não fico por aí, toda presunçosa, demonstrando o quanto sou culta e sábia! — debochei e ele riu alto.

— Está me recriminando, moça?

— Estou tentando fazer você rir. — Acariciei seu rosto com a mão, na linha da barba por fazer. — Gosto quando você sorri. Essa leveza em seu olhar o torna mais acessível.

—Eu vou me lembrar disso, prometo.

Beijou minha mão e minha boca, então os assuntos difíceis ficaram para trás.

Quando deitei na cama e fechei os olhos, senti tanta paz e tranquilidade que parecia que ainda estava em meu quartinho de adolescente, no interior de São Paulo, cercada por quem realmente me amava.

Não era mentira, eu realmente queria vê-lo sorrir. Também não menti ao afirmar que o semblante dele ficava mais leve assim, mas a verdade é que Ibrahim me fazia bem. Soltava as amarras do meu coração e me aproximava da Gabriela sonhadora de antes.



“*Não pense que um homem sabe cozinhar*
só porque você o vê acendendo o fogo”
(provérbio libanês)

Depois de alguns dias no paraíso, voltei para a realidade.

Enquanto seguíamos no helicóptero para Istambul, minha mente viajava sozinha, pensando em como seriam as coisas daquele momento em diante.

Eu queria ser desprendida. Queria pensar somente no que eu sentia e no quanto tínhamos sido bons um com o outro durante esses dias, mas a verdade é que tudo permanecia como antes.

Ibrahim ainda era um homem casado.

Amina tinha preparado um belo jantar para nos receber, mas minha culpa ingrata não me

permitiu aproveitar a comida. Eu me sentia como uma cobra pronta a dar o bote na mão que a acaricia.

Terminei o jantar e voltei para a ala oeste.

Perdi algum tempo folheando os livros nas prateleiras de Samira. Era estranho estar rodeada pela história daquela família e era mais estranho ainda fazer parte de tudo aquilo, de um jeito ou de outro.

Pelo menos a raiva inicial que eu sentia da tal esposa falecida tinha passado. Eu não podia odiar uma mulher que tinha sofrido tanto e que ainda tinha pensado em proteger a irmã e o sobrinho.

No fim das contas, eu era a pior ali.

"A pior das mulheres de Ibrahim!" — Ri do meu próprio pensamento.

A única que pensava somente em si mesma e em seus próprios desejos. A quem eu queria enganar, não é?

Batidas suaves à porta arrancaram-me do mundo dos pensamentos.

—Gabriela? — a voz de Ibrahim chamou.

—Entre.

Ele passou pela porta. Por mais que quisesse esconder, uma ruguinha de preocupação também estava lá, marcando seu rosto bonito. Eu só não sabia se tinha a mesma motivação da minha angústia, ou se era apenas apreensão pelo que eu poderia estar pensando.

—Quer vir ao clube hoje? —perguntou.

Eu queria.

Claro que queria. Queria estar com ele. Fazer amor com ele mais uma vez. Dormir abraçada a ele, mas a sensação de "ser a amante" parecia ainda mais forte se eu concordasse em passar mais uma noite no quarto anexo ao escritório dele.

Eu me sentia mal e me culpava por me sentir mal. Minha cabeça girava e não parava em lugar algum.

—Acho que prefiro ficar e descansar um pouco. — Tentei sorrir o mais sincera possível. Não queria deixá-lo pior; no fundo, ele não estava fazendo nada de mais.

—Tem certeza? — Aproximou-se, sustentando meu queixo e fazendo-me encará-lo.

A frase terminou aí, mas várias coisas estavam nas entrelinhas.

—Tenho, sim! — Acariciei sua mão com a minha. — Preciso colocar o trabalho em dia também, afinal de contas ainda estou contratada, não estou? — brinquei, esperando que ele entrasse no jogo.

Ibrahim sorriu.

—Espero que sim, Srta. Mollinos! Ainda quero meu livro escrito!

—Então me deixe trabalhar, homem! — Espalmei a mão em seu peito.

Ele a segurou e levou à boca, beijando-a com carinho.

—Se precisar de algo, ou se apenas quiser conversar, basta ligar. Você já sabe disso.

Puxei seu rosto para o meu.

Uma sensação estranha de querer um último beijo arranhando ali, no fundo dos meus sentimentos.

Ibrahim me beijou. Profundo e intenso. Cheio de desejo e carinho como só ele conseguia. Depois beijou meus lábios mais uma vez, como se quisesse deixar claro que teríamos outros beijos.

—Nós nos vemos pela manhã. Prometo estar em casa o mais rápido possível.

Concordei com a cabeça e ele se foi.

Trabalhei um pouco. Não estava com sono, embora o cansaço me assolasse. Não queria dormir. Para ser sincera, acho que meu inconsciente queria esperar por ele.

Era um relacionamento diferente demais para que eu pudesse simplesmente deitar e dormir.

Pensando friamente... Ele estava em um clube cheio de belas prostitutas prontas para realizar qualquer fantasia; enquanto eu estava na casa da esposa dele, esperando por ele.

Vamos combinar... Não era fácil compreender.

Tomei um banho e voltei para o quarto, carregando um livro debaixo do braço. Era um romance turco, mas estava em inglês. Falava da saga de uma família no pós-guerra. Várias gerações marcadas por uma traição.

Estava sentada na poltrona, pés em cima de uma banqueta. Curtia a brisa da janela, enquanto lia o tal livro, quando Amina bateu à porta.

—Gabriela? — chamou baixinho, provavelmente querendo saber se eu estava dormindo.

Cogitei não responder e fazer de conta que estava, mas fugir dela não tornaria as coisas mais fáceis.

—Pode entrar — avisei, fechando o livro e colocando-o sobre a banqueta.

—Trouxe *lokum* para você. — Entregou-me uma compoteira de cristal pequena, cheia de doces. — São meus preferidos. Imaginei que gostaria de adoçar um pouco a noite.

Mal ela sabia o quanto eu estava azeda!

—Obrigada!

Peguei um dos doces e levei à boca. Tinha comido no Brasil, mas aqueles ali nem se comparavam! Eram deliciosos e perfumados, derretiam na boca com a textura perfeita.

—São de água de rosas e amêndoas. Espero que goste.

—São deliciosos! Obrigada.

Amina sentou-se na poltrona a minha frente. Seu rosto bonito e gentil tentava esconder o desconforto.

— Na verdade os doces não passaram de um subterfúgio —continuou. —Eu queria mesmo era falar com você. Posso?

— Claro! E nem precisa de subterfúgio algum! — Sorri.

— Quero pedir desculpas a você. Pela situação horrível em que a coloquei. Imagino como sua cabeça está confusa. — Segurou minha mão. —Não pretendo ficar aqui para sempre. Nem tenho a intenção de dificultar qualquer coisa que você e Ibrahim decidam. Gabriela... eu realmente não quero ser empecilho para nada.

Seus olhos se desviavam dos meus. Estava envergonhada, como se a culpa fosse dela. Eu estava ainda mais, porque na verdade a culpa era minha. Eu estava no lugar errado, ela não.

— Amina...

— Não! Não quero nem que pense no que está pensando agora! Realmente não quero — pediu. —Ibrahim é um homem livre, Gabriela, exceto por um pedaço de papel e um aro de ouro. Coisas essas que são facilmente resolvidas.

Abri a boca para argumentar, mas ela continuou a falar e eu me contive.

— Meu cunhado é a melhor pessoa que conheço e eu o amo muito. Quero que seja feliz. Ele nunca foi meu marido de fato. Nunca nutrimos nenhum tipo de sentimento que não fosse fraternal entre nós. Por favor, não se sinta uma intrusa nesta casa.

Respirei fundo, negar o que estava estampado em meu rosto era besteira.

—Eu só preciso de um tempo. Não muito, mas preciso organizar as coisas. Preciso contar a Salih a verdade. Preciso do apoio dele para poder deixar esta casa. Você entende?

Eu entendia, obviamente.

—Sei o quanto é difícil para você estar nesta posição. Sei o quanto você preza pela verdade. Sou sua fã, lembra-se? — Sorriu.

— É claro que lembro! — Sorri de volta.

— Já faz um tempo que tenho essa vontade, Gabriela, só precisava do incentivo certo. Nunca achei justo manter Ibrahim atrelado a mim por esse pedido injusto de Samira, mas confesso que sou fraca. Preciso de um tempo para tomar coragem. Você tem me inspirado

muito.

— Amina, eu nunca lhe cobrarei qualquer atitude que não esteja preparada para tomar. Ibrahim e eu... Quer dizer... — eu não sabia como dizer o que quer que fosse — eu nem sei como as coisas ficarão depois que eu voltar ao Brasil.

—Não volte. Fique com ele.

—Não sei se é o correto a fazer — confessei. — Nem sei se é o que ele deseja.

—Gabriela, Ibrahim jamais teria passado tanto tempo ao seu lado, se não fosse o desejo dele. Acredite. Ele sempre prefere a própria companhia à de qualquer outra pessoa.

Acabamos rindo juntas.

—Samira adorava esse livro. — Apontou para a banqueta. — Ele tem a assinatura do autor. Ela enfrentou três horas de fila somente para conhecê-lo. Tinha uma admiração imensa por ele. Deu-me de aniversário. Veja.

Pegou o livro e mostrou a dedicatória em turco.

— "Para minha querida Amina, que sua história não termine como a de Zorah" — leu em voz alta. — Zorah é uma das personagens. Ela se fecha para o amor depois de ter sido deixada para trás pelo amado.

—Sua irmã tinha razão — concordei. —Não termine como a mocinha do livro. Você é uma bela mulher, Amina, não se feche para o amor... Para a vida...

—Estou começando a me soltar das amarras da minha criação, Gabriela. — Sorriu. — Não é fácil, mas prometo que vou me esforçar. Sua presença aqui me dá forças para isso.

— Você nunca mais tentou procurá-lo? — perguntei curiosa.

— Eu sonhei com isso minha vida toda, mas nunca soube como fazê-lo. Queria ao menos saber por que ele me deixou. Queria entender.

— Já falou com Ibrahim sobre isso? Ele é um homem influente. Isso ajudaria muito.

— Nunca quis envolvê-lo nisso... Sempre tive vergonha de falar com ele... Admitir meu passo em falso...

— Amina... Ibrahim não faz o tipo que a condenaria!

— Sei que não. Ele não é um julgador. Nunca foi. Eu é que sou uma boba mesmo.

— Você deveria conversar com ele e com Salih também!

Ela sorriu, seu semblante ficando mais leve e o meu também. Era uma situação atípica e a sinceridade entre nós duas era primordial para que ninguém saísse machucado.

Dei-lhe um abraço apertado antes que ela saísse. Por mais dificuldades que eu tivesse tido em minha vida, sempre tive o apoio necessário para correr atrás de meus sonhos.

Minha família sempre esteve comigo, mesmo que de longe. Meus amigos também. Muitas vezes reclamamos da realidade que vivemos no Brasil, mas em nosso país as mulheres são encorajadas a lutar por seus objetivos, o que não acontece na Turquia. Apesar de ser um país em mudanças, ainda existia muito preconceito por lá.

— Sempre que precisar de mim, independente de como as coisas fiquem, basta me procurar! — expliquei e ela me abraçou mais uma vez. — E prometo pensar em algo para ajudar... Sempre quis fazer parte de uma verdadeira história de amor! — confessei.

Amina se foi e eu liguei a televisão para ver algo. Não queria mais ler, mas também não queria dormir. Encontrei *Cartas para Julieta* em um canal e resolvi assistir mais uma vez — eu amava aquele filme!

Acabei adormecendo com a televisão ligada e, quando acordei no meio da noite, minha mente deu um estalo — talvez eu pudesse ao menos tentar encontrar o tal amante de Amina!



“Se você ama a lua, ignore as estrelas”
(provérbio mouro)

Escovei os dentes e os cabelos. Estava animada.

Queria descer logo e encontrar Amina antes de Ibrahim descer. Não sabia qual seria a reação dela à minha proposta e não pretendia constrangê-la na frente de outras pessoas.

Vesti um jeans e uma bata florida, descendo as escadas apressada.

Amina estava na cozinha, passando algumas informações para Miriam.

— Bom dia, Gabriela! Que bom que acordou assim, animada!

— Bom dia! Acordei animada porque tive uma ideia! Venha, vou lhe contar.

Peguei a mão dela e a levei até a mesa do jardim.

— Ontem, depois que você saiu, liguei a televisão e estava passando um filme que amo! Resolvi assistir um pouco, mas só quando acordei, de madrugada, tive a ideia...

— Conte logo, mulher! Estou ficando ansiosa! — seu rosto iluminando-se de esperança.

— Eu poderia escrever um texto. Uma publicação anônima que contasse a história que vocês viveram e, no final, deixaria o espaço para que o homem se manifestasse! Posso escrever o texto em inglês e você pode traduzir para turco. Podemos espalhar esse texto por grupos na internet. As redes sociais hoje em dia são um excelente canal de busca!

Amina riu. Um riso tão cheio de vida que eu não me lembrava de tê-lo visto em seu rosto antes.

— É uma ideia bastante romântica! Um pouco pretensiosa, mas muito bonita!

Não parecia animada com a possibilidade de encontrar o tal homem.

— Eu realmente não sei se ele quer ser encontrado, Gabriela — confessou. — Eu sempre estive aqui. Nunca me mudei. Nem mesmo de casa. Em todos esses anos, ele nunca tentou um contato sequer. Agradeço sua vontade de me ajudar, mas sinto que seria um sofrimento ainda maior não receber uma resposta.

Eu a compreendia. Não a podia culpar por ter medo, mas queria tanto tentar. Não queria apenas que Ibrahim se divorciasse dela para ficarmos juntos, queria que Amina tivesse um final feliz. Ela merecia isso.

— Sua história é tão bonita. Tão intensa e cheia de amor. Acho que o mundo merece ao menos conhecer.

—Eu adoraria ver minha história contada em suas palavras, querida, mas não espero que isso tenha um final feliz. Enterrei esse desejo muitos anos atrás — seus olhos cheios de saudade. — Hoje, o que me deixaria realmente feliz seria poder contar a verdade ao meu filho, mas, sinceramente, tenho medo disso também! — Sorriu. — Como pode ver, sou uma medrosa nata!

— Discordo! Acho que é uma mulher muito corajosa. Só tem medo de confiar nos próprios instintos e nisso não sou muito diferente de você.

— O nome dele era Nereu — continuou, encarando o caminho que levava a casa. — Pode imaginar algo mais providencial? — perguntou risonha.

Era de fato uma coincidência e tanto.

— Salih se parece muito com ele, embora os olhos de Nereu fossem claros como os de Ibrahim.

— Salih é um homem muito bonito. Imagino que o pai também era.

— Sim! Era muito bonito e muito galante. Era um verdadeiro príncipe. Tudo que sei dele é que viajava em uma embarcação cujo nome era Tálassa e se chamava Nereu. Era pescador de uma das ilhas gregas. Nunca soube qual. Nem seu sobrenome ou algo que me levasse a ele eu sabia. Às vezes, penso que foi melhor assim. Pelo menos não me decepcionei. Eu vivi um amor real, ele só não foi eterno.

Acariciei sua mão com a minha. Não queria causar mais dor alguma a Amina. Ela definitivamente não merecia.

— Você se importa se eu tentar? Prometo nunca mais tocar no assunto com você — pedi.

— Não me importo, não. Desde que você resguarde meu nome e o do meu filho, não vejo problema. Tudo aconteceu tanto tempo atrás.

Miriam arrumou a mesa para o café e, antes que ela terminasse, Ibrahim apareceu nas portas duplas da cozinha.

O terno azul e a camisa branca ressaltavam ainda mais a beleza dos olhos e dos traços do rosto dele. Cabelos claros, bem penteados para trás, e barba aparada a perfeição — eu nunca me acostumaria com a beleza dele.

— Bom dia, senhoras — disse com aquele sotaque que me derretia —, espero que tenha tido uma boa noite de sono.

— Muito boa. Obrigada por se preocupar!

— E você, Gabriela, dormiu bem?

— Sim! Obrigada.

Ainda era constrangedor, apesar de tudo. O que eu ia dizer? Que senti saudades? Que queria um beijo de bom-dia? Eu nem sabia como me comportar quando encontrava os dois juntos!

Salih apareceu pouco tempo depois, salvando-me da “saia justa”.

Tomamos café e Ibrahim levantou-se em seguida.

— Tenho alguns assuntos a resolver na cidade —disse-me Ibrahim.— Gostaria de me acompanhar?

Era um pedido. Não uma ordem do Sr. Kahn. Era uma grande delicadeza para um homem como ele e eu, de fato, adoraria passar o dia com ele, passeando por Istambul.

— Claro. Vou me trocar.

Ibrahim meneou a cabeça em concordância e se despediu de todos.

— Vou fazer uma ligação e espero por você no carro.

Subi as escadas e revirei tudo o que tinha trazido do Brasil, em busca de algo que ficasse bom o suficiente para estar ao lado do Sr. Kahn.

Escolhi uma calça de alfaiataria cinza e uma camisa de seda rosada que favorecia meu tom de pele. Fiz uma maquiagem básica. Penteei os cabelos e calcei sandálias altas, pretas. Peguei minha bolsa e desci.

— Você está linda, Gabriela! — Salih disse subindo as escadas. —Aliás, palavras erradas... Você é linda. Sempre.

—E você, gentil e galante, como sempre.

Beijou meu rosto e subiu, então segui direto até onde os carros ficavam estacionados.

Ibrahim estava no banco traseiro do sedan preto, esperando por mim.

—Pensei que iríamos no seu carro.

— Prefiro não ter que estacionar durante o dia. O trânsito em Istambul está a cada dia mais caótico.

— Desculpe a demora — pedi assim que o carro arrancou.

Ibrahim tomou minha mão e a acariciou antes de beijá-la.

— Não me importo em esperar para que aprimore seus atributos, *güzel*, sou um homem afortunado por tê-la como companhia.

Derreti um pouco mais, ali mesmo, no banco de couro do sedan.

Nossa primeira parada foi em uma alfaiataria.

Ibrahim desceu primeiro e estendeu a mão para que eu descesse também. Caminhou ao meu lado, sem me tocar.

— Espero que compreenda que algumas convenções são necessárias, para nós dois, Gabriela — comentou enquanto seguíamos até a entrada. — A Turquia ainda é um país conservador.

— Eu compreendo — limitei-me a dizer.

Ele não disse nada sobre ser casado e eu preferi não dizer também. Não queria estragar nosso dia com bobagens. Não fui apresentada a ninguém, então não passei por qualquer tipo de embaraço. Ao que me constava, um homem turco não precisava explicar quem era a mulher que estava ao seu lado.

Paramos para almoçar em um restaurante à beira do Bósforo.

— Você nunca teve curiosidade em saber o paradeiro do tal grego de Amina? — perguntei logo de uma vez, não havia outra maneira de entrar no assunto.

Ibrahim não pareceu se preocupar.

— Contratei um detetive particular. Alguns anos atrás.

Não parecia ser um assunto polêmico para ele e isso me deixava mais tranquila.

— E?

— Depois de alguns meses, o homem encontrou uma pista do tal Nereu. Era um pobre diabo. Vivia de biscates pela praia. Lavava barcos, fazia pequenos consertos. Eu não disse ao detetive o assunto, obviamente para preservar Amina caso não fosse o mesmo homem, então marquei uma viagem até Paros para encontrá-lo. Alguns dias antes, o homem foi vítima de um acidente. O barraco em que vivia desmoronou em cima do pobre coitado e ele faleceu.

— Meu Deus, que tristeza!

— Fui até a ilha mesmo assim. Procurei por algum parente, alguém que pudesse ao menos esclarecer que se tratava do homem correto, mas ele parecia não ter ninguém por ele. Paguei as despesas do funeral e voltei para Istambul. Nunca contei isso a Amina, seria como torná-la abandonada novamente.

— Claro! Você agiu certo! Ela não merecia mais uma decepção.

— Dei o caso por encerrado porque pensei que ela tinha razão em não querer procurar por ele. Algumas coisas devem ficar esquecidas no passado, Gabriela. Nem tudo pode ser mudado ou consertado.

Respirei profundamente, soltando o ar devagar. Uma tristeza imensa pesava em meus ombros.

— Todos nascemos com o destino pendurado no pescoço, *güzel*; achamos que podemos fugir dele, mas é como fugir da própria sombra.

Aquiesci, ele tinha mesmo razão. Eu tinha feito tantos planos, mas o destino veio e levou tudo, como a onda furiosa de uma ressaca.

— Amina ficará bem. Não se preocupe com isso.

Eu sabia que ela ficaria. Tinha ficado até então, não duvidava de sua força, mas queria mais para ela. Queria que fosse feliz e não apenas uma sobrevivente.

Ibrahim cobriu minha mão com a dele.

— Seu coração é uma joia rara, *güzel*. Estou feliz em tê-la encontrado.

Achei melhor não contar minha ideia de escrever sobre Amina. Talvez ele tivesse razão. Algumas coisas deveriam ser mesmo esquecidas no passado.

Pouco antes do fim da tarde, estacionamos em uma bela mansão, em um bairro bonito, do outro lado da cidade.

Ibrahim seguiu ao meu lado até a porta da frente.

— O que acha deste lugar?

— É uma bela casa! Um pouco mais moderna que o casarão, mas definitivamente é cheia de classe e estilo!

— Você gostaria de morar aqui?

Engasguei um pouco, sem saber o que responder.

Tinha sido pega de surpresa, realmente não podia sequer imaginar algo do tipo.

Continuei encarando Ibrahim sem entender, até que ele sorriu.

— Pensou mesmo que eu ia mantê-la naquele anexo do escritório para sempre?

— Para ser sincera, nem sei o que pensei. Acho que nem pensei! — admiti.

— Quero que fique em Istambul, Gabriela. —Seguiu me encarando com os belos olhos azuis. — Sei o quanto é confuso para você ficar na casa que foi da família de Amina. Não quero lhe causar esse desconforto. Vou resolver as coisas em relação ao meu casamento, mas tudo deve ser feito no tempo correto. Sem atropelos. E, por isso, quero que tenhamos um lugar confortável para nós dois. Quero que tenha clareza de sua importância em minha vida.

Eu estava um pouco zonza e perdida. Não sabia o que pensar. Não era um pedido de casamento, mas, vindo de Ibrahim Kahn, soava como algo do tipo.

Uma parte de mim faiscava de felicidade e de vontade de me pendurar no pescoço dele e beijá-lo até minha boca doer, mas outra parte não conseguia deixar de pensar que a casa era um compensativo. Um lugar onde ele colocaria a amante, enquanto seguia tranquilo em sua casa de verdade.

Será que ele realmente está preocupado comigo? Ou só quer resolver o próprio desconforto?

— Venha...— Estendeu a mão para mim. — Quero que conheça a casa por dentro. Imaginei que uma bela casa moderna teria mais a ver com você do que o velho palacete. Além disso, lá existem lembranças de uma vida que não vivo mais. Quero começar tudo do zero com você.

Eu ainda estava segurando o queixo no lugar para não parecer abobada demais.

— Adiantei-me demais? — perguntou com uma pequena ruga de preocupação no rosto bonito.

— Não! Quer dizer... Não sei... Na verdade estou um pouco perdida.

— Acho que não fui suficientemente claro. Quero que fique em Istambul, Gabriela — repetiu. — Comigo.

Não pude resistir. Não tinha a menor possibilidade de não ser arrebatada por aqueles

dois pedaços de céu que brilhavam na face dele.

Era claro que eu queria ficar com ele. Que queria ficar em Istambul com ele. Que iria a qualquer lugar em que ele quisesse me levar.

Por mais racional que tentasse ser, não seria justo exigir isso de mim mesma naquele momento.

Puxei o rosto dele para o meu e o beijei. Ibrahim respondeu instantaneamente.

— Senti falta disso o dia todo! — confessei.

— Também senti, *güzel*, por isso pensei que essa seria uma alternativa. Sei que não é o que você merece, mas, pelo menos por enquanto é o melhor que posso fazer. Você pode compreender? — pediu.

Eu queria mais que tudo compreender. Queria estar com ele. Sabia que era a única razão e precisava confiar que ele queria isso tanto quanto eu.

Talvez esse fosse o voto de confiança que Ibrahim precisava de mim.

Ele tinha sido sincero desde o início. Em momento algum, tentou se favorecer ou esconder a situação, muito pelo contrário, tinha sido correto comigo e com Amina porque era assim que ele era.

Por mais que eu tivesse minhas cicatrizes, precisava deixá-las de lado um pouco. Não podia permitir que as molecagens de Leonel me tirassem mais isso. Não podia entregar mais esse sonho a ele.

Talvez dar um voto de confiança a Ibrahim fosse o que eu precisava para enterrar de vez o passado e tentar viver meu próprio conto de fadas.



“Acreditarei no que me disseres
enquanto teus atos não te desmentirem”
(Provérbio muçulmano)

Estávamos ainda conhecendo a casa, quando o celular de Ibrahim tocou.

Era Isabel e o assunto parecia urgente, porque o deixou bastante preocupado.

— Não acredito que você permitiu que essa história chegasse a tanto! — reclamou. — Pedi a você que tomasse conta de tudo!

Isabel parecia explicar algo do outro lado.

O restante da conversa foi dita em turco. Embora eu pudesse perceber agitação e fúria no tom de Ibrahim, não tinha ideia do que se tratava.

Quando desligou o telefone, tentou parecer calmo, mas não foi muito feliz com isso.

— Importa-se de voltar para casa com o motorista? — perguntou. —Isabel virá me buscar. É realmente um assunto inadiável — explicou.

— Não se preocupe. Volto até de táxi, se for melhor para você. Não há problema algum.

— O motorista a levará em segurança. Assim fico mais tranquilo.

Concordei com ele e nos separamos.

Voltei para o palacete, mas não consegui tirar Ibrahim da cabeça por um minuto sequer. Meu coração estava apertado. Não conseguia explicar.

Peguei o telefone e fiz uma chamada de vídeo para minha mãe.

Talvez fosse saudade de casa e falar com ela sempre me aquietava.

—Oi, mamãe! Como estão as coisas por aí?

— Tudo bem, querida! E com você? Como está a viagem? E o trabalho?

Deixei de lado toda a história com Ibrahim. Não teria como explicar a ela o inexplicável, menos ainda quando nem eu compreendia. Concentrei nossa conversa na cidade e em toda a beleza que eu tinha visto. Contei sobre Viena também.

— Não vai mesmo me contar o que está causando esse olhar de preocupação, não é? — minha mãe cobrou. Ela me conhecia bem demais para ser enganada.

— Não é nada de mais, mãe. Juro! Só estou um pouco preocupada. Não sei como serão as coisas quando voltar ao Brasil.

Não queria mentir para ela, então contei uma verdade que podia ser dita. Eu estava mesmo preocupada porque, mais dia, menos dia, precisaria voltar ao Brasil. Ainda não sabia como as coisas seriam, mas não poderia adiar esse retorno para sempre.

— Cuide-se bem, Gabi! Não deixe que mais ninguém a magoe. Confie na sua intuição, mas não confunda intuição com medo — pediu antes de desligar.

Era um sábio conselho, como todos que minha mãe me dava. Eu tinha mesmo a tendência de chamar meus medos de intuição. Eram como uma proteção para mim

Caminhei um pouco pelo jardim. Parei em frente às roseiras negras e fiquei admirando a beleza das flores, tocando as pétalas aveludadas.

— São mesmo incríveis, não são? — Amina perguntou.

— São, sim. Lindas e exóticas.

— Como Ibrahim.

Sorri.

— Sim, elas se parecem muito com ele.

— Você deveria ir vê-lo. Tentar tirá-lo daquele lugar ao menos por uma noite. Ele trabalha demais.

— Não sei se ele gostaria de ser interrompido.

— Ele a convidou na última noite, não foi?

— Sim.

— Imagino que você já saiba exatamente o tipo de negócio que ele tem e suponho também que isso não seja um problema para você.

— Não exatamente — concordei rindo —, embora seja um pouco curioso.

— Se não existem segredos, não vejo razão para que ele se enraiveça.

Ela sorriu mais uma vez e acariciou meu ombro. Fiquei ali pensando, enquanto admirava o roseiral, se ela não tinha razão.

Se ele mesmo tinha me levado ao clube mais de uma vez, por que não fazer uma surpresa?

Além do mais, se íamos mesmo ficar juntos, que mal podia haver em ir ao trabalho dele vez ou outra?

Tomei um banho e me vesti com um dos vestidos que Isabel tinha comprado. Fiz a maquiagem, alisei os cabelos e calcei os sapatos. A sensação estranha de aperto no coração ainda estava ali.

Chamei um táxi e dei o nome do lugar. Para minha sorte, o segurança me reconheceu.

Entrei no clube pouco depois das dez da noite. O salão estava cheio. Procurei por Salih e Isabel, mas não os encontrei.

Segui para o escritório de Ibrahim. Bati à porta dupla e esperei ter sorte pelo menos em encontrá-lo.

— Gabriela? — sua voz veio por trás de mim.

Virei-me para encontrá-lo. Parecia espantado em me ver, mas não desapontado.

— Desculpe se fui inconveniente, mas achei que...

Ibrahim me puxou para si, tomando minha boca em um beijo cheio de intensidade e desejo.

— Estou feliz que esteja aqui, *güzel*. Pode vir quando quiser, sempre, mas telefone antes porque nem sempre irá me encontrar no escritório e prefiro que não fique andando desacompanhada pelo clube.

Seu semblante era gentil, mas eu podia ver que estava preocupado com algo. Não parecia ser com o fato de eu ter ido ao lugar de surpresa.

— Venha! Vamos dar uma volta. Preciso mesmo espairecer — confessou. — Quer conhecer um pouco mais dessa minha vida? — provocou, uma faísca de luxúria brilhando em seus olhos.

Meneei a cabeça em concordância e ele estendeu a mão.

Ibrahim me levou até um dos quartos. O carpete era cor de vinho e as paredes, revestidas com um tecido que me fazia lembrar cetim.

A cama ficava no centro e tinha um dossel de ferro pintado de preto. Dele, desciam correntes com faixas de couro, provavelmente para atar mãos e pés.

O lençol era de seda clara, como as paredes. A luz crepitava de velas vermelhas sobre um móvel de madeira escura. O aroma de sândalo e jasmim inundava o ambiente.

Ibrahim deixou que eu caminhasse pelo espaço, sem dizer nada. Fechou a porta e esperou, olhos curiosos pelo que eu iria pensar.

Nunca fui do tipo fetichista. Sexo para mim sempre foi normal. Uma posição diferente era o máximo que eu tinha tentado antes dele, mas confesso que sua presença me instigava. Eu queria saber do que ele gostava. O que queria. Queria saber se era capaz de satisfazê-lo como ele a mim.

Corri os dedos pelo tecido do lençol, meu desejo antecipando-se pelo que aconteceria ali.

— Gosta do que vê? — perguntou de repente, sua postura elegante e relaxada.

Eu não tinha dúvidas de que tudo aquilo era comum para ele. Apenas mais uma noite de sexo, das muitas que ele, provavelmente, tinha tido ali mesmo naquele quarto, mas isso fazia parte da minha fantasia.

Sempre fui a respeitável. A namoradinha. A esposa. A garota para casar. Era hora de ser devassa.

— E você, gosta do que vê? — devolvi a pergunta, enquanto baixava as alças do vestido.

Tinha caprichado na lingerie. Salto alto e meias três quartos com borda de renda. Calcinha preta também rendada e um espartilho que acentuava minhas curvas.

Despi-me na frente dele, encarando seus olhos e sentindo seu desejo me queimar.

Ibrahim soltou as abotoaduras e as deixou sobre o móvel. Tirou o paletó e afrouxou a gravata.

Abriu as portas do móvel e revelou alguns acessórios, todos ainda em suas embalagens.

— O que deseja de mim esta noite, Gabriela? —perguntou com a voz rouca de luxúria.

Pensei por um segundo. Um misto de ansiedade e uma pontinha de medo pelo desconhecido pinicando minha pele. Coração acelerado.

— Desejo o que você quiser me dar, Sr. Kahn.

Sua boca se curvou em um sorriso deliciosamente sexy.

Tirou a gravata e abriu os botões da camisa um a um. Eu estava completamente hipnotizada com sua dança sensual.

Deixou a camisa cair no chão, ainda me encarando com aqueles profundos e intensos olhos azuis.

Caminhou até mim como um felino em busca da caça. Eu queria que ele me caçasse. Queria que me dominasse. Que tivesse tudo de mim.

Continuou caminhando, forçando-me a dar pequenos passos para trás, até que senti a parte de trás dos joelhos encostarem na beirada da cama.

Ele ainda não tinha me beijado. Seu nariz estava na altura do meu. A respiração quente em minha pele. Os olhos mantendo os meus cativos.

A mão espalmada em meu peito me forçou contra a cama, fazendo-me deitar. Traçou meu lábio inferior com a ponta do polegar e desceu até meus seios, arrancando-me um pequeno gemido.

— Não pretendo vendar você — explicou. —Embora tenha a certeza de que você apreciaria, hoje quero que veja exatamente o que vai acontecer. Quero ver a luxúria queimando seus olhos, Gabriela... Quero que trema em antecipação ao que vai sentir. A surpresa ficará por conta do que você ainda não viveu.

Senti meu coração acelerar um pouco mais.

Segurou meu braço e o esticou, traçando com a língua um caminho do meu ombro até o punho, arrepiando meu corpo todo.

Puxou uma das correntes e prendeu a tira de couro em meu pulso. Repetiu o gesto com o outro braço.

Quando finalmente eu estava presa. Segurou minha calcinha de cada um dos lados e a levou consigo, beijando o interior das minhas coxas até os tornozelos.

As duas últimas correntes prenderam meus pés, mantendo minhas pernas separadas, revelando minha intimidade.

Levantou-se e virou-se de costas para mim. A tatuagem estava lá, em toda a sua magnitude, marcando a pele bronzeada e deixando claro que o belo e respeitoso executivo de terno era apenas uma faceta do inquietante Sr. Kahn.

Voltou com um objeto de metal na mão. Eu nunca tinha visto nada do tipo. Era pequeno demais para ser algum tipo de vibrador.

— Isto — segurou o objeto para que eu pudesse vê-lo melhor — é uma joia anal.

Não estava espantada, estava curiosa. Queria saber como aquilo funcionava e tinha certeza de que ninguém seria melhor que ele para me ensinar.

Guardou novamente na palma e fechou a mão.

Voltou para a cama. Ajoelhou-se e seguiu beijando o interior de minhas coxas até meu sexo. Minhas pernas estavam separadas o suficiente para que eu não pudesse impedir seu acesso, mas, mesmo assim, Ibrahim as separou ainda mais, afundando a língua em minha carne macia e sorvendo com desejo.

Quando se tornou impossível conter os gemidos, meu corpo em completo êxtase, senti o pequeno pedaço de metal ser empurrado contra meu ânus e então gozei com intensidade, enquanto ele me acariciava.

Ele seguiu movendo a língua e a boca entre minhas pernas. Sua barba arranhando e intensificando meu prazer.

Abriu a calça e, pouco antes que eu gozasse novamente, penetrou-me fundo, com a intensidade que queimava em seus olhos.

— Hum... — gemi enquanto ele segurava meu rosto com força, obrigando-me a encará-lo.

—Isso... Mantenha os olhos abertos — sussurrou —, quero vê-la enquanto estou dentro de você. Quero saber o que sente. Quero ver o prazer nos seus olhos.

Mordi o lábio com força e gemi mais uma vez, enquanto ele me penetrava mexendo o quadril. A tal joia intensificando o que eu sentia.

Senti meu corpo todo fraquejar e tremular e não pude manter os olhos abertos. Era como se eu estivesse em outra dimensão. Quando recobrei a consciência, Ibrahim acariciava meu rosto. Linhas finas de suor escorrendo em seu rosto e peito, o semblante tão satisfeito quanto o meu.

— Meu Deus! — exclamei sorrindo mais do que pretendia.

Ele sorriu também.

— Era exatamente isso que eu esperava fazê-la sentir!

Ibrahim desatou meus pés e mãos, deitando-se ao meu lado na cama. Seu rosto ainda tinha o mesmo pequeno traço de preocupação que ele tentava esconder desde que eu tinha chegado.

Aconchegou minha cabeça em seu peito e acariciou meus cabelos.

— Quer me contar o que está acontecendo?

— Não quero preocupar você com bobagens, *güzel*. Não há nada que possa fazer.

Fiquei calada aproveitando seu carinho, não achava justo forçá-lo a falar, de qualquer maneira. Odiava quando as pessoas insistiam para que eu dissesse algo contra minha vontade. Não ia ser essa pessoa com Ibrahim.

Depois de alguns minutos, o celular dele vibrou sobre o móvel.

Ibrahim se levantou para atender.

Tudo que consegui entender da conversa foi "Isabel" e nada mais — maldita língua turca que não me permitia compreender coisa alguma!

Cerrou os olhos e fechou o semblante, irritado.

— Preciso ir, Gabriela, espere aqui. Volto dentro de alguns minutos. Prometo. Lembre-se do que aconteceu na última vez que você decidiu fazer uma incursão solitária em meu mundo! — advertiu.

Assenti, mas não foi uma concordância completa. Algo em meu sexto sentido dizia que as coisas não estavam bem.

Vesti minha roupa, ajeitei os cabelos e fiquei ali, esperando que ele cumprisse a parte dele do combinado e retornasse rápido, mas, obviamente, isso não aconteceu.

Eu não queria ser um problema a mais e sabia que ele provavelmente estaria no escritório resolvendo algum impasse com Isabel. Decidi seguir até lá apenas para avisar que iria embora de táxi. Não tinha nada errado em me virar sozinha.

Bati às portas duplas, mas ninguém respondeu. Esperei por uns minutos, até que resolvi entrar — estava vazio.

Caminhei até a mesa, peguei um papel do bloco de anotações e uma caneta. Comecei a escrever um recado, para não sair sem avisar. Foi quando percebi que a luz do banheiro do anexo estava acesa.

Talvez ele estivesse no banho ou trocando de roupa. Decidi entrar e surpreendê-lo, mas a surpreendida fui eu — Ibrahim não estava lá, mas tinha uma mulher na cama dele.

Ela parecia completamente adormecida.

Demorei alguns minutos para conseguir me mover. Eu não podia crer no que via. Não podia acreditar que ele tinha outra mulher na cama, enquanto transava comigo no andar de baixo! Era muita sujeira até mesmo para um homem como o Sr. Kahn.

Pense, Gabriela! Pense! Ele não seria tão idiota!

Eu queria encontrar uma lógica em tudo aquilo, mas era bem difícil!

Andei pelo quarto em busca de alguma pista. Tudo que consegui foi uma bolsa feminina com o zíper aberto pela metade.

Peguei-a e mexi no interior. Um batom, alguns preservativos, algumas notas de euro e um documento. Irina Dublek era o nome da garota na cama. Nacionalidade russa.

Dublek — o nome ficou em minha mente. Eu tinha certeza de tê-lo ouvido antes, mas não conseguia lembrar onde.

— Ibrahim? — a garota deitada balbuciou sem abrir os olhos.

Tirei as sandálias e corri para fora o mais rápido que consegui.



“O homem fala, o tolo discute, o sábio cala”
(Provérbio muçulmano)

Eu queria revirar aquele maldito bordel em busca do Sr. Kahn e esfregar na cara dele todos os adjetivos — nada amigáveis —que estavam entalados em minha garganta. Queria socar aquela maldita cara arrogante e deixá-lo irreconhecível, além de decepar algumas partes dele com uma faca bem afiada, mas não podia.

Eu precisava pensar com calma.

Não queria cometer o mesmo erro que cometi em Viena. Queria usar a razão dessa vez.

Deixei o clube para trás de táxi e, em pouco mais de meia hora, já estava na cama. Janela aberta, ouvia os sons da noite e tentava não criar conspirações inúteis em minha mente.

Para minha sorte, quando cheguei ao palacete, todos estavam dormindo. Não precisei explicar coisa alguma.

Ibrahim não era idiota, mas também não sabia que eu ia ao clube.

Será que consegui realmente surpreendê-lo?

Não era de se admirar que o dono de um clube de sexo visse o ato como corriqueiro. Talvez fosse apenas isso. Um dia normal de trabalho na vida do Sr. Kahn!

Respirei fundo me sentindo a mais idiota de todas as mulheres. Eu definitivamente não tinha nascido para aquela vida.

Dublek — o sobrenome ainda pairava em meus pensamentos.

Peguei o celular e digitei o nome. Irina Dublek.

Não demorou muito para que aparecessem algumas fotos da moça. Era ela, a mulher na cama dele.

Tratava-se de uma modelo russa de grande beleza, mas não era isso que chamava a atenção nos títulos das notícias sobre ela; Irina Dublek era filha de um conhecido traficante russo Serguei Dublek.

O tal traficante tinha uma extensa ficha criminal e a fama de ser um torturador impiedoso. Vários de seus crimes estampavam as páginas de cenas *trash* de mortes.

Deus do céu! — pensei — *Em que merda de mundo eu fui me meter!*

Se a informação estava disponível na internet a ponto de eu achar apenas com a busca de um nome, obviamente Ibrahim sabia quem era Irina. E se ela estava dormindo na cama dele, de duas uma... Ou ele era maluco, ou estava envolvido com Serguei Dublek muito mais do que eu gostaria.

Dormi de exaustão e acordei com Ibrahim beijando meu rosto.

— Desculpe demorar tanto, *güzel*. Pensei que resolveria tudo rapidamente e acabei me estendendo mais do que gostaria.

Meu coração deu um salto. Não queria que ele desconfiasse de nada, mas não conseguia parecer indiferente demais.

— Imaginei que tinha voltado para casa. Estou satisfeito em ver que chegou em segurança. Não gosto que fique andando por aí sem um homem ao seu lado. Aqui não é o Brasil, Gabriela.

Agora a preocupação dele em me deixar andar sozinha por aí fazia muito mais sentido. Não era por que estávamos em um país muçulmano, era porque ele estava metido com a máfia russa.

Sentia meu estômago embrulhar, a cabeça dando voltas e mais voltas.

— Sei andar de táxi, Ibrahim. Moro em São Paulo, lembra? Uma das cidades mais violentas do mundo. Sei me virar dentro de um táxi — tentei soar mais engraçada do que irônica, mas não sabia se tinha conseguido. Ibrahim era bom em esconder sentimentos.

— Vou descansar um pouco e nos vemos para o almoço — disse, dando um beijo leve em minha boca.

Concordei. Não sabia como agir perto dele. Queria tentar entender um pouco mais, mas não tinha ideia de como fazer.

Quando desci para o café da manhã, Amina esperava por mim no jardim.

— Teve uma boa noite de sono, querida? — Parecia mais serena e até um pouco mais animada. — Vi que voltou sem Ibrahim ontem. Aconteceu algo?

Eu, obviamente, não diria a ela o que tinha acontecido, então sorri com meu sorriso mais discreto.

— Estava cansada. Decidi vir antes, já que ele tinha uns assuntos para tratar com Isabel.

— Ibrahim e seus assuntos! — exclamou brincando.

Encerramos o assunto por aí. Eu não me sentia à vontade em discutir com ela meus problemas de relacionamento com ele. Não era possível desvincular o fato de que ele ainda era marido dela.

Terminei o café e decidi passar o dia na biblioteca. Do jeito que as coisas andavam, era melhor escrever logo o maldito livro, ou acabaria escrevendo um *thriller* policial!

Eu tinha medo de que minha cabeça de escritora acabasse fantasiando mais do que o saudável sobre o envolvimento de Ibrahim com negócios ilícitos, mas era bem difícil não ligar alguns fatos.

Quando estava no Brasil, antes mesmo de aceitar a proposta, procurei por informações a respeito dele e tudo era sempre vago. Não era alguém conhecido como os milionários e figurões que costumavam estar nas capas da Forbes.

Desci perto da hora do almoço. Amina tinha mandado Miriam me chamar e pensei que o melhor a fazer era manter um comportamento normal.

Minhas pesquisas na internet tinham acabado em notícias sensacionalistas e crimes hediondos. Nada... Nadinha mesmo que ligasse o Sr. Kahn a Serguei Dublek, de maneira alguma.

Amina estava sentada no sofá, vendo uma novela turca na televisão.

— Venha, Gabriela! Sente-se aqui comigo e veja se não tenho razão quando digo que

essa novela é maravilhosa! Eu gosto de assistir com Salih, mas, como ele foi para Londres, não tenho companhia.

Sentei em uma das poltronas e fiquei tentando entender o que se passava na cena, já que os personagens conversavam em inglês.

Não demorou muito e a programação foi interrompida por uma daquelas chamadas que sempre vemos em notícias catastróficas.

Eu podia não entender o que o repórter falava, mas meu assombro não pode ser escondido — o rosto de Irina Dublek aparecia em um quadro pequeno no alto da tela e, na parte principal, um grupo de bombeiros tirava o corpo de uma jovem loira de dentro de uma valeta de esgoto, em algum subúrbio de Istambul.

Eu estava tão vidrada na notícia que não percebi a aproximação de Ibrahim.

— Merda! — foi tudo o que ele disse, enquanto descia rápido pelos degraus da escada.

Não deu uma explicação sequer e bateu a porta com tanta força que não sei como não saiu com a maçaneta nas mãos.

Fiquei imóvel, sem conseguir processar tudo em minha cabeça. Uma sensação de estômago embrulhado e gotículas de suor gelado se formando em minha testa.

Será que o maldito turco mandou matar a tal Irina?

Ou pior ainda...

Será que ele mesmo matou a garota?

De repente, tudo que eu queria era correr para o primeiro aeroporto e desembarcar em meu país.

— Pobre moça! — Amina constatou, alheia a tudo o que acontecia em meus pensamentos. — Ainda mais grávida. Uma tristeza sem fim!

Fiquei emudecida. Não sabia como reagir.

Miriam apareceu no corredor e disse algo a Amina.

— Vamos, Gabriela. O almoço está servido! — disse calma e sorridente.

Vacilei por alguns segundos. Não sabia se deveria ir e fingir que tudo estava bem, ou se deveria simplesmente fazer as malas e chamar um táxi.

Eu não queria terminar como a pobre Irina Dublek.

— Venha, Gabriela — chamou novamente —, mandei que Miriam preparasse seu famoso cordeiro assado. Você vai adorar.

Estava sorrindo. Postura relaxada, mão estendida para mim, mas, por trás dos olhos escuros, uma pequena sombra de inquietação.

Achei que o mais prudente era não levantar mais suspeitas e segurei a mão que me era oferecida.

Obviamente, tive um péssimo almoço.

Mal consegui engolir a comida e o maldito cordeiro ainda estava duro, o que me rendeu arranhões desagradáveis na garganta.

Para minha sorte, Amina decidiu tirar um cochilo pouco depois que nos retiramos da mesa e eu entendi que era minha deixa para conseguir mais informações sobre o tal assassinato.

Subi para o quarto e fechei a porta — pelo menos as pessoas naquela casa tinham o bom senso de bater antes de abrir e eu poderia ter uns minutos de sossego.

Sentei na cama e, assim que abri a primeira página do navegador, deparei com uma enxurrada de notícias sobre o assassinato da russa.

Abri uma página em inglês.

Irina Dublek tinha sido esfaqueada na barriga. O feto tinha sido retalhado dentro dela. Seu corpo exibia várias marcas de queimadura e corte, mas o rosto estava completamente preservado. Tratava-se de um crime terrível e cruel.

Quem quer que tenha matado a pobre moça, tinha sentimentos confusos em relação a ela.

Alguns sites classe B expunham imagens da tragédia sem qualquer tipo de censura. Era chocante e triste.

Eu não conseguia assimilar a possibilidade de que Ibrahim tivesse mesmo feito aquilo. Ele nunca tinha demonstrado desequilíbrio algum. Nenhum traço de comportamento violento. Nada.

Também não acreditava que o pai da garota fosse capaz de tamanha atrocidade. Nas poucas imagens que encontrei de Serguei ao lado de Irina, ele parecia um pai carinhoso, apesar da fama que tinha.

Lembrei então de um livro que ganhei sobre psicopatas e como são bons em não sentir remorso ou coisa alguma.

Segui pelas notícias até que uma delas me chamou a atenção.

“Irina Dublek, a herdeira da máfia russa, morta em uma emboscada pelo namorado turco”.

Em uma das imagens, desfocada por provir de câmera de segurança, Irina descia de um carro de modelo igual ao que Ibrahim costumava usar. Em outra, estava de frente para ele, em

uma porta lateral do clube. Pareciam discutir. Em uma terceira sequência de fotos, um homem de costas, não identificável, abraçava Irina; em outra se beijavam. O homem usava um terno escuro. Aparentemente, tinha a mesma altura de Ibrahim. Meu coração parecia ter sido esmagado por um rolo compressor.

Ibrahim Kahn era o maldito namorado turco! Era ele! Por isso ela estava na cama!

Todo aquele papo sobre ter filhos... E eu, idiota como era, tinha caído como um patinho!

Ele provavelmente sabia de tudo! Eu nunca tinha feito muita questão de esconder os fatos de meu passado. Falava disso em minhas matérias, nos livros. Eu não fazia o tipo misterioso e ele tinha usado isso para me envolver em sua teia!

Maldito psicopata desgraçado!

Pobre moça... Dormindo ao lado do homem que iria acabar com ela e com o bebê que ela carregava!

Respirei fundo, fungando um pouco para espantar as lágrimas que insistiam em rolar por meu rosto.

Quando recuperei o mínimo de controle, levantei apressada e enfiei tudo que era meu dentro da mala. Eu precisava aproveitar que estávamos apenas eu e Amina em casa e fugir. Tinha que ficar longe de Ibrahim, agora que sabia do que ele era capaz.

Joguei a bolsa que Isabel tinha comprado sobre os ombros e desci as escadas, nervosa — eu tinha que fugir! Precisava correr para o mais longe possível de toda aquela sujeira e faria isso mais rápido se não precisasse empurrar uma mala.

Imagens do corpo mutilado de Irina não saíam da minha mente.

Assim que atingi a rua, corri.

Corri e corri mais, rua abaixo, até que cheguei a um cruzamento e consegui sair do caminho óbvio, sentindo-me um pouco mais protegida.

Peguei o celular e chamei um táxi pelo aplicativo. Parei em frente a uma placa de rua e esperei até que ele chegasse. Para minha sorte, não demorou muito.

Em pouco tempo, estava no Aeroporto Internacional de Istambul, bolsa nos ombros e um coração tão partido que eu nem sabia se seria possível consertar.

Consegui uma passagem para São Paulo por causa de uma desistência de última hora. Fiz o *check-in* e sentei em uma das poltronas do aeroporto.

Queria chorar. Estava angustiada, atarracada dentro de mim mesma. Um milhão de sentimentos se reviravam dentro de mim. A única coisa de que eu tinha certeza era que, em breve, todo aquele pesadelo ficaria para trás e, com ele, o sonho bonito que eu tinha pensado

poder viver.

Quando deram o sinal de embarque, levantei e fui para a fila. Queria terminar logo com todo aquele desespero. Ibrahim Kahn era como um daqueles esparadrapos que grudam no machucado, e a melhor maneira de tirá-lo era arrancando-o, ainda que doesse.

— Gabriela! — a voz dele me fez parar já no corredor para a aeronave. — Gabriela! — chamou novamente. — Gabriela!

Virei, mais por instinto do que por vontade, e, assim que o vi, as lágrimas começaram a derramar, tão rápidas que nublavam minha visão.

Dois seguranças esforçavam-se por contê-lo, enquanto ele tentava vir em minha direção. Fiquei parada exatamente onde estava. Meus pés pareciam cimentados ao chão.

— Gabriela, preciso falar com você. Sei que viu Irina no anexo. Preciso falar com você. Preciso contar o que houve — tentava se explicar. — Preciso que confie em mim, *güzel*. Preciso! Eu jamais trairia você! Jamais faria mal a Irina! Eu jamais cometeria aquela atrocidade! Você sabe disso! Eu abri meu coração para você!

Falar comigo? Explicar o quê? Como? Certamente ele tinha tido tempo de pensar em uma história tão tocante e incrível como as que já tinha me contado!

Psicopata, Gabriela! Um psicopata consegue reverter a situação. Eles são mestres em vitimizarem-se!

Virei as costas e segui para dentro da aeronave. Não olhei para trás. Arranquei meu “esparadrapo” e fechei os olhos.

Queria acordar do pesadelo.





"Até a mão da compaixão é ferida pelo escorpião"
(provérbio persa)

Algum tempo antes...

— Ficou maluco! — Isabel gritava comigo, andando de um lado para o outro do meu

escritório. — Você precisa tirá-la da sua casa agora! E precisa conversar com ela! É obvio que ela está pensando o mesmo que todo mundo neste momento!

Respirei fundo e alisei os cabelos para trás.

Estava destroçado. Não conseguia acreditar que Serguei tinha sido capaz de tamanha covardia. Eu o conhecia o suficiente para saber que família era algo sagrado para ele. O maldito russo podia ser o demônio encarnado, mas não teria coragem de machucar a própria filha! Eu não conseguia acreditar nisso.

— Ande, Ibrahim! Você precisa sumir! Pegue um avião, um barco, ou se enfie em uma maldita caverna, qualquer coisa, mas desapareça! Você sabe muito bem que, se não foi aquele diabo velho que matou Irina, ele vai caçar você até conseguir matá-lo!

Juntei todos os documentos importantes que tinha no escritório e fechei em uma pasta de couro.

Isabel tinha razão. Eu precisava cuidar de Gabriela. Precisava protegê-la e à Amina; àquela hora Serguei Dublek já estaria em meu encalço. Ele não sossegaria até que pudesse vingar a morte da filha.

— E Salih? Tenho medo de que aquele garoto inconsequente acabe fazendo mais merdas do que já fez!

— Já falei com ele. Pedi que esperasse por mim em Atenas. Estou indo para lá agora. — Colocou as mãos em meus ombros e respirou fundo. — Cuido dele, não se preocupe. Não vou deixar que Salih aja com a emoção mais uma vez — garantiu —, mas preciso que me prometa se cuidar. Não posso perder você, Ibrahim! O que eu faria se algo ruim acontecesse com meu melhor amigo? Hum? Promete se cuidar? — pediu. — E prometa que dessa vez não irá esperar que as pessoas adivinhem o que se passa em seu coração?

Puxei-a para mim e a aconcheguei em meu peito. Beijei o topo de sua cabeça.

— Garanto que, dessa vez, também não faria nenhum tipo de merda! — brinquei porque podia sentir as lágrimas dela molhando minha camisa fina.

— Meu coração está tão apertado — confessou. —Acho que nunca tive tanto medo de perder você!

— Você não vai me perder, Isabel. Não se preocupe. Eu sou uma erva daninha, lembra-se? Erva daninha a geada não mata! — zombei mais uma vez.

Isabel se foi para Atenas e eu saí em busca de Gabriela. Queria garantir que estivesse segura. Sabia, pelas imagens da segurança, que ela tinha estado em meu escritório. Ela vira Irina lá na noite anterior, certamente tinha pensado alguma bobagem.

Errei ao não contar a ela sobre o pedido de socorro da pobre moça. Quando a encontrei nas portas do escritório, deveria ter logo contado, mas queria falar primeiro com Salih. Não achava justo contar a ela sobre o bebê antes que ele soubesse.

Irina estava tão feliz. Tinha tantos sonhos.

Fechei os olhos, sentindo o coração doer. Eu sabia muito bem como era ter os sonhos arrancados das mãos. Não a deixaria sozinha. Cuidaria dela e garantiria que ela e Salih pudessem, enfim, viver o amor que sentiam um pelo outro.

Eu a tinha deixado em meu escritório, queria que ela descansasse. Estava nervosa demais. Aflita demais. Tinha brigado com o pai e renegado o casamento que ele lhe tinha proposto, com um de seus homens de confiança.

Aquele garoto inconsequente não podia ter escolhido uma mulher mais complicada por quem se apaixonar! Mas essa não era uma decisão que cabia a mim.

Tentei ajudar todas as vezes que Irina me procurou. Tentei manter o caso dos dois no mais absoluto segredo, mas eu não contava com essa gravidez.

Estava feliz por saber que ele viveria o que eu não vivi.

"Seu mal é querer consertar o mundo!" — as palavras de Isabel ecoavam em minha cabeça.

Eu não queria consertar o mundo. Não era tão presunçoso assim, mas não podia desamparar alguém que eu amava. Alguém que confiava em mim. Além disso, a garota não tinha culpa de ser filha do demônio.

Estacionei no jardim e desci apressado. Avisei ao motorista que usaria o carro. Não queria que nem mesmo ele soubesse para onde eu estava indo.

— Amina? — chamei alto. — Gabriela?

Não tinha tempo para explicar. Precisava pegar as duas e sumir. Minha ansiedade subindo a cada cômodo vazio.

— Gabriela? — chamei pela ala oeste, sem sucesso algum.

Entrei no quarto chamando por ela, mas não tinha ninguém no lugar.

— Ibrahim! Graças a Deus, você está bem! — Amina abraçou-me como não costumava fazer. — Liguei em seu telefone e no clube, mas ninguém sabia onde você estava. Isabel não me atende. Gabriela sumiu e Salih... Oh, Deus! — Chorava como nunca a tinha visto chorar. — Ele não atende ao telefone! Diga que ele está bem! Diga que não aconteceu o pior com o meu menino! Diga!

Limpei seus olhos com meu lenço e tentei acalmá-la.

— Salih está bem. Isabel já falou com ele e está indo a Atenas. Não se preocupe. Eu vou cuidar de tudo, mas preciso saber onde está Gabriela. Você viu para onde ela foi? — perguntei tentando soar o mais calmo possível.

— Não vi! Estava em meu quarto. Achei que estava protegendo você e Salih. Eu nunca... Eu nunca... Eu não sou um monstro... — não conseguia terminar uma frase coerente sequer.

Eu não fazia ideia do que ela estava falando e, sinceramente, não importava. Eu precisava encontrar Gabriela.

As roupas reviradas pelo armário. O notebook não estava mais lá, nem os documentos — ela tinha fugido.

— Garota idiota! — praguejei, jogando a mala vazia no chão.

— Ibrahim... Sinto muito! Eu não queria...

— Você não tem culpa de nada — acalmei-a. — Gabriela sabe ser bem teimosa quando quer. Você não tem obrigação de vigiá-la o tempo todo. Vou passar as instruções ao motorista; preciso que faça uma mala bem rápido e siga com ele. Prometo ir até você assim que encontrar Gabriela.

Beijei sua testa e a deixei.

Pedi ao motorista que a levasse até Santorini. De lá ela podia ver o filho e ficaria mais calma. Ninguém, além de Isabel e a falecida Alexia, conheciam aquela mansão. Amina estaria segura lá e em breve estaríamos todos juntos, pelo menos até que essa tempestade passasse.

Entrei em meu carro e segui direto para o aeroporto — se Gabriela tinha mesmo decidido me deixar, certamente estaria a caminho do Brasil. Com sorte, eu a encontraria antes de embarcar e poderia conversar com ela.

Todos aqueles folhetins baratos insinuando algum tipo de envolvimento entre Irina e eu. Não era difícil imaginar o que se passava naquela cabecinha fantasiosa dela.

Essa era minha sina, ainda que eu desse todos os motivos do mundo, as pessoas sempre duvidariam do meu caráter. Afinal de contas, quem confiaria em um homem com o meu passado?

Talvez o melhor mesmo seja desistir de Gabriela.

Como poderíamos viver assim? Como seria a cada falsa notícia? A cada mulher que fosse vista ao meu lado?

Não! Não era verdade! Gabriela merecia mais que isso! Eu não podia exigir que ela confiasse em mim! Não podia ser tão leviano!

Calma, Ibrahim! — pensei. — *Dê uma chance a ela. Conte o que realmente aconteceu! Você não pode esperar que ela confie no que não sabe. Não seja idiota novamente.*

Passei por todos os balcões de companhias aéreas que operavam algum trecho para o Brasil e já tinha perdido as esperanças, quando finalmente a encontrei.

Ela tinha conseguido uma passagem de última hora para o Rio de Janeiro.

Eu estava na fila do *check-in*, esperando que entendessem a situação e me permitissem ir até onde Gabriela estava, quando ouvi o anúncio de embarque do voo dela. Não podia mais esperar.

Empurrei o funcionário com força, deixando-o no chão e corri pelo saguão, até que a vi.

— Gabriela! — chamei tão alto quanto pude. — Gabriela! Gabriela!

Ela demorou alguns segundos até virar-se para mim. Seus olhos encontraram os meus com indiferença. Eu não conseguia classificar o que se passava em sua cabeça, até que começou a chorar.

Aproximei-me mais, querendo pegá-la nos braços. Cuidar dela. Explicar tudo. Protegê-la.

Dois homens truculentos seguraram-me pelos ombros, tentando impedir que eu me aproximasse mais. Encarei-a com todos os sentimentos que tinha em meu coração. Esperei que ela compreendesse que eu realmente precisava dela, mas Gabriela não se moveu.

— Gabriela, preciso falar com você. Sei que você viu Irina no anexo. Preciso falar com você. Preciso dizer o que houve — tentei explicar. — Preciso que confie em mim, *güzel*. Preciso! Eu jamais trairia você! Jamais faria mal a Irina! Eu jamais cometeria aquela atrocidade! Você sabe disso! Eu abri meu coração para você!

Esperei dela a mesma atitude que eu teria, mas Gabriela não era como eu. Não me deu uma chance. Não veio até mim. Não quis me ouvir. Não confiou.

Ela virou as costas e se foi.

Observei enquanto ela sumia pelo corredor de embarque. Podia sentir os seguranças me puxarem para trás. Não ofereci resistência. Não tinha por que fazer isso.

O zunido veio seguido de uma sensação que eu ainda não conhecia. Um depois do outro, até que começou a ficar difícil respirar. Foi quando percebi que os homens que me seguravam estavam no chão.

Caí de joelhos. Baixei os olhos para ver minha camisa branca tingida de vermelho sangue. Meu sangue.

Passei a mão pelo tecido grudento e então meus olhos foram se fechando, ainda que eu

os quisesse manter abertos.

Nunca gostei de fechar os olhos. Dormir parecia doloroso demais, mas, naquele momento, eu não sentia medo do escuro. Queria fechar os olhos e deixar tudo para trás.



“*O destino afaga poucos e molesta muitos”*
(provérbio libanês)

Quando pousei no Rio já era noite.

Peguei um táxi direto para um hotel. Sentia meu corpo todo doer. Tinha chorado toda a viagem de volta para casa.

Assim que deitei na cama do hotel, desabei novamente, os olhos azuis de Ibrahim me encaravam com tanta intensidade, que não pude deixar de pensar no homem que esteve comigo em *Iztuzu.*

Por mais que eu quisesse esquecer, sabia das marcas que ele deixaria em mim. Eram maiores e mais profundas. Atingiam uma parte do meu coração na qual Leonel nunca tinha estado.

Não queria voltar a São Paulo. Não ainda. Tinha medo de que ele me procurasse. Tinha medo de sucumbir e cair em sua teia mais uma vez.

Talvez um dia eu fosse capaz de entender por que, com tantas mulheres no mundo, Ibrahim Kahn tinha escolhido justo a mim para enganar.

Liguei a televisão e fiquei passando os canais até que um noticiário internacional fez meu coração ser arrancado do peito e destroçado pelo chão. Era Ibrahim, deitado em uma maca com uma máscara de oxigênio no rosto.

As cenas eram de algumas horas antes, provavelmente quando nos vimos. O repórter dizia que um atirador tinha matado os dois seguranças e ferido gravemente o empresário Ibrahim Kahn. Ele tinha sido levado a um hospital, mas seu quadro era crítico e os médicos acreditavam que provavelmente não resistiria.

Só percebi que estava chorando, quando senti meu corpo tremer — ele ia morrer. Ia morrer e eu nunca mais o veria.

Lembrei que tinha anotado o telefone de Isabel. Eu podia estar decepcionada com Ibrahim, mas queria pelo menos saber que ele não tinha morrido. Uma parte de mim queria ter esperança de que tudo tivesse uma explicação e de que eu ainda tivesse uma possibilidade de vê-lo novamente.

— Isabel? — perguntei assim que ela atendeu. — É a Gabriela.

Não consegui dizer mais nada porque ela me interrompeu.

— Pelo amor de Deus, Gabriela! Onde você está? Como conseguiu escapar do atentado? Eu estava louca de preocupação.

— Eu estou no Brasil — disse meio sem jeito.

Eu não sabia até que ponto Isabel estava metida em tudo que envolvia Ibrahim e a morte de Irina, mas de qualquer maneira era estranho admitir para ela que eu o tinha deixado.

— Como assim, no Brasil? O que está fazendo no Brasil? Ibrahim não procurou por você?

— Ele procurou — admiti —, no aeroporto.

Isabel ficou em silêncio por alguns segundos. Os piores segundos da minha vida.

— E é claro que você não parou para escutá-lo.

— Isabel... — comecei tentando justificar —, eu vi a russa na cama dele! Ele me enganou! Eu fui vê-lo no clube e, antes que eu entrasse no escritório, ele me levou até um dos quartos e me deixou lá! Ele escondeu a garota de mim! Como você esperava que eu ficasse? O que esperava que eu entendesse?

— Esperava que você ficasse morta de ódio! Que carregasse o demônio no corpo, mas que ao menos o escutasse!

— Para quê? — esbravejei. — Para ouvi-lo justificar o injustificável? Dar a ele a chance de me enrolar em uma teia de mentiras? De vir com as mesmas histórias de sempre? Olha... Talvez eu tenha cometido um erro em ligar para você, não quero parecer grosseira, mas você jamais veria as coisas sob minha ótica! Eu só queria saber como Ibrahim está, mas agora nem sei se fiz a coisa certa!

— "Sua ótica"? — Isabel praguejou. — "Sua ótica"? Ficou maluca? Deixe-me contar uma coisa, moça... O mundo não gira em torno do seu umbigo! Nem todas as pessoas do mundo são obrigadas a compreender e aceitar esse seu medo desmedido de confiar! Sinto muito que você tenha sofrido na vida, mas você não é a única pessoa no mundo a não viver em um conto de fadas!

Isabel falava, e falava sem parar, e parecia mais irritada a cada palavra. Cogitei desligar o telefone — não era obrigada a ouvir uma lição de moral, mas decidi ser educada.

— Ibrahim foi atrás de você porque queria contar o que Irina fazia na cama dele! Era exatamente o que ele ia fazer, sua garota arrogante e dona da verdade!

— *Hey*! — interrompi. — Que explicação ele poderia dar para o fato de ter uma mulher na cama dele, chamando pelo nome dele? A mesma mulher que apareceu brutalmente assassinada no dia seguinte e que carregava um filho dele na barriga. Eu não sou arrogante, Isabel, mas também não sou imbecil!

— Eu nem deveria me dar ao trabalho, mas ainda assim vou fazer um último favor a você e contar a verdade. Irina Dublek não foi até o clube por causa de Ibrahim, ela foi em busca de Salih! Salih, Gabriela! Os dois tinham um caso secreto e, por mais que Ibrahim e eu tenhamos tentado impedir e abrir os olhos dos dois, convencê-los de que não daria certo, ao que parece não nos ouviram! O homem que você fingiu amar, mas que na primeira oportunidade abandonou estava somente tentando ajudar! Ele não é o tipo que coloca uma garota grávida para fora e a deixa à própria sorte! Irina rompeu com o pai e precisava de um lugar para ficar! Foi isso! Agora, se me der licença, meu melhor amigo está precisando de mim!

Isabel desligou o telefone e eu fiquei com ele no ouvido mais alguns segundos, sem conseguir processar tudo em minha mente. Salih. Era Salih o pai do bebê! Ibrahim não tinha me traído. Não tinha mentido para mim. Ele estava tentando ajudar alguém que precisava dele.

Demorei vinte minutos para tomar uma ducha, mudar de roupas e pegar um táxi de volta

para o aeroporto. E mais três horas para conseguir embarcar de volta para Istambul.

Já não importava mais nada. Tudo de que precisava era chegar à Turquia antes que ele me deixasse para sempre.

Eu tinha sido mesmo uma idiota e Isabel tinha toda razão. Ninguém tinha culpa se meu casamento era uma lembrança de merda. Eu precisava parar de achar que todo mundo tinha que me compreender. Não tinha mais graça vestir minha roupa de vítima.

Era bem cedo quando desci em solo turco, mas, dessa vez, tive que me virar completamente sozinha. Eu não queria pedir ajuda a Isabel e não tinha o telefone de mais ninguém. Nenhum endereço ou qualquer coisa do tipo.

Sentei em um café, ainda dentro do aeroporto, e comecei a pesquisar na internet para descobrir em que hospital Ibrahim estava. Não consegui nada.

Imaginei que, por tratar-se de um ataque de Serguei, notícias a esse respeito não fossem divulgadas nos veículos de comunicação.

Caminhei até um táxi e tentei explicar onde era a casa de Ibrahim. Para minha sorte, o motorista estava disposto a me ajudar.

Apertei o botão do interfone e esperei sem sucesso algum. A casa parecia vazia. Provavelmente um deles tinha tirado Amina de lá.

Voltei pela estrada andando, mala sobre os ombros, pensando no que faria a seguir. Já tinha percorrido boa parte do caminho até o centro novamente, quando um carro diminuiu a velocidade ao meu lado.

— Entre! — a voz de Isabel pediu.

— Como soube que eu estaria aqui? — perguntei assim que me acomodei no banco do passageiro do esportivo.

— Deixei um segurança vigiando o palacete — foi tudo o que ela disse.

Seguimos em silêncio. Eu queria perguntar sobre Ibrahim, mas achei melhor esperar pelo momento certo.

Isabel estava arrasada, bolsas escuras debaixo dos belos olhos verdes, cabelos presos em um coque desarrumado. Nem de longe lembrava a mulher cheia de vida que eu tinha conhecido.

Eu tinha medo das notícias que receberia.

— Ele está sendo operado neste momento — anunciou sem tirar os olhos da pista a nossa frente. — Uma das balas está alojada na cabeça dele. O cirurgião não deu muita esperança.

Senti como se, de repente, todo o ar de meus pulmões tivesse sido arrancado. Não conseguia respirar.

— Sei que você não teve culpa do atentado. Sei que não poderia ter evitado também, mas estou com tanta raiva de você, Gabriela! Tanta raiva! Nem consigo explicar! — confessou.

Eu compreendia, mesmo que não tivesse culpa.

Isabel parou o carro no acostamento, perto do Estreito de Bósforo e ficou encarando o mar.

— Desculpe... — comecei sentindo a primeira lágrima rolar. — Você tem toda razão. Eu realmente agi muito mal com ele. Não deveria ter embarcado naquele avião. — Respirei fundo. — Sabe, Isabel, eu realmente aprendi minha lição. Espero que não seja tarde. Eu nem deveria ter ido atrás dele no clube. Eu deveria ter ficado quieta em casa e esperado, como ele me pediu, mas Amina...

Isabel me interrompeu.

— Amina?

— Sim... Ela me encorajou a ir vê-lo. Disse que eu deveria tentar tirá-lo do trabalho um pouco. Você sabe, Isabel, ele trabalha demais. Precisa descansar de vez em quando. Amina estava preocupada com ele.

— Amina preocupada com o descanso de Ibrahim? Ela sempre soube que ele dorme no escritório! Ele raramente volta do clube no meio da noite! Ela sabe disso!

Isabel ficou calada por alguns segundos e então soltou um riso amargo, balançando a cabeça em negativa.

— Eu deveria ter imaginado!

— Imaginado o quê? Como assim?

— Aquela víbora me pegou direitinho! Logo eu, Isabel Chevalier, enganada por uma amadora!

— Ainda não entendi nada! — confessei.

— O que exatamente Amina falou com você?

— Eu estava olhando as rosas. Ela se aproximou e começamos a falar de Ibrahim. Não foi nada de mais — defendi sem nem mesmo entender o porquê. — Ela só disse que eu deveria procurá-lo, que ele gostaria de me ver. Eu achei que era um bom conselho. Amina sempre foi tão gentil...

— Gentil demais, não acha?

— Até acho... Mas depois de saber que o casamento dos dois era somente um acordo. Depois de falar com ela... Você mesma me encorajou a isso, lembra-se?

Eu estava mais confusa a cada segundo.

— Eu deveria ter seguido minha intuição! — Isabel confessou mais para si mesma do que para mim. — Quando conheci Amina... Eu sempre achei que algo ali não estava certo. Sempre achei que ela era passiva demais. Bondosa demais. Eu falhei. Falhei com Ibrahim e falhei com você também. Deveria tê-la alertado!

— Acha mesmo que Amina mataria a moça? — Estava incrédula. Não conseguia imaginar Amina sendo tão má.

— Não, mas acredito que ela tenha armado para você pegar Irina na cama de Ibrahim. E acredito que ela possa ter sido responsável pelo telefonema que Irina recebeu pouco antes de sair da boate. A mensagem veio de um chip de celular que Salih perdeu.

— Meu Deus! — Tapei a boca com a mão.

— Vou ensinar umas coisinhas para aquela sonsa! — esbravejou, ligando o carro novamente.

Seguimos até um hospital afastado do centro. Isabel confirmou que Ibrahim estava lá em segredo. Tinha dado entrada com outro nome para evitar especulações.

Segui ao lado dela, até uma sala de espera. Assim que nos viu, Amina arregalou os olhos e começou a chorar.

— Eu não sabia que tudo terminaria assim! — justificou.

Isabel a pegou pelo pulso e a arrastou pelo corredor, até que estávamos em um pequeno jardim cercado, fora do hospital.

— Não vou discutir com você dentro de um hospital — explicou —, mas aqui fora, sua víbora peçonhenta, você vai ter que me escutar!

— A culpa é dela! — Apontou em minha direção. — Não tinha nada de difícil! Ela só tinha que pegar a garota na cama dele! Era só isso! Eu só queria protegê-lo! Essa garota... Ela... Ela não faz bem a ele! Ele não é o mesmo quando ela está por perto!

— Protegê-lo? Acredita mesmo nisso? — Isabel interpelou. — Se você acredita nisso, é mais louca do que pensei! Se acredita mesmo que Ibrahim era feliz por todos esses anos, você é, definitivamente, a pessoa mais doente que já conheci!

— Você sabe muito bem do carinho que eu tenho por ele! Do quanto me importo com ele! Com eles! Eu não podia permitir que essas duas estrangeiras acabassem com a minha família! Essa mulherzinha aí chegou de mansinho e virou a cabeça de Ibrahim! Tudo que eu

queria era que ela fosse embora! Mas estão descobri que ele realmente tinha intenção de ficar com ela! Que ia mesmo me deixar e ficar com ela! Não era justo! Não era nada justo depois de todos os anos em que me dediquei a ele!Ela só tinha que pegar a garota na cama dele e finalmente voltaria para o país dela e eu teria resolvido tudo! E aquela russa maldita ia acabar com a vida do meu filho! Você sabe que o pai dela nunca admitiria Salih na família dele! Sabe muito bem que, se eu não tivesse mexido meus pauzinhos, o corpo retirado daquele esgoto seria o do meu filho! — Amina tentava se justificar, limpando os olhos com as costas das mãos.

— Irina amava seu filho. Ela estava grávida dele. Você matou seu neto, Amina! Condenou um pobre bebê à morte, antes mesmo que ele tivesse tido a chance de nascer! Você vai carregar esse peso nas costas até o dia do seu julgamento. E eu espero sinceramente que não demore! Espero que essa doença finalmente leve sua carcaça para o Inferno... Porque sua alma já está lá!

— Eu não matei a garota! Eu nunca imaginei que ela terminaria assim! Eu nem faço ideia de quem fez isso! — Chorava mais e mais. — Eu nunca mataria meu neto! Eu não podia imaginar!

— Aproxime-se de qualquer um dos dois novamente e eu juro que me encarrego de você com minhas próprias mãos! — Isabel ameaçou. — E você sabe muito bem que sou capaz!

Fiquei meio atônita, tentando entender tudo que acontecia.

Amina ficou lá, sentada no banco do jardim, chorando descontroladamente e eu segui com Isabel de volta para o hospital.

Não tinha nem ideia do que dizer. Nunca tinha imaginado que Amina seria capaz de tantas barbaridades.

— Cobra! Cobra peçonhenta! — Isabel praguejava. — Alimentada no seio de Ibrahim! Um demônio de saia! É por isso que não gosto de gente boa demais!

— Eu nem sei o que dizer! — Alisei meus cabelos para trás. — Meu Deus do Céu! Pensei que coisas assim só acontecessem em novelas!

— E de onde você acha que saem as novelas? A maldade humana não tem limites, Gabriela! Eu deveria ter me prevenido! Isso pode até ser novidade para você, mas eu estou acostumada com isso!

Isabel estava de costas para mim, encarando a janela que dava para a rua.

— Sabe... — começou com a voz mais calma —, não sei o que vou fazer se perder

Ibrahim. Eu não tenho ninguém.

— Sinto muito. Sinto muito mesmo. Eu sei que fui ingênua de acreditar em Amina. Talvez tivesse conseguido evitar tudo isso.

Virou-se em minha direção, os olhos verdes marejados como os meus. Sentou-se ao meu lado, no banco frio de metal, e segurou minhas mãos.

— Procurar culpados agora não vai ajudar em nada. Precisamos nos unir. Rezar, orar, o que quer que seja, e esperar que o melhor aconteça.

Concordei com a cabeça.

— Não vou sair daqui até ter certeza de que ele está fora de perigo. — Foquei meu olhar no dela. — Não a deixarei sozinha. Prometo.

Isabel concordou com a cabeça. Não disse nada, mas também não precisava. Estávamos ali porque amávamos Ibrahim, cada uma a sua maneira, e isso era o suficiente.



“*A morte é um camelo negro*
que se ajoelha no portão de todo homem”
(provérbio árabe)

A cirurgia de Ibrahim durou longas oito horas.

Isabel e eu ficamos a maior parte do tempo sozinhas, sentadas naquele banco de metal, esperando e rezando para que tudo terminasse bem.

O cirurgião apareceu na sala, cerca de quinze minutos depois de sermos avisadas do fim do procedimento. Explicou a Isabel que tudo tinha corrido bem e que o quadro de Ibrahim era estável; as próximas quarenta e oito horas seriam as mais importantes pelo risco de hemorragia e, após isso, ele seria tirado do coma induzido gradativamente.

Somente depois que estivesse acordado, poderíamos saber realmente se tinha havido algum dano. Alguma sequela ou coisa assim.

Ibrahim estava em um quarto reservado, dentro da unidade de tratamento intensivo. Dado o risco de um novo atentado, o hospital tinha permitido que mantivéssemos um segurança de plantão na porta do quarto. Isabel não confiava na polícia turca. Temia que fossem subornados por Serguei.

Não foi difícil achar quem quisesse trabalhar com a segurança do hospital. Pouco a pouco, fui vendo o quanto Ibrahim Kahn era querido. O quanto era respeitado por seus funcionários.

Precisei que uma tragédia acontecesse para, enfim, conseguir ver o homem por trás do terno azul-marinho.

— Gabriela, o doutor permitiu vinte minutos de visita hoje. Dez minutos para cada uma de nós. Eu vou primeiro e já volto para que você possa entrar, tudo bem?

— Claro! Espero aqui mesmo.

Foram dez minutos que duraram como dez horas. Eu queria vê-lo. Ainda que quando acordasse ele me mandasse embora para sempre, eu queria olhá-lo mais uma vez.

Quando Isabel saiu, pude ver que tinha chorado. A situação de Ibrahim era muito complicada.

Acenou com a cabeça e indicou a porta pela qual eu deveria entrar.

Nunca fui de me impressionar com pessoas doentes, mas também nunca tinha visto alguém que eu amava naquele estado. As lágrimas iam descendo, mesmo que eu não quisesse chorar.

Ibrahim Kahn estava deitado em uma cama de hospital. Conectado a vários monitores. Sobre seu nariz e boca, uma máscara o ajudava a respirar. O cabelo tinha sido raspado e a cabeça estava envolta em ataduras.

Estava despido pelo menos até a cintura, onde o lençol hospitalar o cobria, e seu peito tinha três curativos, junto das costelas. Imaginei que era onde os tiros tinham perfurado a pele.

Respirava compassado e tranquilo, apesar de tudo. Olhos fechados. Sereno e altivo, como só ele sabia ser.

Corri os dedos em seu rosto, acariciando sua pele devagar. Pensei em muitas coisas para dizer, mas nenhuma delas parecia fazer sentido.

— Eu estou aqui — sussurrei mesmo que ele não pudesse me ouvir. — Não vou a lugar algum até ter certeza de que você está a salvo.

Fiquei ao lado da cama, observando-o respirar; feliz por saber que tinha uma pequena chance de conseguir consertar as coisas.

Se os dez minutos de Isabel pareceram horas, os meus pareceram segundos. Não queria sair daquele quarto. Não queria deixá-lo.

Quando o enfermeiro bateu no vidro da porta, beijei a mão de Ibrahim e o deixei descansar. Já tinha sido egoísta demais com ele.

— Vou levar você para o clube — Isabel avisou assim que entramos no carro. — Não a quero registrar em um hotel e, por razões óbvias, não a levarei até a casa de Ibrahim. Eu passo a maior parte do tempo por lá mesmo. Assim você não fica sozinha. Não tenho certeza se meu apartamento é seguro e, pelo menos, no clube temos segurança o tempo todo.

Concordei com a cabeça, olhos perdidos na estrada.

— Olha... Desculpe ter sido grosseira com você, ok? Não sou muito boa em reprimir meus sentimentos, então espere sempre sinceridade de mim!

Sorri, ainda que não estivesse feliz.

— Prefiro assim! Nós duas vimos muito bem o mal que uma pessoa dissimulada pode causar!

— Ah, esse risco você não corre sendo minha amiga! — Sorriu também. — Posso até me arrepender da palavra dita, mas raramente guardo o que sinto para mim mesma. Ibrahim diz que sou exagerada, mas eu prefiro sempre a sinceridade.

— Vamos fazer um pacto então... — propus. — Nada de mentiras entre nós. Somente a verdade, doa a quem doer!

— Combinado!

Chegamos ao clube em pouco mais de vinte minutos. Isabel mandou preparar um lanche e comemos na cozinha do anexo. A tarde já estava caindo e nem tínhamos almoçado ainda. Depois ela me deixou e foi tratar de negócios. Prometi não sair do clube sozinha e que, se precisasse de algo, chamaria por ela. Pretendia mesmo obedecer. Não queria ser mais um fardo para ela.

Estava vendo notícias em meu celular, quando Salih apareceu na porta. Nem de longe se parecia com o garoto que eu conheci no palacete. Lindo e sorridente.

Seus olhos claros estavam vermelhos de tanto chorar. Seu rosto era o retrato da tristeza.

— Achei que você tinha voltado para o Brasil — disse, caminhando até o bar e servindo uma dose de uísque.

— Eu fui — expliquei —, mas decidi voltar quando soube do atentado contra Ibrahim.

Ele não disse nada. Virou-se para a janela e ficou encarando a cidade lá embaixo.

— Salih, eu sinto muito. Sinto muito pelo que aconteceu a Irina e sinto também pelo que aconteceu a Ibrahim. Eu não deveria ter vindo aqui naquela noite, mas, sinceramente, jamais imaginaria.

— Fui a Atenas para procurar pelo meu pai — confessou, fazendo-me arregalar os olhos de espanto. — O quê?

— Você achou mesmo que eu não sabia sobre Amina?

Eu estava completamente confusa.

— Eu sempre desconfiei, Gabriela. Amina sempre foi muito mais mãe para mim do que minha própria mãe. Ela não é tão boa em fingir quanto pensa que é — criticou. — Encontrei um diário antigo dela, e todas as minhas suspeitas foram respondidas. Resolvi, então, que procuraria meu pai.

— Ibrahim fez isso — contei. Não queria que ele descobrisse depois e se sentisse traído.

— O homem que Ibrahim encontrou não era meu pai. Encontrei uma pista. Sei onde ele está e ia procurar por ele, mas então vi a notícia na televisão e Isabel foi se encontrar comigo. — Respirou fundo antes de continuar. — Ela nunca me contou sobre o bebê — confessou.

— Salih, sinto muito por isso também. Sinto que tenha descoberto sobre seu filho dessa maneira. Que tenha perdido a mulher que ama. Eu realmente queria poder fazer algo.

— Você faz ideia do que é descobrir que sua mãe foi a responsável pela morte da mulher que você amava e do seu filho?

Eu não fazia ideia. Minha mãe era a mais incrível das mulheres. Sempre pronta a comprar uma briga pela felicidade dos filhos. Eu jamais faria ideia do que ele estava sentindo.

— Pensei que finalmente poderia ter um pouco de felicidade. Que encontraria meu pai e o levaria até Amina. Pensei que poderia tirar aquele amargor da vida dela. Que poderíamos ser finalmente uma família.

Caminhei até ele e coloquei a mão em suas costas, acariciando-o.

— Sempre me senti rejeitado. Minhas irmãs diziam que meu pai era severo comigo porque eu era o único homem da família, mas na verdade ele nunca conseguiu me amar como amava minhas irmãs. Eu nunca recebi o amor que se dá a um filho. De nenhum deles.

Salih virou-se para mim e deixou a cabeça pender até meu ombro. Continuei acariciando suas costas com o carinho que ele merecia.

— Eu teria sido um bom pai.

— Teria sido o melhor — concordei.

— Agora ela se foi.

— Não direi a você que essa dor vai passar. Nem vou tentar consolá-lo, sinceramente não sei como fazer isso. Não quero mentir para você, mas posso garantir que o tempo diminui nossas tristezas. Que a vida se encarrega de seguir em frente. Guarde o que tiver de melhor de Irina dentro de você. Ela sempre vai viver ali.

As lágrimas dele molhavam minha blusa.

— Eu enfrentei o pai dela. Cheguei ao funeral e me despedi dela como quis. Ele tentou me impedir, mas eu não estava com medo de morrer. Não tinha muito de mim para salvar mesmo. — Riu sem humor. — Ela estava linda. Tão delicada e serena como costumava ser. Tinha os lábios rosados. Parecia estar dormindo.

— Fico feliz que tenha tido ao menos a chance de se despedir.

— Pensei que o desgraçado ia me matar — confessou. — Ele sempre quis isso mesmo! Mas me surpreendi. Depois que nós a enterramos, ele me chamou para conversar. Tinha certeza de que meu fim era aquele. Entrei no carro, certo de que não desceria com vida, mas ele queria me pedir desculpas. Descobriu o assassino de Irina. Foi o capanga dele. O homem a quem tinha prometido a mão da filha. O tal sujeito descobriu sobre a gravidez e ficou à espreita. Quis me incriminar, mas, como eu não estava em Istambul, Ibrahim pagou o pato.

Fechei os olhos de tristeza.

— Sinto muito por não ter conseguido descobrir tudo a tempo. Poderia ter poupado Ibrahim de tudo que aconteceu. Eu nem tive coragem de ir ao hospital — suas palavras estavam carregadas de culpa. — Ele sempre me protegeu tanto e, quando precisou de mim, falhei com ele.

— Você mesmo disse que não tinha como saber. Na verdade, ninguém sabia. Todos estão culpando Serguei. Inclusive a polícia.

Salih ficou em silêncio por mais um tempo. Estava chorando, mas, pouco a pouco, foi ficando mais calmo.

— Não vou voltar para casa. Já fiz minhas malas. Nunca mais quero olhar na cara da Amina em minha vida. A pessoa que deveria zelar por mim foi a que me causou mais sofrimento. Não quero conhecer mais pai nenhum! Não quero mais nada de nenhum deles.

— Dê um tempo para si mesmo. Sinta sua dor. Viva seu luto. Depois você decide o que fazer.

— Importa-se se eu ficar aqui? Por alguns dias até que encontre um lugar para mim.

Sorri.

— Claro que não! Vai ser bom ter companhia.

Acabei adormecendo cedo. Estava há muito tempo sem dormir e, por mais preocupada que estivesse, o cansaço ganhou a batalha. Acordei com o telefone tocando. Era Isabel.

— Gabriela, estou ligando para avisar que vou passar no hospital. Imaginei que gostaria de ir comigo, então se apronte, que chego aí em quinze minutos.

Levantei correndo da cama e lavei o rosto. Não tinha como não me lembrar de Ibrahim naquele lugar. Tudo ali tinha o jeito dele. O cheiro dele. As cenas do dia em que ele me encontrou na boate vivas demais em minha memória.

Troquei de roupa e saí. Se ficasse dentro daquele closet por mais cinco segundos, desabaria mais uma vez; não podia, ele precisava da minha força. Estava vivo. Lutava por isso. Não era justo que eu chorasse sua ausência.

Preparei uma xícara de café e tomei um gole.

Salih entrou no anexo no mesmo instante. Tinha feito a barba e estava mais próximo do garoto de antes.

— Conseguiu dormir? — perguntei.

— Um pouco. Tomei um remédio que uma das meninas me deu. Acho que era mais forte do que pensei.

— Isso é muito bom. O sono recupera nosso corpo. Sente-se! Vou preparar café para você.

Isabel chegou alguns minutos depois. Abraçou Salih assim que o viu.

— Que bom que está de volta! — disse acariciando o rosto dele. — Senti sua falta!

Ele beijou o rosto dela e a puxou para si mais uma vez. Era bonito de ver o carinho que tinham um pelo outro.

— Obrigado por ter sido meu anjo protetor mais uma vez — agradeceu à morena.

— Sabe que anjo é meu segundo nome, não sabe? — brincou e arrancou um sorriso do amigo.

Nunca pensei que dentro de um clube de sexo tivesse tanto amor!

— Vamos! O grandão precisa de nós todos! — Isabel chamou.

Ganhamos um pouco mais de tempo na visita. As primeiras horas de cirurgia tinham obtido bons resultados e eu podia jurar que Ibrahim estava menos pálido do que no dia anterior. Continuava sedado e monitorado, mas o fato de não ter piorado aumentava minha esperança de que logo estaria se recuperando.

Consegui conversar com o médico plantonista da UTI, já que ele falava inglês. Ele

explicou que cada hora em que Ibrahim permanecia estável era uma vitória. Avisou que, se completassem vinte e quatro horas sem qualquer intercorrência, havia grandes chances de recuperação, ainda que com alguma sequela.

Eu não estava muito preocupada com sequelas, queria mesmo era que ele saísse disso tudo com vida.

Isabel e Salih saíram para conversar e eu fiquei sozinha no quarto com Ibrahim. Imaginei que tinham assuntos dos quais eu não deveria participar. Não queria me intrometer.

Puxei uma cadeira e fiquei ao lado dele.

Deixei que o tempo passasse. Confessei muitas coisas. Para ele e para mim mesma. Acariciei sua mão. Seu rosto. Lembrei de Ibrahim me pedindo para ficar de olhos abertos enquanto fazíamos amor.

"Os olhos são o espelho da alma" — dissera e tinha razão.

Eu queria muito que ele acordasse, mas tinha medo de sua reação quando me visse ali. Seu olhar no aeroporto, quando eu não corri até ele, deixava bem claro que ele tinha desistido de mim. De nós.

Voltamos os três para o clube. Isabel e Salih foram trabalhar e eu fiquei sozinha no anexo. Liguei a televisão e assisti a um filme bobo sobre um cozinheiro e sua busca por uma estrela Michelin. Não estava interessada no filme, mas precisava que o tempo passasse logo.

No final do noticiário da madrugada, uma informação urgente interrompeu a programação normal. Mais um cadáver tinha sido retirado do mesmo lugar em que encontraram o corpo de Irina. Ele estava mutilado e teve a cabeça esmagada por algo pesado. Fiquei um pouco chocada, até que disseram o nome do homem: Vladimir Blastok, o braço direito de Serguei Dublek. Seu homem de confiança.

Não pude deixar de fazer o link, mas a certeza mesmo veio quando Salih passou pela porta.

— O verme teve o fim que merecia — disse encarando a tela de plasma.

— Era ele? — perguntei.

— O próprio. Eu sabia que Serguei não deixaria barato. Ninguém mexe com a família Dublek.

— Pelo menos agora estamos todos livres. Finalmente. — Isabel sentou-se na poltrona de couro.

No dia seguinte, esperamos por boas notícias na frente da UTI, mas elas não vieram. Ibrahim deixou de responder aos estímulos e permaneceu em coma, mesmo com todas as

tentativas de acordá-lo.

Saí andando pelas ruas até o mar. Sentia como se o chão fosse se abrir e me engolir. Queria que isso acontecesse.

Pior do que não o ter comigo, era saber que ele estava ali, mas que nunca mais seria o homem que me encantou tanto.

Os dias foram se arrastando mais e mais e a esperança por uma melhora dele foi ficando para trás.

Todas as tardes, eu caminhava até perto do mar. Sentava em um dos bancos e rezava para que tudo ficasse bem.

Em uma dessas visitas, fui surpreendida por Amina. Ela se sentou ao meu lado, semblante cansado e triste. Parecia muitos anos mais velha do que era.

— Imagino que eu seja a última pessoa no mundo com quem você queira conversar — começou.

— Você fez mais mal para si mesma do que para mim, Amina.

— Sei disso. Não vim pedir que me perdoe, nem espero que meu filho ou Ibrahim o façam, mas eu queria ao menos uma chance de explicar as coisas como eu vi.

— Não perca seu tempo explicando nada a mim. Não tenho nenhum tipo de sentimento por você. Para sincera, tenho sim! Tenho pena. Você conseguiu afastar todos que um dia se preocuparam com você.

— Sei disso também, mas, ainda assim, só quero contar a você porque fiz tudo que fiz. Não espero nada além dos seus ouvidos por algum tempo. Depois eu vou me levantar e seguir com a minha vida.

Eu não queria ouvi-la. Não queria falar com ela, pois me doía ainda mais. Amina tinha sido a causadora de tudo e por pura mesquinhez. Eu jamais teria entrado na vida de Ibrahim, se ela tivesse me pedido que ficasse longe.

Amina me manipulou e a todos a sua volta. Eu não queria ouvir o que quer que fosse.

Levantei do banco e me afastei.

— Espero que esteja bem e que siga com a sua vida bem longe de mim! — foi tudo de mais gentil que consegui dizer. — Não temos nenhum assunto em comum.

Virei as costas e segui em direção ao anexo.

Não contei a Salih sobre a visita da mãe dele, mas contei a Isabel. Ela respirou fundo e me abraçou.

— A gente só colhe o que planta, Gabriela. Não é possível colher figos, quando se

planta uma tamareira.

Era mesmo verdade.

Depois de quinze dias, comecei a pensar em voltar para o Brasil.

Não podia ficar na Turquia para sempre. Minhas reservas financeiras estavam esgotadas há muito tempo, e meu chefe na revista não queria mais manter o acordo de *freelancer*.

Sem dinheiro e trabalho, eu não tinha como me manter em outro país.

Parei a escrita do livro de Ibrahim. Não queria fazer isso sem ele ao meu lado, mas iniciei a escrita de outro. Era um romance. Sobre uma brasileira que tinha desistido do amor e um turco capaz de fazê-la repensar toda a sua vida.

Não sabia ainda qual seria o final da história, mas tinha fé de que seria mais feliz do que a minha.

Passava a cada dia mais tempo na rua. Não queria voltar ao anexo. Não me sentia à vontade naquele lugar.

Em uma tarde quente, meu telefone tocou. Era o número de Isabel.

— Gabriela, apronte-se rápido! — sua voz era ansiosa e fez meu coração gelar. — Ibrahim acordou.



“*Deus é mais misericordioso do que a sua criação”*
(provérbio árabe)

Desliguei o telefone sentindo meu corpo todo formigar de sensações. Ele estava acordado! Acordado! Estava voltando para mim!

Tomei uma ducha bem rápida. Penteei os cabelos e os deixei soltos em camadas até os ombros. Escolhi um vestido bonito e calcei sandálias de salto alto. Queria que ele me visse bonita. Queria que tivéssemos um reencontro digno. Merecíamos isso!

Desci até a entrada do clube e esperei ansiosa por Isabel.

Mal conseguia me manter parada no lugar, enquanto esperávamos pelo médico; aguardávamos as recomendações necessárias antes do encontro.

— Ele ainda está confuso — o médico avisou. — É possível que alguns acontecimentos não sejam lembrados, principalmente os que se referem ao atentado. Ibrahim ainda está em tratamento, e isso provavelmente será revertido com o tempo. Precisam ter cuidado e paciência. Evitem forçá-lo a se lembrar do que quer que seja.

Entramos no quarto, Isabel, Salih e eu.

Tentei ser o mais forte que podia. Segurei todas as lágrimas que tinha, ele precisava disso.

Ibrahim estava lá, meio sentado na cama. O cabelo, que tinha sido raspado, começava a crescer. Parecia mais claro que antes. A barba estava aparada com perfeição, como ele costumava usar. As cicatrizes do peito estavam cobertas por uma camiseta branca.

Ele parecia bem e corado. Ninguém que o visse diria que tinha sofrido tudo o que sofreu nas últimas semanas, exceto pela cicatriz na lateral da cabeça. Uma carreira de pontos que começava na fronte e se perdia atrás da orelha. A sutura já não existia mais, mas a marca que ela tinha deixado ficaria ali para sempre. Mais uma das marcas de batalha do Sr. Kahn.

— Isabel! — disse ele com um meio sorriso torto que fez meu coração doer de saudades.

— Eu disse a você que sempre estaria por perto, não disse? — a morena brincou aconchegando-se em seu abraço.

— Eu sempre soube disso — confessou alisando os cabelos dela com carinho. — Você nunca mentiria para mim.

Salih foi o segundo a receber o olhar de Ibrahim.

— Espero que esteja cuidando de tudo enquanto estou de férias — brincou com o amigo.

— Tudo em perfeita ordem, chefe, como o senhor ensinou! — Fez uma reverência e arrancou um sorriso de Ibrahim.

— Onde está Amina? — perguntou correndo os olhos entre Isabel e Salih.

Os dois se entreolharam, mas tentaram dissimular o fato de que algo não estava bem.

— Está em casa — Salih finalmente disse. — Não anda muito disposta, você sabe como ela é.

Ibrahim concordou e então voltou os olhos para mim. Seu olhar parou no meu e tudo que eu queria era correr até ele e o puxar para mim, mas algo em seu semblante me segurou.

— Quem é você? — perguntou depois de um longo tempo.

Senti como se o chão sumisse de debaixo dos meus pés.

— É sua amiga, Isabel? — perguntou curioso.

Ficamos todos parados, sem saber o que dizer. Foi quando a primeira lágrima rolou.

— É Gabriela, Ibrahim — Isabel estendeu a mão para mim e me conduziu até mais perto da cama. — A brasileira que você trouxe da última viagem! — brincou tentando suavizar a situação.

Ele me encarou por mais alguns segundos.

— Ela não parece o tipo de garota que eu levaria para trabalhar no clube.

— Não! Ela não trabalha no clube... Você... Você realmente não se lembra?

Ibrahim apertou as sobrancelhas, como se buscasse uma explicação.

— Tenho certeza de que nunca a vi! Eu me lembraria com certeza. Você sabe que sou ótimo com rostos.

Baixei os olhos até o linóleo do chão. Não conseguia dizer nada.

—Não é possível, homem! — Isabel reclamou. — Você está brincando, não está?

— Jamais faria uma coisa assim com a moça. Não costumo ser indelicado gratuitamente com as pessoas. — Seus olhos buscaram os meus mais uma vez. — Saiba que, de qualquer maneira, é um prazer conhecê-la senhorita! Sou Ibrahim Kahn — disse polidamente, como na primeira vez que nos vimos.

Respirar parecia mais e mais difícil, eu não conseguia lidar com a situação. Não queria forçá-lo, observando a recomendação do médico, mas não podia lidar com aquela indiferença.

Virei de costas e saí. Não conseguia mais conter as lágrimas e não pretendia fazer uma cena perto dele.

Caminhei a passos largos pelo corredor, enquanto Isabel chamava meu nome.

— Gabriela! Espera! Vamos procurar o médico! Tenho certeza de que existe uma explicação para essa seletividade. Não é possível!

Parei. Ela tinha razão. Talvez fosse algum tipo de trauma. Eu já tinha visto isso em vários filmes.

— Venha! — Estendeu a mão e seguimos à procura de uma resposta.

Esperamos até que o médico terminasse os atendimentos aos pacientes internados e então ele nos recebeu.

— Como eu disse, é normal que Ibrahim apresente confusão, especialmente com acontecimentos recentes. Quando sofremos algum tipo de trauma, nosso cérebro bloqueia as lembranças que possam estar ligadas a isso — explicou —, e não podemos esquecer que os danos causados pela bala ainda não puderam ser completamente medidos. É mesmo uma

questão de paciência.

— Ibrahim deve ter alta nos próximos dias. Ele está recuperado do procedimento e não necessita mais de monitoramento clínico. Tenho certeza de que, em casa, será mais fácil para ele preencher as lacunas da mente.

— Ele perguntou pela esposa — Isabel explicou —, mas ela foi responsável pelo que aconteceu a ele. Não acho que seja saudável para ele voltar a conviver com aquela mulher. Como podemos contar isso a Ibrahim?

— Vocês não precisam esconder nenhum fato dele. Ibrahim tem condições de lidar com os fatos, ainda que não se lembre de todos eles. Minha única recomendação é de que não o forcem demais. Conversem devagar, expliquem com calma e deem tempo a ele para que absorva as informações.

Deixei o hospital sentindo o peso do mundo em minhas costas. Por mais que Isabel me confortasse, não tinha garantia alguma de que ele se lembraria de mim.

— Preciso encontrar um lugar para ficar — eu disse enquanto ela dirigia de volta ao clube. — Ou então volto para o Brasil. Não faz sentido ficar no anexo se ele nem ao menos se lembra de mim. Parece invasivo demais.

— Ele vai se lembrar, Gabriela! Tenho certeza disso — tentou me confortar.

— Talvez se lembre... E eu espero mesmo que isso aconteça, mas pode demorar. Não quero estar na casa dele, no meio das coisas pessoais dele, quando ele voltar para lá. Não seria correto.

Minha amiga pensou por alguns minutos.

— Você tem razão. Ibrahim pode se sentir invadido. Ele é péssimo em se abrir com as pessoas. Seria melhor que se lembrasse de você devagar.

—Você pode ficar comigo, em meu apartamento! — Sorriu. — Aliás, eu já deveria ter levado você para lá! Foi uma péssima ideia deixá-la sozinha no anexo! Desculpe! Acho que também tenho problemas em me abrir! — confessou. — Mas agora que somos amigas, será divertido ter companhia.

— Vou aceitar porque realmente não tenho como ficar em um hotel. Estou falida — brinquei. — Mas não quero desistir dele sem tentar. Vamos esperar alguns dias e ver se ele pelo menos demonstra se lembrar de algo.

—Isso! Vamos dar um tempo para aquele cabeça-dura!

Passamos pelo clube e recolhi minhas coisas.

Isabel morava em um belo apartamento de cobertura, em um bairro novo, no lado leste

de Istambul.

Era clássico e elegante, com um toque moderno. Móveis claros e madeira de lei, pouca decoração e pequenas pinceladas de cores. Algumas obras de arte coloriam as paredes.

— Espero que fique à vontade aqui! Não é tão grande quanto o palacete, mas pelo menos eu não crio cobras em meu seio! — debochou.

—É um apartamento lindo! Parabéns pelo bom gosto!

Tive um começo de noite agradável. Isabel era uma excelente companhia, mas, depois que fiquei sozinha no quarto de hóspedes, tudo que conseguia pensar era em Ibrahim. Eu queria muito que ele se lembrasse de mim. Precisava disso.



“*Um ano ruim tem vinte quatro meses***”**
(provérbio libanês)

Nos dias que seguiram, Ibrahim foi transferido para um apartamento comum de internação.

Isabel e eu nos esforçamos o máximo possível para que ele se lembrasse de algo, mas, no fim das contas, o diagnóstico em sua alta médica foi de perda de memória recente pós-traumática.

Ao que parece, eu fazia parte do passado recente que o cérebro dele insistia em manter escondido. Ainda assim, eu não pretendia desistir dele.

Conseguimos convencê-lo de que seria melhor não ficar sozinho no anexo, e ele

concordou em passar uma semana no apartamento de Isabel. Era o tempo que eu tinha para ficar também. Não podia demorar mais que isso, embora quisesse.

O prazo de um mês que tínhamos combinado já estava esgotado fazia tempo. Eu estava usando toda a lábia que tinha para equilibrar as coisas no Brasil.

Esperei por ele no apartamento. Não queria parecer invasiva demais. Meu coração estava quase saltando pela boca, quando a porta se abriu.

Ibrahim estava lá, jeans claro e camiseta cinza. O novo corte de cabelo dava-lhe um ar de *bad boy* que ele não tinha antes. Caminhava com dificuldade, apoiado em uma bengala.

Era engraçado como ele ficava charmoso em qualquer roupa que usava.

Cumprimentou-me com um aceno de cabeça e o mesmo esboço de sorriso que costumava ter. Era como se tivéssemos voltado à estaca zero.

Foi então que eu tive uma ideia diferente; se eu tinha conseguido que ele se interessasse por mim uma vez, poderia fazer isso novamente!

Era uma mudança de tática, mas eu tinha aprendido que, se alguém queria resultados diferentes, precisava tentar de maneiras diferentes.

Tentar fazê-lo lembrar parecia mesmo impossível, então, talvez, pudéssemos simplesmente passar uma borracha no passado e seguir em frente.

Sorri de volta.

— Fico feliz que esteja de volta, Ibrahim! — eu disse tentando soar simpática e despretensiosa.

Ibrahim Kahn era como um tigre. Ele tinha que correr atrás da presa e eu precisava me lembrar disso. Se me jogasse no colo dele, perderia a graça e ele procuraria outra coisa para se distrair.

— Obrigado! Você é muito gentil, Gabriela — foi tudo o que consegui.

Impessoal e friamente gentil.

Salih apareceu para o jantar com algumas embalagens do restaurante a que Ibrahim tinha me levado na nossa primeira noite em Istambul.

Esperei pela oportunidade de tocar no assunto, mas tudo que ele comentou a respeito do lugar era de muito tempo atrás, bem antes de eu aparecer por lá. Nem mesmo com a ajuda de Isabel conseguimos trazer o assunto para os últimos meses.

Assim que terminou a refeição, ele pediu licença e foi para o quarto.

— Tenha um pouco de paciência — minha amiga pediu acariciando meu ombro.

Salih beijou meu rosto e tentou me consolar. Ainda não tinha o mesmo brilho no olhar

de antes, mas eu sabia que o tempo cuidaria disso.

— Acho que vou me deitar também. Amanhã é um novo dia. Certo? — brinquei.

— Exatamente, querida! Todos os dias temos a oportunidade de fazer algo melhor. Amanhã será um dia melhor.

Vesti meu pijama e deitei na cama, mas, obviamente, não consegui dormir. Ele estava na porta ao lado. Tão perto e tão longe. Serguei tinha mirado em Ibrahim, mas tinha acertado o tiro bem no meio do meu coração.

Levantei para beber água e passei em frente ao quarto dele. A luz estava acesa. Pude ver pela fresta debaixo da porta. A televisão estava ligada. Pensei um milhão de vezes em bater. Talvez, estando nós dois sozinhos, ele tivesse uma reação diferente, mas, e se não tivesse?

E se ele me enxotasse do quarto pela minha audácia, como eu ficaria?

Arrasada! Para dizer o mínimo.

Então desisti.

Ibrahim não saiu do quarto para o café da manhã. Avisou a Isabel que estava indisposto, mas eu achava que, no fundo mesmo, ele estava me evitando. Ainda não tinha entendido o porquê, mas talvez fosse um bom sinal. Ele podia estar querendo organizar os pensamentos antes de me procurar.

Eram pouco mais de seis da tarde quando ouvi um barulho vindo do quarto dele. Isabel tinha saído para o clube já fazia um tempo.

— Merda! — ele praguejou em turco.

Pelo menos, esse tempo todo vivendo em Istambul tinha me rendido um curso intensivo daquele idioma. Já conseguia me virar minimamente com a língua e entendia algumas coisas.

Fechei o notebook e o deixei sobre a cama. Prendi os cabelos em um coque, com a caneta, e segui até o quarto dele para ver se precisava de algo.

— Maldito broche do inferno! — praguejou novamente, depois do barulho de algo pequeno batendo contra o piso de madeira de lei.

— Precisa de ajuda? — ofereci.

— Agradeço, senhorita, mas estou bem. Sou perfeitamente capaz de me vestir sozinho.

Não pude deixar de sorrir; aquele era, sem dúvidas, o bom e velho Ibrahim Kahn de sempre.

— Tenho certeza de que pode se vestir sozinho, mas talvez com alguma ajuda possa fazer isso mais rapidamente — propus.

Como ele não respondeu em negativa, abri a porta com cuidado e o vi em pé. Vestia a

calça do terno e uma camisa azul-clara. Os botões estavam quase todos fechados. Pelo visto, ele tinha tentado colocar a camisa por dentro da calça, mas tudo parecia torto e desalinhado demais para ele. Aparentemente, tinha dificuldade com alguns movimentos das mãos, tanto quanto nas pernas.

— Essa porcaria de abotoadura! — reclamou. — Ao que parece, não tenho mais coordenação motora suficiente para utilizar tal adereço!

Aproximei-me um pouco mais. Era minha melhor oportunidade desde que ele tinha aberto os olhos.

Peguei a joia no chão e esperei que ele estendesse o braço em minha direção. Prendi, fechando o punho da caminha com cuidado e repeti do outro lado.

Tentei não parecer afetada. Queria que ele, ao menos, confiasse em mim para uma tarefa tão simples como aquela.

Como ele não se negou, completei meu serviço, fechando os botões abertos. A cada toque, eu ficava mais ansiosa e meu coração, mais acelerado. Ibrahim parecia uma muralha. Não movia um músculo sequer.

Quando segurei no cós da calça para ajeitar a camisa, senti um breve suspiro contido. Uma pequena falha em sua respiração compassada, que logo voltou ao normal.

Eu podia sentir pequenas gotículas de suor se formando em minha testa. Estava mais nervosa do que nunca em minha vida.

Abaixei para ajudá-lo com os sapatos.

— Não precisa fazer isso, Gabriela...

Estava envergonhado por me ver ajoelhada em frente a ele, mas eu não me importava. Poderia ajudá-lo a se vestir pelo resto da vida sem problema algum. Na verdade, era até muito bom saber que, mesmo por uma bobagem assim, ele precisava de mim por perto.

Quando me levantei e tentei ajustar a gravata, a caneta se soltou, espalhando meus cabelos para todo lado.

Ibrahim levou a mão ao meu rosto, pegou uma mecha e ajeitou atrás da orelha. Seus olhos presos aos meus, os dedos permanecendo mais tempo em minha pele do que necessário.

Por um segundo, pensei que fosse me beijar. Senti o gosto da boca dele. Um vislumbre do sentimento forte que nos unia, mas então sua mão se afastou.

— Obrigado pela ajuda. Você foi muito gentil. Prometo não abusar disso em outra ocasião.

Virou de costas e ajeitou ele mesmo a gravata.

Tive que pegar minha cara no chão. Quebrada em um milhão de pedaços. Indiferença era tudo que eu não esperava dele naquele momento.

Não demorou muito para que o motorista o buscasse para o trabalho e eu fiquei sozinha no apartamento.

Chorei como se o mundo tivesse desabado sobre mim e, de fato, tinha.

Se Ibrahim me evitava desde que tinha pisado na casa de Isabel, depois disso passou a fingir que eu não existia. Mal me dirigia a palavra e jamais ficava sozinho no mesmo cômodo que eu.

Por mais que eu quisesse tentar, ele era muito bom em se fechar e era uma muralha muito, muito alta para mim.

Comecei a pensar que talvez fosse mesmo coisa do destino.

“Existem amores para serem vividos de perto, outros para serem vividos de longe. A inteligência está em saber diferenciá-los” — o provérbio escrito na capa de um dos livros de Isabel fazia mais sentido a cada dia.

Talvez Ibrahim e eu fôssemos um desses amores que não terminam com um “felizes para sempre”.



Quase sucumbi à presença dela. Seu toque. Sua gentileza e carinho.

Subestimei o quanto Gabriela mexia comigo. O quanto meu sentimento por ela era forte. Pensei que poderia mantê-lo adormecido dentro de mim, mas estava errado.

Quando dei as costas para ela, concentrei todas as minhas forças em controlar a respiração porque, se falhasse, ela perceberia e eu acabaria confessando o quanto sentia sua falta.

Cheguei ao clube e fui direto para o escritório. Precisava tirar Gabriela da cabeça. Tinha que recobrar o controle.

A maciez daqueles cabelos escorregando entre meus dedos. O perfume da pele dela. O

gosto da boca. Tudo estava de volta com força total. Todas as sensações e sentimentos.

Cobri o rosto com as mãos. Por que diabos eu tinha permitido que aquela estrangeira mexesse tanto comigo?

Tive muitas mulheres em minha vida e pouquíssimos amores. Podia contar nos dedos das mãos as que mexeram minimamente comigo e nenhuma delas era nem de longe tão especial quanto a ruiva cheia de curvas que eu tinha conhecido no Brasil.

Sorri.

Eu não pretendia esquecê-la, mas precisava que ela me esquecesse. Decidi que o melhor seria manter distância. Era mais fraco do que imaginava e não a faria sofrer por egoísmo meu.

Gabriela seria minha melhor lembrança. A cena que eu queria ver diante dos olhos quando minha hora, enfim, chegasse, mas era apenas isso que ela seria para mim, uma doce lembrança deixada onde deveria ficar... No passado.



“Quando Deus quer ver um pobre feliz,
ele o faz perder uma moeda e depois encontrá-la”
(provérbio turco)

Minha última semana em Istambul arrastou-se para quase duas. No final das contas, eu tinha tentado o tudo que podia, sem resultado algum.

Cheguei a procurar a equipe médica que cuidava dele mais de uma vez, mas a ética não permitia que dissessem o que pensavam sobre o caso. Afinal, eu não era nada dele. E era exatamente assim que me sentia a cada dia.

Em uma tarde quente e abafada, troquei de roupa. Calcei os tênis e desci para correr um

pouco. Coloquei os fones no ouvido e liguei minha *playlist* preferida.

Isabel tinha me convidado para ir ao clube, mas não fazia sentido algum voltar lá se não fosse para estar ao lado de Ibrahim.

Eu precisava pensar na vida, e correr sempre foi meu exercício preferido.

Peguei uma rua costeira e segui pela calçada, correndo na velocidade costumeira, curtindo a música e aproveitando um pouco da brisa do mar. Eu sentiria falta de Istambul. Tinha me apaixonado pela cidade logo de cara e levaria bons momentos dela para sempre.

Já tinha corrido um bom trecho. Concentrada na vista, não percebi que a calçada tinha diminuído e que eu corria na ciclovia.

Tudo aconteceu tão rápido, que mal consegui entender. Ouvi a sineta, mas nem eu nem o pobre coitado do ciclista conseguimos evitar a colisão.

A última lembrança que tenho é de minhas costas batendo contra o calçamento duro da ciclovia.

— Gabriela! — ouvi bem lá no fundo, quase vindo de outra dimensão.

E então apaguei.

Acordei, deitada, com batidas suaves em meu rosto.

— Gabriela? Gabriela?

Devagar, um rosto foi tomando forma e eu me levantei rápido, sentindo a testa latejar.

— *Hey*! Devagar, moça! — Ibrahim sorriu. — Você tem um corte bem feio aí na cabeça.

Pegou o lenço do bolso e apertou contra o ferimento.

Respirei fundo, tentando verificar se podia sentar sem desmaiar novamente. Meu corpo todo doía, mas não parecia ter sido nada sério.

— Venha... Vou ajudá-la a se levantar. — Estendeu a mão para mim. — Acha que consegue?

Concordei com a cabeça.

Ibrahim ainda usava a bengala, mas estava muito mais firme do que nos primeiros dias, e isso foi suficiente para que conseguisse me ajudar a ficar em pé.

Bati a mão na roupa para tirar a sujeira e toquei o ferimento com a mão. Ainda sangrava.

O ciclista tentava explicar, em turco, que não teve culpa e gesticulava para mim, mas, sinceramente, não me esforcei para compreendê-lo.

Ibrahim esbravejou e xingou, mas, no fim das contas, o homem tinha razão, eu estava na ciclovia e ele não tinha culpa de não ter sido capaz de se desviar.

Entrei no carro de Ibrahim e seguimos pela estrada.

— Tem certeza de que não precisa de um médico? Você pode ter quebrado alguma coisa!

— Estou bem, não se preocupe. Preciso de um banho, estou toda suja e preciso de um curativo. Só isso.

— Reforço que você teve um episódio de desmaio e isso pode significar uma concussão cerebral. Deveríamos ir ao hospital.

Respirei fundo, tentando ser tão indiferente quanto ele. Não queria me aproveitar daquele pequeno acidente para deixá-lo mal.

— Obrigada por se preocupar, Ibrahim, mas estou realmente bem. Não tem com que se preocupar. Imagino que estava indo para o clube. Pode me deixar no apartamento e seguir com seus planos.

— Gabriela... — parou a frase no meio, um olhar que eu não conseguia decifrar.

Cortei o contato pela primeira vez, desviando o rosto. Não queria mais me iludir.

— Estou realmente bem. Vou tomar um banho e um analgésico; amanhã estarei pronta para outra — brinquei.

Ficamos em silêncio pelo que restou do caminho, até que ele estacionou em frente ao prédio de Isabel.

Agradeci mais uma vez e abri a porta para descer, mas, para minha surpresa, Ibrahim desceu também e acionou o alarme.

Seguiu ao meu lado até a entrada.

— Realmente não tem com que se preocupar, Ibrahim — reforcei. — Só preciso de um banho e de um analgésico.

— Sei disso, mas prefiro ficar em casa, caso você precise de algo. Não é esforço algum retribuir a gentileza.

Seguimos juntos até o elevador, uma nuvem densa de sentimentos entre nós. Quase pesada demais.

É coisa da sua cabeça, Gabriela! Só isso! — forçava minha mente a pensar.

Ibrahim abriu a porta do apartamento e foi até a cozinha. Serviu um copo com água gelada e o entregou a mim.

— Beba. Vai ajudar a acalmar.

Bebi, estava mesmo com sede. Depois deixei o copo sobre a bancada e sorri discretamente em agradecimento, antes de seguir meu caminho até o quarto.

Ele não disse nada e eu também não.

Fechei a porta e tirei a camiseta para analisar meus ferimentos.

Estava com o cotovelo ralado do tombo. Tinha outras escoriações perto da barriga e nas mãos, mas, além da testa cortada, o que mais doía era mesmo minha coxa.

Não tinha percebido, até então, que a calça estava rasgada e suja de sangue. Tirei-a com cuidado, algumas partes estavam grudadas no machucado.

— Ai... — reclamei quando puxei o tecido para baixo.

Virei de lado para o espelho, para ter uma visão melhor do estrago.

Minha coxa e parte da nádega estavam vermelhas e doloridas; provavelmente eu ganharia um belo hematoma nas próximas horas.

Um pedaço de pele tinha sido arrancado e, por isso, doía tanto. Infelizmente era um local impossível de não movimentar e isso fazia com que o ferimento sangrasse mais.

— Gabriela... — Ibrahim abriu a porta sem bater e acabou me pegando em flagrante, de lingerie, em frente ao espelho.

Tentei puxar a camiseta para me cobrir, mas a dor na perna falou mais alto, e ele, na tentativa de me segurar, acabou caindo sobre mim. Terminamos os dois apoiados contra a cômoda do quarto.

Caí no riso e ele acabou rindo também.

— Desculpe — pediu, mas não se afastou.

— Não por isso — respondi, também sem o afastar.

Foram alguns segundos de olhos nos olhos e então ele me beijou.

Eu deveria ter resistido. Deveria tê-lo afastado, mas a verdade é que não queria. Talvez fosse aquele o momento pelo qual eu tinha esperado tanto.

Sua boca moldou-se a minha de maneira gentil, até que a fome e o desejo ganharam a batalha.

Ele me abraçou forte e me conduziu até a cama. Tirou minha calcinha e a própria camiseta, enquanto eu soltava o sutiã.

Não dissemos nada um ao outro. Nada precisava ser dito, nossos corpos falavam por si.

— Hum... —gemi contra seu pescoço, quando ele se afundou em mim, abrindo espaço entre minhas pernas, penetrando mais fundo.

Gemidos e sussurros foram ouvidos até que a noite caiu. O quarto estava completamente escuro quando me aconcheguei ao peito de Ibrahim. Era o momento pelo qual eu tinha esperado desde minha volta a Istambul. Era aquilo de que precisávamos, algo que finalmente

fosse capaz de transpor a carcaça dura do Sr. Kahn.

Fechei os olhos sentindo meu coração em paz.

Acordei no meio da noite, sozinha na cama. Esperei que ele voltasse, mas isso não aconteceu.

Levantei e caminhei pelo apartamento silencioso; estava sozinha mais uma vez.

Voltei para a cama sem saber direito o que pensar.

Será que ele precisava de um tempo? Estava confuso? Arrependido?

Fosse o que fosse, eu teria que esperar até o dia seguinte para descobrir.

Fechei os olhos e tentei dormir, mas acabei acordando cedo demais.

Troquei de roupa e fui até o banheiro. Minha coxa machucada dificultava o caminhar. Escovei os dentes, limpei o corte da testa. Os arranhões já estavam em processo de cicatrização e em alguns dias eu estaria completamente bem.

Encontrei Ibrahim na cozinha.

Não sabia bem como deveria agir. Esperei por uma reação dele, que não veio.

Peguei um copo de água e ia me afastar, quando ele me chamou.

— Gabriela...

Virei de frente para ele.

— Sobre ontem à noite... — continuou —, espero que fique entre nós. Quero me desculpar. Não tinha intenção de faltar com o respeito a você. Sou homem e você é uma mulher atraente. Acabei me deixando levar pelo desejo...

Em um mísero segundo, todo o sangue de meu corpo se concentrou nas bochechas; ele estava fingindo não se lembrar! Ele estava fingindo! Era um maldito manipulador. Sempre tinha sido.

Não era possível que o homem que havia estado na cama comigo algumas horas antes tivesse voltado a ser aquele arrogante desgraçado tão rapidamente!

Soltei o copo com tanta força na bancada que ele se partiu.

— Você está errado, Sr. Kahn! Você não é um homem, é um moleque babaca que pensa que é dono do mundo!

Virei as costas e saí.

Se era um ponto final que ele queria, estávamos de acordo pela primeira vez.





“*Meninos pensam em navios, meninas pensam no futuro”*

(provérbio tunisiano)

— Não pense que me engana com esse papinho de desmemoriado! —Isabel praguejou

entrando em meu escritório sem bater.

Eu não disse nada porque não adiantaria. Conheço bem demais a minha amiga.

— Por que diabos está fazendo isso, homem?

— Não faço ideia do que está falando, Isabel — menti.

Meus olhos ainda estavam nas folhas de papel a minha frente. Evitando o contato com ela. Nunca tinha sido bom em mentir para ela. Isabel é astuta demais.

— Olhe para mim, Ibrahim! — exigiu. — Não se atreva a jogar sua felicidade fora simplesmente porque está com o orgulho ferido!

Continuei em silêncio. Não se tratava de orgulho algum. Era muito mais do que isso. Eu tinha muitos sentimentos por Gabriela e sabia que ela os tinha por mim também, mas que nunca conseguiria viver com um homem como eu.

E o que eu faria da vida se tudo que tinha aprendido, durante toda a minha existência, era saciar desejos?

Não poderia fingir que era outro homem. Não a faria feliz mentindo assim para nós dois.

Quanto tempo demoraria até que ela duvidasse de mim mais uma vez? Como eu poderia lidar com a desconfiança dela?

Éramos como água e azeite. Não nos misturaríamos jamais.

— Vai continuar me ignorando, seu turco arrogante filho da puta?! — Isabel praguejou. — Pensei que você era bem melhor que isso, Ibrahim! Bem menos insensível! Até parece que não passou a vida cercado de mulheres!

— Sinto muito tê-la decepcionado, mas não vou mudar de ideia.

— Ah... Então você ao menos admite essa farsa ridícula que montou!

Não respondi.

— Ela está chorando desesperada neste exato momento, enquanto faz as malas, com uma passagem de volta para o Brasil nas mãos! Para esta noite!

— Não é a primeira vez que ela me deixa e volta ao Brasil — desdenhei.

— Ela ama você, seu imbecil! Esteve ao seu lado por todos os dias em que você tentava se recuperar naquele maldito hospital! Acabou com todas as economias! Perdeu o emprego! Aguentou sozinha esse seu joguinho sujo sem nunca reclamar! Eu a peguei chorando em silêncio no quarto um monte de vezes! Você não consegue se comover com isso, então está longe de ser o homem que eu pensei que fosse!

Ficou parada ali, no meio do escritório, esperando uma reação minha, que não obteve. Cada palavra dela cravava-se em meu peito como um punhal.

Eu não podia sucumbir naquela hora. Tinha que me manter firme. Precisava aguentar. Por Gabriela e por mim. Ela era capaz de dar a volta por cima. Certamente daria. Logo eu não seria mais que uma lembrança exótica em sua memória.

— Eu desisto! — Isabel esbravejou. — Desisto de tentar colocar um pouco de bom senso em sua cabeça e desisto de fingir que acredito nesse seu teatro! Faça um favor a si mesmo, Ibrahim Kahn, e fique longe de mim!

Bateu a porta e se foi.

Não era sério e eu sabia disso. Ela estava com raiva, mas isso ia passar. Isabel era intensa e orgulhosa, mas não havia nada que nos fizesse ficar separados por muito tempo.

Eu daria o tempo dela. Depois que Gabriela se fosse, devagar, tudo voltaria ao eixo em nossas vidas.

Minha cabeça ainda estava cheia de problemas. Eu assinaria o acordo de divórcio que Amina tinha proposto. Temia por ela, apesar de tudo o que tinha acontecido, mas concordava que seria impossível seguirmos com o acordo de antes.

Salih tinha se mudado do palacete para um novo apartamento, só dele.

Ainda carregava o luto por Irina e o bebê, mas pelo menos estava recomeçando. Era bom vê-lo crescer, vê-lo seguir em frente. Ele precisava mesmo sair de debaixo da saia da mãe.

Eu o tinha aconselhado a procurar o pai. A dar uma chance aos dois. Talvez ele encontrasse pelo menos um bom amigo, mas, se esse não fosse o caso, ao menos poderia enterrar de vez toda essa história. Não sabia se Salih me ouviria, mas tinha feito minha parte.

Minha nova casa também esperava por mim, mas eu tentava postergar ao máximo a ida para lá. Não sabia como seria quando finalmente estivesse sozinho.

Decidi que não ficaria em Istambul. Precisa de um tempo também. Queria ficar longe de qualquer coisa que me lembrasse as últimas semanas. Não seria tarefa fácil esquecer Gabriela e eu não teria tomado essa decisão se não pensasse ser o melhor para nós dois

Eu precisava mesmo visitar os clubes que possuía, e me dedicar aos negócios parecia uma boa forma de manter a vida pessoal em espera.

Quando a tarde chegou, tomei um banho. Vesti um jeans e uma camisa informal. Não queria que Gabriela me reconhecesse, mas precisava dar adeus a ela, ainda que fosse de um jeito tosco e atravessado.

Revirei meu armário em busca de um boné e de uns óculos escuros que não me eram habituais. Segui para o aeroporto. Fiquei em um local estratégico, de onde poderia vê-la sem que ela me visse. Sentei e pedi um café. Fingi que lia o jornal por mais de uma hora.

Ela apareceu nos últimos minutos para o embarque. Estava visivelmente abatida. Triste. Eu sabia por quê. Tínhamos feito amor na noite anterior e eu sabia que isso a magoaria mais, porém tinha sido incapaz de resistir. Precisava de uma noite mais com ela. Precisava guardar sua lembrança em minha memória. Fui egoísta.

Antes de sumir pelo corredor, eu a vi procurar por mim no saguão. Segurei-me na cadeira em que estava, pois minha vontade era responder à sua procura.

Ela desistiu depois de correr os olhos pelo lugar mais de uma vez. Como eu imaginava, não me reconheceu. Nem poderia, em uma sala tão grande e cheia de pessoas que ela nunca tinha visto na vida.

Virou-se de costas e sumiu para sempre.

Era um fim triste, mas era real. Eu que tinha sido tolo em acreditar em algo diferente. Não existia conto de fadas na vida de Ibrahim Kahn.



“Para destruir a teia, destrua a aranha”
(provérbio Libanês)

De todos os erros que cometi na vida, Ibrahim Kahn foi de longe o maior.

Não. Não era ingratidão ou dor de cotovelo — embora ele doesse como o inferno —, era tristeza mesmo. Desapontamento.

Sempre tive a péssima tendência a pensar que merecia menos do que recebia. Por conta disso, aguentei Leonel por tanto tempo. Hoje vejo o quanto ele minava minha confiança desde os tempos de namoro. Brincadeirinhas veladas sobre meu peso e meus sonhos. Tudo que eu queria era pequeno demais. Pouco demais.

Quando finalmente me livrei dele, pensei que estava vacinada contra esse tipo de

homem, mas pelo visto me enganei; Ibrahim Kahn era apenas mais um Leonel, em uma bela embalagem brilhante.

É, Gabi, agora é hora de sacudir a poeira e recomeçar — pensei assim que pisei em solo brasileiro.

Meu contrato de aluguel tinha sido cancelado. Encontrei uma ordem de despejo colada à porta. Era um aviso para liberar, ou ligar em vinte e quatro horas.

Eu nem mesmo podia culpar meu senhorio, já que não tinha honrado meus compromissos financeiros.

Mesmo cansada da viagem, embalei minhas coisas e as mandei para um depósito, onde as deixaria até que conseguisse um novo apartamento.

Consegui vaga em uma pensão para moças perto do Largo da Batata. Era tudo o que eu podia pagar com o pouco que tinha me restado em conta. Não queria voltar para a casa dos meus pais; acabaria tendo que explicar tudo o que tinha acontecido na Turquia, e a última coisa que eu precisava era tocar nesse assunto.

Aproveitei que meu celular tinha quebrado com o acidente da bicicleta e não comprei outro. Joguei o chip fora e, com ele, qualquer coisa que pudesse lembrar o Sr. Kahn.

Demorou uma semana para que um de meus artigos fosse aceito por outra revista. Uma semana para que tivesse alguma esperança de dinheiro entrando antes que eu terminasse de escrever o livro que tinha começado.

Era uma coluna sobre mulheres que viajam sozinhas e, para minha sorte, minha aventura em Istambul era interessante o suficiente para que eu conseguisse manter um emprego.

Cerca de um mês após minha volta, consegui terminar o livro.

Decidi apostar todas as fichas nele e contratei os serviços de uma agente literária. A Mariana, que se tornaria minha amiga em pouco tempo.

Mari foi a única pessoa que soube da verdade sobre tudo o que tinha acontecido. Foi por isso também que se esforçou tanto para que meu livro se tornasse o sucesso que se tornou.

Segui meu próprio conselho, deixei que o tempo apagasse a dor e a mágoa, tentando guardar somente as lembranças boas. Eternizei todas elas nas páginas do livro.

Essa história merece ser contada! — ela dizia todas as vezes que falava do livro.

Dois meses depois do lançamento, meu livro figurava em primeiro lugar nas diversas listas de *best sellers* pelo país.

Tornei o veneno um remédio. Transformei o Sr. Kahn no homem que eu sabia que ele era quando não tinha medo de se abrir.

Mari conseguiu para mim um excelente contrato com uma editora americana e eu, finalmente, veria um de meus livros ganhar o mundo.

Com o dinheiro, consegui dar entrada em um apartamento-estúdio. Pequeno, mas muito bem-localizado e com a minha cara. Ficava em uma travessa da Avenida Paulista.

Não posso dizer que não pensei em Ibrahim. Seria leviano da minha parte, depois de tudo que vivemos. Pensei nele, em Isabel, em Salih. Pensei até mesmo em Amina.

Senti falta dos pãezinhos e da cerveja. Das tardes em frente ao Mar de Mármara. Fechava os olhos e sentia o cheiro de especiarias do mercado. Os sons suaves das orações nas mesquitas.

Eu jamais esqueceria o que vivi em Istambul. Não desejava esquecer.

Por muitas vezes senti vontade de ligar e agradeci ter dado logo um fim ao chip com os números que eu tinha.

“Existem amores para serem vividos de perto, outros para serem vividos de longe. A inteligência está em saber diferenciá-los” — essa frase tinha se tornado meu lema. Estava gravada em minha mente e em meu coração.

Pouco a pouco, eu estava recuperando a confiança em mim e a fé no futuro, mas, como desgraça pouca é bobagem na vida de Gabriela Mollinos, é claro que algo tinha que acontecer.

Não que fosse realmente uma desgraça; para ser sincera, era a maior benção que eu poderia pensar em receber.

Tudo aconteceu tão rápido, que ainda me pergunto se estou sonhando.

Estava sozinha em meu apartamento novo, montando uma estante nova para a minha coleção de livros, quando senti uma tontura tão forte que precisei sentar no chão para não cair.

Já fazia algumas semanas que eu não conseguia me alimentar direito. Estava perdendo peso rápido e ficando zonza sem aviso prévio.

Decidi que procuraria um médico no dia seguinte. Provavelmente tinha acabado anêmica por conta da falta de cuidados comigo mesma. Precisava melhorar nesse quesito; tinha me dedicado tanto em escrever, que mal levantava da cadeira para comer algo decente.

Desisti da montagem e aproveitei para dormir mais cedo. Não me importava com as coisas fora de lugar no apartamento; no fim das contas, era minha bagunça. Meu espaço.

Acordei e imediatamente liguei no consultório da primeira médica que encontrei no guia do convênio. Para minha sorte, consegui um encaixe em meia hora.

— Quando desceu sua última menstruação? — foi a primeira pergunta que ouvi no consultório.

— Eu tenho síndrome dos ovários policísticos, doutora, e não menstruo regularmente. Mesmo quando estava em tratamento, tinha dificuldade em manter um ciclo regular.

—Entendo... Provavelmente seu quadro de SOP piorou e isso pode estar desregulando seus hormônios. Vou pedir uma série de exames para podermos verificar o tratamento correto.

Concordei.

— Vou pedir um exame de beta HCG apenas para afastar a possibilidade de uma gravidez, já que você não usa anticoncepcional.

Concordei também, mesmo que não fizesse sentido. Desde Ibrahim, eu não tinha me relacionado com ninguém e, mesmo com ele, tinha usado preservativo.

Saí do consultório e aproveitei meu jejum para já fazer os exames. Quando se mora sozinha, cuidar da saúde é imprescindível. Eu não queria terminar como aqueles americanos solitários que morrem de ataque cardíaco em suas casas e só são encontrados quando o cadáver começa a se decompor!

Deus me livre!

Três dias depois, sentei na frente do notebook para imprimir os resultados dos exames.

Analisei o hemograma com a ajuda do “Sr. Google” e descobri que, de fato, tinha uma anemia leve, que, segundo as respostas encontradas, não era tão preocupante assim.

Os outros exames pareciam todos muito bons e eu estava começando a me tranquilizar quando a impressora soltou a folha do conhecido beta HCG. Eu definitivamente não estava preparada para o número que aparecia no canto superior direito, quase trezentas mil unidades de medida.

Era muito, muito alto mesmo. Muito mais do que qualquer erro de laboratório ou coisa assim.

Deixei o corpo cair contra o encosto da cadeira e demorei um bom tempo para conseguir ordenar os pensamentos. Abri uma nova página e digitei os números do resultado, esperando uma explicação para tal coisa.

“Números compatíveis com uma gestação entre 12 e 16 semanas” —dizia a maioria das páginas.

Minha vista ficou turva, e minha boca, seca. Tive certeza de que ia hiperventilar e acabar desmaiando.

Respira, Gabriela! Respira! Você e Ibrahim só tiveram uma relação desprotegida. Não é possível! Deve ter alguma explicação

Liguei no consultório, desesperada, e consegui remarcar o retorno para o dia seguinte.

Cheguei lá, certa de que algo estava errado. Não podia ser! Eu não podia engravidar! Não era possível! Eu tinha tentado de tudo! Tudo mesmo! Todos os tratamentos possíveis. Simpatias, mandingas, garrafadas, chás dos mais diversos tipos!

Eu não posso ter filhos!

— Vamos fazer um ultrassom — a médica me tranquilizou. — Se você realmente estiver com esse tempo de gestação, já poderemos ver o feto mesmo com esse aparelho que tenho aqui no consultório.

Deitei na maca, ela ergueu minha blusa e baixou minha calça até o quadril.

Pensei que sabia o que era felicidade, mas descobri que não fazia ideia, até que o aparelho deslizou por minha barriga devagar.

Na tela, o borrão foi tomando forma, conforme a médica ajustava o aparelho.

Dois pequenos bracinhos e duas pequenas perninhas se agitavam e davam cambalhotas. Empurravam e dançavam e eu nem conseguia mensurar o que sentia.

— Veja, Gabriela, esse é o seu bebê! — A médica sorriu.

Respirei fundo, sentindo as lágrimas nublarem minha visão — *Meu bebê! Meu bebê!*

Eu sentia como se estivesse em um sonho bonito e não quisesse acordar. Tinha medo de piscar e descobrir que estava em minha cadeira, babando de cansaço, com uma caneca de café vazia ao lado.

— Olha, posso até arriscar e dizer que teremos um menininho para daqui alguns meses! — brincou. — Só não saia comprando tudo azul, ok? Vamos esperar mais algumas semanas.

Azul...

Os olhos de Ibrahim Kahn se tornaram quase palpáveis em minha memória.

Azul...

Será que meu pequeno pedaço de felicidade teria os olhos do pai?

Saí do consultório pisando em nuvens. Nuvens azuis como o Mar de Mármara. Azuis como o amanhecer por trás da cúpula da Haia Sofia.

Azuis como os olhos do único homem que amei de verdade e do qual jamais poderia me esquecer.

Capítulo 36

Ibrahim

“Uma pedra é uma maçã,
quando vinda da mão de um amigo”
(provérbio árabe)

Algumas semanas depois...

Estou em minha nova casa.

Caminho pelo andar de baixo sem realmente saber para onde ir. É estranho morar sozinho depois de tanto tempo. Por mais que minha antiga casa fosse silenciosa, as paredes dela respiravam vida. História. Tinha um cheiro diferente de lar.

Esta casa é estéril. Vazia. Sem vida. Talvez porque seja nova, ou, talvez, porque eu a tenha idealizado para viver um amor que agora não viverei mais.

Sirvo uma dose de conhaque e sento perto da janela fechada. O frio do outono castiga o jardim lá fora. A piscina vazia e as folhas secas que vagam pelo gramado tornam tudo mais triste e solitário.

A lareira crepita no escuro da sala, quando o primeiro trovão clareia a noite.

Não quero pensar em Gabriela. Preciso aceitar que o que fiz por nós dois é o melhor.

Eu não seria capaz de abandoná-la como aquele moleque de merda fez. Para ser sincero, ela nunca sairá do meu coração e provavelmente não sairá da minha cabeça também. Por isso precisei fingir.

Quando a encarei com indiferença e vi seus olhos derrubarem uma e outra lágrima, senti a pior dor do mundo. Castigo algum que me tinha sido infligido chegava aos pés do sofrimento que a tristeza dela me causava, mas era a decisão mais acertada.

Ela seguirá em frente, segura de que não a abandonei. Somos vítimas do destino. Separados por um acidente. No fim das contas, Serguei me fez um favor quando mandou que me acertassem aquele tiro.

A campainha toca na porta da frente.

Ainda preciso me habituar a não ter empregados em casa.

Levanto e deixo o copo sobre o aparador da sala de jantar. Sigo até a porta e quase não acredito quando vejo a figura do outro lado do olho mágico.

Amina. Minha ex-esposa, depois de tanto tempo. Parece ansiosa.

— Imagino que eu não seja uma visita esperada — começa, encarando-me com os olhos escuros. — Mas sei que você é um homem educado, certamente me deixará entrar, ainda mais com a tempestade que se aproxima.

Faço sinal para que entre.

Não odeio Amina. Ela fez mais mal a si mesma do que a mim. Meu coração e minha consciência estão em paz, os dela, não.

— Não vou tomar muito do seu tempo, Ibrahim... Então vou direto ao ponto... Gabriela

ainda espera por você e, por mais que não admita, você também espera por ela.

Caminho de volta até perto da janela, copo na mão, olhar pedido no jardim escuro. Não quero ter essa conversa com Amina. Não depois de tudo o que aconteceu.

— Já faz tempo, Amina. Certamente, Gabriela tem outro homem.

— Acredita mesmo nisso?

Ela pega um livro de dentro do casaco e me entrega. Tem a assinatura da Srta. G.

Seguro-o em minha mão, analisando a capa. Nela, um homem de terno azul-marinho está de costas, contemplando o Mar de Mármara. O título é "Quatro Semanas no Paraíso". Viro para ler a contracapa e não posso deixar de reconhecer nossa história ali.

— É apenas um romance. Nada incomum, já que a moça é uma escritora — digo com desdém. Não quero parecer afetado.

Gabriela é boa no que faz. Certamente soube romantizar uma bela cidade e a aventura incomum que viveu. Não devo me ater a uma coisa tão boba como essa.

— Você pode mentir para Gabriela e pode mentir para você mesmo, mas no fundo, Ibrahim, sabe que o que sentem um pelo outro não pode ser apagado.

Respiro fundo.

— Um jovem muito sábio para o seu próprio bem uma vez me disse que ninguém foge do próprio destino, e esse é um sábio conselho. Sinto muito que ele mesmo não ouça a voz da razão — diz ela.

Levo o copo à boca e dou um gole na bebida. Quando penso que acabou, ela continua:

—Cometi tantos erros em minha vida, Ibrahim. Nem consigo contar todos eles nos dedos. Tentei proteger os que amava ao meu modo e veja como terminei. Estou completamente só.

— Estou acostumado com a solidão.

— Pois não deveria. Ninguém deveria se acostumar a ser infeliz.

— A vida não é um conto de fadas. Você deveria saber disso mais do que ninguém.

Amina sorri. Um sorriso triste e cheio de sentimentos do passado.

— Você merece muito mais do que tem, Ibrahim. É um homem cheio de bondade no coração. Sei que o destino será muito mais doce com você do que foi comigo. Você merece isso. Eu não. Todo o sofrimento que passou só o deixou mais compassivo e carinhoso. Você se purificou com a própria dor. Eu fiz o contrário. Tornei-me amarga e cheia de rancor. Mesquinha. Egoísta. Estou tentando recuperar o tempo que perdi e sua felicidade faz parte disso.

Encaro a mulher a minha frente. A doença começa a debilitá-la. As mãos estão enrijecidas e magras. A pele não tem mais o viço de quando a conheci. As roupas estão largas e o corpo, frágil.

Amina envelheceu mais de uma década em poucos meses e eu sinto muito por isso. Tenho carinho por ela, apesar de tudo. Sei que não é mesquinha e egoísta, é medrosa e solitária demais para ver com clareza a sua volta. O destino a fez assim.

— Não cometa os mesmos erros que cometi. Procure por ela. Diga que cometeu um erro, mas que está disposto a consertá-lo. Abrace-a forte e esteja ao lado dela. — Sorri com uma delicadeza que pensei que não existia mais. — Ela precisa de você neste momento especial.

Franzo o cenho sem entender.

— Gabriela espera um filho seu, Ibrahim — revela ainda sorrindo. — Não perca a oportunidade de viver isso ao lado dela.

Fico imóvel, como se fizesse parte da moldura da janela. Pés cravados no chão. Pensamentos girando como um furacão.

Amina segura minha mão e a beija carinhosamente. Cobre a cabeça com o lenço e sai pela porta, entrando no táxi que espera por ela.

“Gabriela espera um filho seu” — as palavras ecoam em minha mente sem trégua.

Evito qualquer notícia de Gabriela, desde a última vez que a vi. Nem mesmo por meus negócios volto ao Brasil. Salih tem cuidado de tudo.

Pego o notebook e ligo, sentado junto a minha recém-comprada mesa de jantar.

Digito “Gabriela Mollinos” no site de busca.

Logo aparecem inúmeras notícias sobre o sucesso do livro novo e fotos de Gabriela em sessões de autógrafos e eventos literários.

Clico sobre uma delas. Recente. Dois dias atrás. amplio a imagem para observar seu corpo no vestido solto.

Não a vejo há pouco mais de cinco meses, não é tempo suficiente para que tenha mudado tanto. Está tão linda e radiante, os olhos brilhantes e o mesmo sorriso que me tira o fôlego. Está muitos quilos mais magra e, por isso mesmo, é impossível não perceber a barriga arredondada.

Toco a tela com o dedo indicador.

Será que Amina está mesmo com a razão?

Acabo sorrindo como um idiota apaixonado. Pela primeira vez não quero segurar o riso,

nem diminuir minha felicidade.

Se for mesmo verdade, tudo que pensei ser o melhor caminho estava errado!

Continuo a pesquisa em busca de alguma notícia que fale do estado dela e, depois de muito procurar, encontro em uma resenha de seu livro, escrito por uma fã, a afirmação de que a Srta. G espera o primeiro filho, um menino, para dali a quatro meses.

O tempo se encaixa como uma luva ao período decorrido desde que ela se foi de Istambul. Um descuido. Um único rompante de paixão e conquistei meu maior sonho. E o dela.

Não posso deixá-la sozinha. Não quero. Preciso estar com ela. Com meu filho.

Meu filho...

Acabo rindo de minhas próprias palavras.

E por que ela não me procurou quando soube? Por que não me disse que esperava um filho meu?

Faço a pergunta e eu mesmo respondo com um riso de tristeza.

Porque eu a mandei embora. Simples.

Por que diabos ela procuraria um homem sem memória para cuidar dela e do bebê com o qual ela tanto sonhou?

Não importa. Não há tempo para perguntas sem sentido. Quero vê-la. Preciso ouvir da boca dela que realmente vamos ter um filho.

Pego o telefone e reservo a aeronave para o primeiro horário disponível. Quero chegar logo a São Paulo. Quero fazer uma surpresa a ela.

Será que está feliz que eu seja o pai? Será que conseguirá me perdoar?

Não tenho todas as respostas, mas estou certo de que passarei o resto da vida lutando para que Gabriela se apaixone por mim todos os dias.



“O coração, como uma criança, espera pelo que ele deseja”
(provérbio turco)

De todas as pessoas que espero ver naquela sessão de autógrafos, Ibrahim Kahn é de longe o mais improvável.

Tento ser imune a ele por muito tempo. Chego a acreditar que consigo, mas toda a minha certeza se vai ao primeiro instante em que seus olhos encontram os meus — *jamais poderei esquecer.*

A mão que repousa sobre minha coxa, vai instintivamente até a barriga. Sinto um pequeno chute — *parece que não sou a única a não resistir ao charme do Sr. Kahn.*

Seus olhos se detêm nos meus por mais tempo do que o necessário. Um milhão de

lembranças viajam entre nossos olhares.

— Boa noite, Srta. G — diz com aquele sotaque profundo que causa uma avalanche de sentimentos em mim. — Poderia autografar o livro para mim?

Respiro fundo antes de responder. Baixo os olhos para fugir do olhar dele.

Sua mão ainda segura o exemplar do livro que conta nossa história de amor. Dedos longos e elegantes como os de um pianista. Mão suave e delicada.

Percebo que não usa mais a aliança. Em seu lugar, o anel de platina. A rosa de Halfeti combina tão bem com ele.

— Claro! — digo depois de perceber que estava em silêncio por tempo demais.

Tento sorrir e não parecer afetada, agradeço ter uma mesa entre nós. Meus pés se mexem nervosamente debaixo dela.

Assino uma página do livro e o entrego a ele. Nossos dedos se esbarram sem querer, mas a eletricidade que sinto ainda é a mesma da primeira vez que nos tocamos.

— Receio que não seja seu tipo de leitura, mas fico feliz que tenha vindo prestigiar meu trabalho — provoco.

Ibrahim sorri de canto. Aquele mesmo sorriso velado que ele teima em usar.

— Estou tentando mudar velhos hábitos, Srta. G. Estou certo de que a história foi escrita com maestria, sinto apenas que o final não seja do meu agrado — provoca de volta.

Encaro seus olhos azuis com curiosidade.

— Se fosse consultado sobre o final do livro — continua com aquele mesmo sorriso instigante e provocador pairando no semblante —, eu diria que a senhorita deveria escrever uma duologia. Não creio que esse fim faça jus a tudo que foi vivido pelos personagens.

— Nem toda história de amor termina com um final feliz, não acha, Sr. Kahn?

— Acho que nem toda história de amor tem a oportunidade de seguir até o fim. Muitas são interrompidas por orgulho, empáfia, prepotência, entre outros péssimos sentimentos humanos.

— Concordo plenamente.

— E acho também que poucos são os que têm coragem de dar um passo atrás e admitir o quanto foram tolos.

Seu olhar não tem mais a sombra do sorriso. Um pesar recai sobre seus ombros. Não entendo bem do que ele se queixa.

— Sinto muito, Gabriela — diz de repente, fazendo um tsunami de emoções afogar todas as minhas certezas.

Não sei o que dizer.

— Sei que não mereço nada de você, *güzel*... Sei que fui um tolo arrogante em afastá-la de mim, mas acredite: não o fiz por falta de querer. Pensei mesmo que o melhor seria manter sua doçura longe do meu amargor... Descobri que fico ainda mais amargo sem você... — Sorriu de canto, ajeitando os cabelos ainda curtos com as mãos. — Tive tanto medo dos espinhos, minha rosa, que deixei de apreciar a beleza da flor.

Meu coração bate tão forte no peito; sinto que, se não estivesse sentada, precisaria me apoiar em algo. Pernas trêmulas. Mãos suando. Não quero que ele perceba o quanto me afeta. Não sei ainda como irá reagir ao saber de tudo o que aconteceu desde que parti.

— Ibrahim... —começo a frase sem saber ao certo como completá-la. Nunca me imaginei vivendo esta situação.

— Vou deixar que termine seu trabalho, *güzel*. Estarei aqui. Se puder ser uma pessoa melhor do que eu fui e me ouvir, é só o que peço. — Pega o livro e se afasta, dando lugar ao próximo leitor.

Confesso que perdi o prumo. Não sei mais como agir normalmente. Minhas mãos ainda suam. Minha boca ainda está seca e meu coração, acelerado.

Por sorte, Mariana percebe minha inquietação e tenta conduzir o fim dos autógrafos da melhor maneira possível.

Quando o último livro é assinado, não quero levantar da cadeira. Não quero que ele veja minha barriga arredondada. Qualquer outro homem poderia não perceber, mas Ibrahim Kahn não é um homem qualquer.

— Tudo bem com você? — Mariana pergunta, curiosa.

— Sim — minto.

— E eu devo supor que o bonitão com o sotaque de molhar a calcinha seja o tal turco...

Respiro fundo.

— Agora tudo faz sentido! — Mariana ri.

Ibrahim se aproxima da mesa mais uma vez e estende a mão para que eu me levante. Talvez ele já saiba, afinal não existem segredos para a influência do Sr. Kahn.

Penso por uma fração de segundos — *talvez seja mesmo melhor que ele veja com os próprios olhos. Talvez isso encerre tudo e ele volte logo para Istambul.*

Aceito a mão estendida e me levanto.

Seus olhos repousam em minha barriga por um longo tempo. Minha mão ainda está apoiada na dele.

— Sempre soube que você ficaria ainda mais linda quando carregasse um filho meu.

Direto, como sempre. Desestabilizando um pouco minha confiança, leva minha mão à boca e beija com carinho.

— Você já sabia...

— Soube por Amina — confessa.

Franzo o cenho sem entender, já que ele não usa mais a aliança de casamento. Ibrahim parece compreender minha estranheza.

— Ela me procurou ontem, depois de muito tempo. Creio que ainda tinha o coração pesado pelo que fez. Tentou consertar como achou certo.

Aquiesço deixando os olhos encontrarem o chão.

— Tenho tanto a lhe contar, Gabriela. Tanto a conversar com você. Se puder apenas me ouvir.

Conheço bem o poder de persuasão dele. Sei bem o quanto me afeta. Conheço também meus limites e é por isso que preciso ir com calma. Não quero ser pega mais uma vez na teia de Ibrahim Kahn. Preciso pensar em meu filho.

Não precisamos de uma pequena e rápida aparição do Sr. Kahn para depois sermos rechaçados como se não fôssemos suficientemente dignos.

Minha memória é boa demais para esquecer tudo que vivi com ele e, infelizmente, isso não vale apenas para os bons momentos.

— Estou cansada, Ibrahim...

— Imagino que esteja. Ainda mais em seu estado — concorda. — Não tenho pressa. Não tenho nem mesmo uma passagem de volta.

Meus olhos fogem dos dele por mais um momento, mas sua mão delicada em meu rosto acaba ganhando minha atenção novamente.

— Deixe-me mostrar que aprendi a reconhecer meus erros. É tudo que peço. E se ainda assim sua decisão for seguir sozinha, *güzel*, dou a você minha palavra de que não terá que se preocupar comigo.

— Hoje preciso mesmo descansar, Ibrahim. Preciso organizar meus pensamentos. Confesso que fui pega de surpresa. Depois de tanto tempo...

— Sei disso e compreendo. Como disse, espero o tempo que você achar necessário. Vou deixar meu cartão com você mais uma vez. Espero uma chamada sua... Por favor, Gabriela... Quero apenas uma chance de tentar mudar o final desse livro! — Corre os dedos pela capa brilhante. — O nosso final pode ser apenas o começo...

Beija minha mão e faz uma pequena reverência antes de se afastar.

Saio da livraria sem olhar para trás. Sei que ele está me olhando, posso sentir a intensidade de seu olhar sobre mim.

Só consigo realmente respirar quando fecho a porta do apartamento. Sento no sofá e tiro as sandálias. Apoio os pés na mesa de centro e tapo o rosto com as mãos.

Tantas emoções. Quero chorar, mas ao mesmo tempo não consigo. Por que choraria?

Fecho os olhos para me entregar a tantos momentos felizes que vivemos. Tento manter os tristes fora da memória, o que não é difícil, já que não consegui esquecê-lo mesmo depois de tanto tempo.

Acaricio a barriga, pensando em nosso bebê e não posso deixar de sorrir.

Ele nem ao menos cogitou a possibilidade de que o filho não fosse dele!

Arrogante, como sempre! — acabo rindo de meu próprio pensamento.

Na verdade, Ibrahim e eu sempre soubemos que seríamos inesquecíveis na vida um do outro. Disse isso muitas vezes.

Demoro a dormir, mesmo depois do chá calmante que minha obstetra passou. Não consigo relaxar. Estou ansiosa. Quero ligar para ele agora mesmo e dizer que sinto saudades, mas não consigo esquecer tudo o que vivemos naquelas últimas semanas, no apartamento de Isabel.

Nem sei se devo esquecer...

Acordo pouco antes das nove horas da manhã, o corpo dolorido, cabeça a mil por hora.

Ligo a cafeteira expressa e coloco uma cápsula de meu café preferido. Abro o armário em busca de algum biscoito e sento em minha mesa de trabalho. Tenho que entregar um artigo sobre a viagem de trem até Bucareste.

Essa é sem dúvida a ambiguidade de se trabalhar em casa — *tenho o tempo que precisar para trabalhar, mas acabo sempre sem tempo.*

Menos de uma página escrita, e meu interfone toca.

— Bom dia! Entrega para a Srta. Mollinos.

Libero a entrada do entregador e espero pelo som da campainha. O rapaz me entrega o embrulho e eu o libero.

A caixa é preta e aveludada. A tampa transparente permite que eu veja o interior. Uma rosa linda e viçosa, completamente negra; uma rosa de Halfeti.

Meu coração acelera quando desfaço o nó da vida e pego o bilhete dentro da caixa. Não tenho dúvidas de quem mandou, mas, ainda assim, é inevitável me emocionar.

“Passaram cem anos sem eu ver o teu rosto,/ prender a tua cintura,/
passar o dia nos teus olhos,/ questionar a tua sapiência,/
e estar próximo do calor do teu ventre.// Passaram cem anos que uma mulher me espera/ numa bela cidade.// nós, nós estávamos na mesma rama,
/nessa mesma rama./ caímos dessa mesma rama e separámo-nos./
e hoje cem anos nos afastam,/ cem anos de caminho.// hoje faz cem anos que/ por entre a escuridão/eu a procuro."

É um poema de *Nazim Hikmet.* Um dos poetas que Ibrahim mais gosta. Amina tinha me contado em uma de nossas conversas na biblioteca.

Li e reli as palavras em turco. Tão musicais e românticas como costumavam ser as obras do autor.

No final do poema, havia uma nota de Ibrahim.

“*Gabriela,*

Sei que prometi não a procurar, mas, como bem sabe, não sou bom em reprimir meus desejos. Dá-me a honra de sua companhia para o almoço?

Meu motorista esperará por você em frente ao prédio, ao meio-dia.

Kahn, I.”

Peguei a rosa e corri os dedos pelas pétalas delicadas, o aroma do jardim de Istambul fazendo-se forte em minhas memórias.

Será que devo ir?

Não tenho dúvidas de que, em meia hora de conversa, aquele maldito turco me convencerá de que o deserto do Saara não é tão quente assim. Será que devo permitir que isso aconteça mais uma vez? Como será quando ele me deixar novamente?

Ibrahim Kahn não é um príncipe encantado, nem eu, uma princesa de contos de fadas. Foi difícil perdê-lo uma vez, mas consegui sobreviver. Não sei se seria capaz de me reerguer novamente.



“Um lago ganha forma gota a gota”
(provérbio turco)

Tomei o café, mas os biscoitos não desceram com a mesma facilidade.

É difícil tê-lo tão perto.

O relógio marca onze e meia da manhã, e meu coração dispara. Fico, da janela, encarando o movimento lá embaixo. Várias vezes penso em descer, mas não tenho certeza se devo.

Acabo sempre com a sensação de que estou correndo atrás dele simplesmente porque ele balançou a sineta. Não quero isso. Não é orgulho ou falta de amor; para ser sincera, é amor demais. Medo de que não tenha a mesma intensidade do lado dele.

São quase duas da tarde e vejo o sedan preto finalmente virar a esquina. Não volta.

Sinto meus olhos arderem e acabo deixando que as lágrimas rolem. Estou sozinha, não tenho razão para reprimir meus sentimentos.

Ibrahim não me liga. Não manda mensagem alguma. Nem mesmo um sinal de que não desistiu.

Com o passar dos dias, minha esperança vai diminuindo.

O cartão dele ainda está sobre minha mesa de cabeceira. Olho todos os dias para ele, mas não tenho coragem de ligar.

Talvez tenha sido mesmo o melhor a fazer.

A rosa negra começa a murchar e eu a coloco dentro do livro que conta nossa história. Um fim digno para um objeto tão bonito. Mais um pedaço da nossa história que ficará guardado para sempre.

Acordo cedo pela primeira vez em muito tempo. Sozinha, sem o despertador do celular. Faz duas semanas, desde meu encontro com Ibrahim.

Tomo um banho relaxante, aproveitando que não estou atrasada. Visto uma roupa confortável e deixo os cabelos soltos, para que sequem com o vento.

Desço até a entrada e sou chamada pelo porteiro.

— Dona Gabriela! Deixaram um embrulho para senhora hoje bem cedo.

Uma caixa de veludo igual a anterior é colocada em minhas mãos. Sinto o coração apertar e a curiosidade aguçar, mas não abro na hora.Espero até chegar ao escritório. Tenho uma reunião com o editor da revista e prefiro deixar a emoção de lado até que meus assuntos profissionais sejam finalizados.

Para minha sorte, a reunião acaba bem mais rápido do que eu imaginava e consigo finalmente ficar sozinha na redação.

Diferente da outra caixa, essa é mais pesada e a tampa não é transparente.

Desfaço o laço e tiro a tampa.

Dentro, encontro um pequeno kit de jardinagem, um saquinho de organza com algumas sementes e uma carta.

“Minha doce güzel,

Sei que tenho o péssimo hábito de tentar controlar tudo a minha volta, mas entenda, é difícil para mim lidar com o imprevisível. Sinto-me perdido e sem um norte. Não sei navegar sem uma bússola, ou não sabia, até a encontrar.

Tenho aprendido, nesses dias no Brasil, que existe beleza em não ter o controle. Afinal, as emoções são mesmo como um salto no vazio sem paraquedas.

Da primeira vez que lhe mandei um presente, quis que se lembrasse de tudo o que tivemos em Istambul. Entreguei a você uma das minhas rosas, cultivadas na terra que tanto conheço e me é cara.

Hoje, quis que você soubesse que estou disposto a cultivar ao seu lado, ainda que os resultados sejam diferentes daqueles que espero. Lembra-se que eu lhe disse que as mesmas sementes de Halfeti, quando cultivadas em diferentes terrenos, oferecem diferentes flores?

Quero descobrir o que somos capazes de cultivar no terreno que você escolher. Estou ao seu dispor, Srta. Mollinos, entrego a você a roda do leme da minha vida, já que meu coração está em suas mãos há muito tempo.

Estou aqui embaixo, em frente ao prédio em que você está, esperando que deseje conhecer um pouco mais do menino de Halfeti, que ganhou o mundo e precisou ser resgatado por uma bela donzela de além-mar.

Espero por você em um carro branco, afinal toda princesa de contos de fadas merece um príncipe em um cavalo branco, não acha?

Embora os poemas do Sr. Hikmet encham meu coração de alegria, hoje também escolhi um de minha própria autoria. Espero que consiga sentir o amor que coloquei em cada palavra.

'Sinto que cada minuto longe de você é como cem anos de escuridão. Luto para que meu exílio tenha fim e para que meu coração encontre morada no seio da mulher que amo.'

Kahn, I."

Terminei a leitura da carta com os olhos marejados e um sorriso bobo no rosto. Era isso! O que faltava na primeira carta era a pessoalidade. Um pouco do Ibrahim Kahn por quem eu tinha realmente me apaixonado.

Eu nunca quis restaurantes de luxo e grandes festas. Não quis joias de grife ou qualquer outra coisa que o dinheiro dele pudesse me oferecer. Eu queria Ibrahim. A doçura do homem que se preocupava com todos a sua volta. Que conseguia compreender o coração daqueles que amava.

Entendo finalmente porque não desci naquele dia do convite! Não era aquele homem que eu desejava ao meu lado. "O poderoso chefão", o dono dos desejos proibidos da Europa... Era o menino de Halfeti. Aquele que se deitava na grama e via figuras nas nuvens. Que

esperava pela chuva como quem espera um presente. Foi a ele que entreguei meu coração.

Fecho a caixa e junto minhas coisas. Desço pelo elevador com o coração dando saltos dentro do peito.

Assim que alcanço a calçada, vejo o esportivo branco, parado, bem em frente à entrada do prédio. Ibrahim está lá, óculos escuros cobrindo os olhos azuis, o terno alinhado de sempre.

Caminho até ele e, antes que eu faça qualquer coisa, ele desce.

— Soube que essa carruagem está à procura de uma princesa... — brinco.

Ele sorri de canto, abre a porta para mim e indica com o braço que eu tome meu lugar no banco. Então senta atrás do volante mais uma vez.

— Estou feliz que tenha aceitado meu convite, *güzel*. Não era somente o carro que procurava por uma princesa.

Dirige pelas ruas, guiado pelo GPS, até os portões do Jardim Botânico. Desce e abre a porta para mim.

Seguimos pelo caminho, ainda em silêncio, até que ele estende a mão.

— Sei que disse muitas vezes a você que em minha cultura não andamos de mãos dadas. Existe uma razão nobre para isso — explica. — Nossa função é protegê-las; caminhar à frente, evitando que algo ruim as atinja. Em minha cultura, mulheres existem para serem cuidadas. São seres especiais, capazes de carregar a vida dentro delas, e eu acredito nisso como verdade absoluta.

Encara minha barriga e sorri.

— Mas não estamos em meu país e sei que você deseja ser minha companheira, seguir ao meu lado. Sempre a protegerei, Gabriela. Você sempre será minha maior responsabilidade, embora uma mulher forte e inteligente como você mereça minha admiração e meu amor, tanto quanto minha proteção. E é exatamente isso que pretendo lhe dar.

Leva minha mão à boca e a beija com carinho.

— Sempre que desejar, poderá caminhar ao meu lado. Eu nunca vou ofuscar seu brilho ou suas vontades com as minhas.

Entrelaço meus dedos nos dele, percebendo como temos o encaixe perfeito.

Ibrahim tem razão. Eu nunca quis estar à sombra de ninguém. Sempre desejei trilhar meus próprios caminhos. Marcar a história com meu nome. Não desejo ser a Sra. Alguém, quero ser a Gabriela.

O Jardim Botânico está vazio. Poucas pessoas têm o prazer de apreciar sua beleza em uma manhã de um dia qualquer de semana. A cidade que nunca dorme cobra um preço alto de

seus moradores.

Inspiro fundo o cheiro do jardim. Tivemos uma bela chuva na noite anterior e o cheiro de terra molhada ainda permanece no lugar.

Gosto da calma e da paz que sinto aqui, ao lado de Ibrahim, sentindo nosso filho mexer na barriga.

Paramos em frente a duas estufas imponentes, construídas com metal e vidro, lado a lado. Em frente a elas, um espelho d'água, com algumas vitórias régias, reflete a beleza da construção. Ibrahim sinaliza para que eu me sente na borda e senta-se ao meu lado.

Sua mão mexe na terra, ele pega um punhado com o qual brinca entre os dedos, deixando que volte ao chão novamente. Leva a mão até o rosto e sente o aroma de terra molhada.

Gosto de como ele é carinhoso com a terra. Demonstra o quanto existe ainda do velho garoto de Halfeti dentro dele.

— Os jardins carregam muitos sentimentos — diz encarando ainda as folhas aos nossos pés. — Neles é possível cultivar a beleza, matar a fome, encher a alma de alegria. Foram escolhidos como locais de juras de amor desde sempre. Grandes histórias tiveram pelo menos uma passagem por belos jardins floridos.

Tira os óculos de sol e os guarda no bolso interno do blazer. Percebo que tem algo na mão. Ele continua:

— É impossível não pensar em sentimentos quando se lida com a terra, Gabriela. Especialmente para mim. Eu a trouxe aqui, porque quero que nossa história de amor também tenha uma bela passagem pelo jardim. Desejo que possamos cultivar o nosso amor com a mesma paciência e dedicação que eu sempre cultivei minhas rosas.

Estou ansiosa. Nervosa. Coração batendo forte.

— Eu a trouxe aqui porque é em um lugar como este que quero fazer o pedido mais importante da minha vida. Nunca fiz um pedido de casamento. — Sorri, os olhos perdidos nos meus. — Nunca quis realmente fazê-lo. Nunca desejei uma mulher ao meu lado, como desejo você. Então, Srta. Gabriela Mollinos... Quero saber se me dá a honra de chamá-la verdadeiramente de minha e de entregar meu coração a você...

Abre a caixinha de veludo preto e, dentro dela, está o anel. O mesmo anel que ele comprou para mim no leilão, em Viena. O mesmo anel que eu tinha no dedo quando nos amamos pela primeira vez.

Sorrio sem conseguir parar. Minha boca parece ter vida própria. Não consigo dizer nada,

então apenas aquiesço, sentindo a primeira lágrima escorrer.

Ibrahim me abraça e aproxima o rosto do meu.

Acaricia meu nariz com o dele e sorri, antes de me beijar. Quando o faz, seus lábios são suaves e gentis. Sua língua toca a minha com paixão e carinho; não posso deixar de puxá-lo mais para perto.

Encaro minha mão com o anel novamente. Ele parece tão certo onde está.

— Confesso que desejei que ele tivesse essa função desde que o vi em seu dedo — Ibrahim diz enquanto acaricia minha mão.

— Tenho que concordar, Sr. Kahn. Eu também desejei que ele tivesse essa função desde o início! — Sorrio mais e beijo seu rosto na linha da barba.

Ibrahim se levanta e estende a mão para que eu faça o mesmo.

Sua mão escorrega até minha barriga arredondada, onde se detém. Seus olhos encontram os meus e eu percebo a emoção que ele tenta controlar.

— É um menino — revelo sentindo minha própria emoção aflorar.

— Nosso menino — diz e beija minha testa.



Eram os primeiros dias de primavera, quando subi aquela montanha para finalmente me casar com o homem que amava.

Aos meus pés, o Eufrates seguia seu rumo, imponente como sempre, e a bela cidade de Halfeti se mantinha intacta em sua majestade.

Em meus braços, o maior sonho que um dia sonhei ter... O menino de cabelos claros e olhos tão azuis como o céu da Turquia.

Kemal nasceu em uma noite fria e chuvosa. Acolhido pelos braços do pai e entregue a mim no momento seguinte. Seu nome significa perfeição e é exatamente o que vejo quando olho para ele.

Ibrahim e eu preferimos esperar até que nosso filho nascesse para então oficializar nossa união. Tantas coisas tinham acontecido, e tão rápido, que tudo que eu precisava para que

Kemal nascesse bem era paz e tranquilidade.

Os negócios ficaram nas mãos de Isabel. As cartas são dadas por ela agora, embora o nome Ibrahim Kahn ainda o preceda na maioria dos lugares.

Compramos uma antiga propriedade, nos arredores de Halfeti, bem à beira do Rio Eufrates. A construção típica guarda tanta história e tanta magia, que às vezes penso que estou vivendo um conto de *As Mil e Uma Noites*.

O dinheiro que Ibrahim acumulou durante a vida é mais do que suficiente para que possamos desfrutar do que mais nos dá prazer — cultivar as flores negras tão cheias de significado para ele.

Eu sempre fui uma garota do interior. Tentei ganhar o mundo, mas descobri que meus sonhos eram diferentes dos ideais de grandeza que tinha em minha cabeça, quando joguei aquela mochila nas costas e segui para a cidade de São Paulo.

Ainda era a Srta. G. Esse era e sempre seria meu mundinho particular, onde podia ser e fazer o que bem desejasse, sem preocupação alguma. Escrever me libertava.

Enquanto seguia pelo caminho enfeitado por rosas negras e folhagens verde-escuras até o altar, encontrei o olhar de minha mãe. Meu pai estava ao seu lado, acariciando-lhe a mão. Os dois me olhavam com tanta paz e quietude que tive certeza de que tinha tomado a decisão correta.

Isabel estava na primeira fila. Não poderia ocupar outro lugar.

Ela é a amiga que todos merecem encontrar na vida. Leal. Justa. Honesta. Ela é uma sobrevivente. Em um mundo onde as mulheres têm tão pouca voz, tinha aprendido a gritar.

Salih também estava lá, sorrindo com seu riso mais bonito, olhos claros como o entardecer.

A tristeza já tinha dado lugar à saudade boa que sentimos daqueles que amamos e que não estão mais conosco neste plano.

Eu torcia para que algum dia a mulher certa percebesse a joia que ele era e cuidasse daquele coração tão cheio de cicatrizes.

Respirei fundo. Um passo mais rápido, e outro, e outro... Até que alcancei meu príncipe.

O vento balançava seus cabelos novamente crescidos. Usava o terno azul alinhado de sempre, mãos cruzadas à frente do corpo tentavam esconder o nervosismo e a ansiedade.

Sorri para ele e ele retribuiu, olhos perdidos nos meus.

Se você me perguntar qualquer uma das palavras ditas pelo celebrante, vou dizer que não me lembro. Sei que ele disse algo sobre a lealdade e a eternidade, mas tudo que eu

conseguia pensar era em sorte.

“Todos nós nascemos com o destino pendurado no pescoço, Gabriela; às vezes, fingimos que nos afastamos dele, mas ele nunca se afasta de nós” — as palavras de Ibrahim ecoavam em meus ouvidos como sinos.

Então eu disse “sim” e ele adornou meu dedo com uma bela aliança dourada. Beijou minha mão e a cabecinha de Kemal. Beijei a mão de Ibrahim também, assim que coloquei nela a aliança. Era engraçado como fazia diferença para mim tê-lo como meu.

Sempre afirmei que não era uma pessoa romântica, mas o Sr. Kahn tinha mudado um pouco minhas convicções. Entendi que não era falta de romantismo, eu apenas não tinha encontrado a pessoa certa.

Nossa festa de casamento foi tipicamente turca. Com comidas, e danças, e tudo a que tínhamos direito. Nossa propriedade foi decorada com tecidos brancos esvoaçantes e flores; nada poderia ter sido mais perfeito.

A tarde já tinha caído. Poucos raios de um sol alaranjado pintavam o escuro do céu.

Deixei Kemal aos cuidados de minha mãe e segui com Ibrahim até a estufa.

Ele abriu a porta e me conduziu até nosso lugar especial; onde ficávamos quando queríamos apreciar a beleza do que tínhamos a nossa volta. Daquele pedaço de chão, podíamos ver o rio e as estrelas no céu.

— Quero mostrar uma coisa — disse desabotoando a camisa.

Assim que o tecido caiu no chão, eu vi. Sobre o coração dele, três linhas finas, cada uma contendo uma inscrição em turco.

Corri os dedos em sua pele, sentindo a ondulação da tatuagem recém-feita.

— Sarila, Gabriela, Kemal — li em voz alta.

— Essas são as únicas marcas de batalha que não desejo jamais cobrir — declarou, cobrindo minha mão com a dele. — São as pessoas pelas quais eu daria minha vida. Minha mãe, você e Kemal. Estão tatuados aqui do lado de fora, porque já tomaram todo o espaço lá dentro.

Sorri, deixando uma pequena lágrima escorrer.

— Não chore, *güzel* — pediu, limpando meu rosto com o polegar, minhas faces entre as mãos dele. — Sabe que não gosto de vê-la chorar.

— Vamos precisar de mais um espaço aqui. — Apontei para a nova tatuagem.

Ibrahim franziu as sobrancelhas sem entender em um primeiro momento e, em seguida, sorriu.

— Precisamos começar a nos prevenir! — brinquei. — Pelo jeito alguém lá em cima resolveu me devolver toda a fertilidade que não tive durante toda a vida!

— Acho que alguém lá em cima decidiu que era hora de começarmos a colher os frutos de tudo que plantamos na vida.

Seus braços me envolveram com tanto carinho, tanto amor e tanta paixão que pensei que não poderia sequer respirar.

Fechei os olhos e beijei as inscrições que ele tinha feito na pele.

Nunca pensei que terminaria minha história com um final como este que conto agora a vocês. Sempre fui prática demais para esperar pelo conto de fadas que a maioria das meninas espera, mas descobri que não sou nem de longe dona do destino.

Um dia eu ousei sonhar. Ousei acreditar que merecia a felicidade e passei a acreditar nesse sonho. Trilhei um caminho difícil. Sofri e chorei muitas lágrimas até que finalmente estivesse nos braços do homem que nasceu para ser meu.

Se eu pudesse lhe dar um conselho da Srta. G, diria para jamais duvidar do quanto merece a felicidade plena. Não aquela em que a gente finge que está tudo bem. Em que aceita que é o melhor que podemos ter... Felicidade genuína. Aquela que arrepia os pelos e a alma. Que faz a gente perder as roupas e o ar... A felicidade é a maior riqueza e o melhor legado que podemos deixar aos nossos filhos. Vale mais que ouro e prata e dura mais que qualquer diamante.

"Existem amores para serem vividos de perto, outros para serem vividos de longe. A inteligência está em saber diferenciá-los".

Essa frase permeou meus pensamentos por muito tempo e continua sendo um grande ensinamento, mas hoje eu faria um pequeno adendo...

"A inteligência está em saber quando lutar e quando se entregar... O amor é a batalha mais importante que travamos em nossas vidas. Ele é o responsável por nos tornar verdadeiramente imortais, ainda que seja no coração de quem amamos."


Fim

Outros Títulos Da Autora



Tão Perto
(Série Homens de Roterdã – Livro 1)

Quando tudo que se pode fazer é confiar, uma pergunta se torna necessária:

Até onde você iria por amor?

Quando um misterioso executivo cruza o caminho da advogada Laura Soares, ela descobre que não existem limitem que não possam ser cruzados por amor.

Aos 26 anos, e com uma história de vida conturbada e cheia de cicatrizes, Laura está feliz com sua vida tranquila, sua gata e seu pequeno apartamento térreo em Amsterdam.

Os primeiros anos de formada não são exatamente como ela esperava e depois de cair em um escândalo de corrupção, o caso Van Galagher parece, de longe, tudo que Laura precisa para limpar sua ficha e tornar-se uma advogada reconhecida na Holanda. O que Laura não espera é que em uma brincadeira do destino, toda a sua vida controlada venha à baixo, junto com um copo de café. Ao aceitar um caso internacional de restituição de guarda, Laura não espera encontrar do outro lado da mesa o homem que foi capaz de abalar suas estruturas com nada mais que uma trombada.

Quando a garota dos cabelos castanhos tropeça em Adrian no centro de Amsterdam, a única coisa que passa por sua mente é que ela seria a última coisa de que ele precisava. Jovem, doce e cheia de sonhos – tudo que ele não é mais. Depois de 37 anos e um casamento destruído, tudo que ele espera é ter seus filhos de volta.

Forçado a aceitar um acordo, ele tem em Laura a única possibilidade de encurtar os passos até seus objetivos.

Um acordo seria o suficiente para manter seus corações a salvo?

Dispostos a não deixar a razão de lado, Adrian e Laura vão descobrir que nem tudo pode ser controlado. Traumas, ciúmes, medos, magoas, sentimentos que levarão a amizade e a confiança ás maiores provas e despertarão um amor que nenhum dos dois está disposto a sentir.

“Então eu preciso de uma caneta, Sr. Galagher. E acho que preciso de um anel”.

Link: http://a.co/33cD5y7



Ainda Mais Perto
(Série Homens de Roterdã – Livro 2)

Você perdoaria uma traição?

E se fosse acusada injustamente, você perdoaria o homem que ama e lhe daria uma nova chance?

Às vezes o tempo cobra de nós um preço alto demais por nosso próprio orgulho.

Depois do rompimento, a advogada Laura Soares se muda de volta para Amsterdã e tenta retomar a vida tranquila que tinha antes de conhecer Adrian Van Galagher. O problema é que ele não é um homem fácil de esquecer, especialmente se você carrega um filho dele no ventre. Morando em uma nova casa, com uma nova vizinha, Laura começa a reconstruir sua vida, até que o passado volta a rondar a vida de Adrian e a dela.

Depois de descobrir que cometeu um erro, o empresário Adrian Van Galagher decide mudar de estratégia e reconquistar a confiança do melhor amigo. Com Alexander ao seu lado, ele segue em busca de sua própria redenção – Laura.

Na tentativa de deixar a vida de quase esposa para trás, Laura retoma o trabalho e reencontra um misterioso executivo que parece fazer parte do passado de Adrian de um jeito que o deixa perturbado. Intrigas, traições, culpas, medos, Adrian e Laura são levados ao limite com a chegada de um antigo conhecido, capaz de esfolar velhas feridas.

Quem seria o mocinho? E quem seria o vilão?

Perdido entre o passado e presente, Adrian Van Galagher se vê desafiado à reviver os

piores momentos de sua vida.

Se o tempo fosse um inimigo poderoso, você abriria mão do que acredita por mais um momento ao lado de quem você ama?

Amor, cuidado, paixão, determinação e um acidente que pode mostrar que nem sempre existe tempo suficiente para se viver os sonhos.

Até onde você iria por amor?

Link: http://a.co/7hiZ013



Tão Minha
(Série Homens de Roterdã – Livro 3)

As vezes nem todo o amor do mundo é capaz de apagar as dores do passado...

Quando o advogado Alexander Persen embarca de volta para sua cidade natal, ele inicia uma busca por seu verdadeiro eu. Neste regresso, ele leva consigo a pequena Louise, uma garotinha especial a quem dedica todo o seu amor. Não existe espaço para outra mulher na vida de Alexander até que na saída de uma festa, no centro comercial de Bruxelas, ele salva uma desconhecida de ser violentada.

Alexander é um homem acostumado a não ter o primeiro prêmio. Vivendo de coadjuvante em sua própria vida, ele precisa de um tempo para viver o luto pela morte da ex namorada, mãe de Louise.

Aos trinta e poucos anos, ele não espera mais pelo amor. Seguro de que viverá apenas para a filha, ele encontra em Elisa o apoio que Alissa nunca lhe deu.

Tristeza, solidão, medo, saudade, lembranças de outra vida. Sentimentos que marcam a alma de um homem cujo coração é tão puro que se recusa a endurecer.

Será o amor suficiente para devolver a paz ao coração de Alexander?

Quando a médica Elisa Bonneval regressa de uma missão em Angola, tudo que ela deseja é ficar em paz com os fantasmas do passado. Elisa não cria vínculos, nem raízes, exceto com seu melhor amigo, Harden, com quem divide parte de quem realmente é. Depois de anos se esforçando para manter as pessoas longe, o homem misterioso abre uma pequena fresta em

seu coração.

Elisa é uma mulher sem passado. Tudo que ela deseja é viver o mais longe possível de qualquer coisa que possa lembra-la de sua antiga vida. Devotada aos seus doentes, Elisa não espera pelo príncipe encantado, mas ao ser salva na noite de Bruxelas ela começa a sentir pequenas fagulhas da garotinha que acreditava no amor.

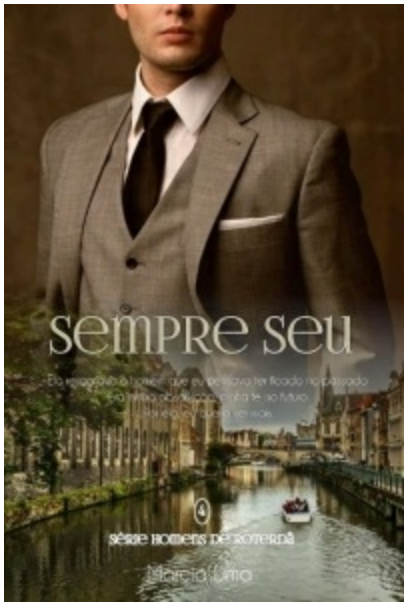
Violência, traição, medo, angústia, revolta, cicatrizes do passado rodeiam uma mulher acostumada a levar a vida salvando outras.

Será um sentimento forte o suficiente para resgatar a fé de Elisa na humanidade?

Unidos por um ideal comum, Alexander e Elisa vão descobrir que o amor é o mais forte dos sentimentos. Amor pelo próximo, compaixão, doação. Em busca de salvar a pequena Iana eles vão descobrir o caminho de sua própria salvação.

Unidos por uma fatalidade eles irão descobrir que não existe acaso quando tratamos de almas gêmeas. Uma chance, apenas uma, e tudo poderá ganhar novo rumo.

Link: http://a.co/4jCnxph



Sempre Seu
(Série Homens de Roterdã – Livro 4)

Às vezes a felicidade é uma brisa suave, passando por nós sem que possamos perceber...

Quando o magnata Jens Van Hart retorna para a Holanda, depois de um longo período na França, ele só tem uma coisa na cabeça – vingança.

Traído... Enganado... Deixado para trás pela única mulher que amou, ele está pronto para virar o mundo do seu rival do avesso e roubar dele seu bem mais precioso – o filho.

O mundo sombrio do holandês começa a se iluminar, quando ele finalmente se vê, frente a frente, com os olhos inocentes de Collin Van Galagher, o pequeno presente que o passado lhe deu.

A pureza de uma criança é o maior combustível do amor...

Depois de perder o marido em um trágico acidente, Joanne Stein mergulha sozinha para um mundo podre e imoral. Tudo que ela mais deseja é reconstruir sua vida ao lado do filho Trevor, mas sua paz está com os dias contados.

Sozinha... Perdida... Sem saber em quem confiar, ela carrega o preço das escolhas alheias em seus ombros.

Para completar o turbilhão de acontecimentos, seu grande amor do passado retorna ainda mais sedutor e envolvente, mostrando a ela que nenhuma página desse conto de fadas foi realmente virada.

Mesmo a mais centrada das mulheres, pode ser sucumbida pelo desejo...

Uma viagem inesperada. Uma chance dada pelo destino de reviver o passado, sem tirar os pés do presente. Uma tentação que nenhum dos dois está disposto a deixar escapar.

Se a brisa da felicidade passasse por você mais uma vez, você seria capaz de percebê-la? O que você faria para reconquistar a confiança de alguém que você magoou? E se você precisasse dela para alcançar o coração do seu filho?

As mais belas declarações de amor são ditas no silêncio de um abraço.

Amor, paixão, desejo, cumplicidade e comprometimento. Não nascemos para o isolamento. Todos nós precisamos ter em quem apoiar nosso coração cansado.

Nas adversidades, as mágoas se desfazem como areia ao vento e tudo que resta é a força transformadora do amor.

Link: http://a.co/7fcPGBg



Para Sempre Roterdã
(Conto da Série Homens de Roterdã)

Quando finalizei a escrita do último livro da série, uma saudade imensa me invadiu. Como pessoas queridas com quem convivemos, todos os personagens deixaram suas lembranças e sonhos e levaram um pouco de mim...

O que acontece depois da última página?

Neste conto, Adrian nos convida para comemorar seu aniversário, em sua mansão, cercado dos amigos especiais que a vida lhe deu.

Embarque nessa aventura com a pequena Aurora, e venha reviver um pouco dos sentimentos profundos que uniram nossos casais, ao longo dos livros da série.

Aqui dentro você vai encontrar uma pitada de passado e um gostinho de futuro...

*Este conto não deve ser lido em separado da série.

Link: http://a.co/cwq1k44



Tão Intenso

(Série Filhos do Leão – Livro 1)

A vida é efêmera e é justamente em sua frágil delicadeza que consiste a felicidade.

Quando somos jovens, o tempo é eterno e nosso aliado, as opções se fazem e refazem como nuvens, em um céu de primavera.

E se a eternidade que você julgava ter escapasse por entre seus dedos? E se de repente os minutos fossem preciosos?

Quando o jovem e cobiçado primogênito do Leão de Roterdã desembarca no Brasil, ele está em busca de um renascimento.

Depois de um ano cuidando dos negócios do pai, John Van Galagher se vê afogado em uma vida que não lhe pertence.

Na ânsia de descobrir quem realmente é e, o que deseja para o futuro, ele se depara com uma bela e inquietante morena de olhos escuros como a noite.

Dona de uma personalidade forte e determinada, Isabele está acostumada a lutar pelo que deseja. Diferente de John, a vida não sorriu para ela desde o berço.

Um paraíso perdido no interior de São Paulo. Um amor arrebatador. Uma mentira

contada para se proteger. Uma doença devastadora.

Se a mulher da sua vida trouxesse de volta à superfície todos os seus maiores medos e angústias, você venceria essa barreira para estar ao lado dela? Deixaria toda a sua vida para trás?

“Quando pensei que tinha tudo, ela me ensinou que o amor é a maior riqueza”.

Link: http://a.co/cu4VnhZ



Quebrando as Regras

Madri, a bela e poderosa capital da Espanha. Um lugar mágico, capaz de tornar reais seus maiores sonhos, ou de lhe mostrar o grande abismo que existe entre os seres humanos e os deuses do futebol.

Se você tivesse a oportunidade de estar frente a frente com o homem que amou em segredo pela vida toda, você seria capaz de esquecer a razão e simplesmente sonhar?

Às vezes é preciso que algo se quebre, para que você perceba que nada estava certo antes.

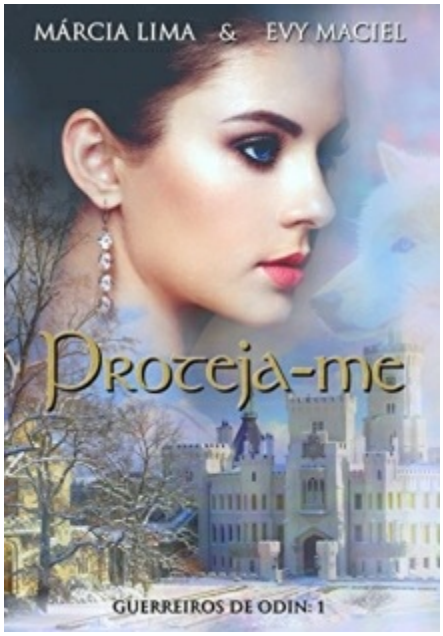
Quando a engenheira Helena Cerqueira mandou um conjunto de plantas para concorrer a um concurso na Espanha, ela não poderia imaginar que encontraria muito mais do que uma carreira de sucesso.

Fama, dinheiro, mulheres – A vida de Khalil Guerin, apesar do começo difícil, acabou por ser o sonho de dez entre dez garotos que brincam de bola. Apesar do sucesso, Khalil Guerin era um homem calado, sério, acostumado a reprimir seus próprios sentimentos, em troca da aceitação das pessoas que amava. Um pequeno favor, em troca de uma vida de sonhos.

Perdida entre a razão e a emoção, Helena se vê em um caminho só de ida para os braços de Martín Velásquez, o homem dos sonhos de qualquer mulher. Bonito, rico, famoso. Martín é um príncipe encantado, saído de um verdadeiro conto de fadas.

Se você tivesse que escolher entre o vilão e o mocinho, quem você escolheria?

Link: http://a.co/19cqgdO



Proteja-me
(Série Guerreiros de Odin – Livro 1)

Algo misterioso e cruel espreitava as florestas gélidas da Escandinávia...

Desde que deixou seu país, alguns anos atrás, Anya não se importava com nada além de viver sua vida de garota comum.

Depois da morte trágica da melhor amiga e sozinha em Berlim, tudo o que ela podia fazer era cuidar de si mesma e tentar um recomeço, até que o passado a procurou na forma de um homem tão letal quanto sedutor, capaz de trazer todos os seus fantasmas de volta à vida.

“Os homens do Norte protegem suas mulheres” — A frase se formou em sua mente de forma imediata, mas aquele à sua frente nada tinha a ver com o garoto de olhos esverdeados que cresceu ao seu lado.

Depois da estranha morte de seu pai, Anya teve que retornar à Suécia ao encontro de sua família materna. Atirada nos braços de um belo jovem de olhos azuis, a garota órfã precisava descobrir em quem confiar.

Os laços de sangue são maiores que os laços da alma?
E as obrigações, são maiores que o amor?

Quando um mundo novo se abriu diante dos seus olhos, Anya percebeu que as lendas que ouvia em volta da lareira não eram tão fantasiosas assim.
Em um mundo de sombras e escuridão, o desejo é a arma mais mortífera...

Você tem medo do desconhecido?

Proteja-se!

Link: http://a.co/2YKpj7D